



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais

ADRIELE ANDRADE CEOLA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS IMPERADORES GALBA, OTÃO E
VITÉLIO POR TÁCITO E PLUTARCO**

MARINGÁ

2017

ADRIELE ANDRADE CEOLA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS IMPERADORES GALBA, OTÃO E
VITÉLIO POR TÁCITO E PLUTARCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História (Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini

MARINGÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

C398a Ceola, Adriele Andrade
A construção da imagem dos imperadores Galba, Otão e Vitélio por Tácito e Plutarco / Adriele Andrade Ceola. -- Maringá, 2017.
177 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

1. Narrativa Histórica. 2. Biografia. 3. Tácito, 54-120 d.C. *Histórias*. 4. Plutarco, 45-127 d.C. *Vida de Galba*. 5. Plutarco, 45-127 d.C. *Vida de Otão*. 6. Principado. 7. Poder Imperial. I. Venturini, Renata Lopes Biazotto, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 937

GV5-003748

ADRIELE ANDRADE CEOLA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS IMPERADORES GALBA, OTÃO E
VITÉLIO POR TÁCITO E PLUTARCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História (Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias).

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Deivid Valério Gaia
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof.º Dr.ª José Carlos Gimenez
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof.ª Dr.ª Renata Lopes Biazotto Venturini
Universidade Estadual de Maringá – UEM
(Orientadora)

Dedico este trabalho a todos que contribuíram à sua realização de maneira direta e indireta; e para aqueles que um dia o utilizarão para aprofundar seus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Tendo em vista que muitos contribuíram para que eu chegasse onde cheguei, gostaria primeiramente de agradecer meus familiares e amigos, que embora nem sempre tenham compreendido o tempo e esforço que deveria dedicar ao trabalho, continuaram ao meu lado, me amando. Não apenas a eles, mas a Deus, que nos mune de uma ínfima quantia de Sua sabedoria e nos possibilita trilhar pelos caminhos do conhecimento.

De modo especial, gostaria de destacar minha gratidão para as seguintes pessoas, de importância fundamental para a realização do trabalho:

Minha orientadora, Professora Doutora Renata Lopes Biazotto Venturini, com sua paciência, delicadeza e competência, me ajudou a desenvolver minhas aptidões ao longo dos anos, assim como diminuir minhas carências, possibilitando a realização de parte da minha vida acadêmica. Seus ensinamentos eu levarei por toda a vida com admiração por onde quer que eu ande. Não há palavras para descrever minha gratidão a essa professora que tanto me inspira;

A CAPES, que devido ao seu financiamento ao longo de todo o mestrado tornou possível a realização da pesquisa;

Aos professores e funcionários da Universidade Estadual de Maringá; em particular a nossa secretária do Programa de Pós-Graduação em História, Giselle Moraes, pela ajuda burocrática e paciência em nos atender;

Aos professores convidados que compuseram a banca de qualificação e defesa: Professor Doutor José Carlos Gimenez pela leitura cautelosa do meu trabalho e contribuições proveitosas para a finalização do trabalho; e ao Professor Doutor Deivid Valério Gaia por ter aceitado avaliar o trabalho com um olhar cuidadoso, bem como ter realizado indicações e sugestões pertinentes para o texto final e aos trabalhos futuros;

Aos meus colegas de orientação da antiguidade que compartilham as experiências e desejos acadêmicos; de modo especial a mestranda Stéfani de Almeida Onesko, que

compartilhou a caminhada desses anos, com as incertezas e dificuldades que a pós-graduação apresenta, o que resultou na ajuda mútua;

Aos colegas que tive a oportunidade de continuar a conviver desde a graduação em História e aqueles que pude conhecer na pós-graduação; especialmente ao mestrando Gabriel de Queiros Souza, que é colega de longa data, e apesar de ter seguido seu caminho em outra instituição, continuou a amizade nesses anos;

Ao meu pai Adelino Ceola, homem forte e determinado, que com seu jeito firme sempre me incentivou a permanecer no caminho escolhido, me ajudando no que fosse possível a terminar o trabalho empreendido; indivíduo simples, mas certamente digno de admiração;

A minha mãe Maria de Fátima Andrade Ceola, com sua maneira de me educar, com seu amor e preocupações, sempre manteve a mim e meu irmão no caminho correto, estando ao nosso lado, juntamente com meu pai, nos momentos de maiores dificuldades;

Ao meu irmão Adriano Henrique Ceola, forte ao mesmo tempo dócil, que sempre me aconselhou e ajudou no que fosse possível para continuar o trabalho. E a minha futura cunhada, Gislaine Fontana, por me apoiar e ajudar no que fosse de seu alcance.

E finalmente, mas não sem importância, ao meu namorado Mestre Lucio Carlos Ferrarese, que passou por caminhos semelhantes aos meus e permanece com sua empreitada na pesquisa, e devido a isso compartilhou experiências, conselhos, e me ofereceu conforto em momentos mais difíceis, sempre ao meu lado, me amando e apoiando minhas decisões;

A todos os aqui mencionados meus sinceros agradecimentos; embora a profundidade deles não possam ser expressos em simples palavras no grau de sua amplitude, mas todos tornaram a caminhada até aqui mais leve.

Felizmente, o passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode esquecê-lo, mas deste passado guardará sempre a recordação. Com efeito, tal como se apresenta em cada época, o homem é o produto e o resumo de todas as suas épocas anteriores. E se cada homem auscultar a sua própria alma, nela poderá encontrar e distinguir as diferentes épocas, e o que cada um desses períodos lhe legou.

Fustel de Coulanges - A cidade Antiga, p.05.

RESUMO

A narrativa histórica e a biografia são modelos de escrita muito antigos e, desde seus primórdios, demonstravam semelhanças em suas formas de composição e conteúdo, embora sempre tenha existido o conhecimento de que se tratavam de gêneros distintos. Quando nos atentamos para a narrativa histórica de Cornélio Tácito denominada *Histórias* e para as biografias de Lúcio Mestrio Plutarco, em específico as *Vida de Galba* e *Vida de Otão* inclusas nas *Vidas Paralelas*, podemos encontrar a preocupação com os testemunhos de modo similar. Tácito (54-120 d.C.) foi um historiador por excelência: aristocrata de origem provinciana, exerceu diversas funções das magistraturas imperiais; Plutarco (45-127 d.C.) era proveniente da Queroneia, também de origem aristocrática, foi reconhecido por suas aulas e palestras entre os notáveis romanos, bem como há registros que tenha exercido funções políticas em sua região de origem. Ambos foram contemporâneos e se ocuparam em escrever sobre os imperadores Galba, Otão e Vitélio, governantes dos anos de 68 e 69 d.C. Nesse sentido, o presente trabalho tem como propósito buscar compreender a construção da imagem dos imperadores das guerras civis de 68-69 d.C. a partir dos escritos taciteanos e plutarqueanos.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa Histórica; Biografia; Tácito; Plutarco; *Histórias*; *Vida de Galba*; *Vida de Otão*; Principado; Poder Imperial.

ABSTRACT

Historical narrative and biography are very old writing models, and from their very beginnings have shown similarities in their composition and content, although they have always been known as different genres. When we focus on Cornelius Tacitus' historical narrative *Histories* and Lucius Mestrius Plutarch's biographies, in particular *Life of Galba* and *Life of Otho* amidst the *Parallel Lives*, we find a likesome concern in regards to the testimonies. Tacitus (54-120 a.D) was a historian par excellence, an aristocrat of provincial origin who held legal positions of the imperial judiciary several times; Plutarch (45-127 a.D), also of aristocratic origin, was from Chaeronaea, and was also known for his classes and lectures among the notable Romans, along with records that he exercised political offices in his homeland. Both were contemporaries and wrote about the emperors Galba, Otho and Vitellius, rulers between the years of 68 and 69 a.D. Therefore, this paper seeks to understand the construction of image of emperors of civil wars from 68-69 a.D, based on the tacitecian and plutharchian writings.

KEYWORDS: Historical Narrative; Biography; Tacitus; Plutarch; *Histories*; *Life of Galba*; *Life of Otho*; Principate; Imperial Power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A NARRATIVA HISTÓRICA E A BIOGRAFIA NO MUNDO ANTIGO.....	15
1.1 <i>A narrativa histórica no mundo antigo.....</i>	15
1.1.1 <i>Os primeiros homens a relatarem o passado: a tradição épica.....</i>	16
1.1.2 <i>Heródoto e Tucídides: os “pais” da História.....</i>	21
1.1.3 <i>A herança herodoteana-tucidideana e a historiografia romana</i>	28
1.2 <i>O gênero biográfico.....</i>	35
1.2.1 <i>A biografia no mundo antigo</i>	39
1.2.2 <i>Consolidação do gênero biográfico.....</i>	43
CAPÍTULO II – CORNÉLIO TÁCITO E LÚCIO MÉSTRIO PLUTARCO: O HISTORIADOR E O BIÓGRAFO DO PRINCIPADO	48
2.1 <i>Tácito: vida e obras</i>	48
2.1.1 <i>Preservação das obras de Tácito.....</i>	53
2.1.2 <i>A narrativa histórica de Tácito.....</i>	56
2.2 <i>Plutarco: vida e obras</i>	65
2.2.1 <i>Preservação das obras de Plutarco.....</i>	70
2.2.2 <i>A narrativa biográfica de Plutarco.....</i>	71
CAPÍTULO III – O PRINCIPADO ROMANO E O EXERCÍCIO DO PODER IMPERIAL.....	80
3.1 <i>A instituição do Principado</i>	80
3.1.1 <i>As guerras civis de 68 e 69 d.C.....</i>	87
3.2 <i>O exercício do poder imperial.....</i>	100
3.2.1 <i>Tyrannus e Rex Iustus</i>	107
CAPÍTULO IV – O MODELO DE GOVERNANTE NO PERÍODO DAS GUERRAS CIVIS (68-69 D.C.)	113
4.1 <i>A construção da imagem imperial em Tácito e Plutarco</i>	113
4.2 <i>O governo de Galba.....</i>	122
4.2.1 <i>A narrativa histórica taciteana</i>	122
4.2.2 <i>A biografia plutarqueana.....</i>	131
4.3 <i>O governo de Otão.....</i>	138

4.3.1 A narrativa histórica taciteana	138
4.3.2 A biografia plutarqueana	146
4.4 O governo de Vitélio	152
4.4.1 A narrativa histórica taciteana	152
4.4.2 A biografia plutarqueana	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	169
Fontes	169
Bibliografia	170

INTRODUÇÃO

A política imperial romana tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento: no campo da história (história política, história das ideias) e da literatura clássica (gêneros literários, estudos linguísticos). O diálogo entre essas áreas tem promovido um resultado esclarecedor a respeito do Império Romano. Nesse amplo campo de debate, nosso propósito é analisar a construção da imagem imperial dos governantes das guerras civis de 68 e 69 d.C.: Galba, Otão e Vitélio por meio da narrativa histórica intitulada *Histórias*, escrita por Públio Cornélio Tácito (54-120 d.C.), e das biografias *Vida de Galba* e *Vida de Otão* encontradas em *Vidas Paralelas*, escrita por Plutarco (45-127 d.C.).

Desde quando os homens passaram a realizar registros – por meio de desenhos ou escrita – se preocuparam em deixar para a posteridade narrações sobre os fatos passados. A memória, responsável pela seleção daquilo que era merecedor de ser perpetuado, promoveu a utilidade da história traduzida na possibilidade do renome e da glória póstuma. Os primeiros modos de escrita preocupados com a descrição desses acontecimentos derivaram da tradição épica. Esses modelos, ao mesmo tempo em que narravam acerca de heróis e deuses, explicavam o passado remoto e deixavam indícios sobre os fatos ocorridos em dado espaço de tempo.

Os primeiros homens considerados historiadores por excelência, isto é, que sistematizaram a escrita sobre o passado foram gregos: Heródoto (480-420 a.C.) e Tucídides (455-404 a.C.), que se colocavam como sujeitos de suas narrativas. Essa mudança de sujeito, dos cantares antigos sob a inspiração das Musas – presentes nos poemas homéricos –, inaugura um novo tipo de saber que ora serve para manter a memória dos grandes e maravilhosos feitos, ora pressupõe o domínio dos acontecimentos do presente¹. Nesse sentido, os primeiros historiadores estabeleceram algumas regras de composição, visto que passaram a escrever em prosa sobre os homens em seu tempo e espaço, de modo a priorizar os assuntos políticos, etnográficos e militares.

Assim como Momigliano (2004), entendemos que, posteriormente, muitos escritores foram influenciados pela tradição herodoteana-tucidideana, dentre os quais podemos destacar: Políbio (202-120 a.C.), Cícero (106-43 a.C.), Salústio (86-35 a.C.) e Tito Lívio (50 a.C.-17 d.C.). Vale ressaltar que esses autores partilharam um entendimento

¹ VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. **Plínio, o jovem e a história: eloquência e posteridade.** (trabalho no prelo).

quanto ao que viria a ser a escrita da história, mas compuseram suas obras cada qual a seu modo. Por fim, essa longa tradição historiográfica na antiguidade greco-romana acabou influenciando a escrita da história no principado romano.

O gênero biográfico foi menos documentado do que a narrativa histórica; não se sabe quando se dissociou da história, nem ao menos sabemos quando consolidou suas características. Isso se deve ao fato de que as biografias percorreram um longo caminho até conquistarem seu espaço como documento histórico. O que sabemos é que era uma forma de escrita tão antiga quanto as narrativas históricas e que, apesar de retratar o passado, diferia daquilo que se entende por história por priorizar a vida de um indivíduo. Em virtude dessas características, os relatos biográficos eram considerados, a princípio, moralizantes e pedagógicos, e, não raro, os temas políticos eram desconsiderados de seus conteúdos.

Antes de se consolidar como gênero biográfico, houve diversos modelos com características de narração de vida. No entanto, essa forma de escrita se estabeleceu de dois modos principais: o cronológico, que pode ser lido em Plutarco, e o tópico ou analítico, que não respeitava a cronologia e sim os acontecimentos considerados mais significativos à revelação de um caráter. Sabemos que ambos buscavam retratar as vidas de homens distintos, fossem eles políticos, militares ou letrados, a fim de transmitirem uma lição, um ensinamento por meio da sua trajetória.

Para tanto, elencamos as obras do historiador Tácito e do biógrafo Plutarco, bem como suas respectivas características, com o intuito de esclarecer aspectos pertinentes desses gêneros de escrita acerca do passado, que ajudam a compreender a construção da imagem dos três imperadores dos anos de 68 e 69 d.C. Devemos levar em consideração que, ainda que essas obras estejam separadas de nós por quase dois milênios, os assuntos abordados por ambos permanecem vivos na memória da humanidade, visto que os “espelhos de príncipes”, comuns no final da Idade Média, foram influenciados por esses moldes, e os estudos voltados à identificação das características de bons ou maus governos continuam a instigar a sociedade.

O historiador Tácito, que muitas vezes é revisitado em estudos com temáticas a respeito do principado, era de origem aristocrata provincial. Tendo vivido entre os séculos I e II d.C., estabeleceu uma carreira política ativa entre as dinastias flaviana e antonina. Plutarco, originário da região da antiga Grécia, também contemporâneo dos séculos I e II d.C., dedicou a maior parte de sua vida aos estudos e a ministrar palestras a aristocratas romanos, entre os quais senadores e magistrados.

Dos escritos de Públio Cornélio Tácito, selecionamos *Histórias* e, de Plutarco, *Vidas Paralelas*, em especial a *Vida de Galba* e a *Vida de Otão*. Essas obras situam-se no século I d.C., mais especificamente em um período conflituoso com a presença das guerras civis que marcaram o fim da dinastia julia-claudiana, isto é, entre os anos de 68 e 69 d.C. O principado romano foi um modelo político complexo. Ele representou a passagem de uma Roma oligárquica, cuja aristocracia mantinha a hegemonia política, à institucionalização do poder do *princeps*, cuja organização social e política encontrava-se amplamente transformada pela extensão das conquistas. Otaviano recebeu o *imperium*, que lhe assegurava o direito de exercer poderes consulares e tribunícios, ou seja, a totalidade do comando militar, civil e religioso de Roma. Tal concentração de poderes fortaleceu a ideia de uma transformação política que promoveu o enfraquecimento da *libertas* republicana e o fortalecimento de uma conduta individual do governante — ora classificado como *rex iustus*, ora como *tyrannus*.

O poder do *princeps* se apoiava na *auctoritas*. Ela ilustrava o prestígio, a supremacia moral traduzida na *uirtus*, na *iustitia*, na *clementia*, na *fides* e na *pietas*; e “resumia o valor da justiça associada à clemência daquele que controlava a lei, a confiança que ele inspirava como chefe político e religioso. A *auctoritas* emanava do indivíduo e permaneceu como um valor puramente moral” (VENTURINI, 2000, p.16).

Vale assinalar que muitos aspectos monárquicos podem ser identificados no principado, mas esse modelo não era uma monarquia, assim, por exemplo, não havia uma regra para a transmissão do poder imperial, que poderia ocorrer hereditariamente ou por adoção. O primeiro imperador procurou dentro de sua própria família um sucessor e com essa atitude estabeleceu a primeira dinastia imperial: a julia-claudiana. No entanto, no ano de 68 d.C., com a morte de Nero (37-68 d.C., governou entre 54-68 d.C.) e a ausência de descendentes, foi inaugurado o período que conhecemos como o ano dos quatro imperadores ou o ano das guerras civis, entre 68 e 69 d.C.

Podemos salientar que muitos trabalhos que incluem Galba, Otão e Vitélio em suas análises geralmente não fazem uso da *Histórias* de Tácito ou das *Vida de Galba* e *Vida de Otão* como fontes principais dos estudos e sim como documentos auxiliares às biografias de Suetônio (69-141 d.C.). Dentre eles, podemos citar os estudos de José Luís Lopes Brandão, *Máscara dos césores: teatro e moralidade nas vidas suetonianas* (2009), tese defendida e publicada como livro pela Universidade de Coimbra; e a tese de André Luiz Leme, intitulada *O pensamento político em Suetônio em a “Vida dos doze cesares” (séc. II*

d.C.) (2015), defendida na Universidade Federal do Paraná. Ademais, a obra *Les Douze Césars: du mythe à la réalité* (2004), escrita por Régis Martin, também utilizou como fonte principal as obras de Suetônio. Contudo, por pretender um estudo mais abrangente, o autor recorreu também aos trabalhos de Tácito e Plutarco. Vale ressaltar que esses trabalhos não se dedicaram exclusivamente às figuras dos imperadores Galba, Otão e Vitélio como também à de todos os governantes da dinastia julia-claudiana e a flaviana.

Poucas são as obras que se preocupam em narrar especificamente sobre os três imperadores dos anos de 68 e 69 d.C. Duas obras que mais se aproximaram de uma análise desses indivíduos foram *Civil War and Rebellion in the Roman Empire, A.D 69-70: A Companion to the "Histories" of Tacitus* (1908), de Bernard W. Henderson, e *69 A.D: the year of the four emperors* (2006), escrita por Gwyn Morgan. A primeira se baseou muito nos escritos taciteanos, o que proporcionou um enfoque principal nos intentos bélicos; no segundo caso, o autor utiliza outras fontes além de Tácito. Sua atenção, porém, também se direciona aos conflitos, embora faça algumas considerações a mais quanto ao modelo de imperadores do que a primeira.

As guerras civis tiveram início com os conflitos nas províncias e, quando a morte de Nero foi confirmada, Galba recebeu o título de imperador por suas tropas na região da Hispânia; somente alguns meses depois ele se dirigiu a Roma. Quando foi aclamado governante, Galba já era idoso e não possuía descendentes, o que o fez buscar um notável para seu sucessor. Desde os conflitos travados nos momentos finais do governo de Nero, Otão se aproximou de Galba e, como era desejoso do poder, conquistou o apoio da guarda pretoriana que estava descontente com o imperador ancião. Galba, entretanto, adotou Pisão, o que rendeu a conspiração dos pretorianos planejada contra ele por Otão.

Concomitantemente à ascensão desse imperador, Vitélio foi eleito pelos legionários como novo condutor de Roma. Essa situação acabou colocando o sucessor de Galba e o imperador eleito pelos legionários em conflito pelo poder; e quem saiu vitorioso do enfrentamento foi Vitélio, que governou por poucos meses, até ser destituído por Vespasiano (9-79 d.C., governou entre 69-79 d.C.).

Tácito e Plutarco eram contemporâneos e se ocuparam em narrar o momento conflituoso da segunda metade do século I d.C. Ao reconhecermos o momento histórico em que os autores escreveram, isto é, o governo dos primeiros antoninos — Nerva (30-98 d.C., governou entre 96 e 98 d.C.) e Trajano (53-117 d.C., governou entre 98 e 117 d.C.) —, observamos a maneira pela qual esses autores construíram a imagem dos governantes

Galba, Otão e Vitélio. O governo de Trajano, em especial, traduziu um compromisso político entre as forças que dominavam a administração do estado: o exército, o senado e o poder imperial. Ele simbolizava a nova cúria, pois era o representante do novo grupo de senadores originário das províncias romanizadas, e figurava como o restaurador da *uirtus*, o que significava a competência moral e profissional a qual deveria ser utilizada em benefício das magistraturas do estado (VENTURINI, 2000). Tratava-se de um verdadeiro *saeculum*, um período singular e tranquilo. Nas palavras do historiador romano Veleio Petérculo (19 a.C.-31 d.C.): “o *saeculum Traiani*”.

A narrativa taciteana e a biografia plutarqueana apresentam a seu modo um discurso histórico. Este discurso, entretanto, é subjetivo uma vez que os valores e as experiências que identificam nossos autores interferem na escrita do texto que produziram.

Tendo em vista as fontes e a historiografia contemporânea selecionada, dividimos nosso trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, realizamos uma retomada da consolidação do gênero histórico na antiguidade, de modo a considerar desde as primeiras tentativas de preservação do passado, com Homero e Hesíodo, até a consolidação da escrita da história, com Heródoto e Tucídides, e a influência grega para a historiografia romana. Ademais, consideramos ainda o tratamento da biografia como fonte histórica, a presença do modelo de escrita na antiguidade e a consolidação do gênero biográfico.

Para o segundo capítulo, apresentamos Públio Cornélio Tácito e Plutarco, a fim de destacar elementos próprios de suas vidas e obras. Priorizamos ainda os estudos atuais que analisam os trabalhos de Tácito, principalmente os de suas narrativas históricas, e também os que analisam as biografias de Plutarco, para identificar as principais características dos modelos de escrita adotados por cada autor.

No terceiro capítulo, analisamos a instituição do principado, buscando entender a política imperial, em particular os acontecimentos dos anos de 68 e 69 d.C., com o objetivo de compreender o exercício do poder imperial e suas atribuições, bem como os aspectos que caracterizavam um governante como *rex iustus* ou *tyrannus*.

No quarto capítulo, nos dedicamos a analisar as *Histórias*, *Vida de Galba* e *Vida de Otão*, com o intuito de identificar a construção da imagem dos imperadores Galba, Otão e Vitélio, reconhecendo nelas a influência dos modelos positivos dos primeiros antoninos, Nerva e Trajano.

CAPÍTULO I

A NARRATIVA HISTÓRICA E A BIOGRAFIA NO MUNDO ANTIGO

1.1. A narrativa histórica no mundo antigo

A primeira forma de escrita foi encontrada na Mesopotâmia e data aproximadamente do terceiro milênio antes de Cristo, de forma a atestar que a preocupação em registrar os fatos para deixá-los à posteridade é muito antiga. Hartog (2001) cita o exemplo dos egípcios, que já se preocupavam em preservar os fatos do passado mediante a realização de listas reais há quase quatro milênios; também foram encontrados, segundo o historiador, anais de feitos reais considerados importantes.

Momigliano (2004) assinala que antes dos gregos, os persas já possuíam a tradição de preservar registros, principalmente as crônicas reais. Contudo, para o autor, esses povos estavam mais preocupados com a eternidade ou a legitimação do presente do que em ter cuidados maiores com a preservação e a escrita sobre o passado.

Por sua vez, na relação com os persas, os gregos entraram em contato com a escrita e mais tarde a adaptaram ao seu alfabeto, ingressando posteriormente na preservação do passado. Eles trouxeram grande inovação para esse gênero que subsistia entre os homens ao transformarem a escrita sobre o passado em subjetiva, isto é, ao atribuírem um autor a esses registros. Corroborando Hartog (2003), os gregos inventaram os historiadores e não a história. Essa tradição de escrita, segundo o modelo grego, perdurou na antiguidade e pode ser encontrada em muitas historiografias subsequentes no Império Romano.

Destacamos que por mais que nos reportemos a Heródoto (480-420 a.C.) e a Tucídides (455-404 a.C.) quando pensamos em história, é possível encontrarmos as primeiras tentativas de preservação do passado em Homero (IX a.C.) e Hesíodo (VIII a.C.) muitos anos antes.

Moses Finley assevera que “[...] a atmosfera na qual os pais da história começaram a trabalhar estava impregnada de mitos [...]” (1989, p. 05); isso pressupõe que, quando Heródoto e posteriormente Tucídides empreenderam seus trabalhos referentes aos fatos passados, os mitos encontrados na tradição dos poemas épicos conseguiam suprir a necessidade dos homens de obter respostas sobre passado e demais explicações acerca da vida humana. De modo semelhante, Momigliano (1998, p.183) afirma que Dionísio de Halicarnasso, ao compor seu trabalho histórico sobre Roma no século I a.C., cita

documentos históricos locais de cidades gregas, de modo a evidenciar a existência de cronistas em tempos mais antigos. Todavia, o modelo que compreende as características iniciadas por Heródoto e Tucídides foi legado à posteridade, porque, além de considerar a história como uma narração do homem no tempo e no espaço, com um relato mais crítico, privilegiava os assuntos políticos e bélicos, considerados temas que versavam sobre a verdade.

Os romanos tinham conhecimento de que herdaram a escrita do passado dos gregos e preservaram essa herança tanto na República quanto no Império. Nesse sentido, podemos perceber que tanto Tácito, que compôs uma escrita da história sobre a política do Principado, e Plutarco, moralista e biógrafo de figuras políticas, foram influenciados por esse modelo inicialmente empreendido pelos gregos; no entanto, o utilizaram a seu modo.

1.1.1. Os primeiros homens a relatarem o passado: a tradição épica

Iniciar nossa escrita com os poemas épicos, que não se enquadram no modelo histórico, é levar em consideração que na Grécia esses escritos foram muito utilizados e duradouros para a explicação das ações humanas, e também como forma de relatar o que havia acontecido em tempos anteriores. Sendo assim, a história emerge da epopeia devido à noção de historicidade, mas dela se separa com a preocupação de relatar somente a verdade por meio de testemunhos seguros a respeito dos homens, em seu tempo e espaço.

Os poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, com suas extensas narrativas épicas sobre feitos heroicos, não estavam desligados do momento em que foram produzidos, uma vez que é possível neles encontrar a descrição da organização hierárquica da sociedade ao narrarem a existência de reis, assim como a dos comandantes e dos intentos bélicos; e ao expressarem ainda os medos e deleites humanos na Grécia do século IX a.C. Os textos eram em sua maioria lendário, ou seja, os conteúdos das narrativas épicas não possuíam um tempo e um espaço bem definidos; elementos estes fundamentais à concepção de história. Como podemos observar em *Ilíada*, o conhecimento dos fatos do passado é um presente dos deuses e inspiração das Musas

Dizei-me agora, ó Musas que no Olimpo tendes vossas moradas
pois sois deusas, estais presentes e todas as coisas sabeis,
ao passo que a nós chega apenas a fama e nada sabemos
quem foram os comandantes dos Dânaos e seus reis.
A multidão eu não seria capaz de enumerar ou nomear,

nem que tivesse dez línguas, ou então dez bocas,
uma voz indefectível e um coração de bronze,
a não ser que vós, Musas Olímpias, filhas de Zeus detentor da égide,
me lembrásseis todos quantos vieram para debaixo de Ílion
(HOMERO, *Ilíada*, 2, 484-492).

Nesse trecho, o poeta, ao exercer a função de um aedo, declara que devia cantar os grandes feitos dos tempos idos. Uma vez que nada sabe acerca destes, deve aquele então buscar inspiração nas Musas a fim de conhecer os acontecimentos do passado, os fatos que celebram os deuses e as grandes conquistas dos heróis. Frequentemente, os aedos eram convidados a participar de banquetes para que proporcionassem aos convivas prazer e esquecimento das aflições presentes, narrando com riqueza de detalhes acontecimentos como se os tivessem presenciado. Entretanto, segundo Hartog (2001), as Musas – filhas de Zeus e da Memória – ainda que cientes dos fatos, passados e futuros, eram adeptas a pregarem peças. Logo, podiam elas inspirar os aedos a cantar a versão delas dos fatos, como uma interpretação ao invés de um relato. Subentende-se assim que os cantos eram verdade, pois se tratavam de inspiração divina, e não o eram, uma vez que os aedos não tinham compromisso com a veracidade dos fatos narrados.

A figura do *hístor* é conhecida nas epopeias. Contudo, é um papel desempenhado por alguma personagem dentro da própria poesia; cuja função se assemelha a de um árbitro, ou seja, a de solucionar um conflito na história, de modo a ouvir versões sobre determinado acontecimento e decidir-se pela qual considera verdadeira. O *hístor* não realiza, portanto, a função de um historiador que narra os fatos do passado. No caso da *Ilíada*, quem assume esse papel é Agamêmnon. A personagem, porém, torna-se uma espécie de investigador, já que necessita chegar a uma solução sem ter, por vezes, presenciado as ocorrências; assim como se verifica com os pesquisadores do passado quando confrontam seus documentos.

Com relação a Hesíodo, mesmo havendo diferenças quando comparado a Homero, preserva em sua narrativa as características dos poemas épicos. A atemporalidade daquele difere deste último, contudo, à medida que as “cinco raças” explicadas em *Os trabalhos e os dias* não se desenvolveram, como podemos observar:

[...] Primeira de todas entre os humanos de fala articulada,
fizeram os imortais que tem moradas olímpias uma raça de ouro.
Eles existiram no tempo de Crono, quando este reinava no céu;
como deuses viviam, o coração sem cuidados, sem contato com
sofrimento e miséria [...]

[...] Então uma segunda raça, e muito pior, depois
fizeram os que tem moradas olímpias, a de prata,
que não se assemelhava à de ouro nem em corpo nem em pensamento.

[...]

[...] E Zeus pai uma outra raça de humanos de fala articulada,
a terceira, de bronze fez, em nada igual à de prata,
mas nascida de freixos, terrível e vigorosa; [...]

[...] Mas quando a terra encobriu também essa raça,
De novo ainda outra, a quarta sobre a terra que muitos nutre,
Zeus filho de Crono fez, mais justa e valorosa,

a raça divina dos homens herois, que são chamados
semideuses, a geração anterior à nossa na terra imensurável.

[...] Então Zeus fez outra raça {de humanos de fala articulada,
a daqueles que hoje} tem nascido sobre {a terra que muitos nutre.}

Que eu não mais fizesse parte então da quinta raça
de homens, mas tivesse morrido antes ou nascido depois.

Pois a raça agora é bem a de ferro. [...] (HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, 110-113; 127-129; 142-145; 155-160; 173a-175)

De acordo com Finley (1989, p. 08-09), cada raça humana, representada por metais em Hesíodo, não evolui até a seguinte, sendo então destruída e substituída por uma nova; nenhuma dessas raças é passível de ser datada e nem pode ser localizada, pois a Zeus cabe a sua existência. Sendo assim, as raças humanas são tão atemporais quanto a Guerra de Tróia. Apesar de Hesíodo ter mencionado as raças criadas por deuses e a destruição dessas em *Os trabalhos e os dias*, seu poema versava sobre o problema do mal no mundo, visto que denunciava as inquietações presentes em sua época.

O historiador estadunidense ainda assinala outra questão relevante a respeito do poeta beócio: o fato deste não ter recorrido somente a fontes lendárias e sim ter incorporado também a ética e os conselhos práticos — derivados de suas próprias experiências — tanto no saber sobre os acontecimentos dos deuses como quando fala de questões mais humanas no poema em que retrata as raças. Ao abranger a si, a seu irmão e a seu pai em sua narrativa, de maneira não propositalmente histórica, acaba por descrever a vida rústica do século VIII a.C.

É importante demonstrar que a concepção do conhecimento do passado de Hesíodo é muito próxima à de Homero,

Musas da Piéria, que dais glória com canções,
vinde; em hinos cantai Zeus, vosso pai.
Através dele os homens mortais ficam igualmente sem fama e famosos;
deles se fala ou se silencia por meio de Zeus grande.
Ele facilmente fortalece, facilmente os fortes esmaga;
facilmente diminui o ilustre e exalta o obscuro,

endireita o torto e o arrogante enfraquece,
Zeus altitonante que habita excelsos palácios.
Escuta, Zeus, vendo e ouvindo, e com justiça endireita as sentenças!
Quanto a mim, gostaria de dizer a Perses verdades
(HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, próêmio 1-10).

No início da obra, o poeta beócio argumenta que os fatos passados são permitidos de serem conhecidos graças à inspiração proporcionada pelas Musas; cabendo aos aedos cantar essas aventuras. Além disso, os homens estão sob o controle da vontade dos deuses, o que é perceptível na figura imponente descrita pelo poeta. O trecho demonstra ainda que é possível encontrar uma concepção do conhecimento do passado entre os gregos já em séculos anteriores, que provavelmente deu base à história que se firmaria no V a.C. com Heródoto.

Convém abordarmos algumas características dos poemas épicos que os diferenciam da história, pois como declara Finley:

[...] o que quer que tenha sido, o épico *não era história*, e sim uma narrativa, detalhada e precisa, com descrições minuciosas de guerras, viagens marítimas, banquetes, funerais e sacrifícios, todos muito reais e vívidos; ele podia conter inclusive algumas sementes encobertas do fato histórico – mas não era história. Como todo mito, era atemporal (1989, p. 07).

Ainda de acordo com o historiador, podemos retirar informações das poesias épicas uma vez que elas narram fatos concretos que parecem reais. No entanto, não podem ser consideradas informações históricas, dado que os acontecimentos narrados são isolados e não podem ser datados ou localizados com precisão.

Gentili e Cerri (1983) dialogam com essa afirmação quando tratam da obra de Homero. Segundo esses autores, o poeta deu a noção de prazer à sua obra ao realizá-la para a “palavra falada”, seguida do canto e da dança, transmitindo dessa forma a emoção com a tragicidade da fala; o poeta épico parece então ter realizado sua escrita como, por exemplo, um pintor, que evidencia a beleza de sua obra de arte. Esses autores asseveram ainda que no século VII a.C. é possível observar outros poetas que possam ter contribuído para a consolidação da dimensão histórica do homem por meio da poesia, a exemplo de Mimnermo de Colofon (VII a.C.), que narrou o episódio da colonização de sua cidade natal e de sucessivos acontecimentos de guerra, de modo a interpretar o presente como uma herança antiga. Embora sejam menos conhecidos e muitos de seus trabalhos tenham

se perdido, acreditamos que outros poetas possam também ter contribuído para a concepção de história.

No que tange à questão da temporalidade na narrativa épica, ela não abrange os indivíduos à medida que estes não envelhecem e nem são afetados pela passagem do tempo; como os próprios poemas épicos e seus enredos, aqueles não podem ser localizados em um tempo presente e tampouco no passado. Bakhtin (1998), ao escrever sobre as epopeias, as denomina *romance de aventuras e provações*, em decorrência do padrão de composição a que obedecem. Quando discorre sobre as personagens, o autor assinala que sempre estão em idade de casamento, são de origem misteriosa, possuem belezas e qualidades raras. Não raro, de acordo com Bakhtin (1998), um herói e uma heroína se apaixonam repentinamente, mas são impedidos de ficarem juntos e a narrativa se desenrola cheia de dificuldades e provações, por longos anos. Ao final dela, porém, as personagens principais continuam as mesmas — inclusive não envelhecem e nem mesmo carregam cicatrizes das dificuldades enfrentadas — e se reencontram ainda em idade de casamento.

As epopeias marcaram profundamente a tradição grega pelo fato de responderem às necessidades dos homens daquele período muito antes da história existir. Os fatos, os deuses e os heróis dos poemas épicos eram tão reais para os gregos como qualquer figura histórica. Além disso, os poemas épicos eram modelos de conduta moral, e até política, a serem reproduzidos, uma vez que

[...] os gregos dispunham de todo o conhecimento do passado que precisavam sem a ajuda dos historiadores. Os poetas encarregavam-se do passado heroico; o restante – as tradições específicas, amplamente orais – era suficiente (FINLEY, 1989, p. 23).

O texto épico não tinha preocupação com a verdade, o tempo e o espaço dos homens, diferentemente da narrativa histórica. Usava a temporalidade do mito e se fundamentava na verdade das Musas. Isto porque possivelmente os gregos sabiam pouco de sua história anterior ao século V a.C.; o que conheciam era transmitido pela tradição oral (os cantos): fatos imprecisos e mesclados com narrativas lendárias. Ademais, a importância da tradição épica se deve ao contexto vivenciado, visto que havia falta de demanda por um método histórico de organização e de preservação de documentação. Antes dos séculos em que Heródoto e Tucídides despontaram não havia, portanto, homens preocupados em organizar material, o que era essencial para a escrita da história, mas sim em responder às dificuldades de seu presente.

1.1.2 *Heródoto e Tucídides: os “pais” da História*

Como assinalamos, quando Heródoto e Tucídides empreenderam seus trabalhos, a sociedade ainda se encontrava com uma forte tradição na poesia épica, e as personagens e os fatos narrados na epopeia eram tão reais quanto os contemporâneos. Em decorrência dessa influência, a história surgiu como uma rival da poesia.

Vale salientar que as epopeias e seus heróis, no entanto, nunca foram suprimidos completamente. Revisitados, continuavam a explicar muitos aspectos da sociedade e prevaleciam dando exemplos de moralidade. Mas os poetas e demais escritores perderam o grande interesse pelo passado remoto e começaram a escrever sobre si mesmos, seus sentimentos, compondo trabalhos de caráter menos heroicos e até mesmo biográficos.

Como todo ramo intelectual que se inicia e o faz com dificuldades, a história não foge a este padrão. Ao surgir em meio a uma longa tradição épica, ela enfrentou desafios para se legitimar. Finley (1989) sublinha que as novidades introduzidas por Heródoto no conhecimento do passado foram a pesquisa sistemática, a qual resultou em uma narrativa histórica, bem como a atribuição a um autor sobre essa escrita; essas medidas fizeram com que as explicações dos eventos decorridos passassem a ser humanas e seculares e não mais inspiração divina. O conteúdo passa a evidenciar a política, as questões militares e a etnografia. Desenvolvidos posteriormente por Tucídides e levados adiante, tanto o modelo como os temas foram adotados até o Império Romano.

Não podemos, todavia, desconsiderar que os antigos já conheciam a diferença entre os poemas épicos e a história. Antes mesmo que Heródoto compusesse suas histórias, já havia aqueles que tentavam produzir um tipo de escrita do passado; o próprio Heródoto admite como seu predecessor no papel de historiador a figura de Hecateu de Mileto (546-480 a.C.). Quando inserimos a escrita épica na história vemos surgir uma nova postura na investigação do passado, conforme aponta Hartog

O historiador, por sua vez, renunciou as certezas do aedo. Não prometeu mais a glória eterna, não se questionou nem mesmo sobre a validade dos termos de troca (a vida pela glória); gostaria apenas de lutar contra o apagamento dos traços, impedir, ou melhor, retardar o esquecimento desses *érgas* que nenhuma palavra autorizada levava mais em consideração (2003, p.30).

Muito embora ao mencionar que o historiador renunciou às certezas do aedo Hartog (2003) não tenha se dirigido a Heródoto, somos levados a pensar nele como o predecessor do gênero histórico por ser de grande relevância a esse modelo de escrita; cabendo a ele, inclusive, o título de “Pai da História” concedido por Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), no final da República Romana. Não obstante, conforme assinala Momigliano (2004, p. 66), Heródoto foi mais elogiado em virtude de seu estilo em prosa do que pela segurança de como tratava determinados fatos. Dentre os estudiosos posteriores ao século V a.C., é muito comum encontrarmos duras críticas e até mesmo acusações de mentira direcionadas ao historiador de Halicarnasso, como as empreendidas por seu próprio sucessor, Tucídides, e também por Plutarco². Apesar dessas censuras, a obra de Heródoto foi mais complexa do que aparentava ser, e deu início a um estilo que viria a ser aprimorado e seguido.

A palavra história, no sentido que a conhecemos atualmente, é uma criação herodoteana; ainda que, em um primeiro momento, ela tenha sido empregada como sinônimo de inquérito e somente depois para designar aquilo que Heródoto realizava: estudo ou investigação sobre o passado. Ele também inovou quando instituiu que os historiadores deveriam explicar os fatos narrados. A noção de história de um passado recente também surge com Heródoto, uma vez que, para analisar e explicar os fatos frente à falta de documentação, era mais seguro recorrer às questões presentes. Entretanto, ele não descartou o passado remoto e, comumente, valia-se de dados épicos sem pormenorizá-los (com datas, locais) mas sim tratando-os isoladamente.

Em relação às dificuldades e à insegurança legadas por Heródoto a seus contemporâneos e predecessores, Hartog (2014), Momigliano (2004) e Finley (1989) discutem e dialogam sobre essas questões. Hartog (2014) pondera que, mesmo que Heródoto não tenha presenciado as Guerras Médicas narradas em sua obra, o fato delas não estarem em um passado remoto possibilitou-lhe obter informações consideradas seguras. Diversamente, Momigliano (2004) afirma que as narrativas herodotenas eram pouco seguras em seu conteúdo, mas reconhecidas por seu estilo. Já segundo Finley (1989), tal historiador não relatou aquilo que ele não conseguia organizar cronologicamente e o fez de maneira muito precisa para a época, já que a documentação disponível era escassa e as informações confusas. Ao escrever sua obra, Heródoto parte do pressuposto de que seus leitores ou espectadores conheciam o que ele narrava. Sendo assim, declarou que pretendia

²Plutarco compôs o ensaio intitulado *Da Malícia de Heródoto*, no qual buscava demonstrar como o “primeiro historiador” mentiu sobre os fatos narrados, e até mesmo foi tendencioso para os bárbaros (SIERRA, 2014, p. 06).

manter viva na memória dos homens, tanto dos gregos quanto dos bárbaros, os seus grandes feitos, como podemos observar na abertura de sua narrativa

Esta é a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos helenos quer pelos bárbaros; e sobretudo a razão por que entraram em guerra uns com os outros (HERÓTODO, *Histórias*: I, 1).

O excerto demonstra que o objetivo do historiador de Halicarnasso era a preservação dos fatos na memória dos homens, pois as ações humanas são efêmeras e a história era um caminho de imortalizá-las. O trecho ainda elucida que Heródoto pretendia realizar uma investigação séria e identificar as causas dos acontecimentos. O pressuposto de tornar as ações humanas imortais se aproxima muito de Homero, embora os poetas não cantassem com o compromisso da verdade histórica herodoteana.

Heródoto inovou igualmente em sua metodologia histórica ao recorrer a fontes mais concretas, preferindo narrar acontecimentos que havia presenciado ou escutado de testemunhas seguras; isto é, preferia usar fontes oculares e orais, de forma a reduzir o uso de fontes lendárias, como o próprio historiador expõe no livro II de suas *Histórias*

Disse até aqui o que vi e o que consegui saber por mim mesmo em minhas pesquisas. Falarei agora do país, baseado no que me disseram os Egípcios, acrescentando à minha narrativa o que tive ocasião de observar com meus próprios olhos (HERÓTODO, *Histórias*: II, 99).

Sierra (2014) assinala que Heródoto continuou com um método muito direto e um tanto quanto impreciso, e manteve a eloquência semelhante à de um poeta épico; afirmação partilhada por Hartog (2014) quando observa que o historiador de Halicarnasso se dedicou também ao deleitamento de seu público.

Contrário às ideias anteriores, Momigliano (1998) afirma que a história grega de Heródoto foi regulada por normas de escrita em prosa para se diferenciar de outros gêneros literários, e aponta que o método por ele empregado — e continuado por Tucídides — haure conhecimentos de outras fontes e pressupõe outras informações. Dessa afirmação deduz-se que Heródoto era compromissado com a verdade e que de fato empreendeu um estilo diferente da epopeia, com suas narrativas reconhecidamente trágicas ou lendárias.

O historiador de Halicarnasso foi ainda o primeiro a registrar uma descrição analítica de guerra e a utilizar estudos etnográficos e constitucionais a fim de explicá-la e

as suas causas. De acordo com Momigliano (1998, p. 184), os três pilares da história ou inquérito de Heródoto são: etnografia, pesquisa constitucional ou política e história bélica. O contexto de Heródoto era diferente do momento dos aedos, ou seja, ele não era mais inspirado pelas Musas e precisava de segurança para poder relatar as ocorrências. As mudanças na política e na sociedade, com a consolidação da democracia, possibilitaram essa nova abordagem.

A necessidade de se estabelecer métodos confiáveis e de se preservar registros seguros de eventos do passado emerge do entendimento de Heródoto, e posteriormente Tucídides, de que a história tinha por finalidade descrever os feitos dos homens com confirmações seculares. Os historiadores deveriam, portanto, dedicar atenção especial às guerras e às transformações políticas, visto que estas produziam mudanças na sociedade. Compelidos a fornecer explicações, contanto que estas fossem compatíveis com o uso de evidências, logo deveriam eles refutar interpretações metafísicas.

Quando olhamos para Tucídides, podemos perceber a figura de um pesquisador mais criterioso que seu antecessor. Com maior veracidade e veemência, preocupava-se em relatar o passado e criticava as narrativas preocupadas com a estética, como ele mesmo escreve

Assim, partindo da evidência que tem sido dada, qualquer um não poderia se enganar mantendo uma visão de que o estado das coisas na antiguidade era muito próximo do que descrevi, e não dando grande credibilidade, por um lado, aos acontecimentos nas versões dos poetas, que introduzem música, adornando e ampliando seus temas, e por outro, aos cronistas que compõem mais com a perspectiva de agradar aos ouvidos, do que falar a verdade, uma vez que suas histórias não podem ser testadas e a maioria delas provém de um lapso de tempo que ganhou o caminho para a região da fábula, de modo a ser incrível [...] (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, I: XXI)³

Isso revela que Tucídides era comprometido com a verdade histórica e que escreveu com o intuito de se aproximar ao máximo dela, não poupando críticas àqueles que adornavam seus trabalhos com a preocupação de deleitar o público ao invés de informá-lo. Para isso, ele afirma que para alcançar a autenticidade dos fatos, era necessário um grande empenho

³ Still, from the evidence that has been given, any one would not err who should hold the view that the state of affairs in antiquity was pretty nearly such as I have described it, not giving greater credence to the accounts, on the one hand, which the poets have put into song, adorning and amplifying their theme, and, on the other, which the chroniclers have composed with a view rather of pleasing the ear than of telling the truth, since their stories cannot be tested and most of them have from lapse of time won their way into the region of the fabulous so as to be incredible. (THUCYDIDES, *Histories of the Peloponnesians*, I: XXI)

[...] E o esforço para averiguar esses fatos foi uma tarefa laboriosa, porque aqueles que foram testemunhas oculares de vários eventos, não deram os mesmos relatórios sobre as mesmas coisas, mas sim diversos relatos de acordo com seus vencedores de um lado ou de outro, ou de acordo com suas reflexões. E pode ser que a ausência do fabuloso em minha narrativa, a faça parecer menos agradável aos ouvidos, mas qualquer um que deseja ter uma visão clara de ambos os eventos que aconteceram, e daqueles que algum dia, com toda a probabilidade humana, acontecer novamente de maneira igual ou semelhante – estes que julgam minha história rentável serão o suficiente para mim. E, certamente, tem sido composto, não como um deleite para os ouvidos por um momento, mas como uma posse para todos os tempos. (TUCÍDIDES, *História Do Peloponeso*, I. XXI; I. XXII).⁴

A primeira finalidade dos escritos de Tucídides difere dos poetas, divergindo inclusive de Heródoto. Aquele não deseja que seu trabalho seja belo, mas espera que suas composições perdurem por serem proveitosas e úteis. Sua obra não busca o encanto e se distancia do modelo poético, embora Momigliano (2004) sustente que Tucídides mantém o deleite em suas palavras; porém, este não é seu objetivo principal uma vez que critica o deleitamento dirigido ao público por parte de seu antecessor. Nesse sentido, a sobrevivência de suas composições se daria por meio de homens não vulgares, os quais realmente desejassem conhecer o passado, e não das multidões em busca de diversão.

Conforme Hartog (2001), a ruptura entre Tucídides e Heródoto é perceptível à medida que o primeiro não afirma com clareza preservar a memória dos altos feitos que o esquecimento ameaça apagar, embora sobre a Guerra do Peloponeso afirme que a descreverá posto que “[...] acreditava que seria grande e digna de nota, acima de todas as guerras que haviam ocorrido antes [...]” (TUCÍDIDES, *História Do Peloponeso*, I: I)⁵. Além disso, coloca à frente o “ver”, e não o “ouvir”, e registra por escrito os acontecimentos conhecidos, denominada “autópsia”.

Momigliano (2004) dialoga com essa ideia de divergência entre esses historiadores gregos e registra que dois aspectos os diferenciavam profundamente; o primeiro deles é

⁴ [...] And the endeavour to ascertain these facts was a laborious task, because those who were eye-witnesses of the several events did not give the same reports about the same things, but reports varying according to their championship of one side or the other, or according to their recollection. And it may well be that the absence of the fabulous from my narrative will seem less pleasing to the ear ; but whoever shall wish to have a clear view both of the events which have happened and of those which will some day, in all human probability, happen again in the same or a similar way—for these to adjudge my history profitable will be enough for me. And, indeed, it has been composed, not as a prize-essay to be heard for the moment, but as a possession for all time. (THUCYDIDES, *Histories of the Peloponnesians*, I: XXII).

⁵ [...] in the belief that it would be great and noteworthy above all the wars that had gone before [...]. (THUCYDIDES, *Histories of the Peloponnesians*, I: I)

que Tucídides sempre se responsabilizava pelo que registrava, e o segundo é que raramente ele citava suas fontes e documentos, pois queria ser digno de confiança.

Por outro lado, Tucídides não foi completamente distinto do historiador de Halicarnasso, visto que manteve algumas semelhanças com Heródoto. Tanto um quanto outro, por exemplo, não questionava o pressuposto de que a tradição oral era mais importante do que a escrita. Assim como Heródoto, Tucídides confiava primeiro em seus próprios olhos e ouvidos e depois nos de testemunhas confiáveis.

Tucídides se preocupava em descrever somente os acontecimentos verídicos e, por esse motivo, se via em um impasse entre o passado e a obtenção dos fatos políticos passíveis de serem conhecidos em um tempo recente. Finley (1989) revela que a solução encontrada por aquele foi a de elaborar a história como uma narração do presente, de modo a retirar informações seguras de sua própria vivência. Ao passo que se recorresse ao passado remoto, a narrativa se tornaria subjetiva visto que, segundo sua concepção, era inviável discernir verdadeiramente nele os fatos ocorridos. Assim, o seu modelo de escrita tentava se aproximar da objetividade das fontes seguras do presente

[...] Na verdade, quanto aos acontecimentos do período imediatamente anterior a este, ou aqueles de uma data ainda mais antiga, foi impossível obter informações claras devido a distância no tempo; mas a partir de evidências que, quando insisti nos meus inquéritos até as últimas consequências, acredito que possa confiar, penso que elas não foram tão grandes em relação as guerras então travadas ou em outros particulares. (TUCÍDIDES, *História Do Peloponeso*: I: I)⁶.

As explicações míticas dão lugar às explicações racionais. Conforme a compreensão desse historiador grego, o que fosse muito anterior não era possível de ser realmente conhecido. Segundo Finley (1989), para Tucídides a história se tratava de uma veracidade: não era necessário, portanto, inventar fatos passados, pois os do presente simplesmente existiam. Logo, bastava saber realizar um discurso que expusesse os argumentos necessários de forma a evidenciar a análise que se tinha empreendido. Tucídides, no entanto, não abandonou completamente os fatos do passado remoto, e por esse motivo não pôde desconsiderar os escritos de Homero e Heródoto como fontes de informações.

⁶ [...] Indeed, as to the events of the period just preceding this, and those of a still earlier date, it was impossible to get clear information on account of lapse of time; but from evidence which, on pushing my inquiries to the furthest point, I find that I can trust, I think that they were not really great either as regards the wars then waged or in other particulars. (THUCYDIDES, *Histories of Peloponnesians*, I: I)

O historiador grego ainda considerava a história como continuada, e percebia seu trabalho como prosseguimento de seus predecessores, por isso almejava que sua obra também fosse sucedida. Momigliano (2004, p. 68) afirma que Tucídides considerava a natureza humana imutável e por essa razão os fatos se repetiam, relativamente.

Por sua vez, Tucídides assinala que para conhecer o passado era preciso empreender uma análise mais profunda dos dados conhecidos, incluindo o entendimento do próprio contexto, até mesmo quando se tratava de relatos locais

Os homens aceitam um do outro os boatos referentes aos relatos dos eventos antigos, negligenciando os testes da mesma forma, mas esses eventos fazem parte da história do próprio país [...] A maioria dos homens é contrário a dor da busca da verdade, e por isso são propensos a aceitar o que está pronto em suas mãos. (TUCÍDIDES, *História Do Peloponeso*: I: XX)⁷.

Essa assertiva evidencia a continuidade da ideia de investigação iniciada por Heródoto à medida que Tucídides não utiliza o método de citar diferentes versões de uma mesma ocorrência, uma vez que trata de analisar e considerar como a melhor aquela que expõe a realidade. O historiador era também um homem voltado à política; o passado para ele era o início da compreensão desta em seu presente e o momento em que vivia era a base do conhecimento do passado.

Tucídides nos deixou uma característica de seu trabalho não explicada: a transcrição integral de discursos em sua narrativa, na medida em que não é possível sabermos se foi ele quem os produziu ou se retirou de alguma fonte que julgou confiável. Essa característica de manter discursos proferidos foi preservada em algumas historiografias, como no caso do próprio Tácito.

Podemos asseverar que Heródoto e Tucídides iniciaram uma concepção de história política pautada na verdade, que influenciou Roma tanto na República quanto no Império, permanecendo até mesmo nos séculos em que Tácito e Plutarco viveram. Barnabé (2006) relata que ambos renderam características fundamentais à historiografia romana — que viria a se consolidar — na medida em que Heródoto se preocupou em fazer oposição ao fantástico das epopeias com racionalidade e com base em evidências, e Tucídides rendeu a sua preocupação com a cronologia e o rigor científico da história.

⁷ For men accept from one another hearsay reports of former events, neglecting to test them just the same, even though these events belong to the history of their own country [...]. So averse to taking pains are most men in the search for the truth, and so prone are they to turn to what lies ready at hand. (THUCYDIDES, *Histories of Peloponnesians*, I: XX)

Sobre a escrita da história no momento em que Heródoto e Tucídides despontavam, Hartog (2001) e Momigliano (1998) concordam que esses historiadores se empenharam em consolidar um novo gênero literário. Afirmam ainda que a história não era uma ciência que possuía métodos claros e que chegasse a formar uma escola ou círculo de pensadores; não raras vezes, observam aqueles, a ela recorreu-se como provedora de bons exemplos ou como um fundamento para a oratória e o ensino da retórica, ou seja, não foi assumida por uma instituição que a organizasse em suas regras.

Por fim, os historiadores eram sempre homens que viajavam muito ou que eram exilados de suas cidades natais e compunham seus trabalhos sozinhos, semelhante a Heródoto e Tucídides. A concepção de história para eles era um trabalho sério, amparado em pesquisas cautelosas. Isso implicava em relatar os fatos verídicos, de modo a confrontar diferentes versões ou a escolher a que mais se aproximava da realidade com base em evidências e temáticas pertinentes, como política, guerras ou descrições de lugares e povos diversos. Em suma, a história deixou as inspirações das Musas para que os homens assumissem a descrição das ações humanas, com método e cautela.

1.1.3 *A herança herodoteana-tucidideana e a historiografia romana.*

A escrita da história em Roma, como sinônimo de uma pesquisa do passado, data aproximadamente do século III a.C., em meio às Guerras Púnicas; e considera-se Fábio Píctor (254-190 a.C.) e Lucio Cíncio Alimento (249 a.C.-?) como os primeiros historiadores romanos. É importante demarcar que esses predecessores estavam empenhados com a verdade e escreviam privilegiando temas políticos e militares, bem como o fato de terem composto seus trabalhos em língua grega, de forma a demonstrar a influência que receberam dos helenos, principalmente de Heródoto e Tucídides. Esses autores romanos também foram influenciados por homens que não eram historiadores, como Aristóteles (384-322 a.C.)⁸, Isócrates (436-338 a.C.)⁹, Cícero¹⁰. Mesmo os poetas

⁸Aristóteles foi mais conhecido por sua filosofia e não se focou especificamente na escrita da história, mas escreveu a *Poética*, obra em que diferenciou a história da poética. Essa diferença consistia no fato de que a poesia era mais filosófica, compreendendo a escrita do que poderia acontecer, enquanto a narrativa histórica se ocupava com o que de fato aconteceu com os homens.

⁹O autor nunca compôs narrativas históricas e dedicou-se à oratória, mas algumas historiografias atuais o consideram um mestre da história, pois muitos de seus escritos evidenciam a importância da história.

¹⁰Cícero se dedicou a várias áreas do conhecimento, dentre as quais a oratória. Para escrever bem a oratória, julgava o conhecimento e a utilização da história como provedores de exemplos essenciais para um bom trabalho.

épicos não foram por aqueles completamente esquecidos¹¹. Muitos desses traços podem ser encontrados em Tácito e, por vezes, em Plutarco, quando da preocupação desses em escrever de forma agradável o que de fato aconteceu.

O número de historiadores romanos que aderiu à tradição grega de escrita sobre o passado, e que a adotou até o Principado, é grande. Nem todos os trabalhos, contudo, sobreviveram até a atualidade. Apesar desses autores seguirem uma base herodoteana-tucidideana, o modelo de história se modifica com o tempo, como aponta Hartog: “na construção continuada dessa tradição de escrita, foram feitas certas escolhas, produziram-se ‘esquecimentos’, deslocamentos e também formulações” (2001, p. 10), e, nesse sentido, o que Heródoto entendia por história não era o mesmo que os demais historiadores pensavam ser. Ela se tornou universal, em uma tentativa de reunir os fatos do passado locais para dar sentido a uma história maior, acrescenta o autor.

De acordo com Gentili e Cerri (1983), no que tange à questão das mudanças ocorridas em Roma, ao saírem vitoriosos da Primeira Guerra Púnica¹², os romanos se viram em uma nova condição, isto é, a de uma potência no mundo ocidental. Naturalmente, gostariam de dar uma explicação ou uma interpretação de sua origem lendária e de seu passado, embora alguns gregos se ocupassem disso tempos antes. A historiografia aceita era a helenizada e, de certa forma, os romanos queriam que seu passado fosse conhecido pelos gregos, visto que, entre os séculos III e II a.C., a política externa romana necessitava divulgar seus feitos a fim de mostrar aos povos conquistados o quanto a guerra e suas consequências eram necessárias. Roma ainda se viu em uma situação delicada contra Cartago, tornando a função diplomática propagandística da história algo natural.

Não houve em Roma uma metodologia homogênea de composição da história, somente uma base de história política de Heródoto e Tucídides; isso se deve ao empenho político dos historiadores romanos ou ao aspecto político dos personagens sujeitos das narrativas. É interessante apontar que Gentili e Cerri (1983, p. 42) consideram Catão, o censor (234-149 a.C.), como o primeiro historiador romano a escrever em latim. É dele, de acordo com esses estudiosos, uma obra denominada *Origines*, a qual relata a ascensão das cidades italianas, de maneira concisa, mas articulada e orgânica, demonstrando verossimilhança. Nesse sentido, os estilos das narrativas históricas romanas continuavam

¹¹Algumas historiografias modernas, como a Hartog (2003), Momigliano (2004) e de Finley (1989), consideram que a preocupação em escrever bem e algumas menções aos deuses podem ser heranças dos poemas épicos na escrita da história.

¹²Uma sucessão de três guerras travadas entre Roma e Cartago, ocorridas no segmento de tempo de 264 a.C. e 146 a.C.

similares às gregas, uma vez que, apesar de possuírem também preponderância do modelo das crônicas reais, seus principais temas se assemelhavam aos dos helenos quanto à preocupação de relatar a origem de suas terras e o gosto pela história contemporânea.

A questão da moralidade e da narração sobre as próprias origens também pode ser encontrada como característica da historiografia romana, sendo que muitos autores atuais se ocuparam em discuti-la; dentre eles, Gentili e Cerri (1983) escrevem que o pessimismo historiográfico, contudo, não exclui precisamente a fé no destino romano. Mesmo sendo possível notar, por parte dos cidadãos, uma reação pessimista frente à nova realidade que Roma vinha constituindo nos anos finais da República e no início do Império, o teor negativo desses textos revelava mais uma preocupação com seus locais de origem — por vezes com caráter de denúncia — do que necessariamente depreciações puras. Dialogando com as ideias dos historiadores italianos, Smith (2006) acrescenta que os romanos prestigiavam sua história nacional, consideravam suas origens heroicas e não depreciavam sua localidade de origem.

Embora de origem grega, uma das primeiras figuras relevantes que contribuiu para a historiografia política propagandística em Roma foi Políbio (202-120 a.C.), que viveu parte de sua vida entre os romanos. Em virtude dessas relações com as duas sociedades, o historiador, por vezes, é considerado pelos pesquisadores atuais como um mediador entre ambas, ou seja, ele intermediava entre o poder romano e os súditos gregos junto ao novo regime político. Marques (2007), que dedicou um trabalho à análise de Políbio, aponta que o estudioso grego é um dos historiadores menos conhecidos na atualidade, mas que, entretanto, possui aspectos históricos técnicos e metodológicos notáveis. Uma de suas obras mais conhecidas, *Histórias*, teve por objetivo revelar como Roma, em meio século, se tornou uma potência no Mediterrâneo; ou seja, pretendia ele uma história universal que explicasse o sucesso romano,

Com efeito, pode haver algum homem tão tolo e negligente que não se interesse em conhecer como e por qual tipo de gênero político foi derrotado quase todo o universo em cinquenta e três anos não completos, e caiu sem discussão sob o império dos romanos? Se pode comprovar que antes disso nunca havia ocorrido. Quem ainda, por outro lado, tão apaixonado por outros espetáculos ou ensinamentos poder considerá-los mais proveitoso do que esse conhecimento? (POLÍBIO, *Histórias* I: 5-6)¹³.

¹³ En efecto ¿puede haber algún hombre tan necio y negligente que no se interese en conocer cómo y por qué género de constitución política fue derrotado casi todo el universo en cincuenta y tres años no cumplidos, y cayó bajo el imperio indisputado de los romanos? Se puede comprobar que antes no había ocurrido nunca.

Essa passagem demonstra que Políbio almejava uma história política que permitisse um entendimento global dos fatos, a fim de explicar o triunfo romano em um curto espaço de tempo. Ele relatou ainda que, em um determinado momento do passado (somos induzidos a pensar que foi no período das Guerras Púnicas), os eventos que ocorriam de forma localizada se uniram e deram sentido a uma história universal; e é a partir desse ponto que inicia sua análise:

Mas, a partir dessa época a história se converte em algo orgânico, os feitos da Itália e os da África se entrelaçaram com os da Ásia e com os da Grécia, e todos começaram a se referir a um único fim. Por isto temos estabelecido nestes acontecimentos o princípio de nossa obra, porque na guerra mencionada os romanos venceram os cartagineses e convencidos de haver alcançado já o mais importante e principal de seu projeto de conquista universal, cobraram confiança então pela primeira vez para estender suas mãos ao resto: eles se mudaram com suas tropas para a Grécia e aos países da Ásia (POLÍBIO, *Histórias* I, 3: 4-6)¹⁴.

Os escritos de Políbio chegaram até nós incompletos, mas os fragmentos sobreviventes demonstram sua pretensão de uma história que envolvesse muitas nações, com temáticas políticas e militares. Marques (2007) aponta que Políbio não foi um grande admirador de Tucídides. No entanto, ele tentou retomar o modelo tucidideano de escrever sobre o passado de modo a privilegiar as fontes oculares e não descrever um passado remoto. De fato, Políbio levou adiante esse modelo de escrita e se tornou uma figura expressiva no convencimento dos romanos de que a história era política; admitindo, porém, que sua narrativa não comportava puramente esse assunto.

Políbio considera haver entre os historiadores aqueles que se dedicaram a um modelo de história baseado em conteúdos questionáveis e, assim sendo, ludibriaram seus leitores, levando-os a uma percepção errônea da realidade, uma vez que aqueles não relatavam a verdade. Uma de suas mais duras críticas é direcionada aos historiadores que escreviam sem vivenciar os momentos que narravam, pautando-se em textos escritos ou em relatos muito antigos; no entanto, “apesar de ser extremamente duro em suas críticas,

¿Quién habrá, por otra parte, tan apasionado por otros espectáculos o enseñanzas que pueda considerarlos más provechosos que este conocimiento? (POLÍBIO, *Historia* I: 5-6).

¹⁴ Pero a partir de esta época la historia se convierte en algo orgánico, los hechos de Italia y los de África se entrelazan con los de Asia y con los de Grecia, y todos comienzan a referirse a un único fin. Por esto hemos establecido en estos acontecimientos el principio de nuestra obra, porque en la guerra mencionada los romanos vencieron a los cartagineses, y, convencidos de haber logrado ya no más importante y principal de su proyecto de conquista universal, cobraron confianza entonces por primera vez para extender sus manos al resto: se trasladaron con sus tropas a Grecia y a los países de Asia (POLÍBIO, *Historias* I, 3: 4-6).

Políbio faz um esforço genuíno para demonstrar que seu método é diferente e mais confiável” (MARQUES, 2007, p. 52).

Segundo a concepção de Políbio, para que um historiador tivesse autoridade era preciso três características fundamentais: possuir fontes confiáveis, visto que somente a história contemporânea era factível; ter experiência política e militar; e deter conhecimento geográfico da região narrada para dar precisão dos fatos. Gentili e Cerri (1983) assinalam que o objetivo maior desse historiador era o pragmatismo; ou seja, Políbio levava em conta prioritariamente o militarismo e a política, de forma a deixar em segundo plano, ou a nem mesmo considerar, a genealogia, a colonização e a fundação da cidade.

Marco Túlio Cícero, que não era historiador, mas um político e orador, também deu contribuições pertinentes para a escrita da história em Roma. Ele fortalecia a ideia de *Historia Magistra Vitae*, isto é, a história como mestra da vida por ser portadora de bons exemplos; noção na qual, possivelmente, anos mais tarde, Tácito e Plutarco se apoiaram. Hartog (2001) discorre que tal concepção veio da ideia de que Cícero considerava a história originária dos anais produzidos pelos pontífices máximos, os quais se ocupavam em registrar os acontecimentos dignos de lembrança que se imortalizava quando o orador lhe emprestava a voz de modo imparcial, voltado para a política. O autor romano, por considerar o ofício da história honrável, expressou a vontade de que fosse escrita, nesses moldes, uma narrativa sobre si, a fim de ser imortalizado

E não é apenas a perspectiva da fama dos séculos vindouros que me impele a agarrar o que eu poderia chamar de esperança da imortalidade, mas também o desejo já mencionado de apreciar ao máximo enquanto estiver vivo, quer seja o pronunciamento do seu testemunho convincente, ou a expressão de um sentimento amigável, ou o charme de seu gênio (CÍCERO, *Cartas para seus amigos*, V: XII)¹⁵.

Cícero direciona essa carta ao historiador Lucéio (I a.C.) para que seus feitos políticos fossem deixados à posteridade. No entanto, não deixou um manual de escrita do passado e sua proposta de História Mestra da Vida não era completamente inovadora, visto que, em anos anteriores, Políbio já conhecia o lugar dos elogios na escrita da história. De acordo com a visão de Cícero, a história era um subgênero da oratória e se prestava apenas a embasar os argumentos retóricos.

¹⁵ And it is not only the prospect of celebrity in ages to come that impels me to grasp what I may call the hope of immortality, but also that desire I have mentioned to enjoy to the full while yet alive, whether it be the pronouncement of your weighty testimony, or the expression of your friendly feeling, or the charm of your genius (CICERUS, *Letters to his friends*, V: XII).

A tradição herodoteana-tucidideana permaneceu com Salústio (86-35 a.C.). Com este, ela assume um caráter pessimista e de denúncia da decadência moral dos magistrados e demais aristocratas; esse negativismo frente à política romana e o apreço à tradição dos antepassados puderam ser percebidos posteriormente em vários trechos das obras de Públio Cornélio Tácito, embora não existam registros que confirmem uma influência direta de Salústio nos textos desse último.

A principal obra de Salústio fazia oposição tanto aos *patres* quanto à *plebe* e, por esse motivo, foi vista com desconfiança, já que possuía um jeito diferente de compor a escrita do passado: não narrava simplesmente os fatos, mas analisava e denunciava a ambição da nobreza de seu tempo e ainda se preocupava em empregar a linguagem popular e arcaica. Ele exprime sua ideia de composição histórica como uma arte virtuosa, ressaltando que não queria se afamar com o empenho de seu trabalho.

Para os demais, entre outras atividades que se praticam com o espírito, há poucas com tanta utilidade como a memória dos feitos históricos. Do mérito dela não penso dizer nada, porque já muitos outros a têm celebrado, e ao mesmo tempo, para que não se estime que com tais elogios não faço senão exaltar minha própria condição. E, não obstante, creio que haverá quem, por eu ter resolvido passar minha vida afastada dos assuntos públicos, atribuam o nome de ociosidade a este meu trabalho tão grande e proveitoso, e serão sem dúvida, aqueles a quem parece a ocupação mais importante, fazer reverências a plebe e ganhar seus favores com convites (SALÚSTIO, *Guerra de Jugurta*, I: 4, 1-3)¹⁶.

Salústio, ao escrever sobre seu afastamento da vida pública, não abandona a ideia de história política à medida que admite que seu trabalho possa não ser validado. Isso significa que ele permanece com a tradição herodoteana-tucidideana e critica também o modo pelo qual os novos magistrados se mantêm no poder: adulando a plebe. O relato histórico ainda é o que impulsiona os homens à fama e à glória. Porém, no momento em que o autor escreve, a fama não era desejada pelos feitos memoráveis e sim por aquilo que poderia arrecadar, na medida em que para ele a moral individual se perdera juntamente com a vitória de Roma sobre Cartago. O historiador continua sua composição criticando

¹⁶Por lo demás, entre las otras actividades que se practican con el espíritu, hay pocas de tanta utilidad como el recuerdo de los hechos históricos. Del merito de ello pienso decir, nada, porque ya muchos lo han celebrado y, al mismo tiempo, para que no se estime que yo con tales alabanzas no hago sino ensalzar descaradamente mi propia afección. Y, no obstante, creo que habrá quienes, por haber yo resuelto pasar mi vida apartado de los asuntos públicos, den nombre de ociosidad a este trabajo mío tan grande y provechoso, y serán sin duda aquellos a quienes parece la ocupación más importante hacer reverencias a la plebe y ganarse su favor con convites (SALUSTIO, *Guerra del Jugurta*, I: 4, 1-3).

duramente os homens que exercem cargos públicos, de modo a evidenciar a decadência das virtudes políticas:

Se refletirem sobre a época em que eu alcancei as magistraturas, sobre a qualidade dos varões que não chegaram a elas, e sobre a raça dos que mais adiante conseguiram entrar no senado, compreenderão sem dúvida que eu mudei de opinião com bom fundamento e não por frouxidão, e que este meu ócio traz a nossa República mais vantagem que os negócios dos outros (SALÚSTIO, *Guerra de Jugurta*, I: 4,4)¹⁷.

Sob essa perspectiva, o historiador parece ter consciência de que seu trabalho só teria prestígio se contemplasse a política; entretanto, se mostra pessimista frente à mudança no caráter virtuoso dos homens. Sua intenção se desvia um pouco da de Tucídides, uma vez que não aborda unicamente a verdade, mas sim busca induzir seu espectador, ao trabalhar com mais ênfase na oratória do que o historiador grego. Seu método, contudo, assemelha-se ao de Tucídides quando trata do passado recente de questões políticas e militares.

Ao modelo de Salústio, que resgata a história de Roma desde as origens, encontra-se a narrativa de Tito Lívio (50 a.C.-17 d.C.). O historiador paduano demonstra não possuir experiência política e militar e, por conseguinte, age de modo semelhante a Cícero ao recorrer a métodos retóricos. Lívio não vivenciou os fatos de sua escrita; logo, seus conhecimentos políticos e militares eram teóricos e sua narrativa contemplava essa temática. Já no início de sua obra, o historiador pontua que abordará os primórdios romanos e, ao mesmo tempo, deixa transparecer sua negatividade frente ao presente

Eu, por minha parte, espero, no entanto, obter esta contrapartida a meu esforço: me afastar, ao menos enquanto dedico toda a concentração de minha mente para recuperar essa velha história, do espetáculo, das desventuras que nossa época está vivendo por tantos anos, marginalizando qualquer preocupação que pudesse, se não desviar meu ânimo da verdade, ao menos gerar inquietude com ela (TITO LÍVIO, *Ab Urb Condita*, Prefácio, 1:5)¹⁸.

¹⁷ Pero si reflexionan sobre la época en que yo alcancé las magistraturas, sobre la calidad de los varones que no lograron llegar a ellas, y sobre la ralea de los que más adelante consiguieron entrar en el senado, comprenderán sin duda que yo cambié de opinión con buen fundamento y no por flojedad, y que este ocio mío le viene a nuestra República más ventaja que de los negocios de los otros (SALUSTIO, *Guerra del Jugurta*, I: 4, 4).

¹⁸ Yo, por mi parte, espero, además, obtener esta contrapartida a mi esfuerzo apartarme, al menos mientras dedico toda la concentración de mi mente recuperar esta vieja historia, del espectáculo de las desventuras que nuestra época lleva viviendo tantos años, marginando cualquier preocupación que pudiese, si no desviar mi ánimo de la verdad, sí al menos generar inquietud en él (TITO LÍVIO, *Ab Urb Condita*, Prefacio: 1, 5).

Devemos considerar que Lívio vivenciou um momento conturbado dos finais da República e início do Império, o que pode tê-lo motivado a escrever que seu tempo carrega muitos males. O desenvolvimento da obra desse historiador paduano se volta para as questões humanas; isto quer dizer que os feitos dos homens, expressivos de serem registrados, se resumiam a fatos políticos e militares, os quais em sua concepção eram indissociáveis.

Sebastiani (2007) analisa o trabalho de Lívio e considera que esse historiador buscava entender o passado pelo *mos maiorum*, de forma a demonstrar que, mesmo que ele não ocupasse magistraturas, sua visão de mundo permanecia conservadora e aristocrática, de modo a elaborar seu discurso em uma linguagem moral essencialmente social e política a fim de mostrar exemplos bons ou maus. Smith (2006) acrescenta que Lívio compôs seu trabalho romaneando a historiografia. Assim, o republicanismo descrito por ele era mais nostálgico do que propaganda política propriamente dita, uma vez que tinha consciência da dificuldade em se restaurar a República, em seus moldes tradicionais, frente às mudanças ocorridas em Roma.

Tais exemplos nos permitem concluir que o produto histórico se modifica com o tempo e que os historiadores estão condicionados ao seu meio. O modelo iniciado por Heródoto e Tucídides foi continuado, porém, reformulado, principalmente no que tange à forma da escrita e ao uso mais comum da oratória e da retórica. As diversas mudanças ocorridas na historiografia romana se refletem anos mais tarde, durante o Principado, seja nos temas políticos propagados por Políbio, seja na preocupação com a oratória defendida por Cícero, seja no pessimismo de Salústio ou na permanência do *mos maiorum* de Lívio. Desde o início da escrita da história em Roma, a questão da moralidade, em especial na política, esteve fortemente presente nesse estilo literário — e não tão evidente dentre os gregos — a ponto de até mesmo o mito fundador de Roma encerrar uma finalidade moral e moralizante.

1.2 O gênero biográfico

Atualmente, é possível considerarmos a biografia como um modelo de escrita da história, à medida que ela narra a vida de um indivíduo — de forma a abarcar a sociedade na qual ele está inserido — e empreende um método similar ao da narrativa histórica em sua composição. O modelo biográfico passou a ser retomado a partir de meados da década

de 1980 com as novas abordagens metodológicas, devido às então surgidas escolas históricas.

A biografia e a história estiveram relacionadas desde as suas origens e isso perdura até nos estudos atuais, pois, segundo Schmidt,

Os estudos biográficos recentes embora herdeiros de uma longa tradição, apontam para problemas que estão no centro do debate historiográfico contemporâneo: as relações entre indivíduo e sociedade, entre unidade e fragmentação do social, entre narração e explicação e entre o público e o privado, para citar alguns exemplos (1996, p. 165).

Ainda que objetivassem escrever algo do passado, o modo pelo qual as narrativas históricas e biográficas são construídas diverge. Enquanto a história pretende tratar de acontecimentos de âmbito coletivo, a biografia toma como recorte temporal a vida de um indivíduo. Complementar à perspectiva de Schmidt (1996), Malatian (2008) afirma que a última nunca esteve ausente das reflexões historiográficas ou das práticas profissionais; as ressalvas, contudo, ao tratamento que as biografias deram a essas decorrem justamente do fato de serem consideradas romanceadas ou ainda que se enquadrassem mais em literaturas do que em modelos científicos.

A biografia sofreu algumas alterações em sua composição com o passar do tempo. Na antiguidade, havia diversos modelos e em Roma dois ganharam maior expressividade: o cronológico ou energético de Plutarco e o modelo enciclopédico ou analítico de Suetônio (69-14 d.C.). Desses dois exemplos, Schmidt (2012) assevera que o primeiro modelo foi o mais apreciado, pois, na Idade Média, o relato sobre personagens era realizado por hagiografias que, em sua maioria, eram compostas de forma cronológica compreendendo do nascimento à morte do indivíduo. Isso significa que os santos descritos eram tratados como “destinados” a terem uma vida com um sentido determinado e essa espécie de destino se patenteava com o decorrer de suas vidas. Além do mais, por se tratarem de vidas dos santos, eram moralizantes e deveriam render bons exemplos, assim como os escritos plutarqueanos eram até então considerados. Burke (1997) vai ao encontro dessa ideia quando afirma que os biógrafos tinham preferência pelo modelo plutarqueano, mas não desconsidera que o estilo suetoniano continuou a ser empregado, na medida em que é possível encontrar não somente biografias cronológicas como também aquelas que traziam anedotas, as quais não respeitavam necessariamente a cronologia dos acontecimentos.

No Renascimento, as hagiografias perderam o espaço e as biografias do estilo antigo retornaram como modelo de escrita. A narrativa da vida dos heróis e heroínas

passou então a ser elaborada a fim de demonstrar um padrão de conduta da sociedade; ou, como assinala Burke (1997), as biografias renascentistas passaram a compreender a vida privada e a tratar de grandes governantes. Personagens estes tão expressivos que ganhavam bustos esculpidos em suas homenagens, bem como *laudatios fúnebres*.

Durante esse período, surgiram composições consideráveis de biografias nos prefácios e traduções de obras; como no caso da tradução do trabalho de Horácio que foi precedida por uma boa introdução biográfica realizada no século XV. Assim, diferentemente da Idade Média, em que havia uma preferência pelas biografias cronológicas, entre os séculos XV e XVII houve maior interesse pelo modelo biográfico enciclopédico ou por tópicos, semelhante ao estilo de Suetônio.

No século XIX, houve um grande debate acerca do lugar do indivíduo e da relevância de suas ações na coletividade e, ao contrário do que pensamos, o Positivismo surgiu como resposta à escrita sobre “os grandes homens”, mas cometemos a confusão de que os positivistas deram continuidade a esse aspecto, pois sua lealdade aos documentos reportava à narração dos sujeitos dessas fontes.

Schmidt (2012), que dedicou muitos de seus trabalhos às biografias e suas composições, sustenta que, ainda no século XIX, Marx aparece com a concepção de investigação da coletividade das classes e não da vida de homens. Desse modo, uma vez mais as biografias perdiam espaço no campo dos escritos científicos e eram relegadas aos literários. Em outro texto, Schmidt (1996) relata que a conhecida *Escola dos Annales*, no início do século XX, contestou essa expressividade de “grandes homens” nos escritos históricos como reação ao Positivismo e, aparentemente, abandonou a composição de biografias a fim de romper com essa escola histórica. Embora a escola francesa tenha deixado a narração biográfica em segundo plano, ao observarmos as obras de alguns de seus expoentes, percebemos que eles não abandonaram completamente as figuras isoladas, mas deram outra abordagem a esses estudos.

Essas novas abordagens históricas que não conseguiram negligenciar completamente as biografias podem ser encontradas na primeira geração dos *Annales*. Um exemplo que Schmidt (2003) apresenta em outro trabalho dedicado à biografia é o de Lucien Febvre, que compôs obras acerca de Lutero, Rabelais, Margarida de Navarra, e que descreve um momento da sociedade tendo indivíduos como referência de estudo. Já na segunda geração do *Annales* encontramos Braudel, com sua proposta de medição de tempo de longa, média e curta duração que, de forma similar a Febvre, usa como parâmetro Felipe

II, no Mediterrâneo. Na terceira geração, encontramos Duby narrando sobre a vida de um cavaleiro denominado Guilherme, o marechal. A biografia, enquanto tal, quase não possuía expressividade nesse meio, na medida em que seu maior objetivo era considerar os aspectos coletivos nas obras citadas e tais personagens serviam apenas de base para orientar o período narrado.

Atualmente, quando nos detemos nas biografias compostas no passado, somos capazes de reconhecer que elas se orientavam para a análise de um personagem com seus valores, vícios e virtudes, em meio à sociedade. Em vista disso, elas trazem consigo noções semelhantes às da história da coletividade, uma vez que o indivíduo, mesmo sendo o centro da narrativa, não estava desconectado do contexto social. A forma de escrita poderia então comungar com aspectos morais ou comportamentais da vida privada. Hoje, além da política e militarismo, esses temas também são trabalhados pela historiografia, como a própria escola histórica dos *Annales* sugere.

Outra autora que analisa como os *Annales* tratavam as biografias é Malatian (2008), quando pontua que Jacques Le Goff, com a temática da Nova História, renovou o gênero biográfico ao afirmar que todo o sujeito é globalizante. Logo, o homem possui uma memória coletiva sobre si, ou seja, ele pode proporcionar dados do coletivo em que vive. Tal perspectiva retira a concepção de destino, comum nas biografias de “grandes homens”, na medida em que leva em consideração o fato do homem estar sujeito ao contexto e de realizar escolhas. Essa ideia é bastante semelhante à de Bourdieu (1976), quando este declara que a vida só possui lógica se lhe atribuirmos uma. O homem, para ele, ainda que esteja inserido em uma sociedade que o conduz, é capaz de fazer escolhas; portanto, é um agente social.

Não podemos nos esquecer de outras correntes historiográficas, além da francesa, que contribuíram para a retomada da biografia nos finais do século XX. Schmidt (1996) também as cita e menciona a conhecida por “micro-história”, originada na Itália, entre as décadas de 1970 e 1980, cujo trabalho mais conhecido foi o de Carlo Ginzburg, denominado *O queijo e os vermes*. Nessa investigação, o autor elabora sua narrativa biográfica com base em documentos indiretos acerca de um moleiro comum, Menocchio, que foi julgado pela Inquisição; devendo-se este julgamento à consideração de que o indivíduo carrega traços da sociedade em sua vida. Essa corrente historiográfica apresentava precisamente esse intuito, o de conseguir identificar traços contextuais em

objetos considerados pequenos, como no caso de um indivíduo diante de uma dada sociedade.

Além dessa, houve a corrente historiográfica britânica, proeminente da década de 1940, que reformulou o marxismo e considerou os processos individuais nos estudos históricos, cujos expoentes foram Eric Hobsbawm, Edward Thompson e Christopher Hill. A renovação proposta por esses autores condizia com a ideia de recuperar os processos estruturais da história que haviam sido esquecidos pelo estruturalismo marxista. Schmidt (1996) cita o exemplo de Thompson, responsável pela obra *Formação da classe operária inglesa*; que embora não seja uma biografia, nela o autor considera as múltiplas escolhas individuais que influenciam o processo histórico. Christopher Hill retoma o gênero biográfico, compondo uma biografia de Oliver Cromwell, líder da revolução do século XVII, considerando ali a importância da escolha desse homem para o desenvolvimento do acontecimento maior sem, contudo, deixar de perceber a relação daquele com o contexto em que vive.

Não obstante, devemos considerar que as biografias não foram exclusivamente morais, pedagógicas, filosóficas ou modelos de conduta, uma vez que elas traziam em sua composição as questões políticas e contextuais, principalmente quando pensamos as narrativas biográficas da antiguidade e as reformulações da modernidade; do mesmo modo, não devemos ignorar que as narrativas de vidas não são desconexas da realidade. Ainda, negligenciar a importância da biografia para a pesquisa histórica seria um grande equívoco. Por mais que ela trate de um personagem, em especial em sua narração, não desconsidera o contexto e as ações individuais na sociedade. E é precisamente isto o que as escolas históricas procuraram e até hoje procuram evidenciar, que a parte carrega o todo.

1.2.1 A biografia no mundo antigo

A narrativa histórica e a biografia conviveram no mundo grego. Preocupados em narrar os fatos para a posteridade, os homens deixaram notas biográficas dos indivíduos participantes dessas ações.

A tradição épica também não ignorou completamente a biografia e a autobiografia em seus escritos. Homero e Hesíodo, por exemplo, reservaram espaços consideráveis aos relatos das vidas de suas personagens em suas obras. Isso se comprova à medida que consideramos que o primeiro narra em *Odisseia* uma parte da trajetória de vida de Odisseu

e Hesíodo deixa transparecer informações autobiográficas, quando insere sua própria vida em *Os trabalhos e os dias*; ele inclusive oferece conselhos a seu irmão quanto aos bens herdados.

Também Heródoto e Tucídides foram indivíduos que narraram os fatos para a posteridade e dedicaram notas biográficas em seus trabalhos. O primeiro trata dos reis persas Ciro, Cambises, Dario e Xerxes, e inclui informações individuais de cada um deles em *Histórias*: “Dario, filho de Histaspes, forjou um plano para apropriar-se dela, mas não ousou executá-lo. Xerxes, filho de Dario, matou o sacerdote que a ele se opôs nessa empresa e apoderou-se da estátua” (HERÓDOTO, *Histórias*, livro I: CLXXXIII). Já Tucídides dedicou um espaço considerável ao apresentar Temístocles e Péricles como participantes da história da guerra do Peloponeso: “[...] e Péricles tinha acabado de atravessar para a ilha com um exército ateniense quando lhe foi dito que Megara se revoltara [...]” (TUCÍDIDES, *História do Peloponeso*, livro I: CXIV)¹⁹

Momigliano (2004, p.73) assinala que, concomitante a Tucídides, que realizava narrativas históricas criteriosamente, os contemporâneos desse historiador optaram por fazer o que ele não havia feito. Como, por exemplo, Isócrates, que em sua concepção de história globalizante incluía dados biográficos; Xenofonte (430-355 a.C.), que produziu uma biografia intelectual ou autobiografia dedicada a Ciro; e ainda Teopompo (378-323 a.C.), que compôs suas histórias tendo um homem como centro dos acontecimentos. Com relação aos persas, Momigliano acrescenta que eles já vinham de uma longa tradição autobiográfica quando entraram em contato com os gregos.

Gentili e Cerri (1983) empreendem uma análise muito similar na medida em que concordam com a noção de que biografia é tão antiga quanto a historiografia. De acordo com esses autores, as primeiras composições exclusivamente biográficas podem ser datadas dos séculos VI e V a.C. Acrescentam ainda que as biografias apresentam erudição, complexidade e compreendem elementos históricos, políticos, ideológicos e éticos.

Pontuamos que os historiadores consideravam a biografia diferente da escrita da história. Como não privilegiassem exclusivamente assuntos políticos, militares e etnográficos, mas se ocupassem de ações morais, educação e outros temas considerados secundários na escrita da história, os biógrafos eram acusados de serem despreocupados com a veracidade dos acontecimentos que narravam. Voltadas à narrativa da vida de um indivíduo, de forma a descrever o nascimento, a família, a educação, a juventude, a vida

¹⁹ [...] and Pericles had just crossed over to the island with an Athenian army when word was brought to him that Megara had revolted [...]. (THUCYDIDES, *Histories of Peloponnesians*, book I: CXIV)

adulta e a morte desse sujeito, as biografias eram, portanto, criticadas por não se preocuparem em abranger os fatos da coletividade.

Como Brandão (2009) pontua, dentro das biografias é comum encontrar um “apelo para sedução do leitor”. Isto é, além de centrar a narração na vida de um indivíduo, a biografia tinha a liberdade para recorrer ao drama e apelar aos sentimentos para tornar a leitura mais agradável. É comum encontrar nas biografias a descrição de vestimentas, ambientes e reações, a fim de reconstruir os sentimentos presentes na ocasião descrita. Para isso, a biografia não era dependente dos grandes fatos históricos; mais preocupados em modelar o sujeito da narrativa, os biógrafos manuseavam os documentos disponíveis e não raras vezes os “grandes acontecimentos” eram irrelevantes para esse fim.

Em consonância com Luz (2013, p. 21), a narrativa biográfica foi considerada como a-histórica, uma vez que aquela que é entendida como histórica comporta um estudo sistemático dos acontecimentos passados com base em evidências, relevando ainda um compromisso com temas como política, guerras e etnografia; ao passo que a biografia não obedecia a esse critério. Nesse sentido, durante muito tempo, persistiu a concepção de que dentro do gênero biográfico não era necessário verificar a verdade e a confiabilidade das fontes; como também a noção de que sua temática não repousaria exclusivamente nos assuntos iniciados com Heródoto e Tucídides. Antes, nas biografias, seria dada importância à conduta individual como gestos, discursos proferidos, moralidade e comportamentos não planejados. Mestre (2007) compactua com tal ideia ao destacar que os biógrafos possuíam mais liberdade que os historiadores para relatar os acontecimentos. Sendo assim, a biografia permitia que a imaginação fosse mais longe, fazendo com que sua abordagem fosse distinta da história; menos rigorosa do que esta em seu método, o gênero biográfico não propunha um rigor científico meticuloso, recolhendo inclusive informações de fontes distintas, mas pretendia dar exemplos morais.

Não obstante, as pesquisas atuais nos mostram que as biografias não eram tão alheias em relação à verdade, nem mesmo aos acontecimentos da coletividade. Quando empreendemos análises dessa natureza, percebemos uma grande preocupação quanto à busca de dados, à seleção das fontes, ao relato da verdade; bem como um cuidado considerável com a política ou com temas relacionados a ela. Logo, a vida dos indivíduos das narrativas biográficas não se encontrava desconexa do meio em que viveram, de forma a evidenciar que as fronteiras entre a biografia e a narrativa histórica, no que se refere à prática de suas composições e aos seus conteúdos, não são bem definidas.

Um exemplo que confirma essa dificuldade em separar a história da biografia é percebido em um dos textos de Cícero, quando este pede a Lucéio para que escreva uma história sobre si a fim de seja imortalizado e louvado em vida

Estou ardente por uma extraordinária, mas não – como eu penso – irrepreensível ânsia de ter meu nome prestado a célebre e renomada escrita por nenhuma outra que a sua. E, embora muitas vezes você assegura-me de que tal é a sua intenção, você ainda irá, eu espero, perdoar-me por ser tão impaciente. O fato é que o estilo de suas obras é tal que, embora eu sempre espere grandes coisas, você já ultrapassou todas as minhas expectativas, e por isso me fascinou ou estimulou minha imaginação a tornar-me desejoso de minhas conquistas serem colocadas em registro o mais breve possível, por ninguém menos que você mesmo. E não é apenas a perspectiva da fama dos séculos vindouros que me impele a agarrar o que eu poderia chamar de esperança da imortalidade, mas também o desejo já mencionado de apreciar ao máximo enquanto estiver vivo, quer seja o pronunciamento do seu testemunho convincente, ou a expressão de um sentimento amigável, ou o charme de seu gênio (CÍCERO, *Cartas para seus amigos*, V: XII)²⁰.

Além de expressar a ideia de *magistra vitae*, o excerto revela que Cícero almejava que sua vida se tornasse história ao sugerir que fosse composta uma biografia a seu respeito, muito embora não denominasse tal escrito como sendo uma.

Ao contrário do que se poderia supor, as narrativas biográficas não ignoravam a sociedade na medida em que demonstravam preocupação com o meio em que eram produzidas e com o momento histórico vivenciado pelo biografado. Por exemplo, quando Plutarco, durante o Império Romano, pretendia retratar única e exclusivamente os vícios ou as virtudes dos biografados. Um olhar mais cauteloso ao texto, porém, nos permite identificar que os sujeitos daquelas narrativas eram homens políticos, imperadores ou militares, atestando a preocupação do biógrafo com assuntos além da moral.

Brandão (2009) percebe essa perspectiva de modo diferente ao declarar que a moral e a ética permaneciam sendo os temas principais das biografias, pois a política e as guerras, por mais que não fossem ignoradas, não eram os assuntos centrais nesse gênero e, portanto, só eram descritas caso fossem relevantes à compreensão da vida do sujeito. Os biógrafos

²⁰I am fired by an extraordinary, but not—as I think—reprehensible eagerness to have my name rendered illustrious and renowned by no other pen than yours. You often assure me that such is your intention, you will still, I hope, pardon my being so impatient. The fact is, that the style of your works is such that, though I had always expected great things, you have surpassed my expectations, and have so fascinated me or fired my imagination as to make me desire that my achievements should be put on record at the earliest possible moment by none other than you yourself. And though And it is not only the prospect of celebrity in ages to come that impels me to grasp what I may call the hope of immortality, but also that desire I have mentioned to enjoy to the full while yet alive, whether it be the pronouncement of your weighty testimony, or the expression of your friendly feeling, or the charm of your genius (CICERUS, *Letters to his friends*, V: XII).

eram certamente muito eruditos, mas as informações eram selecionadas e esses autores utilizavam o que julgavam ser útil para descrever os vícios ou as virtudes dos biografados; e isso inclui os assuntos típicos da historiografia.

Gentili e Cerri (1983) oferecem outra informação acerca desses biógrafos, a de que delineavam a vida de seus biografados conforme o contexto que eles próprios vivenciavam e não como uma reconstrução exata da vida humana. As características físicas, segundo essa percepção, eram então pertinentes de serem mencionadas a fim de se traçar o caráter do sujeito e de retratar a ideia de contemporaneidade a respeito desses modelos.

Bourdieu (1976) manifestou, anos antes, um entendimento semelhante ao de Gentili e Cerri (1983) ao afirmar que, ao narrar uma vida, os biógrafos a traçam como detentora de uma lógica ou um fim já estabelecido. De acordo com o autor, isso se deve ao fato de que os escritores estão condicionados ao contexto em que vivem e ao discurso aceito pela maioria. No entanto, sua concepção diverge daqueles estudiosos quando cita a ideia de “ilusão biográfica”, segundo a qual a vida humana não possui uma trajetória bem definida, em virtude das escolhas que são feitas ao longo dela; e, tampouco, apresenta uma continuidade ou um sentido final, visto que as ações emergem do contexto vivido e das alternativas pessoais. A compreensão de Bourdieu (1976) merece, todavia, ser ponderada na medida em que as biografias antigas não foram exclusivamente a sua fonte de preocupação. Podemos, no entanto, considerar que sua ideia nos leva a dar mais atenção aos autores que estão compondo as biografias, ou seja, a quem organiza e atribui sentido à vida dos biografados.

A biografia é, pois, um modelo de escrita complexo, que compreende a vida de um indivíduo sem, contudo, negligenciar o contexto do biografado ou o momento em que se insere. Ela é tão antiga quanto a narrativa histórica – como gênero autônomo ou inserido nesta última por meio de comentários biográficos – e igualmente tão complexa e preocupada com a seleção de fontes e com o relato da verdade, posto que não negligencia os assuntos dos quais a historiografia normalmente se ocupa, como a política e os temas a ela relacionados.

1.2.2 Consolidação do gênero biográfico

A biografia e a história são gêneros distintos, porém suas diferenças não são bem demarcadas dado que o método por ambos empreendido é próximo, por vezes

confundindo-os. Hartog (2001) e Finley (1989) concordam que muitos historiadores compuseram biografias de seu tempo quando, ao narrarem a história contemporânea, realizavam a descrição das características de seus contextos. De acordo com esses estudiosos, não é o historiador quem escolhe a temática a ser tratada e, sim, o contrário, o tema é quem escolhe o historiador. Ainda que empregassem apenas conceitualmente o labor histórico, ao buscarem determinados assuntos com intuito de responder às inquietações de seu tempo, esses historiadores retrataram o momento em que viviam, de modo a compor uma biografia de seu tempo. Isso se aplica, de certa forma, aos trabalhos de Tácito e Plutarco, contemporâneos, que se ocuparam das mesmas temáticas.

Sobre os precedentes do estilo biográfico, Momigliano (2004) registra que os gregos receberam influência dos persas, corroborada pela existência de uma inscrição autobiográfica do rei persa Dario em Behistun ou Bisutun e pela de crônicas reais persas, bastante comuns, as quais não manifestavam um caráter divino ou miraculoso, mas uma perspectiva aristocrática. Gentili e Cerri (1983), diferentemente de Momigliano, consideram somente a influência grega e sustentam que uma obra que pode ser considerada autobiográfica, conhecida na atualidade, foi composta em versos por Hesíodo aproximadamente no século VIII a.C., juntamente com as primeiras noções de escrita da história, como podemos observar no poema alguns dados pessoais:

Na verdade eu nunca naveguei sobre o largo mar,
A não ser para Eubeia partindo de Áulis, onde uma vez os Aqueus,
Esperando o fim do inverno, reuniram um grande exército
Da Hélade sagrada para ir a Tróia de belas mulheres.
De lá, para os jogos do valoroso Anfidamante
Eu fiz a travessia a Cálcis: muitos prêmios anunciados
Os filhos do herói magnânimo colocaram em jogo.
E me orgulho de ali,
Vencendo com um hino, ter levado uma trípode com asas,
Que eu dediquei às Musas do Hélicon,
Onde elas primeiro me puseram no caminho do canto claro.
Tal foi de fato minha única experiência com naus bem pregadas,
Mas mesmo assim direi o desígnio de Zeus porta-égide,
Pois as Musas me ensinaram a cantar um hino extraordinário.
Cinquenta dias depois do solstício,
Quando vai para o fim o verão, estação de cansaço,
É para os mortais a hora certa de navegar
(HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, 650-660).

Esse trecho relata em primeira pessoa uma experiência vivida pelo próprio Hesíodo. Assinala que não teve oportunidade de muitos contatos com navegação e, em alguns versos

do poema, declara que seu pai foi um comerciante naval, conseguindo constituir uma modesta fortuna nesse meio e que o herdeiro dessa prática foi seu irmão, a quem ele referia-se com frequência como “tolo Perses”, que conseguiu toda a herança de seu pai por compactuar com as autoridades locais. Embora o trecho do poema detenha dados da vida de seu autor, em momento algum Hesíodo decretou estar realizando uma autobiografia, apesar de que se pareça com uma em muitas de suas características.

Segundo Nascimento (2008), uma série de autores escreveram algum tipo de biografia entre os séculos VIII e V a.C.; além de Hesíodo:

[...] Heráclito (540 a. C. a 470 a. C.), Empédocles (século V a. C.), Íon de Quios (485 a. C. a 425 a. C.), que até escreveu em primeira pessoa a respeito das pessoas que conhecia, Hecateu de Mileto (540 a. C. a 480 a. C.). Os dois últimos eram jônicos e tiveram uma forte influência oriental. Scylax (século VI a. C.) escreveu a biografia de Heráclides, tirano de Milasa (NASCIMENTO, 2008, p. 92).

Já Sobral (2007, p. 21) sustenta que, além da influência grega e antes da consolidação da narração de vidas, existiram na Roma republicana alguns modelos que pouco se desenvolveram, mas serviram de base à composição biográfica. Assim, é possível identificar a *carmina convivalia*, canções de cunho biográfico recitadas em banquetes; *neniae*, cantos fúnebres proferidos por algum homem fora da família; *carmina triumphalia*, cantos sobre triunfos dos heróis; e *laudationes fúnebres*, que correspondem a homenagens funéreas realizadas publicamente de caráter elogioso, compostas por um membro da família e que foram utilizadas até o Império. Além desses modelos, é possível identificar ainda dois estilos que possivelmente deram base às biografias que vieram a se consolidar posteriormente, como a *Semmata*, composições genealógicas dos homens, e os *Anais dos Pontífices*, que narravam feitos dos homens, ano a ano, e que também contribuíram para a narrativa histórica.

Outro autor que trata das biografias e autobiografias na antiguidade é Bakhtin (1998), que afirma que, durante o apogeu da Grécia e de Roma, não houve nenhuma obra monumental efetivamente biográfica. Contudo, é possível identificar uma série de biografias e autobiografias menores, que apontam para um modelo de escrita relevante. Durante a Grécia clássica, dois tipos de biografias foram desenvolvidos, sendo o primeiro conhecido como “platônico”, que se caracterizava pela busca do autoconhecimento, e um segundo com aspectos retóricos, usado em discursos civis e fúnebres relativos à política e aos acontecimentos locais.

O segundo modelo contemplava assuntos políticos, sociais e mais concretos do que as filosofias do primeiro modelo. Nesse sentido, não eram obras de caráter livresco e sim textos produzidos para serem proferidos em praças públicas, onde a política acontecia. O biografado, portanto, não possuía nada íntimo ou privado, ou seja, dispunha de uma vida aberta para a avaliação; o que, de certa forma, leva à percepção de alguns dos traços de heróis das epopeias, os quais tinham a vida exposta e estavam sujeitos a julgamentos. Esses escritos biográficos conquistaram grande espaço em Roma em virtude de seu aspecto moralizante e pedagógico e, frequentemente, podemos identificar uma grande influência dessa perspectiva em Plutarco. Os romanos começaram a produzir esses discursos no seio familiar, cujos membros eram geralmente homens políticos; no entanto, tinham como base os documentos familiares, que passavam de pai para filho, de modo a preservar o aspecto moral em proeminência.

Bakhtin (1998, p. 258-259) ainda chama atenção para o fato de que as biografias romano-helênicas foram influenciadas pelo modelo aristotélico, o qual rendeu duas formas principais: *energética*, que considera que o homem nasce com uma força ativa que se manifesta em atos e expressões de forma a conduzirem sua vida. O principal expoente deste modelo foi Plutarco. A *analítica*, que não respeita a temporalidade da vida, mas atesta o caráter com exemplos de condutas, cujo representante mais conhecido foi Suetônio.

Além dos modelos descritos por Bakhtin (1998), Sobral (2007) aponta que na antiguidade grega e romana três outros modelos de biografia estiveram em destaque: o *Encômio*, cantos triunfais que poderiam ter sido a base das biografias; *Peripatética*, um modelo mais artístico, que narrava com pontos negativos e positivos a vida dos biografados; e *Escola Alexandrina*, que relatava a vidas de homens notáveis procurando maior exatidão e racionalidade.

Por mais que, atualmente, tenhamos consciência desses modelos biográficos, Leme (2015) afirma que devemos nos atentar para o fato de que não existia um padrão definido para composição desse tipo de narrativa, somente a essência do estilo literário: a história de um sujeito ilustre que contemplava uma análise moral a respeito de suas ações e comportamentos.

Xenofonte é considerado o primeiro autor a efetivamente compor uma espécie de biografia e tanto Hartog (2001) quanto Momigliano (1998) concordam com esse entendimento. De acordo com Hartog (2001), depois de 403 a.C., isto é, período que

corresponde o fim dos anos abordados no conteúdo das narrativas tucidideanas, a solução foi continuar narrando a história do presente partindo do ponto em que Tucídides parou. Xenofonte não faz declarações de seu método de trabalho, como usualmente os pensadores o fazem em seus prefácios e, em decorrência disso, há especulações de que seu escrito possa se enquadrar nas biografias. Já Momigliano (1998) escreve que, se os trabalhos de Xenofonte não condisseram com o estilo biográfico, ao menos deram um impulso para que os trabalhos dessa natureza se multiplicassem. O autor grego compôs a *Ciropedia*, também conhecida como *Educação de Ciro*, que pode ser considerada uma biografia, ainda que com algumas modificações da realidade; entretanto, mais do que fictícia, ela retratou um chefe ideal.

Similar aos autores referidos, Gentili e Cerri (1983), além de considerarem Xenofonte como um dos primeiros biógrafos, citam como exemplo Teopompo. Segundo esses autores, este compôs as *Filipicas*, na qual o interesse biográfico desse pensador era somente contextual, ainda que tivesse Filipe da Macedônia como referência temporal. Sendo assim, Teopompo não deixa de delinear sua narrativa em torno de uma figura.

Ante o exposto, podemos identificar que o gênero biográfico percorreu um longo caminho até chegar a seu modelo hoje conhecido. A biografia teve como precedentes desde elogios pessoais até notas dentro da historiografia e ganhou notoriedade dentro do império romano com Suetônio e Plutarco, entre os séculos I e II d.C., os quais contribuíram para a consolidação do estilo literário que adotaram. O modelo mais utilizado entre os romanos recebeu grande influência grega, como no caso das biografias retóricas. Plutarco, um dos autores sujeitos desta pesquisa, se considerava um biógrafo e muitas das características destes podem ser identificadas em suas obras.

CAPÍTULO II

CORNÉLIO TÁCITO E LÚCIO MESTRIO PLUTARCO: O HISTORIADOR E O BIÓGRAFO DO PRINCIPADO

2.1. Tácito: vida e obras

Poucas informações acerca de *Publius Cornelius* sobreviveram e as que possuímos podem ser questionadas; nem ao menos o seu prenome é certo, pois, ora é remetido como *Publius*, pelo manuscrito Mediceus I, ora é denominado *Gaius* por Sidônio Apolinário (430-483 d.C.) e pelos códices menos confiáveis de suas obras de menor volume.

Segundo Syme (1958, p. 59), Tácito escreveu suas obras com detalhes consideráveis das províncias e dos imperadores, mas foi discreto em relação à própria vida e carreira. Discorre pouco sobre seus familiares, exceto pelo fato de ter composto uma obra em homenagem a seu sogro, Julio Agrícola, e a respeito de sua carreira faz apenas breves considerações. As informações que chegaram até nós relativas a esse historiador resultam das menções que faz sobre si, no interior de suas obras; de uma inscrição sobre seu procursulado na cidade de Mylasa, na província da Ásia; e por onze correspondências de seu condiscípulo Plínio, o jovem (61-113 d.C.).

Tácito foi originário de família de ordem equestre²¹, provavelmente da província da Gália ou do norte da Itália, dado esse atestado por uma carta em que Plínio, o jovem, narra que, durante um espetáculo, um vizinho de arquibancada, mesmo não os reconhecendo em primeiro momento, identifica que o sotaque do historiador latino não era romano e sim possivelmente itálico ou provincial, como podemos observar:

Contava que nos últimos jogos circenses se encontrava sentado ao seu lado (*ao lado de Tácito*²²) um cavaleiro romano, e que este, depois de ter

²¹*Ordo equester* era composta por cavaleiros, sendo mais numerosa do que a ordem senatorial. Eram homens detentores de posses, porém de origem provincial, o que levava muitas vezes a denominá-los *homines noui*. Vale deixar claro que a ordem não era homogênea, pois, para ascender a essa ordem, não era necessário linhagem hereditária, mas poderia ser por ascensão social. Estes homens poderiam, do mesmo modo, serem promovidos para a *ordo senatorius*. Até os finais da República, os equestres podiam exercer as funções de juízes e oficiais, mas, a partir do imperador Augusto, os cavaleiros mais aptos – após terem cumprido o serviço militar – foram chamados para a administração dos bens do imperador e, principalmente, para a administração econômica e financeira do império, como *procuratores Augusti*, porém poderiam exercer diversas funções (ALFÖLDY, 1989, p. 118, 137-142).

²²Grifo nosso.

mantido com ele diversas conversações eruditas, o havia perguntado: “É da Itália ou provincial?” (PLÍNIO, O JOVEM. Cartas, IX, 23: 2)²³.

Plínio, o velho (23-79 d.C.), confirma essa informação quando cita um procurador da Gália Bélgica²⁴, chamado Cornélio Tácito, também de origem equestre, possivelmente tio ou pai de Tácito. A informação de tal procurador vinda de Plínio, o velho, tio de Plínio, o jovem, além de evidenciar as origens provinciais de ambos os notáveis, demonstra os laços antigos entre as duas famílias.

O ano de nascimento de Tácito é aceito entre 54 e 57 d.C., ainda no governo de Nero, sendo aquele cerca de sete ou oito anos mais velho que Plínio, o jovem. Em razão de sua família ter composto a aristocracia provincial, acredita-se que entre a adolescência e seus 20 anos ele tenha conseguido entrar na vida social romana, bem como é provável que, desde cedo, tenha evidenciado ser um aspirante de honras e magistraturas. De acordo com Syme (1958), concomitantemente à execução dos serviços militares, Tácito se dedicava aos estudos, realizava discursos públicos e era assíduo na companhia de políticos.

Alguns pesquisadores de Tácito mencionam seus estudos no campo da oratória e sua formação. Conforme Klein (2011), Tácito foi discípulo de Quintiliano (35-95 d.C.), professor e orador de prestígio no século I d.C., e que possivelmente tenha lhe ensinado a arte de proferir discursos. Desse modo, mesmo que Tácito tenha suas origens provinciais, acredita-se que sua educação tenha se dado em Roma. Requejo-Prieto (1997) assinala que o historiador estudou oratória com Marco Apro e Julio Segundo, os interlocutores do *Diálogo dos Oradores*. Também menciona que o historiador latino se destacou por sua eloquência e exercício da advocacia. Segundo Marasso (2008), além da oratória e retórica, Tácito estudou gramática, bem como filosofia; ainda que não tenha se aprofundado em nenhuma corrente específica, demonstra alguns sinais superficiais do estoicismo e o tema do *mos maiorum* é recorrente em suas obras históricas.

Cornélio Tácito, por volta de 77 e 78 d.C., conquistou a aprovação do já referido Julio Agrícola, um general e político de renome que ofereceu a mão de sua filha em casamento. Essa união lhe trouxe vantagens, visto que, por intervenção de seu sogro

²³ [...]Contaba que en los últimos juegos circenses se encontraba sentado a su lado un caballero romano, y que este, después de haber mantenido con él diversas conversaciones eruditas, le había preguntado: «Eres de Italia o provincial?» [...] (PLÍNIO, EL JOVEM. Cartas, IX, 23: 2).

²⁴ Província romana que atualmente compreende a região da Bélgica, norte da França, Luxemburgo e uma parte dos Países Baixos.

conseguiu entrar para a ordem senatorial²⁵ e avançar em seu *cursus honorum*, que teve início na época dos Flávios: "[...] Eu não posso negar que minha carreira política tenha se iniciado com Vespasiano; com Tito ela avançou; e Domiciano levou-me a mais longe [...]" (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)²⁶.

Tendo como base as descrições em suas obras e as informações de Syme (1958), é possível que, no ano de 79 d.C., pouco antes da morte de Vespasiano, Tácito tenha ocupado os cargos de tribuno da plebe e *aedil*; entre os anos de 81 e 82 d.C., atingiu a questura, desempenhando a função sob o governo de Tito no ano de 88 d.C., no reinado de Domiciano, chegou ao posto de pretor, ao mesmo tempo em que foi sacerdote do colégio *quindecimiri sacris faciundis*²⁷, posição esta atingida precocemente devido a sua aliança com Agrícola e a sua distinção na oratória.

Domiciano dificultou a carreira de Tácito e, depois da pretura, aproximadamente no ano de 89 d.C., o historiador foi encaminhado para funções administrativas nas províncias, provavelmente na Germânia, local e período em que ele coletou dados para compor seu ensaio sobre a região, escrito em um outro momento. Tácito retornou a Roma no ano de 97 d.C., sob o governo de Nerva como gozava de prestígio com o novo imperador, atingiu o consulado, substituindo Virgínio Rufo (14-97 d.C.); posteriormente, com Trajano governou a Ásia Menor no papel de procônsul, entre os anos de 112 e 113 d.C. Salientamos que não temos uma data precisa do ano de falecimento de Tácito, mas acreditamos que tenha se dado entre os anos de 117 e 120 d.C., já no reinado do imperador Adriano (76-138 d.C., governou entre 117-138 d.C.).

Além de político atuante de seu tempo, Tácito demonstrou preocupação com o que considerava serem as fragilidades de Roma, como o enfraquecimento de debates políticos diante do novo cenário do Principado e, conseqüentemente, a perda da qualidade da oratória; o gosto pelo luxo diante a simplicidade dos povos germânicos e o mal preparo dos

²⁵ *Ordo senatorius*: romanos de nascimento que compunham uma ordem numericamente pequena, seletiva e existiam como dirigentes desde o período da República. Durante o período de Augusto, o filho de um senador formalmente pertencia à ordem senatorial, visto que anteriormente esses herdeiros eram cavaleiros. Para compor a ordem, era exigida uma riqueza mínima, contudo nela a hierarquia se dava com os cargos exercidos por cada homem, e não necessariamente pela fortuna. A principal fonte de riqueza desses homens provinha de suas propriedades. No período correspondente ao Império, a ordem senatorial admitia novos membros que pudessem ascender da ordem equestre, pois como era um grupo fechado, precisava se renovar, pois o que realmente separava as ordens eram os aspectos sociais, políticos e ideológicos. Sendo assim, a educação dos jovens senadores se dava no seio familiar e abordava o exercício de cargos públicos inferiores, o estudo do direito, oratória, artes militares e poderiam adquirir conhecimentos históricos, literários e filosóficos (ALFÖLDY, 1989, p. 130-137).

²⁶ "[...] I cannot deny that my political career owed its beginning to Vespasian; that Titus advanced it; and the Domitian carried it further [...]" (TACITUS, *Histories*, book I: I).

²⁷ Instituição que organizava os jogos seculares (SYME, 1958, p. 65).

imperadores, pois seu pensamento demonstrava traços de um aristocrata do período. Em conformidade com Syme (1958, p. 71), entre os anos de 104 e 105 d.C., Tácito se retirou da vida pública e não realizou práticas de oratória a fim de se dedicar ao seu projeto de história. As inquietações presentes em Tácito podem ser identificadas nos conteúdos de suas composições sobreviventes, cujos títulos são: *Vida de Júlio Agrícola*; *Germânia*; *Diálogos de Oradores*; *Histórias e Anais*²⁸.

A *Vida de Júlio Agrícola* foi, provavelmente, publicada no ano de 98 d.C., quando Domiciano havia falecido. Escrita em homenagem a seu sogro, o opúsculo tem tríplice interesse: geografia, etnografia e biografia. Segundo Lima (2012), a obra se enquadra no estilo das *laudationes funebres*, um estilo biográfico de cunho elogioso ao falecido. Apesar de a temática principal ser a trajetória de vida de Júlio Agrícola, Tácito acaba por descrever a província da Britânia, as conquistas romanas, bem como denuncia o governo do período em que viveu seu sogro. Requejo-Prieto (1997) acrescenta que tanto a forma pela qual a obra foi composta quanto a intenção do autor não correspondiam às consolações de morte tradicionais, mas sim tinham um propósito político.

A segunda obra composta por Tácito, intitulada *Germânia*, foi supostamente publicada também em 98 d.C. Paratore (1989) atesta que Tácito foi o primeiro escritor que se dedicou a escrever sobre os costumes dos povos conhecidos como bárbaros. Moore (2014), que traduziu e realizou uma introdução dos trabalhos do historiador, acrescenta que a Germânia despertava um interesse particular entre os romanos devido às expedições de Trajano até essa localidade a fim de fortalecer as fronteiras. Entre os romanos, havia uma idealização dos povos germânicos decorrente da simplicidade de suas tribos, a qual contrastava com o luxo e a possível corrupção que Roma havia desenvolvido. Ambos autores concordam que o aspecto simples desses povos figurava como uma ameaça ao império; Tácito tentava chamar a atenção dos romanos para a ameaça que se formava nesses povos numerosos. Contudo, não podemos afirmar que ele desejava que os romanos se apropriassem dos costumes das tribos ditas bárbaras.

A terceira obra foi *Diálogo de Oradores*, que apresenta controvérsias quanto à sua autoria. O diálogo dedicado a Fábio Justo (I-II d.C.), publicado por volta do ano de 102 d.C., tem como interlocutores os oradores Marco Apro e Júlio Segundo, Vipstano Messala e Curiácio Materno. Sobre o estilo da obra, tanto Paratore (1989) quanto Syme (1958) escreveram a seu respeito. De acordo com Paratore (1989), o ensaio foi produzido no estilo

²⁸*De uita Iulii Agricola; De origine et situ Germanorum; Dialogus de Oratoribus; Historiae e Annales (Ab excessu diui Augusti libri).*

neociceroniano, cujo tema central aborda o declínio da oratória e suas consequências. Trata-se de uma proposta não inovadora, visto que Quintiliano já havia abordado essa temática em um de seus trabalhos. Syme (1958) registra que Tácito pode ter empregado um estilo ciceroniano reformulado em suas próprias práticas discursivas e, por esse motivo, escreveu uma de suas obras segundo esse modelo.

Outro autor que também analisa o *Diálogo dos Oradores* é Joly (2009). Corroborando este autor, quando Tácito descreve que a oratória do passado era melhor do que a de seu presente, põe em tensão a República, que o representa, e o Império que constitui esse presente. É possível encontrarmos temas como a utilidade da oratória, as diferenças entre o orador republicano e imperial, assim como a relação entre política e oratória; e que a presente política aceitaria adulações em troca de favores com o imperador. Syme (1958) acrescenta que os tempos depois de Augusto são julgados pelos oradores como de luxúria, preguiça e até efeminação.

Com o título de *Histórias*, outra obra composta por Tácito, é o objeto de estudo da presente pesquisa. Produzida por volta de 103 e 108 d.C., apresenta-se como uma narrativa histórica cuja pretensão seria a de abordar o ano de 69 d.C. dos governos de Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano, até os governos de Nerva e Trajano,

Já o restante de minha vida, reservei minha velhice para a história do deificado reinado de Nerva e o governo de Trajano, os mais ricos e menos perigosos dos anos, pois são de rara fortuna, de anos que nós podemos sentir o que desejamos e podemos dizer o que sentimos (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: I) ²⁹.

Há indícios de que Tácito não completou seu intento de narrar os reinados do referidos imperadores Nerva e Trajano, e sim até o governo de Domiciano. Vale lembrar que as narrativas de *Histórias* compreendem alguns anos da vida de Tácito, o que significa que ele provavelmente tenha presenciado alguns eventos ou que tenha ouvido acerca deles através de fontes consideradas seguras; método este semelhante ao desenvolvido por Heródoto e Tucídides para comporem suas narrativas históricas. Atualmente, há quatro livros completos de *Histórias* e um quinto, incompleto, de doze volumes originais.

A obra *Histórias* narra de forma detalhada os relatos de combates das guerras civis, juntamente com descrições dos acampamentos, caracterização de personagens paralelas e traz transcrições de discursos inteiros. Além disso, concomitantemente às descrições do

²⁹ Yet if my life but last, I have reserved for my old age the history of the deified Nerva's reign and of Trajan's rule, a richer and less perilous subject, because of the rare good fortune of an age in which we may feel what we wish and may say what we feel (TACITUS, *Histories*, Book I: I).

que julgava ser ruim, Tácito declarava o que os atuais imperadores não podiam fazer. Essa tática de narrativa se repete nos *Anais* de modo mais severo.

A última produção de que temos conhecimento de autoria de Tácito é o *Anais*, considerada por muitos historiadores contemporâneos como a de maior maturidade do historiador latino. Acredita-se que tenha sido escrita entre 115 e 120 d.C. e seu conteúdo envolve o período que compreende a morte de Augusto até o governo de Nero. De aproximadamente dezoito livros completos, nos restam hoje os livros I ao IV, os trechos iniciais do livro V, o livro VII e o livro XI sem as suas partes iniciais e o livro XVI sem o seu final.

Diferentemente de *Histórias*, o *Anais* aborda mais a biografia dos imperadores, de forma a incluir a vida cotidiana e palaciana, do que tratar de assuntos bélicos, por exemplo. Momigliano (2004, p. 160) afirma que Tácito usou anotações dos imperadores para conseguir informações — tal qual o fez quando recorreu ao diário de Cláudio a fim de expor alguns aspectos de sua vida privada — bem como fazia menções aos vícios daqueles como forma de detalhar a narrativa. No entanto, mesmo que em *Histórias* os imperadores sejam mencionados e caracterizados, a plebe, os soldados e os assuntos militares são os que realmente ocupam espaço na obra.

A vida de Tácito ainda permanece para nós com muitos questionamentos e dúvidas. Não podemos, contudo, deixar de reconhecer que foi um político atuante e um historiador reconhecido em seu tempo; que tenha trabalho com questões de biografia laudatória, etnografia, oratória e narrativa histórica; que tenha sempre dedicado espaço aos assuntos do Principado; e que, de certo modo, tenha demonstrado preocupação com os caminhos que Roma estava escolhendo, inclusive com a questão da figura do *princeps* que abordaremos na sequência. Esse historiador é, muitas vezes, qualificado como negativo por raramente relatar elogios, o que nos faz refletir sobre seus motivos e nos empenhar em analisar sua escrita.

2.1.1 Preservação das obras de Tácito

A *Histórias* e as demais obras de Tácito foram compostas originalmente no final do século I d.C. e início do século II d.C., e as versões que chegaram até nós são provenientes da Idade Média, pelos códices preservados nos mosteiros.

Há informações de que, por muitos anos, ainda no Império Romano, as obras de Tácito tiveram pouca circulação após seu falecimento, uma vez que existem raras menções

a elas. Sendo assim, só encontramos novos indícios do retorno de suas composições no século III d.C. Esse regresso, conforme Paratore (1983), baseado na *História Augusta*³⁰, assinala que o imperador Tácito, o qual se considerava um descendente do historiador devido ao homônimo, exigiu que os trabalhos taciteanos entrassem novamente em circulação:

[*Tacitus Augustus*] Ele tinha Cornélio Tácito, o escritor da história dos Augutos, colocado em todas as bibliotecas afirmando-o como um familiar e ordenou que todos os seus trabalhos não se perdessem pelo descuido dos leitores e deu ordens para que dez cópias desses pudessem ser feitas cada ano oficialmente em estabelecimentos de cópias e que fossem colocados nas bibliotecas (*Scriptores Historiae Augustae*, Tácito: X)³¹.

Durante a vida do imperador Tácito Augusto (200-276 d.C.), em seu breve período de governo entre 275 e 276 d.C., havia o temor de que as obras taciteanas fossem esquecidas, pois, muito provavelmente, tenha ocorrido uma possível diminuição da leitura desse autor e, por esse motivo, o imperador que se proclamava seu descendente requereu que novos volumes fossem produzidos. Em função disso, Momigliano (2004) relata que Tácito conquistou um novo público entre os séculos IV e V d.C. que o lia, porém, com o olhar nostálgico, assim como os leitores do século VI d.C. Durante a Idade Média, há indícios de que poucos homens liam o historiador latino, cuja obra quase sempre se encontrava em mosteiros beneditinos, tanto em Fuldana, na Alemanha, quanto em locais próximos à Alemanha, como é o caso de Monte Cassino.

De acordo com Joly (2004), as informações de que as obras de menor volume de Tácito, *Vida de Julio Agrícola*, *Germânia* e a controversa, que não carrega no manuscrito a autoria de Tácito, *Diálogo dos Oradores*, foram preservadas no códice do Mosteiro de Hersfeld, que data do século X, e foram redescobertas no século XV por Enoch Ascoli. O autor ainda afirma que, em 1362, Boccaccio encontrou na biblioteca de Monte Cassino um manuscrito do século XI, que trazia continuamente os escritos dos livros XI ao XVI dos *Anais* e os cinco primeiros livros das *Histórias*, códice esse conhecido como *Mediceus II*.

³⁰*Scriptores Historiae Augustae*: Reunião de biografias de imperadores que compreende as vidas de Adriano e Numeriano (117-286 d. C.), sobre sua composição não há certezas, visto que existem duas probabilidades: a primeira é que tenha sido escrita por vários autores, assim como a segunda indica seu autor como único e que a tenha realizado sob o reinado de Teodosio tardiamente. A obra em questão foi composta por vidas no estilo suetoniano, no entanto, as análises modernas identificam a existência de plágio em seu conteúdo (MAGIE, 1998, p. 01).

³¹He had Cornelius Tacitus, the writer of Augustan history, placed in all the libraries, claiming him as a relative and in order that his works might not be lost through the carelessness of the readers he gave orders that ten copies of them should be made each year officially in the copying-establishments and put in the libraries (*Scriptores Historiae Augustae*, Tacitus: X).

Por volta de 1509, Angelo Arcimbaldo, o agente do cardeal Giovanni de Médici, descobriu no monastério de Cörwy um manuscrito do século IX que continha os seis primeiros livros dos *Anais*, conhecido como *Mediceus I*.

As obras de Tácito foram reutilizadas mais ativamente no século XV. Vale lembrar, entretanto, que durante esses anos o autor foi mais considerado um crítico político do que um historiador por aqueles que se dedicavam a lê-lo e a analisá-lo. Mas esse interesse despertado pelo historiador fez com que seus trabalhos fossem reproduzidos integral ou parcialmente. Corroborando Momigliano (2008), os estudiosos que realizaram comentários políticos sobre Tácito foram elogiosos nesse momento; os alemães também olhavam para os trabalhos taciteanos de forma direcionada, na medida em que estavam aprendendo a interpretar a seu modo a *Germânia*.

É importante também destacar a assertiva de Joly (2003) acerca da recepção dos trabalhos de Tácito, que não foi uniforme, nem ocorreu ao mesmo tempo em todos os lugares, bem como nem sempre foram acolhidos de forma positiva. Alguns estudos recentes revelam que muitos estudiosos, de diferentes países, traduziram e fizeram comentários políticos dos volumes de Tácito para suas respectivas línguas, dentre os quais Momigliano (2008) cita Davanzati e Justo Lipsio no século XVI, na região que hoje compreende a Itália; assim como Carolus Paschalius, também no século XVI, na localidade da atual França.

Conforme Moore (2014), a tradução mais antiga inglesa data de 1591, por Sir Henry Savile, em Londres; a mais completa, no entanto, foi realizada por Arthur Murphy, em 1811. Marasso (2008) assinala que, no ano 1614, no que hoje conhecemos como Espanha, Carlos Coloma traduziu as obras de Tácito e até a atualidade seus trabalhos são reeditados.

Podemos observar que Tácito teve fama considerável como escritor durante sua vida. É igualmente perceptível um retorno de suas composições no século III d.C., as quais, posteriormente, foram reutilizadas após o século XV, de modo a render estudos muito tradicionais. Conseqüentemente, não podemos negligenciar a influência do historiador para sociedade, tanto para a narrativa histórica quanto para o pensamento político. E como Joly (2003) pontua, é inegável a permanência da antiguidade greco-romana na cultura europeia e ocidental; os historiadores tiveram papel fundamental nesse processo, inclusive Tácito.

2.1.2 A narrativa histórica de Tácito

Tácito experimentou muitos estilos de escrita, visto que passou pela biografia laudatória, descrição etnográfica e discurso acerca do declínio da oratória. Todavia, foi reconhecido como historiador por excelência devido às suas duas obras de maior volume. Isso é possível de ser identificado na correspondência de Plínio, o jovem,

Tenho o convencimento, convencimento de que estou seguro que é certo, de que tuas histórias serão imortais; pelo que desejo ainda mais (o admito francamente) ser incluído nelas. Pois, se frequentemente é para nós um motivo de profunda preocupação que nosso retrato seja realizado pelo melhor dos artistas, ao acaso não devemos desejar que nossos feitos tenham a sorte de encontrar alguém semelhante a ti para que os descreva e elogie? (PLÍNIO, O JOVEM. *Cartas* VII: 33, 1-2)³².

Plínio, o jovem, nessa epístola pede para que o historiador o inclua em suas narrativas históricas, pois desejava ser lembrado na posteridade e deixava muito claro o seu desejo pela fama. Com este intuito, evidencia o talento de Tácito no ofício da história. No entanto, podemos considerar que os elogios podem ser de caráter retórico e destinados ao convencimento, a fim de que seu pedido fosse aceito; mas, certamente, expõem o reconhecimento de Tácito como um autêntico historiador.

Segundo Momigliano (2004, p. 163), o historiador latino foi um dos autores mais experimentais da antiguidade, já que compôs diversos estilos — e todos eles de modo complexo — de forma a mesclar o assunto principal e alguma mensagem secundária. Tácito não desenvolveu suas propostas mais ousadas, visto que, se assim tivesse optado fazer, realizaria duras críticas à organização do Império e aos governantes. Fato este que faria dele outro tipo de historiador ou que, possivelmente, o caracterizaria mais como um crítico da estrutura do Império; o que talvez implicasse em abrir mão de sua carreira política.

Alguns historiadores atuais discutem a respeito da repercussão e da intencionalidade dos trabalhos de Tácito. Oakley (2009), por exemplo, assevera que o historiador atingiu uma boa reputação de escrita em virtude do caráter potencialmente harmonioso. Seu estilo, entretanto, não é próprio, uma vez que Tácito experimentou vários

³² Tengo el convencimiento, convencimiento que estoy seguro resultará cierto, de que tus historias serán inmortales; por lo que deseo aún mas (lo admito francamente) ser incluido en ellas. Pues, si suele ser para nosotros un motivo de honda preocupación que nuestro retrato sea realizado por el mejor de los artistas, ¿acaso no debemos desear que nuestros hechos tengan la suerte de encontrar a alguien semejan te a ti para que los describa y elogie? (PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, VII: 33, 1-2).

modelos antes das narrativas históricas e visivelmente foi influenciado por historiadores que vieram antes dele.

Na acepção de Momigliano (2004), Tácito não pretendeu ser um inovador nas narrativas históricas, como o foram Heródoto, Tucídides e Políbio, que se preocuparam em estabelecer algumas regras na composição histórica; como o fato de que ela deveria ser narrada de forma imparcial, de modo a demonstrar preocupação com a verdade e com os métodos de escrita. Isso significa que, apesar de não ter copiado nenhum historiador grego integralmente, Tácito seguiu o modelo greco-romano analítico existente, deixando transparecer possíveis influências de Salústio e Lívio na medida em que aborda questões morais relativas à sua época no Império Romano. Assim sendo, escolheu temáticas e métodos similares aos dos três historiadores gregos citados; como quando decretou que relataria a verdade de forma imparcial, rememorando um método de Heródoto; ou quando privilegiou os assuntos bélicos e políticos, uma vez que tinha experiência no campo da política, aproximando-se de Políbio; ou ainda como quando escreveu sobre um passado recente, com o foco em temas políticos e o emprego de métodos criteriosos, de modo a demonstrar consonância com a obra de Tucídides. Outra similaridade com este historiador foi ter recorrido à descrições literais de discursos proferidos por personagens históricos em seus textos.

Durante a antiguidade, a história era um gênero discursivo e, portanto, tratada no campo da retórica. Erich Auerbach (1994, p. 34), ao discorrer sobre o discurso de um soldado reproduzido por Tácito nos *Anais*, afirma que o relato traz vivacidade e clareza, não pela preocupação em atender ao pedido do soldado, como para demonstrar seu conhecimento retórico: “Tácito é um mestre, e seus discursos não são mera ostentação, mas estão realmente carregados do caráter e da situação do homem que é representado a discursar; mas também eles são, antes de tudo, retórica”.

Tal afirmação pressupõe que Tácito, por meio de discursos agradáveis que despertavam o interesse do público, conseguia transmitir uma mensagem secundária, como no caso exemplificado, o empenho do soldado. Outro autor que discute a questão dos discursos transcritos é Levene (2009), segundo o qual as falas reproduzidas nas obras do historiador denotam uma complexa reflexão política, bem como representam uma forma de persuasão. No entanto, é no interior da historiografia que Tácito pôde comprovar sua capacidade retórica mais claramente. As falas transcritas, apesar de terem recebido retoques retóricos, eram produzidas para serem reais, ou seja, eram constituídas

mimeticamente, de forma a representar a realidade. Os discursos trabalhados por Tácito nas *Histórias* requerem uma atenção especial, já que foram modelados conforme o público espectador e leitor e, no caso desse historiador, geralmente inclusos no círculo político imperial.

O momento político em que Tácito vivia requeria cuidados com a oratória e com os discursos. Tendo em vista que o poder se concentrava nas mãos do imperador e não mais estava dividido entre os magistrados, como na República, o contexto era doravante marcado por uma quantidade menor de debates senatoriais e de persuasões públicas e, sendo assim, demandava abreviações.

Os discursos de *Histórias* estão ligados à análise de Tácito acerca do poder imperial. Contudo, nas transcrições das falas, o historiador não questiona essa autoridade, mas revela um modelo em crise, à qual aquele poder estava frequentemente exposto. Com efeito, tais discursos denunciavam as tensões existentes.

Tácito não demonstra seus artifícios retóricos somente na transcrição de discursos; podemos encontrá-los também em seu prefácio:

[...] mas aquele que professar inviolável fidelidade para a verdade, deve escrever de nenhum homem com afeição ou ódio. Já o restante de minha vida, reservei minha velhice para a história do deificado reinado de Nerva e o governo de Trajano, os mais ricos e menos perigosos dos anos, pois são de rara fortuna, de anos que nós podemos sentir o que desejamos e podemos dizer o que sentimos (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: I)³³.

Esse excerto se aproxima muito da intencionalidade de Heródoto em se mostrar imparcial pois, em um dado momento de sua obra, o historiador de Halicarnasso afirmou colocar e descrever gregos e povos ditos bárbaros igualmente, a fim de alcançar a imparcialidade, isto é, procurando ser fiel à verdade. Na passagem, Tácito assinala que não irá escrever com ódio ou amor para que a verdade seja alcançada. Por outro lado, esse trecho é possivelmente retórico, pois Tácito se demonstra contraditório aos olhos modernos com sua assertiva, porque defende a imparcialidade do historiador, assim como deve narrar e ser fiel à verdade, bem como não demonstrar nenhum sentimento para o público sujeito da narração, ao mesmo tempo em que afirma reservar sua maturidade para discorrer sobre os imperadores Nerva e Trajano. Ao considerarmos que ele compôs as *Histórias* durante o

³³[...] but those who profess inviolable fidelity to truth must write of no man with affection or with hatred. Yet if my life but last, I have reserved for my old age the history of the deified Nerva's reign and of Trajan's rule, a richer and less perilous subject, because of the rare good fortune of an age in which we may feel what we wish and may say what we feel" (TACITUS, *Histories*, Book I: I).

reinado de Trajano, sua afirmativa pode expressar também o sentimento de tranquilidade que o reinado do imperador inspirou.

Essa parte da obra de Tácito é muito debatida entre seus estudiosos, sendo possível encontrar diferentes visões sobre seu significado. Uma dessas interpretações é dada por Griffin (2009, p. 176), que sustenta que essa assertiva é uma justificativa dada por Tácito, por meio da retórica, de que escreveria sem ódio ou sem amor, não como uma promessa de que não julgaria as pessoas, mas que faria isso de maneira justa e imparcial, indiferente de sua propensão pessoal. Na visão de Smith (2006, p. 438), os prefácios das obras dos autores antigos geralmente mostram traços retóricos mais marcantes, tendo em vista que esses homens tinham consciência de que poderiam escrever tendenciosamente; os prefácios, portanto, agiam como justificativas a fim de mascararem as reais intenções daqueles com promessas de serem fiéis à verdade ou de escreverem de modo neutro. Essa afirmação é semelhante à de Hartog (2001), que constrói seu trabalho com as compilações de prefácios de autores da antiguidade, pois são neles que os escritores evidenciam seus objetivos e mostram suas concepções e características; com os escritos taciteanos não foi diferente.

No tocante ao ofício de historiador de Tácito, existem muitos debates e análises de suas narrativas. Alguns estudiosos contemporâneos que versam sobre o historiador pontuam que seu objetivo era unicamente o de deleitar o público e não o de render informações históricas. No entanto, olhar para Tácito desse modo é limitar a sua obra e diminuir sua importância, uma vez que há indícios, até mesmo dentro de seus textos, de que tenha desempenhado a função de um pesquisador criterioso, que utilizava fontes escritas, oculares e orais, demonstrando assim um compromisso com a verdade e o desejo de divulgar os fatos históricos.

Muitos autores se ocuparam em identificar as possíveis fontes utilizadas pelo historiador, dentre os quais Momigliano (2004, p. 160) menciona alguns dos possíveis documentos utilizados por Tácito, tais como *acta diurna* e a *acta senatus*³⁴; os brevemente citados discursos antiquários de Cláudio; e a biografia de Helvídio Prisco composta por Herenio Senecio (I d.C.). Joly (2004) registra o uso de Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) e Salústio e Oakley (2009), o de *Quintus Curtius Rufus* (I d. C.). Também há evidências de que Tácito tenha recorrido a fontes orais do círculo político e oculares, na medida do possível, para compor *Histórias*.

³⁴Espécie de jornal da cidade, registros das reuniões do senado (MOMIGLIANO, 2004, p. 158).

Outras fontes exploradas por Tácito são mencionadas diretamente em suas obras. Assim, em *Histórias* são mencionados — e confrontados — Messala (I a.C.) e Plínio, o velho, acerca de diferentes versões de um mesmo ocorrido

Se esta foi à inspiração de Hormus, como diz Messala, ou se Caio Plínio, que culpa Antonius, é a autoridade melhor, eu não posso facilmente decidir; tudo o que posso dizer é que se era Antonius ou Hormus, crime este o mais monstruoso, não era indigno da vida e reputação de qualquer um (TÁCITO, *Histórias*, livro III: XXVIII)³⁵.

Semelhante a essas informações, Syme (1958) reafirma a grande influência de Salústio nas obras do historiador latino e sugere até mesmo que podem nestas serem encontrados trechos copiados literalmente daquele. O autor salienta que os capítulos iniciais das obras taciteanas são claramente tributos a Salústio, visto que expressam a moralidade bem como outras características comuns a ambos, entre as quais o uso de transcrição de discursos antes de narrar os eventos e fato de retratarem seus propósitos de forma moralista. Oakley (2009) concorda com essa perspectiva quando analisa o vocabulário de Tácito e identifica nele arcaísmo, poesias e metáforas, as quais impactavam os espectadores e que podem ser igualmente encontradas em Salústio.

No que tange ao propósito dos trabalhos de Tácito, a identificação da moralidade de suas obras é um dos temas mais comentados nesses estudos, o que rende diferentes perspectivas sobre o assunto e insinua possíveis relações entre diferentes autores da antiguidade.

Em relação a Salústio e a Tácito, ambos foram homens políticos, ainda que o primeiro, na sua maturidade, tenha se afastado dessas funções, e *homo novus*, aspectos esses que contribuíram para a sensação de paralelismo entre os dois autores. Há vertentes que citam o escritor republicano como um crítico da política de seu tempo, isto é, os anos finais da República, momento conturbado de mudanças políticas e sociais em Roma, o que faz com que suas palavras exprimissem propensão para os anos mais florescentes da República romana. De acordo com Syme (1958), mesmo que não tenha vivenciado o período, diversos momentos da fala de Tácito em diferentes obras atestam seu gosto pela República e pelo *mos maiorum*, semelhantemente a Salústio.

³⁵Whether this was the inspiration of Hormus, as Messala says, or whether Gaius Pliny, who blames Antonius, is the better authority, I cannot easily decide; all I can say is that whether it was Antonius or Hormus, this most monstrous crime was not unworthy of the life and reputation of either (TACITUS, *Histories*, book III: XXVIII).

Não devemos, no entanto, concluir que Tácito desejava o retorno da República, pois o que as palavras taciteanas manifestavam era a ânsia por um bom imperador e que os magistrados conseguissem com este governar Roma e não mais serem demasiadamente subordinados. Smith (2006, p. 444) confirma essa afirmação ao asseverar que os historiadores do Império, como o caso de Tácito, não se preocupavam com a Roma arcaica e sim com o passado recente, na medida em que os historiadores do Alto Império já haviam aceitado o novo modelo como um fato de suas vidas. A República e sua glória, por sua vez, pertenciam ao passado romano. Griffin (2009, p. 173) concorda com a questão de que o historiador não almejava o retorno da República ao afirmar que Tácito não foi dela um admirador acrítico; suas ideias, segundo esse estudioso, certamente evidenciam que, no início da República, havia liberdade, porém, nos finais desse modelo de governo, havia corrupção entre os homens. Sendo assim, Tácito não parecia acreditar que a liberdade retornaria com a restauração dos moldes republicanos, mas sim com um bom governante.

Nos escritos taciteanos, é possível identificar a influência da moralidade de Tito Lívio. Um desses lugares de encontro eram os prefácios: o momento em que Lívio descrevia sobre a diferença entre a moral do presente e do passado com um bom esforço retórico é similar nos escritos de Tácito. Todavia, sabemos que Lívio escreveu de forma mais romanceada do que Tácito, já que não teve a prática da vida política como o historiador do Principado teve.

Sabemos ainda que nas *Histórias* Tácito começa a narrar a partir do ano de 69 d.C.; os *Anais*, contudo, se iniciam com a época de Augusto, aproximadamente no momento em que a obra de Lívio termina. Esse recurso é similar ao método que Tucídides instaurou com sua visão da história como um *continuum* ao dar prosseguimento ao conteúdo trabalhado por Heródoto. Do mesmo modo que Tácito possivelmente continuou o conteúdo da obra de Lívio, tendo em vista haverem suposições de que o prefácio de *Histórias* faça uma alusão ao trabalho do historiador paduano

Eu inicio meu trabalho com o segundo consulado de Sêrvio Galba, quando Tito Vínio era seu colega. Muitos historiadores trataram dos oitocentos e vinte anos anteriores, desde a fundação de Roma, que enquanto lidavam com a República, escreveram com igual eloquência e liberdade (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: I)³⁶.

³⁶ I begin my work with the second consulship of Servius Galba, when Titus Vinius was his colleague. Many historians have treated of the earlier period of eight hundred and twenty from the founding of Rome, and while dealing with the Republic they have written with equal eloquence and freedom (TACITUS, *Histories*, Book I: I).

Tácito se refere aos historiadores que abordaram um período de mais de oitocentos anos anterior ao momento que escreve, isto é, desde a fundação de Roma, justamente aquele tratado por Lívio. Entretanto, não podemos impor limites ou atribuir nomes para a escrita de Tácito, visto que provavelmente ele poderia estar se referindo a outros historiadores que se dedicaram a escrever a respeito de séculos anteriores.

Para descrevermos algumas características dos escritos taciteanos, lembramos que Tácito teve uma formação na oratória antes de pretender ser um historiador, e que Cícero possivelmente tenha sido seu modelo. Essa influência pode ter se estendido até a concepção de *historia magistra vitae* no historiador, embora existam muitas dúvidas a esse respeito. Hartog (2001) aceita a ideia de que a história que Tácito empreendeu mantinha as características dessa como mestre da vida. Porém, nesse momento, os traços otimistas deram lugar aos pessimistas: a história conta a grandeza do passado e as obras taciteanas tentam exprimir uma lição das narrativas históricas.

Uma das características mais marcantes das obras históricas de Tácito é justamente o moralismo que permeia seus escritos, tanto no que se refere à ideia do que seja o trabalho dos historiadores quanto à conduta dos imperadores

[...] Mas depois da Batalha do Ácio, quando os interesses de paz requereram que todo o poder deveria se concentrar nas mãos de um único homem, escritores de mesma habilidade desapareceram; nesse momento a verdade histórica foi prejudicada de diversas maneiras: primeiro, pois os homens eram ignorantes acerca da política e esses assuntos não compunham suas preocupações; mais tarde, por causa de seu desejo apaixonado de bajular; ou ainda, por causa do ódio de seus mestres. Então, entre a hostilidade de um grupo e a servidão do outro, posteriormente foi negligenciada. Porém, enquanto os homens rapidamente transformam o historiador em quem consegue favores, eles escutam com ouvidos prontos para caluniar e ressentir; a adulação está sujeita a vergonha e servilismo, mas maldosamente mostra uma falsa sensação de independência (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: I)³⁷.

Essa parte da obra remete primeiramente à instauração do Principado, visto que a batalha do Ácio foi considerada o marco inicial desse modelo de governo. O Império em questão oficializou o poder concentrado nas mãos de um único homem, embora as antigas

³⁷ [...] But after the Battle of Actium, when the interests of peace required that all power should be concentrated in the hands of one man, writers of like ability disappeared; and at the time historical truth was impaired in many ways: first, because men were ignorant of politics as being not any concern of theirs; later, because of their passionate desire to flatter; or again, because of their hatred of their masters. So between the hostility of the one class and the servility of the other, posterity was disregarded. But while men quickly turn from a historian who carries favour, they listen with ready ears to calumny and spite; for flattery is subject to the shameful charge or servility, but malignity makes a false show of independence (TACITUS, *Histories*, Book I: I).

instituições republicanas tenham sido mantidas; essas medidas visavam à paz, já que os anos finais da República foram marcados por intensos conflitos e guerras civis. Devido a essa concentração de poder, Tácito sublinha que a liberdade da escrita da história foi afetada, pois agora havia interesses na escrita, com o objetivo de bajular e adular o imperador, o que caracterizava uma servidão, bem como depreciar e maldizer o governante, o que certamente prejudica a verdade que as narrativas históricas deveriam conter. O discurso taciteano destaca a queda da moralidade não apenas do imperador, mas dos grupos sociais romanos que se vendiam e bajulavam, frutos da decadência moral da plebe urbana.

Outra questão interessante que Tácito afirma nesse trecho é o uso que os historiadores faziam da história em prol do governo. Tal fato sugere que os escritos históricos poderiam funcionar como uma forma de propaganda do governo ou, de modo contrário, que poderiam ser empregados como mecanismos de oposição a ele.

No livro II de *Histórias* podemos encontrar mais uma vez Tácito mencionando especificamente o problema dos historiadores que adulavam os imperadores e modificavam a realidade com esse fim:

Os historiadores contemporâneos, os quais escreveram seus registros desta guerra enquanto a casa flaviana ocupava o trono, realmente registraram seu anseio pela paz e sua devoção pela República, falsificando motivos com o objetivo de bajular; mas a mim parece que ambos os homens, além de sua natural inconstância e além do fato de que após traírem Galba eles então tinham uma honra barata, foram movidos pela rivalidade mútua e por um medo ciumento de que seriam ultrapassados por outros no favor imperial, e, portanto derrubaram o próprio Vitélio (TÁCITO, *Histórias*, Livro II: CI)³⁸.

Tácito refere-se nessa passagem à guerra civil de 69 d.C., após a morte de Galba e quando Otão havia sido aclamado pelos soldados em Roma, ao passo que Vitélio havia sido feito imperador pelos soldados provinciais. Cita ainda a dinastia flaviana, cujos imperadores foram Vespasiano e seus filhos Tito e Domiciano, governantes esses que não agradaram à aristocracia imperial. Tácito demonstra a sensação de perigo sob a dinastia Flávia à medida que afirma que os historiadores modificaram o relato da verdade para

³⁸The contemporary historians, who wrote their accounts of this war while the Flavian house occupied the throne, have indeed recorded their anxiety for peace and devotion to the State (Republic), falsifying motives in order to flatter; but to me it seems that both men, in addition to their natural fickleness and the fact that after betraying Galba they then held their honour cheap, were moved by mutual rivalry and jealous fear that they would be surpassed by others in the imperial favour, and so overthrew Vitellius himself (TACITUS, *Histories*, book II: CI).

assegurarem a paz e continuarem tendo prestígio na casa imperial. Além disso, indica como os historiadores poderiam declinar na moral com intuito de servir aos governantes e derrubar outros; a assertiva também se presta para assinalar aqueles que haviam aclamado os imperadores após a morte de Galba, porque a honra já havia se perdido.

Tácito não faz referência somente à falta de moralidade dos historiadores e imperadores, como também dos políticos de um modo geral. Dessa forma, dificilmente encontramos elogios a respeito dos homens: apenas alguns casos isolados e que possivelmente são heranças dos traços da epopeia dentro da narrativa histórica; legado esse encontrado na descrição de heróis ou de atos heroicos, narrados de forma eloquente. Um desses casos é encontrado no relato sobre Semprônio Denso, um centurião que desviou para si a atenção dos otonianos para que Pisão, adotado por Galba, conseguisse fugir dos assassinos, de modo a sinalizar que ainda existiam homens virtuosos e leais, mas de forma individual

Um nobre herói naquele dia, nossa época contemplou na pessoa de Semprônio Denso. Ele foi um centurião da corte pretoriana, a quem Galba atribuiu para proteger Pisão; ele sacou sua adaga e correu para encontrar os homens armados; censurou-lhes por seu crime, e chamando a atenção dos assassinos para si mesmo por atos e palavras, deu a Pisão uma chance de escapar [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLIII)³⁹.

O episódio do centurião foi narrado com a retórica bem trabalhada para que exprimisse a emoção e o sacrifício do herói por aquilo que acreditava. Fato muito semelhante aos personagens épicos, quando estes passavam por aventuras e provações de caráter.

Podemos, nesse sentido, afirmar que Tácito foi um historiador político. Segundo Griffin (2009), ele entendia que o foco do ofício da história era perceber as mudanças políticas. Com a instauração do principado romano, Tácito acreditava que sua função como historiador era escrever sobre o governo, de forma a indicar inclusive o melhor modelo de governante; e a demonstrar que a tirania entre os homens políticos era muito comum em razão de muitos serem ignorantes nessa prática. Sendo assim, a história deveria fornecer bons exemplos à política.

³⁹ A noble hero on that day our own age beheld in the person of Sempronius Densus. He was a centurion of a praetorian cohort whom Galba, had assigned to protect Piso; he drew his dagger, rushed to meet the armed men, upbraided them for their crime, and drawing the attention of the assassins to himself by act and word, gave Piso a chance to escape [...] (TACITUS, *Histories*, book I: LXIII).

Tácito compôs suas narrativas históricas de acordo com o seu tempo. Para tanto, realizou pesquisas, recolheu informações e escreveu conforme o temperamento do público ouvinte e leitor. Isso significa que a história taciteana nunca é desinteressada e tampouco consegue se desvincular da política e da moral, uma vez que escrever sobre o passado à luz do presente ou de experiências recentes é tarefa que carrega perigo na escolha dos julgamentos. Mas para empreender seu trabalho, Tácito carregou as heranças gregas de Heródoto, Tucídides e Políbio ao escolher os temas referentes à política e à guerra e empregou métodos similares ao decretar a imparcialidade e defender a escrita da verdade. O historiador trouxe consigo as inovações romanas no campo da história com a questão da moral, de modo semelhante a Lívio, Salústio e até mesmo Cícero.

2.2 *Plutarco: vida e obras*

A respeito de Plutarco, poucas informações sobreviveram. É interessante pontuar que este compôs durante sua vida diversas biografias. Entretanto, não escreveu uma autobiografia. Os dados que dele possuímos são provenientes de comentários que fez sobre si, espalhados em distintas obras de sua autoria, e de uma inscrição na base da estátua do imperador Adriano, em Delfos.

Plutarco é originário de Queroneia, uma pequena cidade no interior da Beócia, província romana da Acaia. Em seus escritos, admite que sua cidade natal era pequena: “Mas quanto a mim, eu vivo em uma pequena cidade, e prefiro habitar ali que ela não pode se tornar ainda menor. [...]” (PLUTARCO, *Vida de Demóstenes*, II)⁴⁰. Essa, contudo, não foi uma região desconhecida, pois, corroborando Silva (2013), a cidade despontou na história greco-romana por ter servido de palco às batalhas de Filipe da Macedônia ao lado de seu jovem filho Alexandre, em 338 a.C., e de Sula, em 86 a.C. Não foi por acaso, no entanto, que a cidade se destacou nas batalhas históricas, visto que ostentava importância geopolítica por estar próxima ao desfiladeiro das Termópilas, sendo uma passagem entre a Grécia oriental e ocidental.

De uma família aristocrata local, supõe-se que Plutarco tenha nascido entre os anos de 45 e 48 d.C. e sua morte é datada entre os anos de 125 e 127 d.C., o que o torna contemporâneo de Tácito. Nicola Criniti (2013) relata que o autor beócio possuía um avô, Lâmprias, o qual despertara a admiração e a estima em Plutarco por ter sido refinado e

⁴⁰But as for me, I live in a small city, and I prefer to dwell there that it may not become smaller still [...] (PLUTARCH, *Life of Demosthenes*, II).

letrado. Sabemos ainda que esse autor foi bisneto de Nicargo. Muito dos nomes de membros familiares de Plutarco nos são conhecidos posto que serviram de interlocutores de alguns de seus ensaios, como em *Assuntos de Banquetes*, cujo organizador é seu irmão Timão; e as conversas entre seu pai Autóbulo e o irmão Lâmprias, que rememora os ditos do avô também chamado Lâmprias.

Outros nomes sobreviveram até a atualidade, como o de sua esposa Timôxena, que provavelmente se uniu a ele por volta de 70 d.C. e com quem teve os filhos Lâmprias, Autóbulo, Plutarco, Quéron, Soclaro, Timôxena e mais um filho ou filha de nome desconhecido. Conforme Criniti (2013, p. 01), há indícios de que Plutarco tenha tido uma boa relação com sua esposa. Quando, por exemplo, um de seus filhos ainda bebê falece, estando ele em viagem, compõe uma carta de consolo endereçada a sua companheira intitulada *Carta de Consolação à Esposa*. A epístola em questão demonstra a admiração de Plutarco por sua companheira, a qual descreve elogiosamente. Além de enaltecer seu caráter, a carta ainda rende outros dados da vida pessoal do queronense, como a morte de outros de seus filhos.

Plutarco dedicou muitos anos de sua vida aos estudos. Por volta de 60 d.C., sendo de família abastada, ele teve a oportunidade de ir a Atenas a fim de aprimorar sua educação. Ali, teve contato com as disciplinas de matemática, filosofia, ciências, retórica, e pôde aprofundar seu conhecimento religioso.

De acordo com Silva (2013), Plutarco foi discípulo do filósofo platônico Amônio; o qual, possivelmente, foi apresentado ao pensador queronense no ano de 67 d.C. em uma cerimônia pública em Atenas. Sabemos que Amônio era originário do Egito, mas vivia em Atenas, e que, em virtude de seu contato e de sua influência entre os romanos, havia conseguido a cidadania ateniense. Durante sua vida, desenvolveu ali a atividade hoplita e exerceu magistratura. Vale mencionar que o momento em que viveu Plutarco, o estudo das filosofias, inclusive da platônica, havia perdido espaço à dedicação da oratória e da retórica.

Embora não haja muitas informações a respeito, Criniti (2013, p. 02) nos traz a de que Plutarco viu surgir em Queroneia uma academia de cultura e filosofia, entre os anos de 78 e 80 d.C. Tal estabelecimento despertava o interesse entre gregos e romanos por ser um local conhecido de formação dos jovens para a filosofia e de difusão de ensinamentos que pudessem torná-los homens mais virtuosos e racionais.

Plutarco não foi unicamente um estudioso, uma vez que exerceu também algumas funções políticas, principalmente em âmbito local. Quando concluiu seus estudos em Atenas, retornou à Queroneia e foi nomeado embaixador junto com o procônsul da Acaia; foi superintendente da edilícia pública e chefe da guarda edilícia em sua cidade natal, bem como desempenhou as funções de beotarca, arconte epônimo, agnoteta dos jogos pítios; e foi ainda membro do Conselho dos Anfitriões. Silva (2006) assinala que, sob o governo de Trajano, Plutarco exerceu os cargos imperiais de procurador da Acaia, embaixador e procônsul, e recebeu honrarias pelo conjunto de suas *Obras Morais e de Costumes*.

Sabemos que por muitos anos Plutarco exerceu a função de sacerdote de Apolo permanente em Delfos; atividade que iniciou entre os anos de 95 e 100 d.C., momento em que não ocupava cargos públicos ou ministrava aulas e palestras, mas se dedicava àquela e, provavelmente, a escrever *Vidas Paralelas*.

Ao longo de sua vida, Plutarco não estudou filosofia somente para si, tendo viajado pelo Império ministrando aulas e palestras. Percorreu a Grécia e Egito, e acredita-se que entre os anos de 78 e 80 d.C. tenha ido até Roma, dando início às suas palestras acerca da ética e da moral na capital do Império. Porém, não parece ter residido em Roma, visto que as informações que possuímos é que o queronense não deixou sua cidade natal.

As aulas de Plutarco pelo Império, principalmente na capital, tiveram como público aristocratas e políticos influentes, o que lhe rendeu muitos contatos com homens importantes como sacerdotes, filósofos ou políticos; os quais, por sua vez, serviram de interlocutores em muitas de suas obras. Encontramos em seus escritos menção a Sóssio Senecião, como na primeira linha da *Vida de Teseu*: “Os historiógrafos, ó Sóssio Senecião, remetem para os confins das cartas geográficas aqueles espaços que escapam ao seu entendimento [...]” (PLUTARCO, *Vida de Teseu*, I: I).

O referido notável a quem Plutarco direciona a biografia de Teseu era um político que havia intermediado o contato entre o queronense e o imperador Trajano. Esta relação permitiu a Plutarco ter o direito de continuar viajando por Roma e de dar continuidade aos seus ensinamentos. Há indícios que revelam que Plutarco manteve relações próximas não só com Trajano como também com o imperador Adriano.

Plutarco conseguiu fama com seus ensinamentos e aproximação de políticos mais influentes como Lúcio Méstrio Floro⁴¹, posto que a amizade é mencionada em *Assuntos de Banquetes*; o político é referido ainda como acompanhante do autor beócio em uma

⁴¹*Lucius Mestrius Florus*.

viagem por Roma em *Vida de Otão*: “Mais tarde, quando estava viajando através da planície, Méstrio Floro, um dos homens de posição consular que estava naquele momento com Otão (forçado, e não por sua própria vontade) [...]” (PLUTARCO, *Vida de Otão*: XIV)⁴². Essa passagem mostra que Plutarco considerava Méstrio Floro honrado por não compactuar com Otão e evidencia uma relação estreita uma vez que viajavam juntos. Foi o político quem interveio para que Plutarco conseguisse a cidadania romana e, como forma de agradecimento, o biógrafo queronense adota o nome latino de Lúcio Méstrio Plutarco⁴³.

Ao longo de sua vida, Plutarco atinge uma grande soma de composições, sendo-lhe atribuídos duzentos e trinta e sete títulos, dos quais cerca de cento e trinta não chegaram até a contemporaneidade. Essas obras resultam das aulas e palestras proferidas em suas viagens pelo Império ou em sua cidade natal e foram classificadas em duas categorias gerais: as *Moralia* ou *Obras Morais e de Costumes* e as *Vidas Paralelas*. Acredita-se que tais composições começaram a ser produzidas por volta do ano 70 d.C.

As *Obras Morais e de Costumes* são compostas de pequenos tratados que compreendem os mais diversos assuntos. Na perspectiva de Luz (2013), totalizam cerca de setenta e cinco títulos, organizados em treze categorias: dissertação do gênero retórico; assuntos sobre animais; tratados filosóficos; moral; política; teologia; física; cosmologia; erudição; história; crítica literária; crítica histórica; e os inclassificáveis, em virtude de sua variedade temática: educação, amor, família, amizade e música.

Diante da pluralidade de temas que caracteriza esses tratados, os autores atuais consideram que Plutarco tenha abordado todos os assuntos humanos possíveis. Em razão disso, ao invés da denominação aceita, esses estudiosos sugerem que a melhor nomenclatura seria *Obras Diversas* (SILVA, 2013).

Vidas Paralelas ou *Vidas Comparadas* é denominação própria de Plutarco, como apresenta nas linhas iniciais da *Vida de Teseu*

[...] Ora também eu, que, para redigir as *Vidas Paralelas*, passei em revista a extensão de tempo passível de um relato verossímil e susceptível de uma investigação que se atenha a fatos, bem poderia afirmar das eras que a precedem. [...] (PLUTARCO, *Vidas de Teseu*, I: II).

Trata-se de um conjunto de biografias que dizem respeito à trajetória de vida de homens ilustres, gregos ou romanos, e que são comparadas entre si, ou seja, foram

⁴²At a later time, when I was travelling through the plain, Mestrius Florus, one of the men of consular rank who were at that time with Otho (by constraint, and not of their own will) [...] (PLUTARCH, *Life of Otho*: XIV).

⁴³*Lucius Mestrius Plutarchus*.

elaboradas em pares. A vida de um grego ilustre, por exemplo, era comparada ou descrita como similar à de um romano ilustre, de modo a demonstrar os vícios ou as virtudes por ambos compartilhados. Nem todas as biografias, entretanto, tiveram pares, como é o caso das biografias *Vidas de Galba e Otão*, selecionadas para o presente estudo. Conservadas até a atualidade, conhecemos vinte e três pares de biografias, quatro sem comparação e outras treze fragmentadas ou perdidas, como observamos nas Tabelas 1 a 3.

Tabela 1: <i>Biografias sobreviventes com comparação</i>	
1. Teseu e Rômulo	13. Pelópidas e Marcelo
2. Licurgo e Numa	14. Lisandro e Sula
3. Temístocles e Camilo	15. Pirro e Mário
4. Sólon e Públicola	16. Filopêmen e Tito Flamínio
5. Péricles e Fábio Máximo	17. Nícias e Crasso
6. Alcibíades e Coriolano	18. Cimão e Lúculo
7. Fócion e Catão	19. Dião e Bruto
8. Ágis e Cleômenes	20. Agesilau e Pompeu
9. Tibério e Caio Graco	21. Alexandre e César
10. Timoleão e Paulo Emílio	22. Demóstenes e Cícero
11. Eumênes e Sertório	23. Demétrio e Antônio
12. Aristides e Catão, o velho	

Tabela 2: <i>Biografias sobreviventes sem comparação</i>
1. Árato
2. Artaxerxes
3. Galba
4. Otão

Tabela 3: <i>Biografias perdidas ou fragmentadas</i>	
1. Augusto	8. Hércules
2. Tibério	9. Hesíodo
3. Cipião Africano	10. Píndaro
4. Cláudio	11. Crates
5. Nero	12. Deifanto
6. Caio César	13. Aristômenes
7. Vitélio	

Adaptado de: PERRIN, Bernadotte. The traditional order of Parallel Lives. In: PLUTARCH. **Parallel Lives**, vol. XI (Árato; Artaxerxes; Galba; Otho). Introduction, Translates and notes by Bernadotte Perrin. London/Cambridge/Massachusetts: Loeb classical library/ Harvard university press, 2014.

Em consonância com Pinheiro (2013, p. 64), as *Vidas Paralelas* de Plutarco não são completamente originais em estilo; segundo consta, Cornélio Nepos (100-25 a.C.) realizou

comparações entre vidas de forma semelhante. Na historiografia da antiguidade, inclusive, permanece o intuito de retratar personagens históricos como heróis. Dessa maneira, o paralelismo tinha o objetivo retórico de chamar a atenção de seu público leitor e passar a lição desejada aos dois povos distintos.

Para o presente trabalho, como já referimos, selecionamos as biografias *Vida de Galba e Vida de Otão* que, embora estejam categorizadas nas *Vidas Paralelas*, são duas das vidas que não possuem pares de comparação. Ademais, quando comparadas a outras biografias plutarqueanas, mostram-se peculiares à medida que possuem características divergentes das outras: são mais similares às narrativas históricas, considerando que privilegiam os assuntos políticos e militares mais do que a vida do biografado.

2.2.1 *Preservação das obras de Plutarco*

Plutarco foi muito conhecido entre seus contemporâneos posto que esteve presente na casa imperial e se relacionou com os imperadores Trajano e Adriano. É provável que sua produção tenha se iniciado no ano de 70 d.C., aos vinte e cinco anos de idade, quando retornou de sua formação em Atenas. Assim, temos conhecimento de que suas obras foram apreciadas por muitos aristocratas e políticos de seu tempo.

Pouco se sabe a respeito da preservação das obras plutarqueanas. Acredita-se que os tratados do autor queronense foram catalogados por Lâmprias, no tardio Império Romano. Silva (2013) relata que há informações de que, possivelmente, ele tenha catalogado e atribuído títulos às obras morais de Plutarco; no entanto, há poucos escritos que confirmem essa afirmação. Segundo a autora, o catálogo empreendido por Lâmprias é incompleto: por vezes omite informações, outras as traz de forma inconsistente, bem como atribui autoria para Plutarco de obras questionáveis.

O prestígio do qual gozava Plutarco era fruto de seus estudos sobre ética, filosofia e moral, ou pedagogia. Na visão de Criniti (2013, p. 05), mesmo que o autor queronense não tenha sido um cristão, foi frequentemente utilizado pelos pensadores do cristianismo — dentre os quais podemos identificar Eusébio de Cesareia (263-339 d.C.) e Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) — que o reviram devido às características éticas e à utilização da filosofia platônica, aspectos estes utilizados na explicação e na consolidação da religião cristã. Entretanto, no decorrer de alguns séculos no Ocidente, houve a diminuição de seu

emprego; voltando a ser utilizado com mais frequência apenas no humanismo italiano, por volta do século XIV.

É possível encontrarmos outra catalogação das obras de Plutarco composta por Máximo Planude (1260-1330 d.C.), monge bizantino que classificou os tratados entre os séculos XIII e XIV. Vale mencionar que foi o referido monge quem organizou as obras filosóficas, religiosas, de costumes e dos mais variados temas, como *Moralia* ou *Obras Morais e de Costumes*, embora o título não dê conta da complexidade e quantidade de assuntos.

A primeira tradução de que temos conhecimento das obras de Plutarco para uma língua vernácula é atribuída a Juan Fernández de Herédia, datada de 1385. No entanto, as análises atuais apontam para uma má tradução dado que esse tradutor fez modificações no conteúdo na tentativa de atualizar alguns termos ao seu período. Foi somente em 1559 que as obras plutarqueanas se difundiram, com a tradução para o francês realizada por Jacques Amyot. Além disso, é interessante observar que os escritos de Plutarco foram preservados e utilizados no campo da moral, da ética, da filosofia, da religião e da pedagogia, sendo pouco desenvolvidos ou até mesmo esquecidos no campo da política e da história.

2.2.2 A narrativa biográfica de Plutarco

Plutarco começou a escrever suas obras ainda jovem, o que possibilitou a volumosa quantidade de suas obras nos mais diversos temas. De acordo com Criniti (2013), a admiração alcançada por Plutarco se deve às suas biografias — ricas em informações e complexas — ainda que *Obras Morais e de Costumes* resulte na maior parte de sua produção. O autor queronense reservou a maturidade à escrita das vidas e se considerava um biógrafo por excelência, mesmo conhecendo bem as regras da composição da história, como ele aponta no prefácio da *Vida de Timoleonte*

Eu comecei a escrita das minhas “vidas” por causa dos outros, mas eu estou continuando o trabalho e deliciando-me agora por minha própria causa, usando a história como um espelho e esforçando de uma maneira para moldar e adornar minha vida em conformidade com as virtudes aqui representadas (PLUTARCO, *Vida de Timoleonte*: prefácio)⁴⁴.

⁴⁴I began the writing of my "Lives" for the sake of others, but I find that I am continuing the work and delighting in it now for my own sake also, using history as a mirror and endeavoring in a manner to fashion and adorn my life in conformity with the virtues therein depicted (PLUTARCH, *Life of Timoleon*: preface).

O autor beócio revela que iniciou seus trabalhos biográficos a pedido de outras pessoas, mas que tomou gosto pelo ofício e permaneceu a compô-las, a fim de falar dos vícios e das virtudes. O comentário na obra sobre Timoleonte é tido como um dos mais elucidativos acerca da biografia em seus tratados, embora tal temática também esteja no prefácio de *Vidas de Alexandre e César*

É sobre a vida do rei Alexandre e de César - que derrotou Pompeu - que estou escrevendo neste livro, e a quantidade de feitos que devem ser tratados é tão grande que não farei outro prefácio senão suplicando aos meus leitores que não se queixem, no caso de eu não falar de todas as famosas ações desses homens, nem mesmo falar exaustivamente de cada caso particular, mas resumir, na maior parte. Pois não são histórias que estou escrevendo, mas vidas; e nos mais ilustres feitos nem sempre estão manifestadas as virtudes e os vícios, ou melhor, é numa pequena coisa, como uma frase ou uma brincadeira, que muitas vezes faz melhor a revelação de um caráter, do que batalhas onde há milhares de quedas, ou grandiosos armamentos ou cerco de cidades. Portanto, assim como os pintores obtém a semelhança em seus retratos do rosto e da expressão dos olhos, em que o caráter é mostrado, mas faz pouco para as outras partes do corpo, por isso devem ser permitidos para eu mesmo dedicar os sinais das almas dos homens, e por meio destes, retratar a vida de cada um, deixando para outros a descrição dos grandes acontecimentos (PLUTARCO, *Vidas de Alexandre e César*: I)⁴⁵.

Como vimos no capítulo anterior, as biografias e as narrativas históricas muitas vezes se confundiam. Nesse prefácio, Plutarco avança que escreveria sobre vícios e virtudes por serem temáticas relegadas ao segundo plano na história; assim, as *Vidas Paralelas* eram “retratos da alma”. O autor teve a preocupação de diferenciar seu trabalho das narrativas históricas, o que pode ser um indício de que as fronteiras que as separavam não eram tão claras.

Concordando com a colocação anterior, Souza (2016) pontua que o principal objetivo dos biógrafos, inclusive de Plutarco era modelar as narrativas biográficas para definir o caráter do biografado e os acontecimentos políticos e militares ficavam em segundo plano. O queronense tinha por objetivo escrever sobre o passado centrado numa

⁴⁵It is the life of Alexander the king, and of Caesar, who overthrew Pompey, that I am writing in this book, and the multitude of the deeds to be treated is so great that I shall make no other preface than to entreat my readers, in case I do not tell of all the famous actions of these men, nor even speak exhaustively at all in each particular case, but in epitome for the most part, not to complain. For it is not Histories that I am writing, but Lives; and in the most illustrious deeds there is not always a manifestation of virtue or vice, nay, a slight thing like a phrase or a jest often makes a greater revelation of character than battles where thousands fall, or the greatest armaments, or sieges of cities. Accordingly, just as painters get the likenesses in their portraits from the face and the expression of the eyes, wherein the character shows itself, but make very little account of the other parts of the body, so I must be permitted to devote myself rather to the signs of the soul in men, and by means of these to portray the life of each, leaving to others the description of their great contests (PLUTARCH, *Life of Alexander e Caesar*, I).

personalidade para justamente se atentar aos valores morais e aos princípios éticos, e não para informar sobre os “grandes acontecimentos”.

Na teoria, as divergências pareciam bem demarcadas, mas na prática o ofício era semelhante. Portanto, o autor queronense deixa muito claro que sua preocupação é de escrever vidas, isto é, biografias, e para isso se atentará às virtudes e aos vícios, deixando de lado os grandes acontecimentos políticos e militares, que são temas centrais da história. Ocupar-se-á, portanto, de pequenos gestos dos indivíduos com a intenção de identificar os sinais que revelam o caráter ou a “alma” do biografado, similarmente ao que faziam os artistas quando da captura das expressões.

Devido à própria afirmação de Plutarco nas vidas de Alexandre e César, bem como a sua dedicação à filosofia, moral e ética, as biografias foram consideradas moralizantes e pedagógicas. Pinheiro (2013) pontua que uma das finalidades mais proeminentes era para a “mimesis paidêutica”, isto é, as vidas não possuíam unicamente o objetivo de deleite e beleza. Antes, foram escritas para serem úteis. Detinham, portanto, um papel pedagógico bastante forte, na medida em que esperava-se que seus leitores e espectadores sentissem o desejo de aprender com as condutas individuais e, por fim, imitá-las ou repudiá-las. Plutarco sabia que seu público, constituído por homens letrados, aristocratas e magistrados atuantes, não era completamente passivo e, nesse sentido, a imitação dependia do interesse desses sujeitos. Consequentemente, as obras de Plutarco não eram despreocupadas com seu contexto histórico ou desligadas da verdade e da política. Podemos atestar essa afirmação observando os sujeitos biografados, em sua maioria políticos e militares, bem como podemos lembrar que as biografias tinham como público receptor homens da mesma categoria.

As biografias de Plutarco não foram escritas com base em um padrão existente, mas geralmente obedeciam a um modelo: em sua maioria, eram escritas cronologicamente e compreendiam desde o nascimento do biografado, passando pela vida adulta com seus maiores feitos, até a morte. Conforme aponta Bakhtin (1998), além do fato de as vidas corresponderem ao estilo retórico, as biografias plutarqueanas se enquadram no tipo de biografia energética, ou seja, o tempo biográfico vai revelando aos poucos o caráter do biografado, uma vez que os traços de personalidade vão aparecendo no decorrer da narrativa.

Vidas de Galba e Otão, em particular, além de não pretenderem uma comparação entre os relatos, não seguem o modelo de narrativa que compreende desde o início da vida.

No caso de Galba, a narrativa tem início a partir do momento em que ele é aclamado imperador e se desenvolve com a descrição da situação imperial, no ano de 69 d.C., de forma a conceder grande expressividade aos momentos conflituosos do que ao caráter do imperador. No escrito sobre Otão, a narrativa começa exatamente no ponto em que a biografia de Galba termina, que é justamente após o assassinato do imperador ancião e a aclamação de Otão como novo governante, e seu conteúdo enfatiza o confronto entre o imperador e Vitélio.

Plutarco não negligencia a descrição dos vícios e virtudes de ambos os imperadores. A descrição principal, porém, centra-se nas realizações políticas e militares do período, ou seja, nas guerras civis de 68 e 69 d.C. Segundo Brandão (2010, p. 41), na introdução das traduções das *Vida de Galba* e *Vida de Otão*, a vida dos césares de Plutarco era mais próxima do que se entendia por história do que biografia, pois não seguiam o padrão comum de narração desde o nascimento até a morte do biografado. Dessa maneira, as biografias de Galba e Otão estão próximas do modo de escrita de Tácito, o qual se ocupa mais em retratar a situação política e em descrever as questões bélicas do que a vida palaciana e, principalmente, a vida do biografado. No entanto, não deixa de apresentar a sua opinião acerca dos imperadores biografados.

O autor queronense admite que compôs uma espécie de história nessas duas biografias, como fica claro no início da vida de Galba: “[...] Agora a precisa e circunstancial narração pertence à história formal; mas é meu dever também, não omitir tais incidentes que são dignos de menção nos atos e destinos dos Césares” (PLUTARCO, *Vida de Galba*, II)⁴⁶. Isto significa que o autor reconheceu divergir das características principais da biografia ao abordar feitos políticos e militares, assuntos típicos da história. Até mesmo em suas biografias tradicionais Plutarco reconhece a semelhança com a história, como em *Teseu*

Pareceu-me que o fundador da bela e famosa Atenas podia confrontar-se com o pai da invencível e gloriosa Roma. Seja-me, então, permitido submeter o elemento mítico à depuração da razão de modo a assumir, assim, uma perspectiva de História (PLUTARCO, *Vida de Teseu*, I: V).

Mais uma vez, Plutarco afirma aproximar-se do ofício do historiador; tanto para o mito fundador da Grécia quanto de Roma precisou ele empreender um método histórico

⁴⁶Now, the accurate and circumstantial narration of these events belongs to formal history; but it is my duty also not to omit such incidents as are worthy of mention in the deeds and fates of the Caesars (PLUTARCH, *Life of Galba*: II).

para chegar à verdade. A historiografia aborda a questão de que as biografias não respeitavam um método rigoroso para a composição de vidas. Nesse sentido, Mestre (2007) alega que, tradicionalmente, elas eram consideradas menos rigorosas em seu método posto que não demonstrassem propor um rigor científico meticuloso; eram ainda mais propensas a dar ênfase à moral ou à “psicologia” de modo a não revelarem preocupação com as fontes de informação, o que possibilitava a indução dos exemplos. Conforme Luz (2013), até mesmo os homens da antiguidade consideravam a biografia algo à parte da historiografia, como se os biógrafos não se atentassem tanto para a confiabilidade e a veracidade das fontes, já que a verdade dos acontecimentos era esperada pela história.

Atualmente, há muitos pesquisadores partilhando da ideia de que Plutarco foi cauteloso e sério na composição de suas biografias, inclusive aproximando-o a um historiador. Pinheiro (2013) é um dos exemplos que consideram Plutarco pesquisador semelhante a um historiador. O autor baseia sua perspectiva na quantidade de autores citados em meio aos escritos do pensador queronense e na diferenciação, na obra deste, do que era lendário e do que poderia ser real. Plutarco, assim como os historiadores, creditava os mais diversos tipos de documentos, visto que usou fontes escritas, orais e monumentais.

Silva (2013) se atenta igualmente para os cuidados de Plutarco em seus trabalhos, na introdução *Da Malícia de Heródoto*. A autora aponta que o autor queronense realiza dois discursos diferentes em suas obras. Nos tratados reunidos nas *Obras Morais e de Costumes*, o uso da retórica é muito presente, enquanto que as biografias são muito mais preocupadas com a história e as informações verídicas. Essa distinção pode ser explicada em virtude do primeiro conjunto de obras necessitar ser sustentado, a fim de convencer o público, ao passo que na segunda reunião de trabalhos o autor beócio precisa passar seu conhecimento ao público espectador.

Um desses momentos em que Plutarco se aproxima muito de um historiador, de forma a demonstrar preocupação com a seleção das fontes de informação, é no episódio em que ele afirma estar viajando por Roma com Méstrio Floro e é por este informado de haver visto o Bedríaco depois da batalha; fato este decisivo na disputa entre Otão e Vitélio: “[...] apontou para mim um templo antigo, e me contou como, já que ele chegou depois da batalha, viu uma pilha tão alta de cadáveres como o topo do frontão do templo [...]”

(PLUTARCO, *Vida de Otão*, XIV)⁴⁷. Isso pressupõe que Méstrio Floro era uma testemunha confiável, já que viu o resultado do confronto. O autor queronense dava muita credibilidade aos relatos proferidos por homens que haviam vivenciado os acontecimentos.

Silva (2006) analisa as biografias espartanas⁴⁸ e considera o trabalho do biógrafo um tipo de escrita da história, ao empreender uma investigação sistemática e se preocupar em retratar a verdade dos fatos. A autora reconhece que com a brevidade de uma vida não seja possível conhecer o desenrolar dos fatos nem mesmo desenvolvê-los, mas é praticável explicar alguns elementos. Dessa forma, afirma a autora que, quando Plutarco compôs suas biografias, não se ocupou exclusivamente com a moralidade, mas também com o contexto do biografado.

Podemos identificar esse trabalho de historiador em Plutarco tendo como base seu próprio conhecimento a respeito de tal ofício, exposto em seu tratado *Da Malícia de Heródoto*. Ali, está presente uma crítica ao historiador em questão e deixa transparecer que seus modelos proveem de Tucídides e Xenofonte. A escolha de Plutarco por esses modelos se dá em virtude desses historiadores serem comprometidos com a verdade, o que para ele significa que ambos escolhiam as fontes de informação mais seguras, como documentos oculares ou testemunhos confiáveis. Além disso, Plutarco conhecia o ofício da história e os temas que ela compreendia, e esses historiadores correspondiam à sua perspectiva ao empregarem um rigor na escrita e preferirem os grandes acontecimentos relacionados à política e à guerra.

O referido tratado *Da Malícia de Heródoto*, embora utilize de muitos recursos retóricos em virtude do objetivo de convencimento, traz informações valiosas do que seria o compromisso do historiador para Plutarco. Quando este escreve acerca da existência de diversas versões a respeito de um mesmo acontecimento nas obras de Heródoto, aconselha cuidado

[...] estabeleço como sinal de comportamento não benévolo na história quando há, dentre os relatos, dois ou mais sobre um mesmo assunto e se concorda com o pior. Pois se permite aos sofistas por ofício ou reputação, para adornar os discursos, tomar o menos verdadeiro, porque não produzem uma prova sólida sobre o fato e nem negam muitas vezes a argumentar o incrível sobre fatos duvidosos. Quem escreve história é justo que relate a verdade o que sabe e, dentre os eventos obscuros,

⁴⁷[...] pointed out to me an ancient temple, and told me how, as He came up to it after the battle, he saw a heap of dead bodies so high that those on top of it touched the gable of the temple [...] (PLUTARCH, *Life of Otho*, XIV).

⁴⁸*Vida de Licurgo; Vida de Agesilau; Vida de Ágis; e Vida de Cleômenes.*

pareça relatar de modo verdadeiro os melhores, mais que os piores (PLUTARCO, *Da Malícia de Heródoto*, 855F).

Fica evidente o cuidado do autor queronense com a descrição da verdade e a preocupação com a manipulação dos fatos. Segundo Pinheiro (2013, p. 72), quando Plutarco fica diante de diversas versões, escolhe a mais aceita pela maioria e isenta-se da preferência individual. Essa medida deixa Plutarco muito próximo do que Tucídides atribuiu para a verdade na narrativa histórica. Este último, ainda que não empregasse o mesmo recurso, passava a confiança de que tinha escrito o que realmente acontecera e escolhido a versão dos fatos de modo imparcial, responsabilizando-se pelo que compunha. Plutarco resume na assertiva precisamente essa ideia de transmitir a verdade para o público leitor ou espectador por meio da versão mais confiável, sem confrontar diferentes versões e tender para a insegura.

No que se refere à temática da política, por muito tempo negligenciada nas análises dos trabalhos de Plutarco, ela hoje é considerada presença praticamente incontestável em seus ensaios biográficos. A começar pelos sujeitos das narrativas, em sua maioria políticos, militares, legisladores, oradores, filósofos e escritores. Seu público receptor pertencia às mesmas categorias de seus biografados. A partir disso, deduzimos que nem as narrativas e tampouco o biógrafo queronense estavam desligados do campo político. Entretanto, segundo Aalders (1982), a política em Plutarco é tratada em menores proporções e as biografias versam sobre esse tema no contexto geral; afirmativa esta, contudo, questionável quando analisamos as vidas de modo mais detalhado. Se nos atentarmos, por exemplo, para as biografias de Galba e Otão - narrativas pouco estudadas ou até mesmo esquecidas das análises — a política é uma temática evidente nos escritos do autor queronense, o que caracteriza Plutarco como biógrafo e historiador.

Não apenas nas biografias, mas nos ensaios sobre a moral e os costumes, Plutarco aborda o assunto político e alguns estudiosos trabalham com essa abordagem, dentre eles Aalders (1982), que afirma que o autor queronense demonstrou pensar que a política para o homem é a atividade da máxima importância, cujo significado é primordial para a vida humana. Isso pressupõe que Plutarco percebe que a civilidade tem início com a organização política. A seu ver, a política é uma das atividades que requerem o mais alto refinamento do homem, uma vez que é uma das mais nobres ocupações e agrada aos deuses com o bom trabalho. É perceptível que na maioria dos trabalhos do queronense voltados à política esta seja tratada no período mais arcaico. Isso não significa que Plutarco

seja nostálgico, ou que almeje a aplicabilidade desses modelos em sua contemporaneidade, e sim que apontar a luz sobre o passado funcione para ele como um norte à sabedoria e à moral. Além disso, Plutarco não possuía um modelo ideal político; sua ideia de governo se baseava nos valores morais e, a partir da qual, o governante deveria agir em prol da comunidade. Plutarco se mostra atento às questões de sua contemporaneidade, que se dividia entre a nova realidade da polis grega e a presença imperial dos romanos.

Resistindo ou não à cultura romana, devemos considerar que Plutarco estava imerso na política local bem como na imperial. Citamos Silva (2008), que sustenta que em meio às vidas paralelas é possível encontrar as *Máximas dos reis e dos generais*, dedicadas a Trajano e escritas por volta do ano de 97 d.C. Essas máximas expressam o desejo de Plutarco em ser útil a Trajano com o intuito de conseguir em troca benefícios à sua região. E, possivelmente, o autor queronense se portou de modo semelhante com os demais imperadores com quem teve contato; é provável que tenha mantido boas relações com o imperador Adriano, já que seu nome pode ser encontrado em uma estátua do busto de tal imperador.

No entanto, devemos ressaltar ainda que Plutarco teve uma vida distinta de Tácito e, por esse motivo, não podemos afirmar com certeza se os seus propósitos eram os mesmos que o historiador. Tácito teve uma vida voltada para as magistraturas, correspondentes à mais alta categoria dos romanos; esteve imerso na política dos antoninos e participou ativamente das questões do período, declarando que seus modelos positivos eram Nerva e Trajano. Enquanto Plutarco, não exercendo altas magistraturas, estava mais inserido em seu “mundo grego”; o que faz seus trabalhos serem menos voltados ao poder imperial do que os de Tácito e mais orientados à sua concepção moral dos homens em geral. Ademais, não deixou declarado que seus modelos de governantes eram os antoninos.

É importante assinalar ainda que, por mais que Plutarco incluía assuntos políticos em seus trabalhos e utilizasse fatos tidos como históricos, seu objetivo como biógrafo era moral e ético. Assim como Brandão (2009) defende que o propósito principal dos biógrafos do período imperial romano não era o de analisar as causas históricas e políticas, a não ser que estas influenciassem diretamente algum acontecimento da vida do biografado, tendo em vista que o conteúdo das narrativas biográficas eram centralizado na vida de um homem. Plutarco age em conformidade com essa ideia. Apesar de ter dado ênfase às guerras civis, seu objetivo maior como biógrafo era delinear a imagem dos sujeitos biografados por meio de suas ações frente a situações tensas. De modo particular,

as biografias de Galba e Otão possuem muitos elementos considerados históricos e políticos e, possivelmente, podem ter sido produzidas para serem úteis aos imperadores contemporâneos às realizações, como Trajano e Adriano, na medida em que objetivavam render algum ensinamento aos aristocratas de modo geral. Devemos, contudo, considerar que as biografias em questão, ao apresentarem conteúdos muito específicos, relativos aos de 68 e 69 d.C., distinguem-se das demais elaboradas pelo autor queronense.

Concordamos ainda com o que Brandão (2010) considerou como sendo aproximações entre a narrativa biográfica de Plutarco e a narrativa histórica de Tácito: a utilização da medida cronológica do governo dos imperadores a fim de relatar as ocorrências políticas e militares de um período no início do Império Romano; isso implica que ambos podem ter utilizado fontes similares e tinham objetivos muito próximos. Aliás, tanto o historiador como o biógrafo, cada um com seu próprio propósito, preocuparam-se com a moralidade no período imperial, já que ambos criaram uma imagem dos imperadores das guerras civis de 68 e 69 d.C. de forma semelhante. Imparcialidade na descrição dos fatos, pois pretenderam narrar de forma distante; cautela no uso e na escolha das fontes, visto que selecionaram as versões mais comuns; e preocupação com alguma questão política no Principado, já que o principal assunto fora a tensão política que esse ano simbolizou.

CAPÍTULO III

O PRINCIPADO ROMANO E O EXERCÍCIO DO PODER IMPERIAL

3.1 A instituição do Principado

Ao analisarmos os trabalhos de Tácito e Plutarco, contemporâneos da segunda metade do século I d.C. e início do século II d.C., é necessário compreendermos o momento em que viveram, pois tanto um quanto o outro se ocuparam em suas obras em tratar de modo semelhante de um passado recente, isto é, a respeito do Principado. Ambos descreveram a situação política conflituosa dos anos de 68 e 69 d.C. e deram expressividade ao caráter negativo dos imperadores da guerra civil Galba, Otão e Vitélio. Isso demonstra que eles estavam integrados ao seu momento histórico, assim como ao sistema político de Roma e, por isso, se ocupavam dessas temáticas.

Em conformidade com Morgan (2006), além de compreendermos o momento que os autores vivenciaram, quando direcionamos nosso olhar para o conhecido “ano dos quatro imperadores” ou “guerras civis de 68/69 d.C.”, devemos retroceder aos anos anteriores, ainda durante o governo de Otávio (63 a.C.-14 d.C., governou entre 27 a.C.-14 d.C.), quando o Principado estava estabelecendo suas formas, para que possamos identificar as questões que não foram bem determinadas, uma vez que são esses os problemas que culminaram nos conflitos depois da morte do imperador Nero (37-68 d.C., governou entre 54-68 d.C.). É importante destacar que Roma foi, ao longo da República ou do Principado, um regime regido por uma elite cidadã, isto é, com ou sem a figura do imperador, os magistrados e senadores tinham poder para encaminhar algumas decisões, embora com diferentes graus dependendo do período ou imperador em exercício.

O regime político romano durante muitos séculos foi regido pela *res publica* que, etimologicamente, significa tudo aquilo que era público, que compreendia em seu significado o Estado, as leis e o interesse comum, pois os romanos não atribuíam nomes para seus modelos políticos especificamente. Tradicionalmente, a política romana era contrária à ideia de monarquia ou da concentração dos poderes político e militar nas mãos de um único homem visto que, durante o período republicano, o poder se encontrava sob as regras da oligarquia e o senado compunha parte do cenário das magistraturas e ex-magistrados, que deveriam representar os interesses dos cidadãos, principalmente das ordens dirigentes.

Como é comum encontrarmos na historiografia acerca do império romano, Mendes (2006) afirma que, desde os tempos da República, Roma empreendia uma política de conquistas de povos e territórios. Suas maiores expansões na região do Mediterrâneo se deram aproximadamente no século III a.C. com as Guerras Púnicas, nas quais Roma e Cartago se enfrentaram em vários momentos com o objetivo de consolidar seu poderio por essa localidade. Diante dessas conquistas, o senado não conseguia mais responder à nova situação de Roma, detentora de outros territórios e com novos povos integrados ao seu sistema. De um funcionamento onde ocorriam assembleias e debates entre os magistrados e senadores, passou a ser organizada por um sistema mais representativo, com menos debates. A situação de guerra fez necessária a centralização do poder e o exercício das magistraturas por um período maior do que um ano.

Pelos novos domínios romanos, as guerras e guerras civis passaram a ser constantes e por vezes generalizadas, simbolizando um período conturbado, já que as províncias requeriam um modelo de governo que as incluísse na estrutura. Mendes (2006) concorda que, frente a esses acontecimentos, os magistrados passaram a exercer suas funções oficialmente durante o período determinado, que naquele momento se estendia por mais de um ano. Quando acabava o mandato, era possível manter a autoridade em alguns casos, situação que facilitou aos políticos e militares concentrarem poderes em suas mãos, como os casos de Mário (157-86 a.C.), Sula (138-78 a.C.), Júlio César (100-44 a.C.) e Pompeu (106-48 a.C.).

Nesse contexto de expansão de territórios e de mudanças políticas, uma das inovações do regime imperial foi apresentada: a ampliação da concessão da cidadania aos povos sob o domínio de Roma. A princípio, essa expansão continuou a ser limitada, pois, apesar de Roma estar instituindo uma espécie de monarquia imperial e ampliando a cidadania, Otávio tinha consciência de que o Senado permanecia influente e de que o pensamento desta instituição continuava, de certa forma, conservador, isto é, restritivo.

Os desdobramentos advindos da incorporação de povos na estrutura social e política romana são avaliados por diferentes historiadores. Alföldy (1989), por exemplo, sustenta que a ampliação da cidadania, embora não generalizada, se traduziu em um crescimento da aristocracia imperial e em um esforço para a coesão das elites locais. Essa medida de ampliação da cidadania, que teve no início do regime imperial, influenciou posteriormente na condição dos autores estudados na presente pesquisa, Tácito e Plutarco,

os quais não eram de famílias tipicamente romanas, mas que conseguiram a cidadania em virtude dessa abertura.

Por outro lado, nos anos iniciais do Principado, os novos cidadãos não possuíam os mesmos privilégios de um romano de nascimento; no entanto, gozavam de alguns direitos militares e fiscais. Com o passar dos anos e com as mudanças ocorridas no sistema político, houve uma diminuição dessas diferenças. Em consonância com Rivas (2007), no início do período imperial, por ocasião da dinastia julia-claudiana (27 a.C.-68 d.C.), era feita uma classificação dos homens que habitavam os domínios de Roma organizada da seguinte forma: latinos, que representavam um *status* jurídico diferente do romano; *latini veteri*, que eram os habitantes do Lácio da antiga aliança com os romanos e, em decorrência disso, muitas vezes poderiam possuir plenos direitos; *latini coloniarii*, que eram os aliados de Roma, mas não se caracterizavam como tais; *latini iuniani* eram os libertos que tinham as condições para conseguir a cidadania quando conquistavam a liberdade; e os *peregrinos* que eram homens livres sem, contudo, possuírem a cidadania romana, isto é, nasceram sem ela ou, por alguma razão, a haviam perdido. Ser cidadão romano poderia ter diversas significações, o que explica em parte essas diferenciações. A cidadania poderia estar representada na forma de contemplar a realidade, de apreciar aos outros e à própria cultura, na forma de se vestir, falar, se expressar e até de organizar a família.

Em relação às ordens dirigentes do Império, estas permaneceram sendo o *ordo senatorius* e o *ordo equestres* com algumas reformulações. Como exemplo, Werner (2008) destaca que Augusto estabeleceu que, para que um membro compusesse a ordem equestre, deveria possuir 400 mil sestércios de riqueza. Chastagnol (1992), que realiza um trabalho sobre as mudanças na ordem senatorial no Principado, acrescenta que houve uma espécie de progresso nesta ordem social: para que ela pudesse se manter entre os reinos de Calígula (12-41 d.C., governou entre 37-41 d.C.) e Claudio (10 a.C.-54 d.C., governou entre 41-54 d.C.), passou a aceitar os membros da ordem equestre.

Diante dessas transformações na sociedade romana, Brunt (1982) pontua que, entre a *nobilitas* e a *novitas*, as diferenças passaram, de forma gradual, a ser menos visíveis. Inicialmente, a *nobilitas* era composta por romanos de nascimento, denominados patrícios, que pertenciam ao *ordo senatorius*. Com o tempo, no entanto, essa concepção foi alterada e os *homines novi* foram aceitos em sua composição, isto é, cidadãos romanos de origens

provinciais que pertenciam à ordem equestre. Estes compreendiam os plebeus que percorriam as funções do *cursus honorum*.

O processo de transformação resultante das ampliações da cidadania e as mudanças nas conjunturas políticas tornaram necessária a figura de um homem para governar o Império constituído. Esse indivíduo, apesar de, na prática, concentrar um grande poder em suas mãos, deveria ser aparentemente o restaurador da República tradicional de Roma e manter as aparências desse sistema republicano; situação que Salcedo (2010) traduz na expressão de que o império romano era o “império dos cidadãos”. Isso significa que, muito embora Roma houvesse instituído uma figura condutora como o imperador, os cidadãos, principalmente aqueles das camadas superiores que poderiam exercer magistraturas ou compor o senado, continuavam a deter grande controle militar e político em conjunto com o governante.

De acordo com Garnsey e Saller (1982), Otávio, filho adotivo de Júlio César (100-44 a.C.), era o mais bem preparado para exercer o comando de Roma, visto que conhecia e respeitava a intencionalidade dos romanos de retornar aos antigos moldes republicanos. Béranger (1953) segue a mesma perspectiva ao assinalar que o regime imperial deveria ser uma política de transição para o retorno da República e, sendo assim, a figura do governante deveria negar o absolutismo e evitar o abuso de poder. Por outro lado, outros autores, como Griffin (2009), discordam desse entendimento de que haveria um desejo de retorno à República por parte dos romanos contemporâneos ao período inicial do Principado, mas assinalam que estes ansiavam pela paz e pela manutenção do poder dos senadores na política, e almejavam um governante preparado.

Na ótica de Boissier (1909, p. 65), as mudanças políticas do período imperial fizeram com que o senado ficasse insatisfeito, uma vez que o imperador gozava de muitos poderes; isto fez com que, principalmente o senado e os magistrados, perdessem parte de seu prestígio. Com a instauração do Principado, o senado foi reformado, pois Otávio diminuiu a quantidade de membros desse corpo, bem como passou a decidir quais as resoluções deveriam ser encaminhadas para a discussão dessa instituição. Como consequência, o senado passou de uma instituição que deveria limitar os poderes do imperador a um corpo que adulava e aceitava as decisões dos governantes, a fim de não sofrer com perseguições e vinganças. A isso se soma o fato de que o regime imperial não agradou a todos: havia aqueles que empreendiam uma oposição sistemática ao poderio, geralmente através das obras literárias.

Devemos considerar que a discussão acerca da política em Roma é muito divergente e os autores muitas vezes não compactuam com as mesmas ideias. Como, por exemplo, a noção de que as obras literárias atuavam como oposição sistemática ao regime imperial, proposta por Boissier (1909, p. 74), não corresponde à perspectiva de Joly (2004). Para este, os escritos com teor negativo, presente em algumas obras no Principado, não eram de caráter oposto ao sistema político, mas sim de denúncia da má condução do Império que levava à servidão, a qual poderia ser melhorada com governantes preparados. Além disso, nem todos os senadores agiam de forma adulatoria ou amedrontada, ou seja, havia os que exerciam seu papel de limitação do poder do imperador.

Tácito ilustra a situação de insegurança que o regime imperial podia proporcionar com uma descrição da ascensão de Otão ao poder

O Senado e o povo pareciam completamente mudados: todos correram para o acampamento, esforçando-se para chegar próximo dele (*Otão*) e ultrapassar os anteriores; eles investiram contra Galba e elogiaram a decisão dos soldados, cobriram a mão de Otão com beijos, e faziam atos extravagantes, proporcionais a suas falsidades (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: XLV)⁴⁹.

Nesse trecho, o historiador Tácito descreve um ato de adulação direcionado ao então proclamado imperador Otão. A passagem compreende a narração seguinte à conspiração dos pretorianos contra Galba, que rendeu a morte violenta ao então imperador. O historiador escreve que o Senado e a plebe agradavam e acariciavam os conspiradores, mas de forma fingida, o que demonstra que o regime instituído se caracterizou como um período instável, de medo, que gerava adulações por parte da instituição senatorial. Contudo, esta não estava completamente submetida aos desejos do imperador, considerando que parte de suas ações era encenação apenas.

Segundo tal perspectiva, Werner (2008, p. 214) afirma que a relação que se estabeleceu entre o Senado e o imperador não era fácil. Ao mesmo tempo que havia um Senado tenso e temeroso das consequências que podia sofrer por parte do imperador, caso o confrontasse, este também não estava completamente seguro em seu posto, já que instituição senatorial também poderia conspirar contra a sua vida, caso não legitimassem seu governo.

⁴⁹ The senate and the people seemed wholly changed: all rushed to the camp, striving to pass those next them and to overtake those before; they inveighed against Galba, praised the soldiers' decision, covered Otho's hand with kisses, the extravagance of their acts being in direct proportion to their falsity (TACITUS, *Histories*, book I: XLV).

Não conseguimos assinalar o início do Principado e nem mesmo a literatura e os homens públicos contemporâneos ao período conseguiram estabelecer efetivamente a gênese desse complexo modelo político. Tácito em *Histórias* escreve como marco inicial a batalha do Ácio, ocorrida por volta do ano de 31 a.C.: “[...] Mas depois da Batalha do Ácio, quando os interesses de paz requereram que todo o poder deveria se concentrar nas mãos de um único homem [...]”⁵⁰ (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I). Entretanto, não há consenso quanto a essa precisão; até mesmo o historiador admite que as características que se consolidariam no Império tinham raízes bem antigas

A velha ganância pelo poder, muito enraizada desde o início, veio em pleno crescimento e ultrapassou os limites quando o império se tornou grande. Quando os recursos eram moderados, a igualdade era facilmente mantida, mas quando o mundo foi subjugado e os Estados rivais e reis destruídos, então os homens foram livres para cobiçar riquezas sem ansiedade, em seguida as primeiras disputas entre patrícios e plebeus eclodiram (TÁCITO, *Histórias*, livro II: XXXVIII)⁵¹.

Tácito se refere às primeiras lutas de conquistas que, provavelmente, ocorreram na região da Itália, e que correspondem às primeiras alianças estabelecidas em Roma. O historiador aventa que foi a partir daí, quando a República ainda estava em bom funcionamento, que os interesses pessoais levaram os homens a manifestar os primeiros sinais do que aconteceria no futuro. Assim, o início do Império já se encontrava na República.

Tanto Hellegouarch (1970) quanto Rougé (1969) concordam com essa complexidade do funcionamento do poder. O primeiro afirma que, por mais que pareça contraditório comparar a participação de cidadãos e principado, em Roma essa relação existia e expressava um pensamento político da época. O segundo escreve que a monarquia imperial foi um sistema misto, que não trouxe novos elementos quando comparado às instituições existentes no período anterior. Ainda de acordo com esse autor, o poder do imperador deveria ser exercido como uma magistratura, porém com caráter e atribuições extraordinárias, isto é, precisava da aprovação dos demais magistrados para o funcionamento. Além disso, há indícios que demonstram que até mesmo o próprio Otávio

³ [...] but after the Battle of Actium, when the interests of peace required that all power should be concentrated in the hands of one man [...] (TACITUS, *Histories*, book I: I).

⁵¹ The old greed for power, long ingrained in making, came to full growth and broke bounds as the empire became great. When resources were moderate, equality was easily maintained; but when the world had been subjugated and rival states or kings destroyed, so that men were free to covet wealth without anxiety, then the first quarrels between patricians and plebeians broke out (TACITUS, *Histories*, book II: XXXVIII).

via seus poderes como cargos das magistraturas, mas, ao contrário dos convencionais, eles eram vitalícios e, de certa forma, eram suas decisões as que sobressaíam.

Werner (2008) aponta que o período inicial do Principado teve uma presença considerável do Senado ainda nas decisões políticas, visto que todos os aspirantes ao posto mais elevado de Roma deveriam ter exercido carreira política; embora nem todos os que chegaram ao posto assim o tenham feito. A legitimação dos possíveis governantes também dependia da aprovação senatorial; uma vez que, depois das guerras civis de 68 e 69 d.C., quando os militares expressaram maior poder e o senado quase não teve expressividade nas decisões, há indícios de que a instituição senatorial tenha se fortalecido e tornado mais participativa politicamente.

De modo similar, Rowe (2006, p. 114) assevera que, atualmente, os estudos numismáticos do período de Otávio revelam que ele foi representado como o principal governante, mas, ao mesmo tempo, que ele se preocupava em parecer como um dos vários magistrados romanos, esforçando-se para demonstrar a soberania dos cidadãos, principalmente os das ordens dirigentes. Logo, Roma permanecia sendo uma República oficialmente, porém com um condutor.

O senado romano foi referência de muitos debates atuais acerca da antiguidade. Segundo Rougé (1969, p. 109), Augusto expulsou os membros dessa instituição favoráveis às guerras civis. De uma composição de mil membros, originalmente, reduziu-se a seiscentos integrantes; embora essa quantidade e composição tenham se alterado com os demais imperadores. Garnsey e Saller (1982, p. 02) asseveram que o fato de Augusto ter reformado o corpo senatorial e de ter sido responsável por regulá-lo, resultou em uma relação nem sempre fácil entre ambos. Além disso, acrescentam esses autores que o imperador tinha o direito de indicar e de excluir membros dessa instituição, bem como o de escolher os membros do *consilium*. Concomitante a essa autoridade, ele deveria, entretanto, demonstrar que não era absoluto sobre o senado. Werner (2008, p. 227) complementa essa perspectiva ao afirmar que foi durante o governo de Otávio que a carreira política de um senador ou de um equestre foi estabelecida e a trajetória das elevações dos cargos políticos, facilitada, caso o indivíduo fosse partidário do governante.

Otávio é considerado efetivamente o primeiro imperador, mas seus poderes foram conquistados aos poucos, com cautela e reformas. Rowe (2006) atesta que o primeiro imperador parecia possuir poderes excepcionais. Contudo, grande parte de seu poderio era proveniente da autoridade que as magistraturas rendiam, apesar de que detivesse adições

políticas, militares e uma aura religiosa, isto é, suas funções eram vitalícias e sua decisão sobressaía sobre as demais. A princípio, o filho adotivo de Júlio César negou todas as suas conquistas de poder, mas em uma sessão do senado, em 27 a.C., foi considerado capaz de governar a República. Visto como o restaurador da paz, Otávio ostentava a fama de ter conseguido colocar fim aos conflitos existentes até então ou a de ser considerado aquele que conseguiria devolver a liberdade à Roma. Em razão disso, a ele foi atribuído o título de *Augustus*.

Frente a essas inovações que a instituição do principado trouxe à Roma, devemos considerar que o regime imperial não contemplou a paz. Os conflitos eram constantes, especialmente os de caráter político e militar, uma vez que muitos imperadores foram destituídos. Ainda, confrontos entre os próprios habitantes do império com o poder central também eram comuns nesse período. Um desses momentos conflituosos que trouxeram mudanças consideráveis à Roma — embora tenha durado apenas cerca de dezoito meses — foram as guerras civis de 68 e 69 d.C., recorte temporal da presente pesquisa.

3.1.1 As Guerras Civis de 68 e 69 d.C.

No ano de 27 a.C., ao ser aclamado pelo senado o condutor de Roma, Otávio não poderia fazer suas reformas a ponto de consolidar um regime efetivamente monárquico, visto que o senado e os magistrados ainda eram muito presentes nas decisões políticas e bélicas do império romano. Mais, a esses cabia a legitimação do governante. Sendo assim, Roma permanecia com as roupagens republicanas; e, em virtude disso, uma das questões que o primeiro imperador não estabeleceu como regra foi a sucessão ao seu posto.

Sobre essa questão, Rowe (2006, p. 116) afirma que, mesmo não havendo uma determinação sobre como seriam aclamados os novos imperadores, Otávio procurou em sua própria família um sucessor. Como seus filhos naturais haviam falecido, ele adotou e educou Tibério (42 a.C.-37 d.C., governou entre 14-37 d.C.), que era seu enteado e filho adotivo. Nesse contexto, o senado emitia honrarias à família imperial devido ao bom serviço prestado pelo então imperador e ao fato de sua família ter demonstrado que estava a serviço de Roma; o que facilitou a aceitação da transmissão do poder dentro de uma família.

À primeira vista, o período imperial se parece com uma sucessão monárquica com crises. Porém, o sistema político da Roma imperial não era uma monarquia declarada. Isso

quer dizer que a transmissão do poder não era necessariamente por hereditariedade, embora a maioria dos imperadores tenha escolhido seus sucessores no interior da própria família. À exceção de Galba, que escolheu Pisão, que não era seu membro familiar, mas que nem chegou a exercer a função; e de Nerva (30-98 d.C., governou entre 96-98 d.C.), que também escolheu na República o mais bem preparado, que nesse momento era Trajano (53-117 d.C., governou entre 98-117 d.C.). Essa falta de regra na transmissão do poder gerou uma guerra civil durante o Principado, tanto em Roma como em algumas províncias, sendo esse o cenário das narrativas históricas e biográficas de Tácito e Plutarco, cujos relatos incidem sobre os anos conflituosos que sucederam a morte de Nero. Este não possuía filhos e nem havia indicado alguém para ocupar seu lugar, bem como foi o último descendente da dinastia que se encontrava no poder.

Durante a primeira parte do regime imperial, que compreende aproximadamente o século I a.C. até mais ou menos o início do século III d.C., quatro dinastias ocuparam o poder máximo de Roma, sendo elas a julia-claudiana⁵², flaviana (69-96 d.C.)⁵³, a antonina (96-98d.C.)⁵⁴ e a severa (193-235 d.C.)⁵⁵, assim como foram três imperadores dos anos de 68 e 69 d.C. que não conseguiram passar adiante sua *gens*.

Em conformidade com Martin (2004, p. 48), a dinastia julia-claudiana detinha o status de ser ascendente de divindades por ser pertencente à antiga nobreza. Os flavianos subiram ao poder com o auxílio dos exércitos e da aprovação do senado, já que Roma vinha de um período conflituoso e os três imperadores dessa dinastia eram ligados por laços sanguíneos: Tito (39-81 d.C., governou entre 79-81 d.C.) e Domiciano (51-96 d.C., governou entre 81-96 d.C.) eram filhos de Vespasiano (09-79 d.C., governou entre 69-79 d.C.). Os antoninos iniciaram sua dinastia com a nomeação oferecida pelo senado para Nerva que, para seu sucessor, escolheu Trajano, considerado por aquele o mais bem preparado; inclusive, todos os governantes dessa dinastia foram indicados por serem mais

⁵² Da *gens* Júlia temos Otávio; da *gens* Cláudia o representante foi *Tiberius Claudius Nero Caesar* (42 a.C.-37 d.C.); e das duas *gentes* unidas os representantes foram *Gaius Caesar Calígula* (12-41 d.C.), *Tiberius Claudius Drusus Nero Germanicus* (10 a.C.-54 d.C.) e *Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus* (37-68 d.C.).

⁵³ Inaugurada com *Titus Flavius Sabinus Vespasianus* (09-79 d. C.), que transmitiu o poder para seus filhos *Titus Flavius Vespasianus Augustus* (39-81 d.C.) e *Titus Flavius Domitianus* (51-96 d.C.).

⁵⁴ Iniciada por *Marcus Cocceius Nerva* (30-98 d.C.), que indicou *Marcus Ulpius Traianus* (53-117 d.C.), depois os sucessores foram *Publius Aelius Traianus Hadrianus* (76-138 d.C.), *Titus Aurelius Fulvius Boionius Arrius Antoninus Pius* (86-161 d.C.), *Caesar Marcus Aurelius Antoninus Augustus* (121-180 d.C.) e por fim *Marcus Aurelius Comodus Antoninus* (161-192 d.C.).

⁵⁵ Integraram essa dinastia: *Lucius Septimus Severus Pertinax* (146-211 d.C.); *Marcus Aurelius Antoninus – Caracalla* (188-217 d.C.); *Publius Septimus Geta* (189-211 d.C.); *Marcus Opellius Macrinus* (165-218 d.C.); *Marcus Aurelius Antoninus – Heliogábalo* (203-222 d.C.); *Marcus Aurelius Severus Alexander* (208-235 d.C.).

aptos ao governo. A última dinastia encontrada no Principado foi a dos severos, que apoiavam seus poderes visivelmente nas forças militares; no entanto, para chegarem ao poder, reclamaram serem ascendentes do imperador Marco Aurélio (121-180 d.C., governou entre 161–180 d.C.). Depois da morte de Alexandre Severo (208-253 d.C., governou entre 222-235 d.C.), houve o que encontramos na historiografia contemporânea como “anarquia militar”, que se findou por volta de 284 d.C., quando Diocleciano (244-311 d.C., governou entre 284-305 d.C.) subiu ao poder e Roma estava profundamente transformada.

Em relação à época da passagem de três imperadores no poder, que durou pouco mais de um ano, entre 68 e 69 d.C., Tácito nos transmite uma visão desfavorável, dado que “para a república quase foi o fim” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XI)⁵⁶, relatando ainda que foi um período tão conturbado que os conflitos eram fáceis de ocorrer : “A história que eu estou empreendendo é aquela do período rico em desastres, terríveis com batalhas, dilacerado por lutas civis, horrível até mesmo na paz” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: II)⁵⁷. O historiador não se remete somente aos anos subsequentes à queda de Nero, pois tinha uma visão muito negativa sobre o último imperador julio-claudiano. Ademais, devemos ressaltar que o império não foi um período que contemplou a paz em todos os seus domínios e Tácito deixa evidente como as batalhas se espalharam ainda mais nesse momento.

Podemos encontrar em algumas vertentes historiográficas a respeito do Principado, como na de Henderson (1908), denominações para esse período como “anarquia civil e militar” ou “rebelião”. Entretanto, o sentido atual de anarquia é entendido de um modo geral como: “[...] a libertação de todo o poder superior [...]” (BRAVO, 1998, p. 23), muito utilizado e datado dos séculos XIX e XX; assim como o de rebelião é definido por Pasquino (1998) como: descontentamento local premeditado sendo isento de ideologia que não propõe a subversão total do sistema político vigente, que é acalmada com a substituição de alguns personagens políticos ou concessão econômica.

A utilização, portanto, dos termos pelos historiadores classicistas quando se reportam à Roma não está intencionalmente traduzindo a concepção contemporânea de negação ou ausência de autoridade, para anarquia, ou a de revolução sem ideologia, como sinônimo de rebelião. Na realidade, Henderson (1908), que por vezes traz naturalmente

⁵⁶ [...] for the state almost the end (TACITUS, *Histories*, book I: XI).

⁵⁷ The history on which I am entering is that of a period rich in disasters, terrible with battles, torn by civil struggle, horrible even in peace (TACITUS, *Histories*, book I: II).

esses conceitos para definir os anos conflituosos de 68 e 69 d.C., remete a uma carência de unidade na escolha dos imperadores pelo império, posto que as províncias e Roma estavam escolhendo governantes diferentes concomitantemente, o que ocasionou o confronto entre as tropas romanas.

Sendo assim, o emprego do termo “anarquia” é delicado para descrever tal momento, uma vez que é amplamente utilizado para os anos posteriores. Durante o século III d.C., quando houve outra crise sucessória após a morte do imperador Cômodo (161-192 d.C., governou entre 180-192 d.C.). Gonçalves (2006), por exemplo, utiliza o termo para se referir aos anos entre 235 e 284 d.C., época da dinastia severa, a qual também é referenciada como “crise do terceiro século” ou “período dos imperadores-soldados”. Embora também seja difícil nominar esses anos como anárquicos, para a historiografia esse termo é mais aceito nesse contexto pela sua maior duração; bem como as características conflituosas entre os romanos e a constante presença militar se enquadrem melhor nessa denominação.

Frente às conotações contemporâneas que os conceitos de “anarquia” e “rebelião” conservam — somadas ao recorrente uso desses termos para os acontecimentos do século III d.C. — é mais adequada a denominação “guerra civil” para os acontecimentos ocorridos nos dezoito meses entre os anos 68 e 69 d.C., isto é, aos conflitos entre romanos. Além disso, de acordo com Morgan (2006), muitas fontes contemporâneas do Principado comparavam esses meses do primeiro século com as guerras civis que se desenrolaram nos finais da República, de maneira a justificar o emprego do termo.

Outra denominação que pode ser adotada para esse momento — inclusive é muito encontrada nos estudos atuais como também nos escritos de Morgan (2006) — é “o ano dos quatro imperadores” pelo fato de, nesse curto segmento de tempo, quatro governantes⁵⁸ passarem pelo posto mais elevado de Roma. No entanto, a presente pesquisa tem como delimitação o estudo dos três imperadores que ficaram no poder por pouco meses, momentos esses marcados pelos confrontos e, em razão disso, nos é preferível o uso do termo “guerra civil”.

Esse período conflituoso teve como imperadores os generais *Servius Sulpicius Galba* (03 a.C.-69 d.C.), *Marcus Salvius Otho* (32-69 d.C.) e *Lucius Aulus Vitellius* (15-69 d.C.), que foram proclamados por suas tropas; porém, não conseguiram consolidar uma

⁵⁸ Essas historiografias levam em consideração os três imperadores que acabaram sendo destituídos, Galba, Otão e Vitélio, assim como Vespasiano, aclamado em dezembro de 69 d.C. que conseguiu retomar a paz em Roma e passar adiante sua dinastia. (MORGAN, 2006, p. 01)

dinastia e nem mesmo conquistaram as autoridades que legitimavam o poder. Martin (2004) também aborda o período, assinalando que Galba pertencia a uma família de antiga nobreza que detinha posses consideráveis, a *gens Servii* de linhagem da mais alta dignidade, a qual pode igualmente ser atestada nas palavras de Plutarco: "Aquele Sulpício Galba foi o mais rico de bens privados dos que subiram ao trono, isso geralmente é admitido; além disso, sua ligação com a nobre casa *Servii* deu-lhe grande prestígio [...]" (PLUTARCO, *Vida de Galba*: III)⁵⁹.

A Sulpício Galba, cujas tropas provinciais haviam se rebelado contra Nero, foi oferecido o poder imperial em, aproximadamente, abril de 68 d.C., na Hispânia Terraconensis⁶⁰, como aponta o biógrafo queronense: "Muitos companheiros de tarefa não se consideraram e não eram considerados dignos do governo. Mas, para Galba o título imperial foi oferecido, e ele foi aceito" (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXIX)⁶¹. Plutarco descreve a alta reputação que Galba alcançou tanto por sua linhagem quanto por suas demonstrações pessoais — particularmente pelas honrarias conquistadas por meio dos intentos militares — as quais lhe renderam o posto de imperador, oferecido por seu próprio exército. Shotter (2008, p. 128-129) descreve que, em parte, essa oferta de poder a Galba também teve a influência de suas ligações pessoais com políticos reconhecidos do período, bem como a da amizade que este manteve com os júlio-claudianos durante sua vida e serviços.

Por outro lado, o senado, em conjunto com o povo e os pretorianos, não era a favor de sua nomeação devido à idade avançada, à severidade e à parcimônia que esse general demonstrava possuir. Para atestar essa premissa, o autor queronense, quando narra a revolta de Galba e Vindex (25-68 d.C.) contra Nero, sublinha que o próprio senado declarara Galba traidor: "[...] mas as propriedades de Galba estavam prontas para serem vendidas de uma vez, agora que Galba tinha sido declarado inimigo público" (PLUTARCO, *Vida de Galba*: V)⁶². O general ancião só consegue a aprovação do senado depois do suicídio de Nero, quando não havia outro homem para ocupar o posto. Na concepção de Béranger (1953), o *princeps* deveria ser aceito pelo senado, caso contrário

⁵⁹ That Sulpicius Galba was the richest private person who ever came to the imperial throne, is generally admitted; moreover, his connection with the noble house of the Servii gave him great prestige [...]. (PLUTARCH, *life of Galba*: III).

⁶⁰ Atual região da Espanha/Catalunha.

⁶¹ For his partners in the task, some were by all men deemed unworthy of the imperial dignity, and others deemed themselves unworthy. But to Galba the imperial title was offered and by him it was accepted (PLUTARCH, *Life of Galba*: XXIX).

⁶² [...] but Galba's estate was ready to be used and sold at once, now that Galba had been declared a public enemy (PLUTARCH, *Life of Galba*: V).

seria considerado um usurpador e, como percebemos, a princípio Galba ocupou o posto de forma não legítima, uma vez que não conquistou essa instituição prontamente.

Vale destacar que Galba foi o primeiro imperador a ser proclamado fora dos limites de Roma, como informa Tácito: “o segredo do império agora estava revelado, que um imperador poderia ser feito em outros lugares além de Roma” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: IV)⁶³. Galba foi o primeiro dos imperadores a ser proclamado nas províncias, pois, até então, todos tinham chegado ao poder com a nomeação no centro do Império. Além disso, de acordo com Moore (2014), o regresso de Galba a Roma foi lento, de modo que chegou à cidade aproximadamente em outubro de 68 d.C., ou seja, aproximadamente cinco meses depois de sua aclamação; isto porque outras províncias tiveram que ser enfrentadas para que o novo imperador fosse aceito e, dentro da própria Roma, ele precisou também conquistar sua aprovação.

O problema da sucessão não se expressou somente com Galba: a ascensão de Otão também se mostrou complicada. Este apoiou a aclamação de Galba desde os conflitos liderados pelo último e por Vindex nas províncias contra Nero. Em razão disso, Otão esperava ser adotado por Galba a fim de sucedê-lo na função de imperador, já que o então governante tinha idade avançada e não possuía descendentes. No entanto, a escolha de Galba foi por Pisão que, apesar de pouco popular, era de família nobre. Essa atitude fez com que Otão se voltasse contra o imperador ancião. Conforme Martin (2004), o desagrado que este provocava não era fruto de sua idade ou de seu aspecto físico, como seu antecessor. Otão tinha cerca de trinta e sete anos, era de boa aparência e pertencia a uma família tradicional de Roma, a *gens Salvia*. Dele desgostavam por sua violência na conspiração contra Galba e por ter sido, em sua juventude, companheiro de Nero.

Dessa maneira, Otão subiu ao poder sendo o mandante da conspiração contra Galba, o que rendeu a morte sangrenta do imperador. As fontes indicam que, desde a ascensão deste, Otão oferecia banquetes e pagamentos aos pretorianos que reclamavam da falta de donativos e tal atitude lhe rendeu a aprovação dessa guarda. Após Galba ter adotado Pisão e não ele, Otão planejou uma revolta a fim de ascender ao poder.

O relato de sua subida ao poder descreve que ele se encontrou com Galba no dia da imolação de vítimas para os deuses e se que retirou do local para juntar-se aos pretorianos. Pelo caminho, os soldados desse regimento já se referiam a Otão como o novo imperador. Quando chegou ao acampamento do pretório, o novo governante foi aclamado e os

⁶³ [...] for the secret of empire was now disclosed, that an emperor could be made elsewhere than at Rome (TACITUS, *Histories*, book I: IV).

soldados partiram para o palácio com a intenção de destituir Galba. Tácito escreve o episódio da morte deste imperador de forma bastante violenta

[...] o resto (*os soldados*) vergonhosamente mutilou suas pernas e braços; para seu peito havia proteção; com sua crueldade e selvageria continuaram a causar muitas feridas em seu corpo, mesmo depois de sua cabeça já cortada (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLI)⁶⁴.

Destacamos que os participantes da conspiração, que culminou nesse ato violento, eram os pretorianos e, no restante do Império, a aceitação de Otão não era um fato. Desse modo, o senado e o povo aclamaram Otão aparentemente mais por medo das represálias que poderiam sofrer do que pela aprovação de sua conduta, como narra Plutarco:

O Senado foi imediatamente convocado. E agora como se eles fossem outros homens, ou como se tivessem outros deuses para jurarem, eles se uniram e proferiram um juramento para apoiar Otão – um juramento que eles mesmos já haviam feito em apoio para Galba, mas não tinham mantido. Além disso, deram-lhe o título de César Augusto, enquanto os cadáveres, todos sem cabeças em suas vestes consulares, estavam espalhados pelo Fórum (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXVIII)⁶⁵.

Essa passagem demonstra que o apoio a Otão foi tão imediato que os corpos do antigo imperador e de seus partidários ainda se encontravam espalhados pela cidade e as vestimentas dos que haviam se rebelado ainda possuíam o sangue da revolta que empreenderam, como descreve Plutarco.

A historiografia reserva um espaço para abordar a questão da subida ao poder de Otão em Roma. A esse respeito, Martin (2004, p. 84) afirma que o novo César não conseguiu governar por mais de três meses. Shotter (2008, p. 133-134) também cita essa curta permanência no poder e relata que entre os pretorianos e legionários havia uma desavença quanto ao elitismo dos primeiros. Isso fez com que as províncias não concordassem completamente com o poderio de Otão e Vitélio, nesse ínterim, ganhou com expressividade entre os soldados provinciais, especialmente entre os germânicos.

Martin (2004, p. 86) ainda observa a ascensão de Vitélio ao poder imperial e aponta que este detinha uma longa carreira política. Seu pai havia sido um homem honrado e participante ativo do círculo imperial. Vitélio tinha origem de uma *gens* respeitável, a

⁶⁴ [...] The rest shamefully mutilated his legs and arms, for his breast was protected, and their cruel savagery they continued to inflict many wounds on his body even after his head had been cut off (TACITUS, *Histories*, book I: XLI).

⁶⁵ A senate was at once convened. And as if they were now other men, or had other gods to swear by, they united in swearing an oath to support Otho – an oath which he himself had sworn in support Galba, but had not kept. Moreover, they gave him the titles of Caesar and Augustus, while the dead bodies, all headless in their consular robes, were still strewn over the form (PLUTARCH, *Life of Galba*: XXVIII).

Vitellia. Esse reconhecimento era tão presente que Tácito escreve sobre sua família: “[...] mas para Vitélio, seu pai exerceu três consulados e a censura, na qual ele teve César Cláudio como um colega por muito tempo, uma vez que lhe deu a dignidade imperial [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LII)⁶⁶.

Similar a Otão — subindo ao poder no mesmo período que esse, inclusive, — Vitélio conquistou seu poderio em meio aos soldados nas legiões provinciais. Ao escrever sobre a tomada de poder de Vitélio, Moore (2014) a considera como uma usurpação por não ter o prestígio dos cidadãos de Roma, nem ao menos do senado. A legitimação do poder de Vitélio se deu pelas tropas provinciais da Germânia e de outras que, aos poucos, foi conquistando em sua marcha em direção a Roma. Acerca dessa aclamação, Tácito apresenta sua versão

Os quartéis de inverno da primeira legião estavam próximos, e o mais energético dos comandantes era Fábio Valens. No dia seguinte ele entrou na Colônia (*Agripinense*) com os cavaleiros da legião e as tropas auxiliares; e saudaram Vitélio como imperador (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LVII)⁶⁷.

Essa descrição demonstra que Vitélio recebeu apoio das tropas provinciais, isto é, esses regimentos ignoraram o que os cidadãos e o senado de Roma haviam escolhido, na medida em que as notícias acerca de Otão já haviam chegado aos demais domínios romanos. Semelhante a Galba, Vitélio foi aclamado então fora dos limites da cidade de Roma. O poder exclusivo de Vitélio só se deu com a derrota de Otão na batalha do Bedríaco (69 d.C.)⁶⁸. Depois desse episódio, o antigo companheiro de Nero se suicidou. No entanto, nas províncias orientais e na região da Itália, era Vespasiano quem vinha conquistando poderes e aprovação. Assim, depois desses anos de crise e constantes confrontos, foi justamente esse quem conseguiu restituir a paz em Roma. Ao vencer as tropas de Vitélio, Vespasiano foi legitimado pelas tropas provinciais, pretorianas e teve a aprovação do senado, perpetuando sua dinastia por cerca de vinte e sete anos.

⁶⁶ [...] but to Vitellius, his father's three consulships and the censorship in which he had Caesar Claudius as a colleague had long since given him imperial dignity [...] (TACITUS, *Histories*, book I: LII).

⁶⁷The winter quarters of the First legion were nearest, and the most energetic of the commanders was Fabius Valens. The next day he entered Cologne with the horsemen of the legion and the auxiliary troops and saluted Vitellius as emperor (TACITUS, *Histories*, book I: LVII).

⁶⁸ Bedríaco era uma pequena cidade entre o norte da Itália e província da Gália, nas proximidades de Cremona. Esse vilarejo foi palco de dois enfrentamentos no ano de 69 d.C: primeiro entre Otão e Vitélio, com a vitória das tropas vitelianas; segundo entre Vitélio e Vespasiano, que teve o segundo como vencedor. Nesse momento estamos nos referindo a primeira batalha ocorrida entre as tropas ortonianas e vitelianas, que renderam a vitória e o posto de imperador a Vitélio.

Esses exemplos citados, de acordo com a historiografia atual, não se adequariam aos modelos de *princeps* legítimos, pois poderiam ser categorizados como usurpadores, pois não respeitaram a determinação do sistema político imperial e não foram legitimados por todas as autoridades, como o senado, os exércitos, de um modo geral, e até mesmo os deuses. Nesse sentido, encontramos na literatura contemporânea do principado dois modelos de governantes que agiram em comum acordo com o senado, isto é, que exerceram de maneira satisfatória o poder imperial, diferentemente daqueles do período conflituoso de 68 e 69 d.C.: foram eles Augusto e Trajano.

O Principado, em sua natureza, deveria ser um sistema regido de forma conjunta entre o poder concentrado na figura do imperador e os debates políticos representados pelo senado e os magistrados. Caso contrário, as guerras civis, tão preocupantes nos finais da República, voltariam a acontecer, causando tensões em Roma; como no caso dos anos de 68 e 69 d.C., marcados pela pouca participação senatorial e uma maior expressividade militar. Dessa forma, o *princeps* deveria ter experiência política para tomar todas as decisões e não praticar abuso de poder. Vale também ressaltar o crescimento da participação das províncias nessa integração. Tanto estas quanto seus povos demonstravam-se cada vez mais relevantes à medida que percebemos a sua presença crescente na política imperial, de modo a até mesmo colocar imperadores no poder.

Nesse contexto, devemos destacar o papel e a intervenção da guarda pretoriana. De acordo com Pollard (2006), no regime imperial, o corpo militar, formado por legionários, auxiliares ou pretorianos, era indispensável ao funcionamento de Roma, cujas bases fundadoras se deram no campo militar. Para tanto, os governantes necessitavam assegurar, porém, a lealdade de seus militares; e uma das formas de garanti-la era com o pagamento correto dos salários e donativos. Quanto à guarda pretoriana, assegurar a sua fidelidade era fundamental por ser essa a guarda pessoal do imperador e, portanto, próxima dos governantes e de suas famílias. Ademais, os líderes dessas tropas e os prefeitos do pretório⁶⁹ eram próximos dos imperadores, primeiro, por serem indicados pelos próprios e também por integrarem o corpo de funcionários que agia como um “conselho”. Otávio, quando chegou ao poder em Roma, contava com um grande número de militares. Além de seus soldados, com o fim dos conflitos com Marco Antônio (83-31 a.C.), as tropas deste se

⁶⁹ Geralmente, o número de prefeitos era dois, que possuíam dupla função: assegurar a vida do Imperador e participar da política. Esses prefeitos, muitas vezes agiam como conselheiros dos governantes devido a proximidade com eles, como foi o próprio caso de Galba que escutava Titio Vínio e Cornélio Laco mais do que os senadores. (OTTLEY, 2009, p. 37-42)

juntaram àqueles, somando cerca de 60 legiões pelo império. Insustentável, essa situação teve como consequência a dispensa dos soldados veteranos e a redução para o número de 30 legiões. Dentre os soldados que continuaram em serviço, Otávio selecionou alguns oficiais para compor o grupo seletivo de sua guarda pretoriana.

Outra estudiosa que dedicou um trabalho à identificação das características da guarda pretoriana foi Ottley (2009). Ela destaca que, no início do Principado, cerca de nove coortes foram estabelecidas e que, possivelmente, esse número não tenha sofrido nenhuma alteração considerável na primeira parte do regime imperial; com a exceção de Vitélio que, provavelmente, teve 16 coortes a seu serviço em decorrência de sua aliança com os soldados germânicos. Dentre essas, cerca de três ficavam no interior da cidade de Roma, tanto para a segurança do imperador e de sua família, quanto para o policiamento da cidade; as demais ficavam estacionadas em cidades vizinhas, na região de Ostia e Aquileia. O risco de manter um grande número de militares concentrados, bem como a necessidade do governante em receber notícias do entorno de Roma, justificaram tal distribuição. O número exato de componentes de cada coorte, no entanto, nos é desconhecido, podendo esse variar de quinhentos a mil e quinhentos homens em cada repartição.

Similarmente ao pensamento anterior, Bingham (1997, p. 122) complementa que, além de render proteção e notícias dos arredores de Roma, a guarda pretoriana poderia exercer funções administrativas de menor esfera e também ser convocada a lutar em conflitos maiores do que os verificados no interior ou ao redor da cidade. Em alguns casos, inclusive, a guarda poderia ser recrutada para combater ao lado ou contra as legiões; como quando, por exemplo, no ano de 69 d.C., Otão mobilizou esse corpo militar para tentar conter as tropas germânicas de Vitélio:

Mas agora, legiões e frotas e, por um acontecimento quase sem precedentes, os soldados das cortes pretorianas da cidade foram conduzidos para a ação; o oriente e o ocidente e todas as forças que, por trás deles, constituíram matéria para uma longa guerra, se houvesse outros líderes. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXXXIX)⁷⁰

Tácito atesta a convocação de pretorianos para o confronto contra os legionários germânicos aliados de Vitélio, narrando de forma a sugerir não ser comum a solicitação

⁷⁰ [...] But now, legions and fleet and, by an act almost without precedent, the soldiers of the praetorian and city cohorts were led away to action; the East and the West and all forces that both have behind them formed material for a long war had there been other leaders. (TACITUS, *Histories*, book I: LXXXIX)

desse tipo de serviço ao pretório. Vale assinalar ainda que os pretorianos não eram preparados para estratégias de guerra e sim para a proteção do imperador e seus familiares.

Não há muitas informações a respeito do recrutamento desses militares, mas podemos considerar que era feito, a princípio, entre os cidadãos de origem romana ou itálica; embora gauleses e germânicos também pudessem ser encontrados, mesmo que em menor número, desde que comprovassem ser de confiança. Eram esses voluntários, clientes ou amigos do imperador. O recrutamento, em geral, se dava com jovens de idade entre 18 e 20 anos. Ottley (2009, p. 31) afirma que inicialmente o tempo de serviço se estendia por doze anos, porém, já no governo de Tibério, esse tempo foi fixado para dezesseis anos de serviço.

A respeito do pagamento dos donativos e salários dos pretorianos, há quase um consenso na historiografia atual, como assinalam Bingham (1997), Ottley (2009) e Pollard (2006), de que aqueles recebiam um bom salário e eram mais bem pagos do que os legionários. Dentre os autores mencionados, Ottley (2009, p. 32) apresenta um número estimado de 450 denários⁷¹ anuais para o salário de um pretoriano nos anos iniciais do Principado; com o passar dos anos, esse chegou a soma de 750 denários. Ademais, esses soldados eram frequentemente gratificados com prêmios militares e banquetes.

Por ser próxima dos imperadores e compor o centro do poder imperial de forma a atuar também nas decisões políticas — a ponto de ter autoridade para aclamar e destronar o imperador —, a guarda pretoriana era muito bem recompensada. Como consequência, nos anos de 68 e 69 d.C., havia o problema do controle dessas tropas e Plutarco narra que muitos desses conflitos foram ocasionados pelos próprios militares. Gananciosos e insubordinados, estes não hesitavam em trocar de governante, uma vez que as aclamações imperiais dependiam basicamente de suas escolhas

Demades certamente, depois da morte de Alexandre, comparou as tropas macedônicas com os cegos Ciclopes, observando os muitos movimentos aleatórios e desordenados que foram feitos; mas o Império Romano era uma vítima de convulsões e desastres como aqueles causados pelos Titãs da mitologia, sendo partido em fragmentos, e novamente em muitos lugares entrando em colapso sobre si mesmo, não tanto pela ambição daqueles que foram proclamados imperadores, como por meio da licenciosa ganância dos soldados, que expulsaram um comandante ou outro, como unha expulsa o prego. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: I)⁷²

⁷¹ Moeda confeccionada em prata de grande circulação em Roma.

⁷² Demades, indeed, after Alexander had died, likened the Macedonian army to the blinded Cyclops, observing the many random and disorderly movements that it made; but the Roman Empire was a prey to convulsions and disasters like those caused by the Titans of mythology, being torn into many fragments, and

Embora Plutarco não nomeie a guarda pretoriana e sim os soldados de modo geral, é possível identificar sua desaprovação a esse corpo, pois, de certa forma, os pretorianos tinham agido diretamente no assassinato de Galba e na aclamação de Otão. Pollard (2006) afirma que essa atitude dos pretorianos não se constituía uma novidade: a primeira vez que eles agiram a fim de destituir um imperador foi com Calígula para, em seguida, aclamarem Cláudio.

A respeito do comportamento do pretório nos anos de 68 e 69 d.C., de acordo com Birgham (1997), era um reflexo do que vinha ocorrendo com os julio-claudianos, os quais só conseguiam a subordinação se concedessem algo em troca. Assim sendo, há indícios de que Cláudio teve de oferecer gratificações aos pretorianos para conseguir deles sua lealdade; assim como de que a corte neroniana vivia em extravagância e generosidade com os soldados, de modo de que estes não demonstraram, inicialmente, oposição ao governo. Tácito e Plutarco concordam que as coortes pretorianas estavam contaminadas pelos prazeres da cidade e não cumpriam suas obrigações com eficácia, sendo comprados com qualquer soma de dinheiro:

Ganhando todos que possuíam um temperamento inquieto ou que precisavam de dinheiro e estavam exaltados para a revolta, ele (*Otão*) gradualmente ia até o ponto; sempre que Galba jantava na casa de Otão, usava o jantar como desculpa para distribuir cem sestércios para cada membro da coorte pretoriana que ficava de guarda. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXIV)⁷³

Plutarco também escreve sobre os militares, inclusive sobre os pretorianos, de forma negativa, e acrescenta outros vícios, para além da venda da lealdade; em uma passagem usa da alegoria para narrar a situação em que os oficiais romanos se encontravam

O ateniense Ificrates costumava pensar que os soldados mercenários poderiam ser encontrados na riqueza e afeição ao prazer, e a fim de que buscassem satisfazer aos seus desejos, poderiam ser levados para luta com grande imprudência; mas, muitas pessoas pensam que um corpo de soldados, apenas como um corpo natural cheio de vitalidade, não deveria

again in many places collapsing upon itself, not so much through the ambition of those who were proclaimed emperors, as through the greed license of the soldiery, which drove out one commander with another as nail drives out nail. (PLUTARCHUS, *Life of Galba*: I)

⁷³ Winning over all who were of a restless temper or who needed Money and were hot-headed for a revolution, he gradually came to the point, whenever Galba dined at Otho's house, of using the dinner as an excuse for distributing one hundred sesterces to each member of the cohort that stood on guard. (TACITUS, *Histories*, book I: XXIV)

partir de sua própria iniciativa, todavia devem seguir seu comandante. Portanto, Emílio Paulo, como nos é dito, constatou que o exército que assumiu na Macedônia estava infestado com loquacidade e intromissão, como se todos fossem generais, deu a palavra de que cada homem estava pronto para ter em suas mãos e uma espada afiada, mas que o próprio iria olhar para o resto. (PLUTARCO, *Vida de Galba*, I)⁷⁴

Segundo o autor beócio, quando os comandantes do pretório no reinado de Nero, Ninfídio Sabino (35-68 d.C.) e Tigelino (08-69 d.C.), perceberam que o então imperador, o último da casa julia-claudiana, ia ser deposto do trono, prometeram aos soldados uma soma considerável de donativos para que eles aclamassem Galba. Como já se encontrava no posto, este se negou a pagar o valor prometido e declarou retornar aos tempos de Augusto, quando não havia quase pagamento aos soldados.

Quando, porém, Galba ouviu que eles estavam reclamando. Ele falou como se tivesse se tornado um grande imperador, e declarou que era seu costume de conquistar soldados, e não comprá-los; após isso começou a acalentar um ódio terrível e selvagem em sua direção. (PLUTARCO, *Vida de Galba*, XVIII)⁷⁵

Diante de soldados que eram acostumados aos prazeres da corte neroniana, a atitude do imperador fez com que ele fosse visto como um devedor e caísse no desgosto militar. Por outro lado, quem estava conquistando os soldados com o pagamento dos salários e com a oferta de banquetes era o futuro traidor de Galba, Otão. Descontentes com a figura de Galba, aos poucos os soldados deixaram de ser leais a ele e passaram a ser propensos a Otão. Enquanto isso, nas províncias ocidentais, Vitélio vinha conquistando o gosto militar e, nas províncias orientais, Vespasiano detinha a fidelidade dos soldados.

Sobre o comportamento de Galba para com os pretorianos, Bingham (1997) escreve que o imperador ancião não compreendia a importância que o pretório possuía nas decisões políticas. Somado a isso, para a liderança de seu corpo em serviço, ele selecionou dois prefeitos do pretório que não haviam conseguido conquistar a lealdade desses militares:

⁷⁴ Iphicrates the Athenian used to think that the mercenary soldier might well be found of wealth and fond of pleasure, in order that his quest for the means to gratify his desires might lead him to fight with greater recklessness; but most people think that a body of soldiers, just like a natural body in full vigour ought to have initiative of its own, but should follow that of its commander. Wherefore Paulus Aemilius, as we are told, finding that the army which he had taken over in Macedonia was infected with loquacity and meddlesomeness, as though they were all generals, gave out word that each man was to have his hand ready and his sword sharp, but that himself would look out for the rest. (PLUTARCH, *Life of Galba*, I)

⁷⁵ When, however, Galba heard that they were complaining, He spoke out as became a great emperor, and declared that it was his custom to enroll soldiers, not to buy them; whereupon they began to cherish a dire and savage hatred towards him. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XVIII)

Tito Vínio e Cornélio Laco, descritos como mais preocupados em se enriquecer do que em liderar e conquistar a tropa pretoriana.

A guarda pretoriana foi criada posteriormente às legiões, mas isso não significa que teve menor importância. Durante o Principado, e não somente nos anos de 68 e 69 d.C., podemos perceber uma ampla participação desses militares em questões políticas, econômicas, sociais e militares, fazendo necessária a conquista do gosto desses soldados e a constante gratificação para que a segurança pudesse ser mantida. Percebemos que os imperadores da guerra civil ora não percebiam a importância que o corpo possuía, ora o manipulavam comprando sua lealdade; o que se tornou perigoso para que a paz em Roma fosse assegurada.

3.2 *O exercício do poder imperial*

O posto de imperador correspondia ao topo da hierarquia de Roma e o exercício dessa função na prática era ilimitado, posto que centralizasse a soberania das províncias, do senado, das finanças, dos exércitos e, por vezes, até da moral. O imperador detinha o *imperium*, que, de acordo com Grimal,

A palavra *imperium*, devido às numerosas conotações que implica, torna-se difícil de traduzir. Não está, como a nossa palavra “império”, indissolavelmente ligada a ideia de violência e de constrangimento, se bem que esta não esteja ausente, pelo menos na origem, e muito tempo antes de se formar o regime político “imperial”, que será preferível designar por principado, pelo menos nos seus primórdios. A noção expressa pela palavra *Imperium* está viva na mentalidade romana, tanto quanto podemos remontar no tempo. Designa uma força transcendente simultaneamente criativa e reguladora, capaz de agir sobre o real, de o submeter a uma vontade (1999, p. 09).

O *imperium* não se limitava exclusivamente ao modelo do sistema político imperial. Ele esteve presente no pensamento romano desde os tempos republicanos. Acerca desse conceito, não só Pierre Grimal (1999) tentou explicar seu sentido, mas muitos outros pesquisadores se ocuparam em definir seu significado. Entre eles, Béranger (1953) explica que o conceito evoca território e autoridade; a elevação de um homem ao trono lhe rendia o *imperium*, que simboliza a soma dos poderes e das magistraturas, ao mesmo tempo em que era independente desta última. Dessa forma, foi o *imperium* e todos os seus domínios que consagraram o nascimento do principado, visto que, na República, essa autoridade ficava

dividida entre as magistraturas *cum imperium*⁷⁶, e “[...] quando os interesses de paz requereram que todo o poder deveria se concentrar nas mãos de um único homem” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)⁷⁷ quem deteve esse domínio foi o imperador.

Sobre esse assunto, Direito (2014) define o *imperium* como poder concentrado, criado para a proteção e manutenção de uma comunidade. Isso posto, pode ser considerado um aprimoramento do modelo de concentração do poder nas mãos de um único homem, a fim de que as instituições e funcionamento da sociedade perdurassem.

Richardson (1991) foi mais um dos estudiosos que se debruçou sobre o tema. De modo similar ao que os autores anteriores apontaram, o historiador escocês defende que o termo *imperium* é um dos vocábulos mais extensos da Roma antiga. O início da utilização do conceito é datado do século III a.C. — pelo menos não há registros de seu emprego em séculos anteriores — bem como, a princípio, designava as magistraturas e pró-magistraturas que governavam os domínios romanos, podendo apresentar um sentido sacro. Isso significa que deter o *imperium* na Roma antiga era conservar o poder supremo nas mãos e, durante o principado, os imperadores desfrutavam desse direito.

Poletti (2007) complementa a ideia ao registrar que, na república, por volta dos anos em que Sula foi cônsul (88-80 a.C.), houve a divisão entre *imperium domi*, que era o governo exclusivamente político restrito ao interior dos limites do *pomerium*, e o *imperium militiae*, que era o comando que detinha poderes militares, isto é, se encontrava fora dos limites do *pomerium* nos territórios aliados a Roma. Essa divisão só teve fim com a aclamação de Otávio, como imperador, o qual passou a congregar tanto decisões políticas quanto militares.

O regime imperial contava com ideologias associadas em sua concepção e os próprios modelos de governante e governo guardavam uma conduta esperada. Em conformidade com Béranger (1953), esperava-se que o imperador fosse um *princeps*. A primeira vez que se empregou o termo foi com Cícero, no final da República, como sendo alguém que representasse a coletividade e que fosse um cidadão excelente, na medida em que participava da vida pública e exercia magistraturas. Nem sempre, porém, essa conotação se referia ao *princeps senatus*, já existente e utilizado no auge republicano de forma elogiosa, visto que remetesse mais ao sentido de *princeps civitatis*. Durante o

⁷⁶ Os magistrados republicanos *cum imperium* eram: cônsules; pretores; ditadores; e tribunos militares. As outras magistraturas eram consideradas *sine imperium*, possuidoras somente da *potestas*. (POLLETTI, 2007, p. 16)

⁷⁷ [...] when the interests of peace required that all power should be concentrated in the hands of one man (TACITUS, *Histories*, book I: I).

Império, atribuiu-se o título ao soberano, sendo este representante ou não do ideal augustano. Nesse contexto, o modelo político romano imperial carregava um conceito de governante, ou seja, em Roma ocorria o *Principatus*, que significa o governo do *princeps*, o qual não partia necessariamente de uma concepção de *princeps* ideal, pois poderia ser conquistado, por exemplo, pelas armas. A literatura, contudo, o entendia como um molde de governo em que havia a colaboração entre imperador e senado; assim sendo, o termo passou a se reportar ao regime imperial.

Diante disso, muitos estudos historiográficos concordam que o exercício do poder imperial sempre foi tenso e requeria atenção e cuidados para o seu desenvolvimento. Garnsey e Saller (1982) e Béranger (1959), por exemplo, concordam que, depois que Otávio conseguiu sair vitorioso da batalha do Ácio, ainda que ele detivesse o *consensus universorum*, ou seja, que representasse e tivesse a aprovação da maioria, tomou diversas medidas centralizadoras a fim de garantir a própria segurança; e os demais imperadores sempre agiram para assegurar a si mesmos.

Béranger (1953) examina as atribuições do poder imperial e afirma que ideologicamente o *princeps* deveria recusar, em primeiro momento, o poder a ele atribuído. Essa atitude, presente no principado, seguia uma lógica, pois, em cada momento, existia um tipo de recusa, podendo esta ser sincera, quando os imperadores eram cautelosos com a execução de seus poderes extraordinários ou quanto a uma decisão política, com o intuito de assegurar o poder em suas mãos. Podemos identificar que essa recusa dos poderes nunca foi completada, já que a República não foi restaurada. Wallace-Hadrill (1982) também disserta sobre a questão da *recusatio* e, de modo similar ao historiador francês, concorda que fosse uma atitude do regime imperial e que Augusto e seus sucessores tinham a consciência de que recusar o poder era mais louvável do que aceitá-lo prontamente, assim como o hábito da recusa dependia de cada reino e cada imperador.

Dentre as maneiras da recusa do poder, uma das formas mais utilizadas era a adoção de sucessores fora da família do imperador. Tal atitude evitava o benefício dos descendentes diretos do governante e não permitia a formação de uma dinastia. Antes de seu assassinato, Galba tentou justamente fazer isso: “[...] Mas Augusto procurou um sucessor no interior de sua casa; eu pela república inteira. Eu não fiz isso por falta de familiares ou de associados pelas armas” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XV)⁷⁸. Tácito rememora o discurso do imperador Galba em sua justificativa para a adoção de Pisão e

⁷⁸But Augustus looked for a successor within his own house, I in the whole state. I do this not because I have not relatives or associates in arms (TACITUS, *Histories*, book I: XV).

demonstra essa recusa de poder em prol do mais bem preparado, negando assim os desejos egoístas de transmitir o poder para um familiar ou amigo próximo. Essa medida de adoção do mais apto para o governo foi muito utilizada entre os antoninos — cujo período, por vezes, é denominado pela historiografia como “anos de ouro” — bem como não desrespeitava a tradição de Roma nem mesmo o estoicismo.

Dentro dessas noções de poder imperial e de consentimento da maioria da população, uma vasta gama de atribuições ficava ao encargo do imperador, dentre as quais, o *princeps* detinha o *imperium proconsulare maius*, isto é, era o soberano na casa senatorial. Béranger (1953) assinala que a existência das províncias fez necessária a figura de um comandante único. Houve, nesse sentido, a necessidade da concentração do *imperium* e de suas atribuições militares, judiciais e religiosas, embora os imperadores mantivessem auxílio dos magistrados para a administração. Rougé (1969) complementa essa ideia quando aborda que havia dois tipos de províncias organizadas, desde o período de Augusto: as recém-conquistadas, portanto, mal pacificadas, denominadas províncias imperiais, das quais o próprio imperador se encarregava da administração; e as já pacificadas, cujo governo era entregue para os senadores, denominadas províncias senatoriais. O *imperium proconsulare maius* ainda rendia o poder supremo do imperador sobre os exércitos⁷⁹.

Outro domínio de responsabilidade do soberano referia-se às *tribunicia potestas*, que Alföldy (1989) define como o poder do imperador de tomar iniciativas legislativas e promulgar medidas sempre que julgasse necessário a fim de proteger o povo romano. A *tribunicia potestas* era um recurso que rendia muitos privilégios e até mesmo manipulações, uma vez que se davam por meio do direito de veto dos imperadores, garantindo-lhes a possibilidade de desfazer um tribunal se assim lhes aprouvesse. Béranger (1953) pactua com o pensamento anterior e acrescenta que essa competência é muito antiga dentro do domínio do poder imperial. Foi inaugurada por volta do ano de 23 a.C. com Augusto, mas suas origens remontam os tempos republicanos. Além disso, inicialmente ela não foi uma aquisição oficial dos imperadores, sendo então apenas uma propriedade acessória; só com Trajano ela se tornou oficial. Essa atribuição de poder

⁷⁹ Quando um homem fosse nomeado governante, ele poderia receber o título de *imperator*, que tradicionalmente era atribuído a um comandante vitorioso de um exército que recebia honrarias, mas com os imperadores passou a assumir o sentido do titular do comando supremo, assim o poder militar era espontâneo.

demonstra o enfraquecimento que as magistraturas sofreram como consequência do aumento do poder imperial.

Cabia também ao imperador garantir os bons *mores* e, nessa função, tendo como base a integração dos povos provinciais ao sistema romano, Oliveira (1996) e Alföldy (1989) concordam que aquele podia admitir novos membros à ordem equestre, conforme os julgasse adequados, bem como poderia nomear os *homines novi* para o senado; tais medidas garantiriam também o direito de excluir esses membros das respectivas ordens.

O exercício do poder imperial requeria que o imperador se preocupasse com o bem público, que fosse comprometido com a *rei publica causa*. Por exemplo, Galba subiu ao poder por considerar ser essa a melhor medida para todos os cidadãos e foi morto pelo mesmo motivo. Nesse sentido, Plutarco transcreve as palavras do soberano, no momento de sua execução, sobre essa responsabilidade: “[...] Mas ele [*Galba*] apenas apresentou o pescoço para as espadas deles, dizendo: ‘Faça seu trabalho, se isso for o melhor para o povo romano’” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXVII)⁸⁰. Isso significa que o *princeps* era o *Pater Patriae*, e Roma estava sob sua proteção.

Diante do exposto, Béranger (1953, p. 226) assinala que a Roma imperial existia como um organismo vivo. Perspectiva essa encontrada dentro da filosofia estoica, a qual pensava o Estado como um “corpo” que necessitava de um comandante para exercer a função da “cabeça” ou de guia. O pensamento encontra correspondência no *Tratado Sobre a Clemência* do filósofo estoico Sêneca (04 a.C.-65 d.C.):

Do mesmo modo que o corpo inteiro está a serviço do espírito e, embora aquele seja muito maior, mais belo e o espírito delicado permaneça oculto, sem que saibamos em que lugar se esconde, o todo, mãos, pés, olhos, atuam em seu benefício; a pele o resguarda, por mandato seu descansamos ou nos movemos intranquilos de um lugar a outro (SÊNECA, *Tratado sobre a Clemência*, I, III: V)⁸¹.

Sêneca vivia no círculo imperial e o tratado que escreve é uma espécie de cartilha ao imperador Nero. Para tanto, deixa transparecer como funcionava o exercício do poder imperial à medida que usa a metáfora do corpo, com os membros e olhos, agindo de acordo com o espírito, e esses se personificam na figura dos cidadãos romanos com as instituições

⁸⁰ [...] But he merely presented his neck to their swords, saying: “Do your work, if this is better for the Roman people” (PLUTARCH, *life of Galba*: XXVII).

⁸¹ Del mismo modo que el cuerpo entero está al servicio del espíritu y, aunque aquél sea mucho más grande y más bello y el espíritu delicado permanezca oculto, sin que sepamos en qué lugar se esconde, con todo, manos, pies, ojos, actúan en beneficio suyo; la piel lo resguarda, por mandato suyo descansamos o no movemos intranquilos de un lugar a otro (SÊNECA, *Tratado sobre la Clemencia*, I, III: V).

e imperador. A ideia de *corpus imperi* é muito presente no pensamento romano, perdurando inclusive no regime imperial. Assim, em conformidade com Béranger (1953), essa perspectiva se fundamenta nas heranças gregas e marca uma parte da teoria política de Roma, uma vez que os romanos pensavam todos os segmentos dirigentes agindo em harmonia, como em um organismo.

O período de guerra civil entra em uma espécie de caos justamente por não possuir um soberano forte, isto é, foi um momento em que não havia um “espírito” para guiar as decisões do Império. Nossos objetos de pesquisa, Tácito e Plutarco, em vários momentos de suas obras, deixam claro essa falta de autoridade, por exemplo, quando ambos afirmam que Otão não conseguia controlar os pretorianos, que foi o corpo militar que o havia proclamado governante: “[...] mas Otão ainda não tinha influência para proibir crimes” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLV) ⁸².

Essa falta de controle por parte dos imperadores, que gerava a guerra civil, exprime a ausência de *auctoritas* desses governantes, termo que não se traduz simplesmente como autoridade. Béranger (1953), a partir de conceitos do Principado, pontua que a *auctoritas* é um direito público com base constitucional. Essa atribuição compreende uma série de atitudes do imperador limitada pela moral, visto não ser abusiva. Para poder exercer essa atribuição, cabe ao governante estar bem preparado, uma vez que ela emana da posição social, política e da capacidade individual, isto é, esse domínio era o poder pessoal do soberano. Tradicionalmente em Roma era considerada como uma soma de experiências e a obediência às regras de conduta, isso significa que a *auctoritas* dependia da questão política, intelectual e moral. Além disso, essa autoridade não se dava isoladamente: eram necessários o poder que o posto de César oferecia, a *tribunicia potestas* e o consentimento do senado.

Alföldy (1989) também aborda a questão da *auctoritas* do governante. Entretanto, diferentemente de Béranger (1953), o historiador húngaro não considera esse domínio como algo garantido pelos direitos constitucionais e sim como uma posição pessoal do *princeps*, garantida pelo próprio homem e que lhe rendia superioridade. Isso porque o imperador era a encarnação ideal de todas as antigas virtudes romanas, sendo as principais: *virtus*, *iustitia*, *clementia* e a *pietas*.

Pereira (1984) concorda com a perspectiva do historiador húngaro ao afirmar que não se pode fazer uso da força para conseguir a *auctoritas* na medida em que essa

⁸² [...] but Otho had not yet the influence to forbid crimes [...] (TACITUS, *Histories*, book I: XLV).

qualidade se expressa nas decisões da pessoa, de forma a constituir um atributo moral e político. O conceito, ainda segundo essa perspectiva, pode ser a soma de talento, riqueza, idade, fortuna, beleza, arte, experiência, necessidade e fortuitos; os quais, porém, devem estar em equilíbrio com os demais poderios.

O imperador deveria exercer essas atribuições com o intuito de reconduzir a população de Roma para a *libertas*; termo este que foi muito utilizado em Roma e que traduz um sentido importante aos cidadãos romanos. Conforme Pereira (1984), essa noção não se dissocia da de *auctoritas* e era valiosa para os romanos por condizer com a condição de vida dos cidadãos da República: alcançada mediante o consenso desses, os quais tinham como representantes os aristocratas. No Principado, o imperador era responsável por essa medida.

Grimal (1990) realiza um trabalho relativo à concepção de liberdade desde os primórdios de Roma até o regime dos césares. De modo semelhante a estudiosa portuguesa, reporta à ligação entre *libertas* e *auctoritas* na figura de Augusto. Isso pressupõe que os imperadores recebiam seus domínios e deveriam exercê-los a fim de manter a liberdade que os romanos julgavam ter nos tempos republicanos. Tácito e Plutarco também escrevem de modo que a liberdade parecesse preciosa no exercício do poder imperial. Nas palavras do primeiro,

[...] Ele admira os tempos anteriores, mas se adaptou para o presente; ele orava para bons imperadores, mas suportava qualquer tipo [...] Assim como os piores imperadores desejam pelo poder tirânico absoluto, e mesmo os melhores desejam algum limite à liberdade de seus subordinados (TÁCITO, *Histórias*, livro IV: VIII)⁸³.

O historiador, nessa passagem, caracteriza Marcellus, um senador que ocupou magistraturas sob os imperadores anteriores aos das guerras civis. Nascido no período da República, vivia sob o governo de Vespasiano e se dizia saudosos dos anos de seu nascimento. Quando Tácito escreveu a respeito desse político contemporâneo do final do ano de 69 d.C., deixou transparecer sua própria opinião sobre a liberdade, a qual não era possível caso o imperador fosse tirânico — termo que faz referência ao governante que centraliza o poder em suas mãos. Suas palavras, porém, deixam transparecer que até mesmo aos bons imperadores a liberdade era limitada.

⁸³ [...] he admired the earlier period, but adapted himself to the present; he prayed for good emperors, but endured any sort. [...] Just as the worst emperors wish for absolute tyrannical power, even the best desire some limit to the freedom of their subjects (TACITUS, *Histories*, book IV: VIII).

Plutarco, por sua vez, mesmo sendo um biógrafo de origem helênica, descreve a mesma preocupação da liberdade que os romanos possuíam para o Império: “Então, de fato, Galba estava muito alarmado, e escreveu para Verginius convidando-o para juntar-se nos esforços para a preservação tanto do império, quanto da liberdade dos romanos” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: VI)⁸⁴. Diferentemente de Tácito, o biógrafo não retrata um magistrado e sim narra o período de conflitos que as províncias empreendiam com o objetivo de tirar Nero do poder. Assim, relata a preocupação do primeiro imperador do ano de 69 d.C. com relação à liberdade, bem como o seu temor de que Roma e seus cidadãos pudessem retornar às mãos do último imperador julio-claudiano, visto então como um governante inadequado por não proporcionar o retorno da *libertas*.

Essas percepções de liberdade, tanto do historiador latino como do biógrafo queronense, não se remetiam à liberdade estritamente individual. Conforme observa Wallace-Hadrill (1982), elas correspondiam à *Libertas Augusta*, segundo a qual o imperador deveria garantir a liberdade de todos, principalmente do senado, magistrados e daqueles que produzissem os discursos. Nesse sentido, os três imperadores do ano de 69 d.C. não correspondiam aos modelos que poderiam garantir essas qualidades, já que governavam amparados no poderio das forças bélicas, amedrontando o senado e os cidadãos.

O exercício do poder imperial era complexo, assim como o era a instituição do Principado, pois o *princeps* concentrava em suas mãos o poder político, legislativo, militar e, até mesmo, o moral. Deveria ele ainda demonstrar *auctoritas* para a condução dos romanos e seus domínios e garantir, por meio de suas atitudes, a *libertas*, tão cara e presente na mentalidade dos cidadãos. Ao governante cabia agir de maneira exemplar, de modo a levar em conta o desejo da maioria e a agir em conformidade com as instituições, demonstrando possuir as qualidades necessárias ao posto; caso contrário, seria considerado um tirano.

3.2.1 *Tyrannus e rex iustus*

O exercício do poder de um imperador romano contava com vários suportes, como as forças armadas e o reconhecimento legal constitucional — ou o termo que Wallace-

⁸⁴ [...] Then indeed Galba was all alarm, and wrote to Verginius inviting him to join in efforts for the preservation alike of the empire and the freedom of the Romans (PLUTARCH, *life of Galba*: VI).

Hadrill utiliza, a “pura inércia da máquina burocrática”⁸⁵ (1981, p. 298). Entretanto, para manter o poder, o governante dependia da aceitação de seus súditos quanto a sua personalidade, talentos e qualidades. Para tanto, o *princeps* precisava possuir e ter reconhecidas as suas virtudes imperiais, pois ele deveria ser representado como a encarnação de todas essas, ou seja, como um homem superior.

Dentre os imperadores do Principado, poucos foram considerados verdadeiramente aptos a governar, o que explica muitos dos assassinatos, traições e conspirações para a destituição desses soberanos. Esses homens, considerados pouco preparados para o governo, frequentemente, eram caracterizados como *tyrannus* pela literatura contemporânea do Império Romano; termo que pode ser encontrado literalmente em Tácito: “[...] que os tiranos sempre suspeitavam e odiavam o homem que fosse escolhido como seu sucessor [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXI)⁸⁶ e em Plutarco: “[...] os romanos a tê-lo (*Galba*) como seu governante em vez de Nero como seu tirano” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: IV)⁸⁷.

Nesse sentido, observamos que a questão da tirania e sua concepção se encontrava muito presente no pensamento greco-romano. Béranger (1935, p. 85) assevera que o termo *tyrannus* é uma das primeiras contribuições da cultura helênica para a latina, embora tenha sofrido algumas alterações em seu significado com o tempo. Na Grécia, o conceito de *tyrannus*⁸⁸ remetia ao chefe ou governante, mas em Roma foi o sentido iniciado por Platão (428-337 a.C.) que se conservou, isto é, o tirano como sendo o egoísta, o injusto, o mais infeliz dos homens; além do que, a carência de moral deste justificava a sua ilegitimidade.

Oliveira (1996) segue a mesma perspectiva do historiador francês e acrescenta que o *tyrannus* era considerado aquele que não estava apto a comandar; assim sendo, provocava a desordem e usava o Estado para satisfazer seus desejos individuais, ao considerar os cidadãos submissos a ele. No caso específico de Roma, é possível encontrar essa denominação para os homens que não governassem com o apoio ou aprovação do senado. Isso significa que esse gênero de governante era visto como o modelo cruel, violento e perseguidor.

⁸⁵ Sheer inertia of a bureaucratic machine (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 298).

⁸⁶ [...] that tyrants always suspected and hated the man who was marked out as their successor [...] (TACITUS, *Histories*, book I: XXI).

⁸⁷ [...] the Romans to have thee as their ruler rather than Nero as their tyrant [...] (PLUTARCH, *life of Galba*: IV).

⁸⁸ *Tyrannus* na Grécia arcaica e clássica significava o fato de um homem se apoderar do poder sem autoridade constitucional legítima, e era diferente da concepção de rei; a princípio não continha impregnada em seu sentido as qualidades pessoais ou de governante, pois estes poderiam ter governado em conformidade com a paz e o interesse comum, mas sua condição continuava a mesma (FINLEY, 1963, p. 36).

Diante disso, a *tyrannia* não era expressa de uma só maneira, mas possuía diversas faces como

Aquela que aparece com as expressões estereotipadas, frequentemente com as ideias relacionadas com a crueldade;
Aquela que tem um caráter de uma injúria (com o significado primitivo esquecido) endereçada a quem visasse o poder;
Aquelas que os escritos, incluindo a filosofia, distinguiam e opunham *rex* e *tyrannus*, um simbolizando o sábio, o justo (senhor de suas paixões) o outro injusto (escravo delas);
Aquela que, para evitar uma transcrição banal “*tyrannus, tyrannis*”, e para render uma noção latina, os autores recorriam a palavra “*dominnus*” e seus derivados (BÉRANGER, 1935, p. 92)⁸⁹.

Martin (2004) complementa essa ideia ao pontuar que as diversas faces que as figuras dos tiranos tiveram deveram-se às tentações que o posto e seu poder proporcionavam. Na função de imperador, era possível o desarranjo ou a falta de autoridade, bem como o agir em conformidade com o senado ou centralizar as decisões em si. O cargo, ao possibilitar contato com a riqueza do império, permitia ainda o uso do dinheiro com parcimônia ou prodigalidade, vaidade e megalomania; assim a moderação, uma das qualidades que os imperadores deveriam possuir, era difícil de ser alcançada. Podemos mencionar alguns exemplos das faces tirânicas com os imperadores dos anos de 68 e 69 d.C.: para Galba, uma de suas características proeminente era a austeridade. Mesmo sendo originário de uma família de grande riqueza, negou os donativos aos soldados. Otão, ao contrário, estimulava a prodigalidade, com grandes pagamentos e ofertas de banquetes. Vitélio, também dado ao luxo, era esbanjador e, por vezes, descrito como indiferente.

Outras características dos imperadores dos anos de 68 e 69 d.C. fizeram com que fossem reconhecidos como pouco aptos ao governo, pois Galba era “severo e do tipo antigo” (PLUTARCO, *Vida de Galba: XXIX*)⁹⁰, que insinuava um temperamento propenso à violência; Otão é lembrado por sua amizade com Nero na juventude e pelo fato de que a vida de ambos fora marcada pelas “luxúrias da corte, seus adultérios, seus muitos

⁸⁹*No original*: Qu'elle apparaît sous des expressions stéréotypées, très souvent avec l'idée connexe de cruauté;
Qu'elle a le caractère d'une injure (le sens primitif étant tombé dans l'oubli) adressée à quiconque visait au pouvoir ;
Que les lettrés, notamment en philosophie, distinguaient et opposaient « rex » et « tyrannus », l'un symbolisant le sage, le juste (maître de ses passions), l'autre l'injuste (esclave de celles-là)
Que, pour éviter une transcription devenue banale « tyrannus, tyrannis », et pour rendre cette notion latin, les auteurs recourent à « dominus » et aux mots de la famille (BÉRANGER, 1935, p. 92).

⁹⁰ Severe and ancient type (PLUTARCH, *life of Galba: XXIX*).

casamentos e outros vícios reais (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXII)⁹¹, que não condiziam com uma boa conduta imperial; a respeito do último imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C., foi escrito que “Vitélio, no entanto, estava afundado em preguiça e já estava gozando antecipadamente de sua fortuna imperial pelo luxo indolente e jantares extravagantes” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLII)⁹², isto é, esse imperador era dado à prodigalidade e possuía pouca disposição para o exercício de sua função imperial.

Diante disso, a concepção de *tyrannus* se encontrava difundida na ideia de governo entre os romanos, sendo tema recorrente da literatura imperial, principalmente no que concerne à monarquia. Essa categoria de imperador tinha como antítese o *rex iustus*, que trazia a ideia de bondade e justiça, muitas vezes conduzido pela filosofia que agia em virtude do bem comum, pressupondo que o *rex* era o substituto desejável do *tyrannus*. Béranger (1953, p. 91) declara que, para os romanos, essa concepção estava baseada na figura de Júpiter, o rei dos deuses, o qual se caracterizava como um *optimus*. Por essa razão, encontramos as designações de *optimus princeps* para aqueles considerados soberanos adequados.

Tácito apresenta dois modelos de imperadores desejáveis, distintos dos imperadores dos anos de 68 e 69 d.C., aos quais ele se refere como “os deificado reinado de Nerva e o governo de Trajano” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)⁹³, assim como Augusto

Eles disseram que o mundo estava quase derrubado, mesmo quando o principado era o prêmio de um homem honesto; mas ainda o império permaneceu quando Júlio César venceu, e também tinha permanecido quando Augusto venceu (TÁCITO, *Histórias*, livro I: L)⁹⁴.

O historiador latino, nessas duas menções, descreve como homens honestos haviam passado pelo poder e garantido a seguridade de Roma. O historiador, ao reconhecer os governos de Nerva e Trajano como divinos, considerava estes como homens aptos a governar de maneira a garantir a boa condução de Roma. A opinião sobre Augusto se refere à questão da manutenção da segurança dos territórios e do povo de Roma, constituindo-o o protetor do Império nos anos finais da República, marcada esta por

⁹¹ [...] luxurious court, his adulteries, his many marriages, and others royal vices (TACITUS, *Histories*, book I: XXII).

⁹² Vitellius, however, was sunk in sloth and was already enjoying a foretaste of his imperial fortune by indolent luxury and extravagant dinners [...] (TÁCITUS, *Histories*, book I: LXII).

⁹³ [...] the deified Nerva's reign and of Trajan's rule [...] (TACITUS, *Histories*, book I: I).

⁹⁴ They said that the world had been well-nigh overturned, even when the principate was the prize of honest man; but yet the empire had remained when Julius Caesar won, and had likewise remained when Augustus won (TACITUS, *Histories*, book I: L).

diversas tensões, mas assegurada nas mãos do primeiro imperador. Essas menções elogiosas resultam do fato de que os governantes eram vistos como *optimus*, capazes de governar Roma em conformidade com o senado, de forma a manter o clima da *libertas* e a segurança dos cidadãos.

Para que o imperador conseguisse atingir esse patamar de governante desejável, esperava-se que detivesse uma série de qualidades ou virtudes, as quais tinham por base as correntes filosóficas então em evidência. Na Roma imperial, as ideias de virtude se voltavam ao estoicismo, embora não fossem exclusividade deste. Sêneca, adepto da filosofia estoica, tratou das concepções de *tyrannus* e de *optimus princeps* em seu *Tratado sobre a clemência*

Portanto, não é surpreendente que os *princeps*, os reis e os que estão encarregados com o poder público – seja qual for seu nome – sejam objetos de apreço mais além dos afetos privados, pois, os homens sensatos colocam antes as questões da coletividade do que os pessoais, é lógico que também seja a pessoa mais querida que se tem encarnado a república. Com efeito, faz tanto tempo que César se tem revestido da república que não poderiam separar um do outro sem prejuízo de ambos. Efetivamente aquele necessita da força e este da cabeça (SÊNECA, *Tratado sobre a Clemência*, I, IV: III)⁹⁵.

O filósofo afirmou que o governante estava vinculado ao Estado, reforçando a ideia de “cabeça” do corpo do Império já mencionada anteriormente, e, sendo assim, o soberano deveria colocar à frente de seus interesses o bem comum. A atitude de inserir o bem do governado antes do interesse particular era digna de afeição e honra. Compromisso esse que era encargo dos imperadores, uma vez que a República se encontrava sob sua tutela. De acordo com Oliveira (1996), o filósofo estoico tentou definir o que seria o *rex iustus*, entendido entre os romanos como *optimus princeps*, justamente como aquele que colocava o bem-estar da República acima de tudo, de modo que o *princeps* deveria zelar pela *libertas* republicana e pelos cidadãos de Roma.

Tácito e Plutarco escreveram de forma negativa sobre os imperadores dos anos de 68 e 69 d.C., visto que não os consideravam dignos do poder supremo de Roma e os descrevem com características tirânicas em suas condutas. Ao se referirem, entretanto, à escolha de Pisão por Galba, o historiador e o biógrafo não se mostraram demasiadamente

⁹⁵ Por eso no es extraño que los *princeps*, los reyes y los que están encargados del poder público – sea cual sea su nombre – objeto de aprecio más allá incluso de los afectos privados, pues, si los hombres sensatos anteponen las cuestiones de la colectividad a las personales, es lógico que también les sea más querida la persona en la que se ha encarnado el Estado. En efecto, hace tanto tiempo que el César se ha revestido del Estado que no podrían separarse el uno del otro sin perjuicio de ambos. Efectivamente, aquél necesita fuerzas y éste cabeza (SÊNECA, *Tratado sobre la Clemencia*, I, IV: III).

negativos, já que consideravam que o imperador deveria reagir de maneira que merecesse o poder, isto é, deveria ser moderado, não poderia demonstrar fortes emoções quando fosse nomeado. Tácito concorda com essa perspectiva quando descreve o anúncio da adoção de Pisão

Pessoas comentam que Pisão não deu nenhum sinal de ansiedade ou exaltação, mesmo aqueles quem estavam olhando antes no momento ou depois quando todos os olhos estavam sobre ele. Ele respondeu com reverência de um pai e um imperador; ele falou modestamente sobre si mesmo. Não havia mudança em sua aparência ou vestimenta; ele parecia capaz ao invés de desejoso de ser imperador (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XVII)⁹⁶.

Plutarco narra de modo semelhante o episódio da adoção realizada por Galba

[...] Quanto para Pisão, aqueles quem estavam presentes na cena e observaram sua voz e semblante, ficaram surpresos ao vê-lo receber tão grande favor sem grande emoção, embora não sem apreciação (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXIII)⁹⁷.

Essas narrativas deixam transparecer que Pisão não apresentava ser completamente ruim para o posto de governante, na medida em que possuía qualidades. Além disso, citando Martin (2004), essa visão positiva da adoção deveu-se ao fato de que o imperador Trajano, considerado pelos cidadãos aristocratas um governante preparado, havia chegado ao poder por meio da mesma medida de nomeação.

Apesar dos soberanos disporem de um cargo de grande poder, agindo sobre todos os setores romanos, e de suas determinações sobressaírem, como descrevemos até aqui, isso não garantia a aceitação do povo quanto a sua forma de governo. O fato evidencia que o exercício do poder imperial era complexo e que existia uma forte propensão para considerarem os soberanos como *tyrannus*, cabendo ao imperador tomar medidas para que essa visão a seu respeito fosse modificada. Era, portanto, da responsabilidade do governante agir de forma a comprovar a sua preocupação com a coletividade de Roma, a fim de que não fosse recebido como um imperador pouco preparado.

⁹⁶ People report that Piso gave no sign of anxiety or exaltation, either before those who were looking on at the time or afterward when the eyes of all were upon him. He answered with the reverence due to a father and an emperor; he spoke modestly about himself. There was no change in his look or dress; he seemed like one who had the ability rather than the desire to be emperor (TACITUS, *Histories*, book I: XVII).

⁹⁷ [...] As for Piso, those who were present at the scene and observed his voice and countenance were amazed to see him receive so great a favour without great emotion, though not without appreciation (PLUTARCH, *life of Galba*: XXIII).

CAPÍTULO IV

O MODELO DE GOVERNANTE NO PERÍODO DAS GUERRAS CIVIS (68-69 D.C.)

4.1 A construção da imagem imperial em Tácito e Plutarco

Quando entramos em contato com as biografias e narrativas históricas, podemos perceber que os autores, muitas vezes, têm uma opinião formada a respeito dos indivíduos abordados. Essa perspectiva, por seu turno, influencia na descrição a respeito desses personagens ou de fatos que os rodeiam uma vez que está carregada de “juízo de valor”, propositalmente ou não; concepção esta que pode ser identificada tanto em Tácito como em Plutarco.

Mencionamos os estudos atuais de biografia da antiguidade romana, já que retratos, imagens, quadros, espelhos ou modelos são mais comuns com os escritos biográficos. De acordo com Brandão (2009, p. 71), é mais usual encontrar nos relatos acerca da vida de um indivíduo o drama, o apelo ao sentimento, a descrição de ambientes, vestimentas e sensações, com o objetivo de reconstruir uma realidade, do que nas narrativas históricas que pretendem ser mais objetivas e que, não raras vezes, acabam por deixar em segundo plano o relato sobre os indivíduos. Além disso, as biografias eram aparentemente menos preocupadas com as questões políticas e mais direcionadas à vida de um indivíduo. Logo, eram, supostamente, “retratos da alma” que “humanizavam” o biografado. Diferente da história, que buscava tratar dos acontecimentos coletivos.

Brandão (2009) ainda afirma que os autores, com o objetivo de acentuar as características do sujeito de uma narrativa, adotavam um método de escrita singular; como no caso de Suetônio⁹⁸ que, quando almejava retratar positivamente um imperador, iniciava a obra com informações sobre os vícios e más atitudes e a terminava com os feitos favoráveis e a exaltação das virtudes daquele, já que suas biografias não seguiam um modelo cronológico de composição. O modelo de construção proposto por Plutarco, diferentemente do de Suetônio, respeitava uma cronologia e a pretensão de demonstrar um caráter positivo ou negativo é mais complexa de ser identificada. Pinheiro (2013, p. 97) e

⁹⁸ Caio Suetônio Tranquilo (70-160 d.C) era de origem equestre, se dedicou aos escritos biográficos e foi um secretário de Trajano, nessa função provavelmente conseguiu entrar em contato com os arquivos imperiais, que contribuíram para seus escritos. Suas biografias se encontram na obra *Vida dos Doze Césares*, e narram a vida de Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano.

Aalders (1982, p. 49) concordam que o biógrafo, ao longo de sua narrativa, apresentava características positivas e negativas dos biografados – o que requeria maior atenção à interpretação desses – pois, para ele, nenhum sujeito era completamente bom ou mau. A narrativa de Tácito respeita o modelo histórico, o que significa que a construção da imagem imperial estava atrelada aos fatos da coletividade e, tal qual o biógrafo queronense, seguia o modelo cronológico. No entanto, apesar da história reclamar por imparcialidade, Syme (1958) assevera que o historiador selecionava os fatos a serem narrados de maneira a demonstrar a sua visão, geralmente negativa, acerca dos imperadores.

Dialogando a respeito do conceito de construção de retratos, Martin (2004) afirma que a consciência ou nomeação de “construção de uma imagem” não era efetivamente declarada nos autores da antiguidade. Na maioria das vezes, esses pensadores buscavam articular as narrativas com intuito de denunciar ou exaltar algum homem ou feito, de modo a fazer propaganda ou a demonstrar um cânone estético sem, contudo, declararem estar fazendo isso. Assim, os retratos elaborados dependiam da interpretação de quem os lesse.

Criar uma imagem ou um modelo de um ou mais indivíduo em uma obra constituía em um trabalho complexo o qual demandava, por exemplo, por conhecimento de muitas fontes e o como usá-las; o que, não raro, resultava na manipulação dos dados. Dentre os recursos empregados para deixar um “retrato” mais completo, sobretudo nas biografias, embora algumas vezes possa ser encontrado também na história, era o uso das descrições dos aspectos psicológicos e físicos de cada personagem, de forma a legitimar um traço característico por meio das palavras. Quando, por exemplo, Plutarco falando de Galba, evidencia que este governante não tinha completa aprovação de todos os subjugados do Império Romano e sustenta essa afirmação com a seguinte descrição: “[...] Mas muitos ridicularizavam Galba, especialmente Mitríadates de Ponto, que zombava de sua cabeça calva e sua face enrugada [...]” (PLUTARCO, *Vida de Galba*, XIII)⁹⁹; ou seja, o biógrafo recorreu aos aspectos físicos de Galba para descrever a sua falta de autoridade entre os políticos, o que fazia dele motivo de riso bem como transparecia a sua decadência em virtude da idade avançada.

É importante destacar ainda a perspectiva de Morgan (2006), que observa que os retratos construídos nem sempre se remetiam aos aspectos físicos mas buscavam formar também o caráter, a ação ou os episódios vividos de cada personagem apresentado. O autor

⁹⁹[...] But many ridiculed Galba, and especially Mithriades of Pontus, who scoffed about his bald head and wrinkled face [...]. (PLUTARCH, *Life of Galba*, XIII)

ainda difere da afirmação de Brandão (2009) ao assinalar que é possível encontrar nos trabalhos taciteanos uma intencionalidade na descrição de características pessoais, principalmente dos imperadores, isto é, ele também delineava os aspectos de um governante de acordo com a sua experiência e construía a imagem desses homens, ainda que sua obra se enquadre em narrativas históricas. Isso se deve ao fato de que, possivelmente, Tácito escreveu com cunho moralista, o que deixa indícios sobre sua opinião acerca de determinados homens. Para exemplificar, podemos citar o caso da representação de Vitélio, considerado indiferente e pouco disposto a governar, o que era passível de ser comprovado por meio de seu comportamento: “[...] Vitélio, no entanto, estava afundado em preguiça e já gozava antecipadamente de sua fortuna imperial por um luxo indolente e jantares extravagantes; ao meio dia já estava ébrio e empanturrado de comida” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXII)¹⁰⁰.

Nos escritos de Tácito, de acordo com Griffin (2009), as palavras delineavam a ideia de uma Roma em desequilíbrio, repleta de tirania e com a moral em declínio, sobretudo dos governantes; fatos que o motivavam a escrever, por vezes, de forma negativa a fim de denunciar alguns imperadores e propagandear outros. Com esse intuito, ele prometeu justiça e imparcialidade no julgamento de eventos e pessoas, independentemente de sua propensão pessoal.

Portanto, para que a formação de um modelo fosse possível, os autores tomavam como base as suas próprias realidades: Tácito, no papel de político atuante no governo dos primeiros imperadores antoninos; e Plutarco como palestrante grego, também contemporâneo do reinado dos primeiros governantes antoninos. Isso significa que os governos de Nerva e Trajano, bem como as carreiras políticas ou as aspirações pessoais desses autores, influenciaram na concepção de escrita sobre os imperadores das guerras civis de 68 e 69 d.C. e foram base para a composição dos escritos acerca desse período.

Tácito e Plutarco escreveram entre o final do século I d.C. e início do século II d.C., momento em que Domiciano foi deposto pelo senado e Nerva foi o substituto, isto é, o fim da dinastia flaviana e o início da dinastia antonina, que também foi um período conturbado com possibilidades de guerras civis, mas com um desfecho diferente: Nerva já se encontrava em idade avançada quando substituiu Domiciano, que fora assassinado por ser considerado um tirano, situação semelhante à de Galba. Entretanto, contrariamente ao

¹⁰⁰ [...] Vitellius, however, was sunk in sloth and was already enjoying a foretaste of his imperial fortune by indolent luxury and extravagant dinners; at midday he was tipsy and gorged with food. (TACITUS, *Histories*, book I: LXII)

imperador ancião dos anos de 68 e 69 d.C., Nerva contava com o apoio do senado, suas decisões eram consideradas sábias e havia conseguido manter a paz no império.

Devido a essas características do início do reinado de Nerva, em outro trabalho de autoria de Griffin (2008), é possível encontrar grande paralelismo com Galba nos momentos iniciais do reinado daquele; além de terem chegado ao poder já idosos, o momento era de guerra civil e ambos não conquistaram a aprovação imediata da guarda pretoriana. Todavia, a figura do primeiro imperador antonino era distinta da do imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. Segundo Peachin (2006), as fontes retratam a clemência e a generosidade da figura de Nerva – em oposição à avareza e à crueldade atribuídas a Galba – e o fato de que tenha chegado ao poder, em 96 d.C., não por revolta armada, mas pelo consenso do senado.

Syme (1958, p. 13) concorda com o fato de Nerva ter sido escolhido pelos senadores por sua origem distinta, visto que, possivelmente, descendesse de Marco Antônio, portanto, de uma família da antiga nobreza. Já Griffin (2008, p. 85) traz uma informação diversa com relação à origem do imperador ao mencionar o seu parentesco com Júlia, filha de Júlio César, e o fato de possivelmente ser descendente também do imperador Tibério. As informações acerca da vida de Nerva são, contudo, obscuras. Sabe-se que foi um homem de boa índole e, provavelmente, originário de uma família sempre próxima dos céares. Sua ascensão é lembrada como o retorno da *libertas republicana* e da restauração do poder senatorial.

O primeiro imperador antonino sabia que o período em que subiu ao poder era perigoso, uma vez que o imperador Domiciano tinha acabado de ser deposto pelos senadores. Em razão disso Nerva não poderia demonstrar ser mais poderoso que o senado. De acordo com Peachin (2006), depois da morte de Domiciano, a plebe demonstrava indiferença; soldados, principalmente os pretorianos, descontentamento, pois eram leais ao último flaviano; e os senadores e magistrados satisfação, e sobretudo estavam poderosos. Sendo assim, Nerva deveria agir com cautela em suas ações futuras e, dentre todos esses setores, ele deveria ter cuidado ao lidar com os soldados do pretório. Para estes, apesar de ter tido a aprovação do senado, Nerva não tinha uma carreira militar significativa e, a princípio, “[...] encontrava-se encurralado pela guarda pretoriana.” (PEACHIN, 2006, p. 128)¹⁰¹.

¹⁰¹ [...] found himself cornered by the praetorian guard. (PEACHIN, 2006, p. 128)

Sobre essa questão, no entanto, Griffin (2008) assevera que o imperador ancião antonino tomou algumas medidas a fim de manter sua segurança, como por exemplo, adotar Trajano, que tinha a aprovação da plebe, do senado e dos exércitos. Ao fazer isso, Nerva conseguiu contentar os pretorianos que se encontravam insatisfeitos:

[...] Nisto ele imitou Galba, que de fato escolhera um favorito já designado herdeiro por sua vontade. Para restaurar sua autoridade, Nerva teve que fazer melhor do que o velho imperador de 69, como Plínio expressamente diz. Ele deveria aceitar um candidato da guarda, se houvesse um, ou encontrar um sucessor que teria tanto o poder de dissuadir ou vencer os requerentes rivais e a paciência de esperar até que seu pai adotivo encontrasse um fim natural. Nerva escolheu Marco Ulpio Trajano, o comandante de três legiões da Germânia superior, o maior exército consular. (GRIFFIN, 2008, p. 94-95)¹⁰²

A adoção foi eficaz à Nerva para conter os ânimos desfavoráveis, na medida em que ele escolheu alguém que desfrutava de grande aprovação. Syme (1958, p. 23) interpreta esse fato como uma astúcia de Nerva. Consciente de que o pretório não o aprovava, ele se apoiou nas legiões, isto é, adotou um general de renome. O autor observa ainda que Trajano contava com a aprovação de inúmeras tropas, de modo que poderia ter iniciado uma guerra civil e dela sair vitorioso. A sua adoção, no entanto, abateu qualquer possibilidade de revolta.

O episódio da adoção de Trajano foi bem aceito pelos cidadãos, já que Nerva procurou “[...] pela república inteira [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XV)¹⁰³ um sucessor, ao invés de priorizar algum membro familiar. Griffin (2008, p. 95) analisa essa referência como de aprovação por parte de Tácito, pois ela sugere que a adoção de Pisão por Galba, narrada de forma positiva em *Histórias*, possa ser uma alegoria para a ação de Nerva que também realizou um belo discurso ao adotar Trajano. Peachin (2006), ao abordar o mesmo fato, observa que os antoninos foram os primeiros a conseguirem realizar esse tipo de sucessão; visto que Pisão foi assassinado pelos otonianos e não chegou, portanto, ao poder. Para o império, figurou uma nova possibilidade de transmissão do poder de forma bem recebida.

¹⁰² [...] In this he imitated Galba, who had in fact chosen a favourite already designated heir in his will. To restore his authority, Nerva had to do better than had the elderly emperor of 69, as Pliny expressly says. He must either accept the candidate of the guard, if they had one, or find a successor who would have both the power to deter or overcome rival claimants and the patience to wait until his adoptive father met his natural end. Nerva chose Marcus Ulpius Traianus, the commander of the three legions of Upper Germany, the nearest large consular army. (GRIFFIN, 2008, p. 94-95)

¹⁰³ [...] in the whole state [...] ((TACITUS, *Histories*, book I: XV)

Nos escritos contemporâneos do Principado, a figura de Trajano é muito louvada e não há menções negativas ao seu governo, ao seu caráter ou, até mesmo, à sua família. A esse respeito, Syme (1958) assinala que Trajano tinha uma fama positiva ao seu redor, de ser virtuoso, respeitar e conceder poderes ao senado, governar em harmonia com a aristocracia, ser moderado em suas ações, ou seja, um governante quase perfeito. Ademais, Griffin (2008) complementa que Trajano era muito popular entre todas as camadas sociais de Roma, conquistando inclusive o apoio do pretório, que havia ficado descontente com a morte de Domiciano. Alerta, porém, a estudiosa que todo documento otimista a respeito da figura desse imperador deve ser lido com cautela, de modo a sugerir que os frequentes elogios representem possível medo de repressão. Apesar dessa ressalva, o reinado do segundo imperador da dinastia antonina foi considerado o mais feliz e próspero para os cidadãos romanos.

Na mesma perspectiva, Costa (2014, p. 65) aponta que Trajano subiu ao poder bem assegurado, ao ponto de abdicar das atitudes divinizantes, dialogar com a cúria, expulsar delatores e prometer não condenar à morte ou perseguir senadores; ademais, ele retomou a política de conquistas e tentou reabrir o comércio com o oriente. O único aspecto questionado era sua origem hispânica, porém isso não impediu que Trajano renovasse os valores morais, políticos e militares de Roma, o que simbolizou um retorno aos costumes tradicionais. Vale também ser destacado, ainda com relação ao governo do segundo antonino, o seu aspecto conservador de manter o senado poderoso e de, aparentemente, interferir o menos possível em suas decisões, de modo a sugerir que Trajano manteve os grupos tradicionais dirigentes no comando.

Sobre a relação entre Trajano e o senado, muitos autores da historiografia mais recente parecem concordar que a relativa harmonia entre o imperador e o senado não deve ser considerada sem crítica. Dentre eles, Syme (1958) analisa que muitos dos senadores e dos magistrados eram nomeados pelo imperador, de maneira a insinuar que Trajano havia escolhido muitos homens favoráveis a ele. Em meio a estes, encontramos a figura de Tácito, que atingiu as mais altas magistraturas no governo daquele. Nesse sentido, Costa (2014) afirma que o segundo imperador antonino correspondeu aos ideais de seu tempo e a propaganda que circulava em torno dele referia-se à conciliação entre o *princeps* e os grupos dirigentes tradicionais. Portanto, um dos aspectos mais explorados do governo de Trajano, com o intuito de disseminar o seu bom desempenho, era sua boa relação com o

senado e seus magistrados, ou seja, sua capacidade de equilibrar o novo e o antigo regime em Roma.

Já Peachin (2006) escreve que Trajano foi considerado um bom imperador na medida em que deixava o senado contente, não por conceder plenos poderes aos senadores e magistrados, mas por não persegui-los e por respeitar as decisões desses; o que sugere que “[...] Trajano tinha decidido se subordinar as leis que não destinavam a se aplicar a um imperador.” (PEACHIN, 2006, p. 146)¹⁰⁴

Ademais, o segundo imperador antonino foi considerado moderado em suas ações pois, segundo Syme (1958), ele recusou as grandes honrarias e não esbanjou oferecendo presentes às multidões. De forma semelhante, Costa (2014) afirma que Trajano não abusou do poder, visto que exercia suas magistraturas não como forma de prestígio pessoal mas para o bem-estar do império. Para além de governante, ele se considerava um cidadão: “[...] a cidadania, sinônimo de simplicidade, é apresentada para abrandar a superioridade do poder imperial e também para contrastar com a importância da magistratura” (COSTA, 2014, p. 109). Ainda, após a morte de Nerva, Trajano não retornou imediatamente a Roma a fim de ocupar seu lugar, uma vez que se encontrava em campanha nas províncias; só tendo marchado à capital cerca de dezoito meses depois. Dessa forma, como foi exposto no capítulo anterior, o imperador recebeu o título de *optimus princeps* por não demonstrar caráter tirânico e sim ostentar virtudes prestigiadas, como a *auctoritas*, *mos maiorum*, *iustitia*, *clementia* e a *uirtus*.

Costa (2014) continua sua argumentação registrando que Roma foi marcada por um processo de conquistas e de incorporação de valores dos povos conquistados, de modo que grande parte do poder do imperador dependia da influência que este exercia junto aos exércitos, já que ser reconhecido pelas forças militares era um fator estabilizador. Costa (2014) e também Griffin (2008) sustentam que Trajano foi um excelente militar e isso contribuiu para que fosse escolhido por Nerva. Sua conduta como general era ser brando com os romanos de nascimento e firme com os povos conquistados; e o fato de agir como soldado tranquilizava e dava segurança também ao senado.

Nesse momento considerado próspero e de paz, encontramos nossos objetos da pesquisa: de um lado Tácito usufruía dos bons tempos que o senado e os magistrados viviam, o que pode tê-lo inspirado a rememorar os anos anteriores de tensão que não tiveram um bom desfecho, a fim de mostrar como o governo dos primeiros antoninos era

¹⁰⁴ [...] Trajan had decided to subordinate himself to the laws that were not meant to apply to an emperor. (PEACHIN, 2006, p. 146)

afortunado; por outro lado, havia Plutarco que também desfrutava da política imperialista de integração das províncias pelos antoninos na medida em que sua localidade poderia conseguir diversos benefícios com essas medidas.

Mas, divergindo desse ideal antonino muito expresso em Tácito, Plutarco se considerava um grego e sua criação de modelos levava em conta outros fatores que não somente a política romana, já que não era tão ativo nesta como o foi o historiador latino. A esse respeito, Aalders (1982) aponta que o biógrafo de Queroneia, na maior parte de suas obras, não declara sua opinião política mas deixa pistas acerca de sua preferência, de modo a sugerir que o autor tinha um gosto pelo modelo da Grécia antiga, momento no qual a filosofia estava presente nas decisões.

Sabemos que Plutarco era um seguidor da filosofia platônica e sua visão, no que se refere aos modelos políticos, era influenciada por ela. Por exemplo, sua concepção ideal de rei se assemelhava à do rei filósofo encontrada no platonismo, como demonstra o autor de Queroneia no início da biografia de Galba

Além disso, Platão observa que um bom comandante ou general não pode fazer nada a menos que seu exército seja amável e leal; ele pensa que a qualidade da obediência, é como a qualidade da característica de um rei, exige uma natureza nobre e uma formação filosófica, que, acima de tudo, mistura harmoniosamente as qualidades de gentileza e humanidade com as de grande coragem e agressividade. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: I)
105

Nesse trecho, o autor queronense deixa evidente sua opinião com relação ao como deveria ser bom governante, isto é, muito parecido com o *rex iustus* ou *optimus princeps* romano. Seu modelo ideal não segue uma instituição ou uma figura particular de governo, mas se baseia na moral, justiça e humanidade presentes em um governante. Então, o mais próximo de seu líder ideal seria aquele munido de grande justiça, a qual possibilitaria a organização de uma comunidade onde todos ficariam satisfeitos; e tal justiça só poderia ser alcançada, segundo o entendimento de Plutarco, com uma boa formação filosófica.

Aalders (1982, p. 56) complementa essa percepção afirmando que, possivelmente, Plutarco estava satisfeito com a política dos antoninos de seu tempo; mais precisamente com a de Nerva, Trajano e Adriano, pois a província da Acaia podia gozar de alguns

¹⁰⁵ Moreover, Plato sees that a good commander or general can do nothing unless his army is amenable and loyal; and he thinks that the quality of obedience, like the quality characteristic of a king, requires a noble nature and philosophic training, which, above all things, blend harmoniously the qualities of gentleness and humanity with those of high courage and aggressiveness. (PLUTARCH, *Life of Galba*: I)

privilégios na medida em que esses governantes possuíam algum princípio filosófico de conduta pessoal - o estoicismo, em geral - que influenciava na forma de governar.

No entanto, acerca dos imperadores das guerras civis, Morgan (2006) afirma que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos historiadores atuais é entender a imagem que eles representam:

O problema mais difícil para aqueles que tentam reconstruir e interpretar os eventos de 68/69 se refere a como vemos Otão. Analisar Galba também não é fácil, e como existem razões para se considerar que as retratações estão interconectadas, em pelo menos um dos casos, ambos os pontos necessitam de discussão. Se fizéssemos isso na narrativa principal teríamos nos demorado página por página. Porém, apenas mencionar o problema, ou apresentar uma escolha sem tentar explicar a lógica por trás dela, seria algo enganador assim como desonesto. (2006, p. 284)¹⁰⁶

De fato, compreender a construção de imagens não é um trabalho simples. Isso não diz respeito apenas à compreensão das de Galba e Otão mas a de Vitélio também. É preciso, antes, considerar os diversos fatores que influenciam essa construção. Cada fonte oferece um retrato diferente de cada um deles. Tácito, por exemplo, elabora sua narrativa acerca dos imperadores com uma perspectiva já definida; Plutarco, por ter passado sua juventude na região da Grécia, teve acesso às vidas desses sujeitos posteriormente, o que parece ter possibilitado a ele tecer uma narrativa menos tendenciosa.

Por outro lado, de acordo com Aalders (1982), o biógrafo de Queroneia escreveu a seu modo a respeito de homens importantes. Sua visão, contudo, assemelha-se bastante à dos aristocratas de seu tempo, uma vez que os relatos destes constituíram a maior parte de suas fontes, isto é, Plutarco “[...] está de acordo com o julgamento dos círculos senatoriais com quem manteve bons contatos e com a opinião oficial da época de Nerva e Trajano” (AALDERS, 1982, p. 57)¹⁰⁷.

Sendo assim, tanto Tácito - que tinha uma preocupação política presente em sua obra - quanto Plutarco - que não desconsiderava as questões políticas e que estava mais voltado à moralidade ou aos assuntos locais - construíram imagens, seja a partir de narrativas históricas como de biográficas, na medida em que descreveram os imperadores

¹⁰⁶ The most difficult problem faced by anybody attempting to reconstruct and interpret the events of 68/69 is that of determining how to view Otho. Assessing Galba is not much easier [...]. To do this in the main narrative would have caused it to bog down on page after page. To gloss over the problem, however, or to make a choice without any attempt to set out the reasoning behind it, would be misleading as well as dishonest. (MORGAN, 2006, p. 284)

¹⁰⁷ [...] is in agreement with the judgment of the senatorial circles with whom he maintained good contacts and with the official opinion of the time of Nerva and Trajan. (AALDERS, 1982, p. 57)

dos anos de 68 e 69 d.C. segundo suas próprias vidas. Esses autores tiveram, portanto, como base fundamental de suas obras o seu entorno, isto é, Tácito, magistrado e pertencente ao senado, sabia que qualquer alteração política influiria diretamente na sua condição; já Plutarco se beneficiava da política imperial favorável às províncias e, diante disso, conseguia ganhos pessoais e para a sua região de origem. Além disso, o ano dos quatro imperadores despertou o interesse desses autores pois, possivelmente, no momento em que Nerva chegou ao poder poderiam ter ocorrido eventos semelhantes aos que aconteceram nas guerras civis de 68 e 69 d.C., uma época de muitos conflitos e de instabilidade política. É importante destacar ainda que Trajano serviu de base para a criação dos modelos de Tácito e Plutarco por corresponder aos ideias senatoriais e beneficiar as províncias, o que agradava aos autores.

4.2 O governo de Galba

4.2.1. A narrativa histórica taciteana

A narrativa histórica de Tácito se baseia na narração cronológica ano a ano. Em decorrência disso, sua obra *Histórias* inicia-se exatamente no primeiro dia de janeiro do ano de 69 d.C.: “Eu inicio meu trabalho com o segundo consulado de Sérvio Galba, quando Tito Vínio era seu colega” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)¹⁰⁸, desconsiderando o início da guerra civil, que se deu em 68 d.C., e as ações de Galba nesses conflitos, seguidas da morte de Nero, o que nos leva a estudar por meio de outras fontes as origens da guerra civil. Essa limitação de tempo, entretanto, não exclui a narrativa acerca das decisões dos governantes, de modo a nos oferecer um modelo dos três imperadores, os quais, geralmente, são construídos com base em aspectos tirânicos.

De acordo com Henderson (1908), Tácito descreve com tal riqueza de detalhes as batalhas, as estratégias e a geografia, como se tivesse presenciado as decisões das guerras civis. No entanto, o que o historiador inglês não considera, Morgan (2006) o faz quanto as preocupações de Tácito: na descrição ou na construção da imagem de um imperador, em se tratando de Galba, o historiador deu maior enfoque à sua ausência de *auctoritas*, visto que,

¹⁰⁸ I Begin my work with the second consulship of Servius Galba, when Titus Vinius was his colleague. (TACITUS, *Histories*, book I: I) – Datação identificada por: MOORE, Clifford H. Introduction. In: TACITUS, Publius Cornelius. **Histories**, vol. II. Introduction, Translate and notes by Clifford H. Moore. Cambridge/ Massachusetts/ London: Harvard University press, 2014.

devido à idade avançada do imperador e à sua falta de firmeza nas decisões, acabou por entregar o comando de Roma às mãos de homens desonrados próximos a ele; à sua avareza, a qual poderia simbolizar a sua falta de *moderatio*; bem como à sua crueldade, isto é, ao seu escasso uso da clemência, característica esta que correspondente à vida pública.

A narrativa a respeito de Galba não é, contudo, completamente depreciativa. Em *Histórias*, ele é descrito de maneira a transparecer uma formação nobre e uma origem respeitável; suas ações como governante, porém, acabam denunciando um caráter mais tirânico do que virtuoso. Inicialmente, portanto, Tácito não demonstrou repreender completamente a ascensão do imperador ancião, visto que este simbolizou o fim do governo de grande tirano, o de Nero.

Embora a morte de Nero tenha sido acolhida com grande alegria, também despertou variadas emoções, não só na cidade entre os senadores, a população e os soldados citadinos, mas também em todas as legiões e generais; pois o segredo do império agora estava revelado, um imperador poderia ser feito em outros lugares além de Roma. Os senadores se regozijaram e fizeram pleno uso de sua liberdade, como era natural, pois tinham que fazê-lo enquanto o novo imperador ainda estava ausente. Os principais membros da ordem equestre estavam quase tão eufóricos quanto os senadores. A parte respeitável dos cidadãos e os que estavam ligados às grandes casas, os clientes e libertos daqueles que haviam sido condenados e expulsos para o exílio, todos foram despertados para a esperança. As camadas mais baixas, viciadas no circo e no teatro, juntamente com os escravos mais baixos e os homens que haviam desperdiçado sua propriedade e sua vergonha, e costumavam depender da recompensa de Nero, ficaram abatidos e se agarraram a cada rumor. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)¹⁰⁹

O excerto sugere que as camadas mais abastadas da sociedade sentiram-se esperançosas com a aclamação de Galba, que figurava prometer tempos mais prósperos e pacíficos. Isso se deve ao fato de que o imperador ancião - frente à imagem de Nero como um grande tirano construída por Tácito - parecia uma opção mais favorável ao governo de Roma. Brandão (2009, p. 106) aborda a ascensão do imperador ao poder pode não ser

¹⁰⁹ Although Nero's death had at first been welcomed with outbursts of joy, it roused varying emotions, not only in the city among of the senators and people and the city soldiery, but also among all the legions and generals; for the secret of empire was now disclosed, that an emperor could be made elsewhere than Rome. The senators rejoiced and immediately made full use of their liberty, as was natural, for they had to with a new emperor who was still absent. The leading members of the equestrian class were nearly as elated as the senators. The respectable part of the common people and those attached to the great houses, the clients and freedmen of those who had been condemned and driven into exile, were all roused to hope. The lowest classes, addicted to the circus and theatre, and with them the basest slaves, as well as those men who had wasted their property and, their shame, were wont to depend on Nero's bounty, were cast down and grasped at every rumour. (TACITUS, *Histories*, book I: IV)

considerada ruim pelo historiador, pois, quando Galba se tornou governante, a dinastia julia-claudiana, que havia se mostrado insustentável à condução de Roma, foi destruída; além disso, não havia mais membros da família quando Nero faleceu.

Leme (2015, p. 188) dialoga com a perspectiva do autor português ao observar que Galba não fazia parte da família imperial e sim de uma família tradicional romana, e era ainda amigo de Lívvia Augusta, esposa do imperador Otávio; o que em parte é atestado pelo historiador latino: “Sua família era de antiga nobreza e possuía grande riqueza [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLIX)¹¹⁰. Martin (2004) relata que, apesar de pouco se saber sobre a origem de Galba e de seus familiares, a carreira militar deste destacava-se e sua fama era reconhecida nesse setor:

[...] Ainda quando era vigoroso fisicamente, ele apreciava a reputação por seus serviços militares na Província da Germânia. Como procônsul ele governou a África com moderação e quando ele já era um homem velho, governou a Espanha ceterior com a mesma retidão. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLIX)¹¹¹

Ademais, a formação e a conduta de Galba como um general são louvadas por Tácito, assim como seu caráter firme frente às bajulações: “[...], pois Galba mostrou um espírito notável em verificar a licença por parte dos soldados; antes das ameaças ele se demonstrou sem medo e incorruptível contra a adulação.” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXXV)¹¹².

Quando o general chegou ao poder ele tinha cerca de 72 ou 73 anos de idade, isto é, “Galba era fraco e velho” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: VI)¹¹³ e isso fez com que os homens que compunham seu círculo pessoal agissem sem limite algum, visto que não sofreriam repreensão devido à debilidade do corpo e da mente do general ancião, somadas à mediocridade de seus julgamentos: “[...] uma vez que eles estavam lidando com um homem enfermo e confiante, eles tinham menos do que temer e mais esperança em seus atos errados [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XII)¹¹⁴.

¹¹⁰ His family was of ancient nobility and possessed great wealth [...]. (TACITUS, *Histories*, book I: XLIX)

¹¹¹ [...] While he was vigorous physically, he enjoyed a reputation for his military service in the German provinces. As proconsul he governed Africa with moderation and, when he was already an old man, ruled Hither Spain with the same uprightness. (TACITUS, *Histories*, book I: XLIX)

¹¹² For Galba showed a remarkable spirit in checking licence on the part of the soldiers; before threats he was unterrified, and incorruptible against flattery. (TACITUS, *Histories*, book I: XXXV)

¹¹³ Galba was weak and old. (TACITUS, *Histories*, book I: VI)

¹¹⁴ Since they were dealing with an infirm and confiding man, they had less to fear and more to hope from their wrong-doings. (TACITUS, *Histories*, book I: XII)

O historiador latino não o via como bom governante sob nenhum aspecto e um resumo de sua percepção do general enquanto imperador patenteia-se na seguinte passagem

[...] O próprio gênio de Galba era medíocre, era mais livre de falhas do que possuidor de virtudes. Ele não era nem descuidado de reputação, nem alguém que se importava em se vangloriar. Ele não era ganancioso de propriedade alheia; era frugal consigo mesmo, mas de estado avarento. Gentil e complacente entre os amigos e os libertos, se ele os encontrasse honestos; se eles fossem desonestos, ele era cego, mesmo para as faltas. Mas seu bom nascimento e o terror que as vezes inspirava mascarava a verdade, de modo que os homens chamavam de sabedoria o que era apenas indolência. [...] Ele parecia um sujeito grandioso, e todos teriam concordado que ele seria igual no posto de Imperador, antes de ter sido um. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLIX)¹¹⁵

A descrição do historiador contém traços positivos de Galba, embora enfatize sua origem nobre, riqueza e até honra, é narrada de forma a transmitir a sensação de que as suas qualidades não superavam as falhas. Por ser um homem aparentemente pouco reflexivo ou mesmo incapaz de identificar as necessidades de Roma, Tácito atribui a Galba muitas decisões erradas, que levaram o principado a enfrentar um dos momentos mais conflituosos do primeiro século. Brandão (2004, p. 99) interpreta essa imagem negativa de Galba construída por Tácito como um recurso para demonstrar que a velhice daquele significou somente fraqueza e debilidade e não sabedoria, como era esperado de homens de sua idade bem preparados.

Ainda sobre a frequente descrição da velhice e fragilidade atribuídas à Galba, Martin (2004) analisa essa ênfase como um recurso a fim de demonstrar a carência de *auctoritas* por parte do primeiro imperador de 69 d.C., uma vez que as características físicas nas narrativas não se dissociam do comportamento dos governantes. Assim, o imperador não detinha a autoridade nem o respaldo nas leis, e tampouco evidenciava essa virtude em sua conduta. Como já discutido no capítulo anterior, as fontes costumemente apresentam os imperadores das guerras civis como desprovidos de *auctoritas*, pois segundo Béranger (1958), além de um respaldo nas leis, essa virtude necessitava da moral e das

¹¹⁵ Galba himself was of mediocre genius, being rather free from faults than possessing virtues. He was neither careless of reputation nor one who cared to boast of it. He was not greedy for another's property; he was frugal with his own, stingy with the state's. kindly and complacent toward friends and freedmen, if he found them honest; if they were dishonest, he was blind even to a fault. But his high birth and the terror which the times inspired masked the truth, so that men called wisdom what was really indolence. [...] He seemed too great to be a subject, and all would have agreed that he was equal to the imperial office if had never held it. (TACITUS, *Histories*, book I: XLIX)

atitudes dos imperadores, as quais não foram encontradas, por exemplo, em Galba posto que entregara nas mãos de homens desonrados o bem-estar da *res publica*: “[...] o real poder do principado estava dividido entre Tito Vínio, o cônsul e Cornélio Laco, o prefeito do pretório, nem a influência de Icelo, liberto de Galba, era menor do que a deles [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XIII)¹¹⁶. Esses indivíduos eram frequentemente retratados como infames e egoístas que não pensavam na boa condução de Roma, ocupando-se mais em enriquecer do que em tomar medidas que viessem a beneficiar a todos; no caso específico de Laco, que nem ao menos se esforçara para conhecer seus pretorianos.

Podemos destacar um dos maiores vícios à Galba atribuído, ou seja, a avareza, Usualmente citada na historiografia atual bem como nos trabalhos de Brandão (2009), Martin (2004), Leme (2015) e Morgan (2006). Tais autores fizeram constante menção a essa característica tirânica, presente na figura imperial, por conta da falta de pagamento de donativos aos soldados que lutaram ao lado do imperador nas guerras civis de Vindex em 68 d.C. Sobre a avareza de Galba, Tácito é bastante incisivo em sua opinião e somente em uma passagem a ameniza; quando menciona que o império não estava em sua melhor situação econômica

A próxima inquietação foi com relação às finanças. Após grande consideração, pareceu justo procurar o dinheiro nas fontes onde a causa da pobreza se encontrava. Duzentos e vinte milhões de sestércios tinham sido desperdiçados por Nero em presentes. Foi votado que os indivíduos deveriam ser convocados, e que uma décima parte dos presentes fossem devolvidos, mas os favoritos de Nero tinham apenas um décimo do ganho, pois tinham desperdiçado o dinheiro dos outros com as próprias extravagâncias; os mais gananciosos e depravados não tinham nem terras nem capital, mas apenas o que ministraria os seus vícios. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XX)¹¹⁷

A falta de dinheiro em parte justificou o desejo de economia por parte de Galba, visto que a corte neroniana é lembrada por seu luxo e esbanjamento. Porém, vale assinalar a afirmação de Brandão (2009): Galba só tem seus vícios amenizados quando é contrastado com Nero nas obras taciteanas; isso se deve ao fato de que Nero não agia em conformidade

¹¹⁶ The actual power of principate was divided between Titus Vinius the consul and Cornelius Laco the praetorian prefect, nor was the influence of Icelus, Galba's freedman, less than theirs. (TACITUS, *Histories*, book I: XIII)

¹¹⁷ The next anxiety was with regards to finances. After full consideration it seemed fairest to look for money from the sources where the cause of poverty lay. Twenty two hundred million sesterces had been squandered by Nero in gifts. It was voted that individuals should be summoned, and that a tenth part of the gifts which Nero favourites had hardly one-tenth left, for they had wasted the money of others on the same extravagances as they had their own; the most greedy and depraved had neither lands nor principal, but only what would minister to their vices. (TACITUS, *Histories*, book I: XX)

com o senado e oferecia muitos jogos e teatros, principalmente aos seus amigos e à plebe, de modo a construir para si a imagem de um grande tirano; enquanto o imperador ancião era carente de *auctoritas*, possuidor de *avaritia* e *crudelitas*, mas matinha a tradição romana. No entanto, esse contraste com o último imperador julio-claudiano não diminui de maneira considerável as falhas de seu sucessor.

Sendo assim, a menção da excessiva parcimônia do primeiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. é relatada já no início da obra quando as guerras promovidas por Vindex contra Nero, que acabaram resultando na ascensão do imperador ancião, são lembradas

Os soldados citadinos costumavam jurar fidelidade aos Césares e tinham sido levados a desertar de Nero, por uma pressão mais inteligente do que suas próprias inclinações. Agora quando viram que os donativos, que lhes haviam prometido em nome de Galba não haviam sido dados [...]. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: V)¹¹⁸

Moore (2014) pondera que o imperador não havia prometido pagamento aos soldados que assumiram estar ao seu lado, mas Ninfídio Sabino (35-68 d.C.), que era prefeito do pretório sob Nero, havia prometido pagamentos generosos pelo apoio a Galba. No entanto, o primeiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. da construção taciteana não conseguiu perceber que os soldados se encontravam descontentes por esse motivo, já que sua conduta, aos moldes antigos, não o permitia pagar donativos ou oferecer presentes aos seus soldados; afirmava aquele preferir conquistar estes a comprá-los. Mas Tácito demonstra que essa atitude não foi sábia da parte Galba: os tempos já não eram os mesmos do início de sua carreira militar.

Um dos autores que enfatiza a austeridade de Galba é Martin (2004). Segundo ele o imperador foi o primeiro, dentre todos, a negar os donativos aos soldados. A esta atitude soma-se o fato de que ele possuía uma grande riqueza pessoal, o que agrava ainda mais seu caráter parcimonioso. A avareza do imperador e a sua incapacidade de perceber o desejo dos pretorianos são bastante destacadas em *Histórias*, podendo ser comprovadas em uma de suas passagens:

[...] Não acrescentou lisonjas aos soldados, nem fez menção as recompensas. Contudo, os tribunos, centuriões e soldados mais próximos

¹¹⁸ The city soldiery had long been accustomed to swear allegiance to the Caesars, and had been brought to desert Nero by clever pressure rather than by their own inclinations. Now when they saw that the donative, which had been promised in Galba's name, was not given them [...]. (TACITUS, *Histories*, book I: V)

responderam a ele de maneira satisfatória; mas entre todos os outros soldados houve um silêncio sombrio, pois eles sentiram que haviam perdido através da guerra um direito de donativo que lhes pertenciam até mesmo na paz. Não há dúvida de que suas lealdades poderiam ter sido conquistadas pela menor generosidade por parte desse velho mesquinho. Ele foi arruinado por seu rigor antiquado e severidade excessiva – qualidades que não podemos suportar. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XVIII)¹¹⁹

O trecho evidencia que os pretorianos não esperavam receber grandes recompensas ou enriquecerem com o apoio oferecido, mas desejavam algum ganho pelo reconhecimento de bom trabalho prestado, visto que essa prática – a de receber recompensa - era um “direito” conquistado pelos soldados desde o início do principado. De acordo com Morgan (2006), o imperador ancião não estava completamente alheio ao descontentamento com relação ao seu modo de governar. Além disso, não só os pretorianos se demonstravam insatisfeitos como também as tropas da Germânia superior evidenciavam os primeiros sinais de insatisfação. Galba identificou essas tensões ocasionadas por sua idade avançada e falta de descendentes, como narrado por Tácito

Poucos dias depois de primeiro de janeiro, um recado foi trazido de Pompeu Propinquus, agente imperial na Gália Bélgica, dizendo que as legiões da Germânia superior tinham desrespeitado o juramento de lealdade e estavam exigindo outro imperador, mas que deixavam a escolha ao senado e ao povo romano, que a deslealdade poderia ser menos seriamente considerada. Essas notícias apressaram a ele (*Galba*) e seus próximos a questão da adoção de um sucessor. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XII)¹²⁰

A passagem exprime que não somente os pretorianos se encontravam descontentes com a situação mas os legionários das províncias também; o historiador latino, portanto, mais uma vez exprime o despreparo do imperador em identificar os problemas encontrados pelo império. Como afirma Martin (2004), Tácito considerava Galba medíocre e incapacitado para o governo.

¹¹⁹ He added no flattery of the soldiers, nor made mention of a gift. Yet the tribunes, centurions, and soldiers nearest him answered in a satisfactory manner; but among all the rest of the soldiers there was a gloomy silence, for they felt that they had lost through war the right to a gift which had been theirs even in times of peace. There is no question that their loyalty could have been won by the slightest generosity on the part of this stingy old man. He was ruined by his old-fashioned strictness and excessive severity – qualities which we can no longer bear. (TACITUS, *Histories*, book I: XVIII)

¹²⁰ A few days after the first of January a despatch was brought from Pompeius Propinquus, imperial agent in Belgic Gaul, saying that the legions of Upper Germany had thrown off all regard for their oath allegiance and were demanding another emperor, but that they left the choice to the senate and the Roman people, that they disloyalty might be less seriously regarded. This news hastened sidering with himself and his intimates the question of adopting a successor; (TACITUS, *Histories*, book I: XII)

Para além das carências políticas, a figura construída acerca do então imperador é a de um gênio cruel e sanguinário, a quem faltava clemência em suas ações, tanto para com romanos quanto para com os povos submetidos a Roma. Esse caráter cruel é descrito desde o início da obra taciteana

A aproximação de Galba para Roma foi vagarosa e sangrenta: o cônsul eleito, Cigônio Varro e Petrônio Turpiliano, um ex-cônsul, foram condenados a morte: Cigônio por ter sido cúmplice de Ninfídio, Petrônio por ter sido um general de Nero; foram mortos sem direito a falarem ou se defenderem, sendo que muitos homens os consideravam inocentes. A entrada de Galba em Roma foi de mau-agouro, pois milhares de soldados desarmados haviam sido massacrados, e isso inspirou medo nos homens que foram seus assassinos. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: VI)¹²¹

O trecho evidencia que Galba não deteve em momento algum as virtudes da clemência e da justiça. Sem reflexão ou não tendo permitido aos homens se defenderem, o imperador acabou tirando a vida de magistrados importantes e de soldados romanos, que provavelmente nem tivessem oferecido resistência à sua chegada, já que estavam desarmados. Sobre esse aspecto, Leme (2015, p. 191) sustenta que Galba deu indícios de que seria um bom governante. O seu caráter cruel, contudo, eliminou essa possibilidade, ao deixar o senado amedrontado e os demais cidadãos temerosos. Ademais, Moore (2014) confirma a colocação anterior destacando que muitas denúncias de assassinatos decorridos nas províncias foram entregues ao governante idoso e que este as negligenciou, enviando somente seus procuradores para investigar os acontecimentos.

O primeiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. também foi alvo de descontentamento dos legionários, tanto que “[...] eles estavam reclamando sobre as marchas difíceis, falta de suprimentos e dura disciplina.” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXIII)¹²². E cada vez mais, os soldados abandonavam o juramento que haviam feito ao imperador. Não somente os políticos e os soldados que lutavam em terra se tornaram desfavoráveis quanto à conduta do então imperador como também os marinheiros não o apreciavam: “as legiões da marinha não eram confiáveis, sendo que eram hostis a Galba,

¹²¹ Galba's approach to Rome had been slow and bloody: the consul-elect, Cigonius Varro, and Petronius Turpilianus, an ex-consul, had been put to death; Cigonius because he had been na accomplice of Nymphidius, Petronius as one of Nero's general: they were killed unheard and undenfended, so that men believed them innocent. Galba's entrance into Rome was ill-omened, because so many thousand of unarmed soldiers had been massacred, and this inspired fear in the very men who had been their murderers. (TACITUS, *Histories*, book I: VI)

¹²² They were grumbling seriously over the toilsome marches, the lack of supplies, and the hard discipline. (TACITUS, *Histories*, book I: XXIII)

visto que ele imediatamente massacrrou muito de seus companheiros quando entrou pela primeira vez na cidade [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXXI)¹²³.

Essa imagem severa foi reforçada em um discurso de Otão, quando já não era mais partidário do governante idoso por não ter sido adotado a fim de sucedê-lo no poder e, assim sendo, visava alcançar o poder político máximo de Roma:

[...] Tão claro é que não podemos morrer nem ficar seguros, exceto juntos: e tão misericordioso é Galba que talvez ele já tenha feito promessas como convém aos homens que massacrrou os milhares de soldados inocentes, que ninguém havia demandado. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXXVII)¹²⁴

Somado a isso, os provinciais pelas quais o governante havia passado ou as que somente ouviram rumores sobre ele, também não se colocaram a favor de Galba, posto que sua estadia ou passagem nas regiões havia sido sangrenta e com punições excessivas. Logo, todos esses acontecimentos, tanto em Roma como nas províncias, acabaram resultando em ódio para com o imperador.

Tácito então conduz a sua narrativa não para o crescente descontentamento dos cidadãos e sim, principalmente, para o dos soldados em relação à Galba; que teve como consequência a associação desses a Otão, o qual se mostrava mais generoso. Assim, a imagem do primeiro governante de 69 d.C. termina com seu assassinato, classificado por Brandão (2009) como execução pública de um imperador perverso, visto que se deu no fórum romano, pelas mãos dos pretorianos, na presença dos senadores, magistrados e da plebe.

Podemos considerar que apesar de Tácito privilegiar as decisões políticas e militares em seus escritos, é perceptível a construção da imagem dos imperadores. Para tanto, ele privilegiou três aspectos tirânicos de Galba: a carência de *auctoritas*, a avareza e a crueldade. E a partir desses três aspectos, todas as ações e decisões do imperador ancião demonstrava algum desses vícios. Assim, as qualidades, atribuídas à sua origem nobre, e o fato de ter exercido bem as funções enquanto militar não conseguiram amenizar as suas faltas.

¹²³ The legion of marines was not trusted, for they were still hostile to Galba, because he had immediately massacred their comrades when he first entered the city. (TACITUS, *Histories*, book I: XXXI)

¹²⁴ So clear it is that we can neither die nor be safe except together: and so merciful is Galba that perhaps he has already made promises such as befit the man who massacred all those thousand of innocent soldiers when no men demanded it. (TACITUS, *Histories*, book I: XXXVII)

4.2.2. A biografia plutarqueana

Diferentemente de Tácito, Plutarco inicia sua biografia acerca de Galba desde os conflitos travados contra Nero por Vindex, o que significa dizer que o biógrafo queronense delinea a imagem do general ancião desde os primeiros dias de seu governo. Além disso, Plutarco escreve a respeito do imperador ancião de forma mais branda e, embora aborde os mesmos vícios públicos e virtudes pessoais, sua narrativa é menos enfática do que a do historiador latino nas falhas daquele.

Por outro lado, Brandão (2010), na introdução realizada na tradução das biografias de Galba e Otão, aponta que o biógrafo teve o intuito de interpretar as guerras civis de 68 e 69 d.C. Ao fazer isso, a análise de Plutarco se aproximou muito de *Histórias* de Tácito, na medida em que ambos deram grande enfoque aos soldados e aos conflitos; e, de certa forma, recorreram à cronologia dos governantes para construir suas narrativas.

No entanto, desde o início de sua obra, o biógrafo de Queroneia identifica as questões positivas do imperador ancião. Sobre as nobres origens e as relações pessoais do imperador, Plutarco as descreve com mais cautela e detalhes, a fim de evidenciar esses dados positivos

Aquele Sulpício Galba era a pessoa com mais riquezas particulares dentre os que chegaram ao trono imperial, e isso geralmente é admitido; além disso, sua ligação com a nobre casa *Servii* deu-lhe grande prestígio, embora se orgulhasse mais de sua relação com Catulo, que foi o homem mais importante de seu tempo em virtude e reputação, mesmo que de bom grado deixasse para outros o exercício do maior poder. Galba também estava de alguma forma relacionado com Livia, a esposa de César Augusto, e, portanto, pela influência de Livia, ele foi feito cônsul pelo imperador. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: III)¹²⁵

Divergindo da narrativa taciteana que apenas menciona a origem nobre e a boa formação pessoal de Galba, o biógrafo beócio as detalha e faz questão de enfatizar as relações pessoais distintas que o imperador mantinha. De acordo com Brandão (2010), apesar do governante não ter demonstrado ter uma boa formação filosófica, Plutarco o

¹²⁵ That Sulpicius Galba was the richest private person who ever came to the imperial throne, is generally admitted; moreover, his connection with the noble house of the Servii gave him great prestige, although he prided himself more on his relationship to Catulus, who was the foremost man in his time in virtue and reputation, even if he gladly left to others the exercise of greater power. Galba was also somehow related to Livia, the wife of Augustus Caesar, and therefore, at the instance of Livia, he was made consul by the emperor. (PLUTARCH, *Life of Galba*: III)

admirava por sua conduta reta e interpretava a sua parcimônia por vezes como moderação, deixando transparecer em suas palavras as qualidades do imperador ancião

[...] em suas entrevistas e encontros com eles (*senadores*), ele era gentil e modesto, e quando os entretinha, embora houvesse uma abundância da mobília real e serviço sob seu comando, que Ninfídio havia enviado do palácio de Nero, ele não usava nada disso, mas apenas o que era seu, ganhando assim uma boa reputação e mostrando-se um homem inteligente, que era superior a vulgaridade. (PLUTARCO, *Vida de Galba: XI*)¹²⁶

Sobre a passagem há duas possibilidades de entendimento: a primeira baseada na visão de Morgan (2006, p. 285), que afirma que Plutarco, por ter vivido sua juventude na região da antiga Grécia, realizou uma leitura da imagem de Galba mais honesta, sem um modelo pré- concebido; de modo a demonstrar admiração pelo bom comportamento do imperador e, inclusive, identificá-lo como alguém superior. A segunda, baseada em Brandão (2010), que considera a narração de Plutarco muito próxima de Tácito e, por isso, chama a atenção para as palavras elogiosas ao imperador ancião, no início do governo, e depois sua narrativa se volta aos vícios que ele teve como político, isto é, “[...] Ele parecia um sujeito grandioso, e todos teriam concordado que ele seria igual no posto de imperador, antes de ter sido um.” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLIX)¹²⁷.

O autor queronense também se preocupou em narrar o comportamento louvável de Galba quando este fora designado para funções nas províncias e que sua parcimônia nem sempre foi sinal de avareza

Dizem-nos também que ele comandou um exército da Germânia com distinção, e que quando ele foi procônsul da África, ele ganhou elogios como poucos tiveram. Mas seu modo de vida simples e contido, com a mão poupadora que distribuía dinheiro, sempre evitando o excesso, com parcimônia, de modo que a reputação que ele carregava para moderação e autocontrole era uma espécie de coisa inspirada. Foi enviado por Nero como governador da Hispânia, antes de Nero aprender ter medo dos cidadãos que eram tidos em alta estima. Galba, no entanto, foi pensado por ser de uma natureza gentil em sua idade avançada, e a confiança

¹²⁶ [...] in his general interviews and meetings with them he was kind and unamissing, and when he entertained them, though there was an abundance of royal furniture and service at his command, which Nymphidius had sent him from Nero's palace, he used none of it, but only what was his own, thus winning a good repute, and showing himself a man of large mind who was superior to vulgarity. (PLUTARCH, *Life of Galba: XI*)

¹²⁷ . [...] He seemed too great to be a subject, and all would have agreed that he was equal to the imperial office if had never held it. (TACITUS, *Histories*, book I: XLIX)

adicional se deu com suas ações cautelosas. (PLUTARCO, *Vida de Galba: III*)¹²⁸

O excerto mostra pela primeira vez a menção direta à idade avançada na biografia. Ela, contudo, não foi descrita como sinônimo de debilidade ou fraqueza e sim como de uma possível temperança. A esse respeito Brandão (2010) aponta que é possível que o autor beócio tenha construído em Galba muito das características que condiziam com o *rex iustus*, uma vez que sua conduta pessoal era digna de honras. O *princeps* deveria, por exemplo, recusar, à princípio, o poder de maior estirpe em Roma. Além disso, temos o episódio da adoção de Pisão, que pode ser interpretado, por Plutarco, como uma recusa; tal qual a negação de títulos:

Contudo, não aceitou de imediato a apelação, mas depois de denunciar Nero, e lamentando os mais ilustres homens que haviam sido mortos por ele, prometeu dedicar seus melhores poderes ao serviço da república, tomando como título, não César, nem Imperador, mas General do Senado e do Povo Romano. (PLUTARCO, *Vida de Galba: V*)¹²⁹

Vale assinalar que o autor queronense não considerava o governante adequado em todos os aspectos. Sobre essa perspectiva, Morgan (2006) afirma que o biógrafo teve dificuldade para acessar as fontes pois, por ser grego, elas não eram de fácil acesso. Além do que, não dominava com maestria o latim. Apesar dessas dificuldades, Plutarco admitiu muitos defeitos no governo de imperador ancião, dentre eles, embora possivelmente ele não tenha escrito com essa intenção, podemos identificar a falta da *auctoritas* ao entregar plenos poderes a homens por ele nomeados: Tito Vínio, Cornélio Laco e Icelo. Como podemos exemplificar com a seguinte passagem

[...] isso deu ao imperador um mau nome, e trouxe inveja e ódio sobre Vínio por ter feito o imperador mesquinho e sórdido com os outros, enquanto ele próprio usava o dinheiro generosamente, levando tudo o que

¹²⁸ We are told also that he commanded an army in Germany with distinction, and that when he was pro-consul of Africa, he won such praise as few have done. But his simple and contented way of living, the sparing hand with which he dealt out money, always avoiding excess, as parsimony, so that reputation which he bore for moderation and self-restraint was an inspired sort of thing. By Nero he was sent out as governor of Spain, before Nero had yet learned to be afraid of citizens who were held in high esteem. Galba, however, was thought to be of a gentle nature and his great age gave an added confidence that he would always act with caution. (PLUTARCH, *Life of Galba: III*)

¹²⁹ [...] however, he did not at once accept this appellation, but after denouncing Nero, and bewailing the most illustrious of the men who had been put to death by him, promised to devote his best powers to the service of his country, taking as his title, not Caesar, nor Emperor, but General of the Roman Senate and People. (PLUTARCH, *Life of Galba: V*)

era oferecido e vendendo livremente. Pois Hesíodo convida os homens a: ‘Beber sem limites no início e no fim do barril’, e assim Vínio, vendo que Galba era velho e fraco, saciou-se com o pensamento que estava apenas começando e ao mesmo tempo estava prestes a terminar. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XVI)¹³⁰

O trecho ilustra um dos episódios em que Galba deixa de fazer os pagamentos e de conceder presentes aos soldados. Porém, para Plutarco, essa iniciativa não foi exclusiva do governante como também de homens próximos a ele; no entanto, o desgosto daqueles foi direcionado com maior intensidade ao imperador. Dialogando com essa ideia, Brandão (2010) nos sugere que Plutarco de fato construiu a imagem de um Galba passivo, mais entregue às mãos de outros homens do que tomando suas próprias decisões, diferente de Tácito que cria um modelo mais ativo em suas medidas.

Todavia, esse caráter passivo não encobriu completamente as falhas presentes na figura do governante. A parcimônia, por exemplo, é apontada já na primeira vez em que ele se recusou a pagar os donativos aos soldados: “[...] Galba: aquele que alguns soldados abandonaram sua destinação para obter recompensa, outros o mataram porque não conseguiram isso [...]” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: II)¹³¹. Além disso, o biógrafo traz a narração muito próxima à do historiador latino, sobretudo quando o governante decide retomar algumas concessões feitas por Nero

Novamente ele ordenou que os presentes que Nero havia feito para as pessoas do teatro e da luta fossem exigidos de volta com rigor, exceto a décima parte. E então, quando obteve somente retornos ligeiros e relutantes (pois a maioria dos destinatários desperdiçou sua generosidade, sendo homens de um modo de vida solto e imprevisível), ele fez buscas para aqueles que tinham comprado ou recebido qualquer coisa deles, e exigiu a partir disso. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XVI)¹³²

A passagem escrita a respeito da cobrança por parte de Galba para que fossem devolvidos os donativos oferecidos por Nero é muito dura e demonstra seu caráter avarento

¹³⁰ It gave the emperor himself a bad name, and brought envy and hatred upon Vinius as having made the emperor ungenerous and sordid with everybody else, while he himself used money lavishly, taking everything that was offered and selling freely. For Hesiod bids men to: “Drink without stint at the beginning and end of the cask,” and so Vinius, seeing that Galba was old and feeble, sated himself with he thought was just beginning and at the same time was soon to end. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XVI)

¹³¹ [...] Galba: the one the soldiers abandoned to his fate in order to get their reward, the other they killed because they did not get it [...]. (PLUTARCH, *Life of Galba*: II)

¹³² [...] Again, he ordered that the gifts which Nero had made to people of the theatre and palaestra should be demanded back again with strictness, all but the tenth part; and then, when he got only slight and grudging returns (for most of the recipients had squandered their largess, being men of a loose and improvident way of living), he had search made for such as had bought or received anything whatsoever from them, and tried to exact it from this [...]. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XVI)

até então amenizado. Assim, Plutarco deixa evidente seu modelo biográfico, pois ele escolhe narrar os pontos positivos e negativos de um indivíduo. Pinheiro (2013, p. 67) afirma que o biógrafo realizou um trabalho complexo, na medida em que escolhia suas fontes de forma a, justamente, poder captar os dois lados do caráter de um indivíduo; é óbvio, entretanto, que sua narrativa não tenha sido composta isenta de moral e de juízo pessoal.

Ainda com relação ao caráter ambíguo do texto de Plutarco, já discutido no segundo capítulo deste trabalho, outras atitudes que expressam a avareza de Galba, motivo pelo qual os soldados odiavam-no, são narradas pelo autor

[...] tais eram as razões, então, o porquê a maioria da população odiava o governo. Mas os soldados, embora não tivessem recebido a generosidade prometida, foram conduzidos pela primeira vez na esperança de que Galba lhes dessem se não a totalidade, pelo menos tanto quanto Nero tinha lhes dado. Quando, porém, Galba ouviu que estavam reclamando, falou como se fosse um grande imperador, e declarou que era seu costume conquistar seus soldados, e não comprá-los [...]. (PLUTARCO, *Vida de Galba: XVIII*)¹³³

Ademais, o imperador ancião havia aumentado a tributação nas províncias e havia parado de conceder benefícios a Roma, o que provocou descontentamento de todos setores da sociedade. De acordo com outro trabalho de Brandão (2009), Plutarco, naquele momento, passa a descrever a falta de moderação de Galba até então não apresentada como forma de conduta de sua vida pessoal.

O primeiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. também tem seu caráter cruel exposto pelo biógrafo beócio. E, ainda que neste os elogios sejam mais frequentes do que em Tácito, a falta de clemência do imperador não é abrandada

[...] tal foi o fim violento de Ninfídio, e quando Galba soube disso, ordenou que seus companheiros conspiradores que ainda não tinham tirado a própria vida, que fossem mortos. Entre estes estava Cigônio, que escreveu o discurso para Ninfídio, e Mitrídates de Ponto. Porém, foi considerado ilegal e despótico, mesmo que justo, matar sem julgamento homens que não fossem indistintos. Todos esperavam um modo de governo diferente, sendo completamente enganados, como é usual, por garantias feitas no início. E as pessoas perceberam mais um engano

¹³³ [...] Such were the reasons, then, why most of the people hated the government; but the soldiers, though they had not received their promised largess, were led on at first by the hope that Galba would give them, if not the whole of it, at least as much as Nero had given. When, however, Galba heard that they were complaining, he spoke out as became a great emperor, and declared that it was his custom to enroll soldiers, not to buy them; [...]. (PLUTARCH, *Life of Galba: XVIII*)

quando Petrônio Turpiliano, um homem de dignidade consular que era fiel a Nero, ser condenado a se suicidar [...] (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XV)¹³⁴

A severidade do gênio de Galba não é completamente amenizada uma vez que, apesar do trecho sugerir que muitas de suas condenações foram justas, não elimina o fato de que sua crueldade possa ter inibido quaisquer julgamentos passíveis de penas mais leves. Isso significa que o imperador ancião demonstrou um caráter tirânico, de modo a desviá-lo do modelo de *optimus princeps*, principalmente por perseguir senadores e magistrados. De acordo com a perspectiva de Oliveira (1996), embora não direcionada especialmente a Galba, podemos interpretar que esse tenha deixado de priorizar uma boa condução política de Roma de modo a colocar em risco a *libertas*. Além do que, a perseguição aos romanos não foi interrompida por ele, o que resultou na imagem de um governante cruel que agia segundo sua própria vontade. A severidade de Galba, contudo, não estava direcionada exclusivamente aos antigos partidários de Nero mas também a outros cidadãos, como narra o biógrafo acerca dos marinheiros:

[...] alguns, na verdade, desembainharam suas espadas, e então Galba ordenou seus cavaleiros a avançar sobre eles. Nenhum deles resistiu, mas alguns foram mortos em um só golpe, outros enquanto fugiam; não era um augúrio feliz ou auspicioso que Galba entrasse na cidade com tanto abate e tantos cadáveres. Mas se muitos antes o desprezavam e o viam como um velho fraco, agora todos o olhavam com tremor de medo. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XV)¹³⁵.

O excerto trata de um episódio da entrada do general ancião em Roma, momento em que ele encontra marinheiros equipados como soldados - por Nero assim designados - os quais, portanto, mostraram inicialmente resistência à entrada de Galba na cidade. Como consequência disso, o então imperador, sem maiores reflexões, avançou sobre os soldados amadores com uma cavalaria pesada, massacrando muitos de seus concidadãos.

¹³⁴ Such was the violent end of Nymphidius, and when Galba learned of it, he ordered such of his fellow-conspirators as had not at once taken their own lives to be put to death. Among these was Cingonius, who wrote the speech for Nymphidius, and Mithridates of Pontus. But it was held to be illegal and despotic, even though just, to put to death without a trial men who were not without distinction. For everyone excepted a different mode of government, being thoroughly deceived, as is usual, by assurances made in the beginning. And people took it still more amiss when Petronius Turpilianus, a man of consular dignity who was faithful to Nero, was ordered to taken his own life.[...]. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XV)

¹³⁵ [...] Some actually drew their swords, and then Galba ordered his horsemen to charge upon them. Not a man of them stood his ground, but some were done to death at once in the rout, and others as they fled, nor was it a happy and auspicious omen that Galba should enter the city trough so much slaughter and so many dead bodies. But whereas many had before this despised him and looked upon him as a weak old man, now all regarded him with shuddering fear. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XV)

Ainda assim, Plutarco insistiu em retratar Galba passivo, sem *auctoritas*, na medida em que ele não governava diretamente mas sim seus funcionários que, agindo em seu nome, acabaram por produzir uma imagem negativa do condutor de Roma. Do mesmo modo, a severidade de seu governo não era completamente sua culpa: “Mas o velho imperador sofreu injustiça não só quando Vínio, inicialmente, administrou mal os assuntos, mas também quando ele trouxe o ódio ou impediu medidas sábias colocadas em pé pelo próprio imperador [...]” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XVII)¹³⁶.

A biografia do imperador é finalizada por Plutarco com as seguintes palavras

Mas, mesmo que gradualmente, o peso de sua idade avançava, nas armas e nos exércitos continuava um “*imperator*” severo e do tipo antigo; contudo se entregou nas mãos de Vínio, Laco e de seus libertos, que de tudo faziam comércio, tal como Nero se entregou nas mãos dos mais insaciáveis, não deixou ninguém a lamentar o seu governo, ao passo que deixou muitos cheios de piedade pela sua morte. (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXIX)¹³⁷

A passagem faz um resumo de todas as falhas que Galba cometeu como governante, deixando explícitas a crueldade e a avareza com as menções “severo e do tipo antigo”, bem como a carência de *auctoritas* quando alude, uma vez mais, à sua opção de deixar grandes poderes sob a responsabilidade de homens não dignos.

Galba, na visão plutarqueana, é uma figura honrada e apto a governar em virtude de sua moderação, nobreza e relações pessoais. Suas falhas, porém, são evidentes e suas ações denunciam o despreparo. Isso significa que havia um certo consenso, nas fontes, quanto à debilidade do primeiro imperador das guerras civis na sua conduta como governante sob três aspectos principais: carência de *auctoritas*; avareza; e crueldade. A falta de autoridade é sempre evidenciada com sua ausência no governo, visto que entregara a condução de Roma nas mãos de homens próximos, os quais eram despreparados e mais preocupados com o próprio benefício do que o bem-estar de Roma. A avareza é sempre muito citada pela falta de pagamento dos donativos dos soldados, o que nunca ocorrera antes no principado. E a crueldade é demonstrada na falta de comedimento ao firmar sentenças de

¹³⁶ But the aged emperor suffered injustice not only when Vinius , as at first, administered affairs badly, but also when he brought into odium or prevented wise measures set on foot by Galba himself [...]. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XVII)

¹³⁷ But being gradually weighed down by his years, in arms and camps, indeed, he was an “*imperator*” of severe and ancient type; but just as Nero put himself in the hands of his most insatiate favourites, so Galba put himself in the hands of Vinius and Laco and their freedmen, and they made merchandise of everything, so that he left behind him no one who wished him still in power, but very many who were moved to pity at his death. (PLUTARCH, *Life of Galba*: XXIX)

morte ou mesmo matar seus concidadãos – pertencentes às categorias sociais mais baixas, como soldados comuns, ou às mais altas, como magistrados, da ordem equestre ou senatorial, sem que fossem, contudo, devidamente submetidos aos tribunais romanos.

4.3 O governo de Otão

4.3.1. A narrativa histórica taciteana

Uma das figuras mais controversas dentre os imperadores de 69 d.C. foi o imperador Otão. Isso se deve ao fato de que, em sua juventude, fora companheiro de Nero e de que chegara ao poder de forma violenta; somam-se a esses a circunstância de seu governo ter durado apenas três meses, o que dificultou a identificação de sua conduta como *princeps*. No entanto, em seu curto governo, no ano de 69 d.C.¹³⁸, percebemos algumas mudanças na perspectiva acerca de sua personalidade, uma vez que Otão demonstrou estar preocupado com o bem-estar da república quando, por exemplo, no conflito contra Vitélio, decide colocar fim em sua vida a continuar arriscando as de cidadãos romanos em seu nome. Tal decisão fez com que as narrativas sobre Otão mesclassem os vícios e as virtudes deste imperador.

Na narrativa taciteana podemos perceber um modelo pouco aceito, visto que soma inúmeros vícios e comparações com Nero, de maneira com que as descrições positivas sejam bem menores que as negativas. Ainda, o historiador recorreu mais à juventude e às ações de subida ao poder, como base de sua construção narrativa, do que efetivamente dados da condução de Roma. Diferentemente de Galba, que não possuía vícios em sua vida enquanto político, Otão se caracteriza como carente de virtudes em sua vida pessoal e pública. Sua conduta não era digna de honras em nenhum setor e suas maiores faltas se davam na moralidade, simbolizadas pela falta de *pudicitia* e *gravitas*.

Nos trabalhos do historiador latino, de acordo com Morgan (2006, p. 284), revela-se um Otão usurpador, que chegara ao poder à custa do assassinato de um governante já em idade avançada. Além do mais, a construção da imagem desse imperador teve como referência a figura de seu antigo amigo Nero juntamente com suas ações durante o confronto contra Vitélio, de forma a deixar pouco espaço para a descrição de Otão como homem político.

¹³⁸ É provável que seu governo tenha durado cerca de 90 dias, entre os meses de janeiro e abril.

Acerca das informações que Tácito tinha sobre a vida do antigo companheiro de Nero, ele narra na *Histórias*

Otão nasceu na cidade de Ferentium; seu pai deteve o consulado, seu avô foi pretor. A família de sua mãe não era igual a de seu pai, mas ainda assim respeitável. Sua infância e juventude foram tal como já descrevemos. Pelos dois atos corajosos, o mais escandaloso e outro glorioso, ele ganhou tanto fama quanto má reputação. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: L)¹³⁹

O historiador admite uma boa origem para Otão, com família paterna tendo participado das magistraturas romanas e a família materna não tão distinta porém digna. Não esquecendo, no entanto, sua conduta errônea na juventude, o historiador admite a ambiguidade nas ações de Otão. Sobre sua má fama, Martin (2004, p. 257) coloca que o governante foi mais conhecido por dois de seus maiores vícios, exercidos ainda na corte neroniana: a prodigalidade, expressa em seu modo de vida libertino, na formação de uma corte semelhante ao do sucessor de Cláudio e no esbanjamento; e a crueldade, simbolizada pelo assassinato violento de seu antecessor.

A semelhança com Nero é lembrada desde as primeiras menções feitas ao segundo imperador das guerras civis de 69 d.C.

[...] enquanto durasse a guerra, ele era o mais brilhante de todos os adeptos próximos de Galba, e agora, tão breve como uma vez concebia a esperança de ser adotado por Galba, ele o desejava mais cada dia que passava. A maioria dos soldados o favorecia, e a corte neroniana estava inclinada a ele por ser parecido com Nero. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XIII)¹⁴⁰

Como já exposto, a crueldade e a avareza de Galba provocaram a desaprovação de quase todos os setores da sociedade. Em decorrência da brevidade do tempo em que os eventos se sucederam, os partidários de Nero, que detinham ainda muito poder, acabaram por aprovar uma figura mais jovem e semelhante ao último julio-claudiano para a condução de Roma, no caso Otão. Segundo Leme (2015, p. 194), a relação escandalosa

¹³⁹ Otho was born in the municipal town of Ferentinum; his father had held the consulship, his grandfather had been praetor. His mother's family was not the equal of his father's, but still it respectable. His boyhood and youth were such as we have already described. By two bold deeds, the one most outrageous, the other glorious, he gained with posterity as much fame as evil reputation [...]. (TACITUS, *Histories*, book II: L)

¹⁴⁰ So long as war lasted he was the most brilliant of all Galba's immediate supporters, and now, as soon as he had once conceived the hope of being adopted by Galba, he desire it more keenly every day that passed. The majority of the soldiers favoured him, and Nero's court was inclined to him because he was like Nero. (TACITUS, *Histories*, book I: XIII)

entre Nero, Otão e Popeia, então esposa do segundo, culminou no envio deste ao exílio na Lusitânia, o que resultou no fato de tornar-se ele partidário de Galba. Esses acontecimentos não foram, contudo, suficientes para pôr fim à grande consideração que Otão tinha por seu antigo confidente, de modo que, muitas vezes, sentia-se orgulhoso por ser considerado o “novo Nero”. Podemos exemplificar esse fato em uma passagem da *Histórias*

[...] Mesmo estando envolvidos nesses atos, que achavam suas desculpas na necessidade da situação e as ansiedades que eram impostas, não esqueceu seus amores e teve as estátuas de Popeia recolocadas pelo voto do senado. Acreditava-se também que ele levantou a questão de celebrar a memória de Nero com a esperança de conquistar o povo romano; e de fato levantou algumas estátuas de Nero; aliás, em certos dias, o povo e os soldados, como se acrescentando nobreza e distinção de Otão, o aclamavam como Nero-Otão; ele mesmo permaneceu indeciso, com medo de proibir ou com vergonha de reconhecer o título. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXXVIII)¹⁴¹

A constante alusão ao fato do segundo imperador de 69 d.C. ter mantido relações próximas com o último imperador dos julio-claudianos, de acordo com Martin (2004), era uma maneira de rememorar a conduta persistente desfavorável de Otão, uma vez que esta poderia prejudicar o bem-estar da política do principado. A isso somava-se o fato de que Nero fora considerado pela aristocracia política como um grande tirano, isto é, demonstrava estar à margem dos magistrados e do senado romano

O *dominatio* de Nero está em seus princípios ideológicos, em linha com a de Calígula: ele inspira-se fortemente no modelo oriental; e este fascínio se manifesta, por exemplo, nos anais impostos pela visita do rei-mago armênio Tridate em Roma, em 66 d.C. as inscrições mostram que Nero tinha duplo título: de *Imperator* e de *Autocrator*. (MARTIN, 2004, p. 297)¹⁴²

¹⁴¹[...] Even while engaged in these acts, which found their excuse in the necessity of the situation and the anxieties that were forced upon him, he did not forget his loves and had the statues of Poppaea replaced by a vote of the senate. It was believed that he also brought up the question of celebrating Nero's memory with the hope of winning over the roman people; and in fact some set up statues up of Nero; moreover on certain days the people and soldiers, as if adding thereby to Otho's nobility and distinction, acclaimed him as Nero Otho; he himself remained undecided, from fear to forbid or shame to acknowledge the title. (TACITUS, *Histories*, book I: LXXVIII)

¹⁴² La *dominatio* de Néron est, dans ses principes idéologiques, dans le droit fil de celle de Calígula: elle s'inspire largement du modèle oriental, et cette fascination se manifeste par exemple dans les fastes déployés pour la visite du roi-mage arménien Tridate à Rome en 66. Les inscriptions montrent que Néron prend alors le double titre d'*imperator* et d'*autocrator*. (MARTIN, 2004, p. 297)

Isso significa que o último imperador julio-claudiano não era uma boa opção ao governo do principado: ter alguém semelhante a ele no poder colocaria a *libertas* de Roma em risco novamente.

Sobre a o caráter pródigo presente na personalidade do segundo imperador de 69 d.C., Martin (2004) ressalta ainda que essa conduta era potencializada, pois além de agir dessa maneira, Otão incentivava os homens a se comportarem assim. Brandão (2009) faz considerações a respeito desse vício e sugere que a prodigalidade atribuída ao imperador deve-se, além da frequente referência à relação que este manteve com Nero, ao aspecto efeminado de seu corpo, bem como aos escândalos ocorridos em sua corte. Tácito ilustra alguns desses momentos, como no trecho a seguir:

A mente de Otão não era tão efeminada como seu corpo. Seus libertos e escravos íntimos, que tinha mais licença do que em casas particulares, mantinham constantemente diante de seus olhos ansiosos, a luxuosa corte de Nero, seus adultérios, seus muitos casamentos e outros vícios reais, exibindo-os como se fossem seus. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXII)¹⁴³

Lembrando que Tácito escrevia na corte trajânica, que, como disserta Costa (2014), foi considerada sob certos aspectos conservadora e mantenedora das tradições senatoriais, ou seja, contrária à corte otoniana, que manteve os escândalos como a dos tempos de Nero, os quais poderiam colocar fim na tradição romana tão respeitada pelos senadores, magistrados e cidadãos distintos. No discurso proferido por Pisão, quando de sua adoção por Galba, ele também assinala o contraste entre a sua conduta séria e a conduta libertina de seu rival, enfatizando a extravagância deste

‘Eu não faço nenhuma reivindicação de elevado caráter ou nascimento para mim, e eu não preciso catalogar virtudes, quando a comparação é com Otão. Suas falhas, que são as únicas coisas que ele se glorifica, estavam minando o império mesmo quando ele fingia ser amigo do imperador. Seriam por seu porte, seu caminhar ou suas vestes femininas que ele merecia o trono? Eles estão enganados pela imposição da extravagância sob o manto de generosidade. Ele saberá como arruinar e não saberá como oferecer. Adultérios, orgias e encontros com mulheres enchem seus pensamentos: estes ele considera as prerrogativas do poder

¹⁴³ Otho’s mind was not effeminate like his body. His intimate freedmen and slaves, who had more licence than prevails in private houses, constantly held before his eager eyes Nero’s luxurious court, his adultaries, his many marriages, and other royal vices, exhibiting them as his own if he only dared to take them. (TACITUS, *Histories*, book I: XXII)

imperial. A luxúria e o prazer deles serão dele; a vergonha e a desgraça cairão sobre todos os romanos. [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXX)¹⁴⁴

O excerto deixa explícito, por meio do discurso de Pisão, o que Tácito pensava a respeito de Otão: alguém destituído de virtudes pessoais e públicas. Morgan (2006, p. 290) confirma essa perspectiva ao sustentar que o historiador já tinha uma opinião formada a respeito do segundo imperador de 69 d.C., o que o levou a fazer uma narrativa contrária à personalidade do imperador. Tácito pensava em Otão como “[...] o pior no mundo, por seu despudor, indolência e desregramento [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: L)¹⁴⁵.

A crueldade desse imperador também é apontada na obra de Tácito. O antigo companheiro de Nero, quando soube da escolha de Pisão à sucessão de Galba ao poder, é descrito como se tivesse sido tomado por ódio e inveja; porém, ele tinha consciência de que tinha conquistado a confiança dos soldados com pagamentos e presentes generosos e, assim sendo, passou a planejar uma conspiração contra o imperador ancião. No dia planejado para a deposição de Galba, Otão foi aclamado imperador entre os pretorianos e estes, a seu mando, foram ao encontro do primeiro imperador de 69 d.C. a fim de tirá-lo do poder, culminando em sua morte. Podemos elucidar essa falta de clemência e crueldade na passagem já apresentada no capítulo anterior que narra o assassinato de Galba

[...] o resto (*os soldados*) vergonhosamente mutilou suas pernas e braços; para seu peito havia proteção; com sua crueldade e selvageria continuaram a causar muitas feridas em seu corpo, mesmo depois de sua cabeça já cortada (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLI)¹⁴⁶.

Tácito, no entanto, atribui também essa crueldade da parte dos soldados à ausência de *auctoritas* da qual sofria Otão. A esse respeito Moore (2014) assevera que o senado não o tinha aprovado verdadeiramente. Além disso, os soldados se encontravam com plenos poderes, tomando decisões importantes e agindo como bem entendessem. Ainda, gozavam

¹⁴⁴ ‘I make no claim of high birth or character for myself, and I need not catalogue virtues when the comparison is with Otho. His faults, which are the only things in which he glories, were undermining the empire even when he pretended to be the friend of the emperor. Was it by his bearing and gait or by his womanish dress that he deserved the throne? They are deceived who are imposed upon by extravagance under the garb of generosity. He will know how to ruin, he will not know how to give. Adulteries and revelries and gatherings of women fill his thoughts: these he considers the prerogatives of imperial power. The lust and pleasure of them will be his, the shame and disgrace of them will fall on every roman. [...] (TACITUS, *Histories*, book I: XXX)

¹⁴⁵ [...] the worst in the world for their shameless, indolence and profligacy [...] (TACITUS, *Histories*, book I: L)

¹⁴⁶ [...] The rest shamefully mutilated his legs and arms, for his breast was protected, and their cruel savagery they continued to inflict many wounds on his body even after his head had been cut off (TACITUS, *Histories*, book I: XLI).

dos prazeres da cidade. Um trecho em que a *Histórias* demonstra essa falta de autoridade é o seguinte:

A vontade dos soldados era doravante suprema. Os pretorianos escolheram seus próprios prefeitos – Plotio Firmo, anteriormente um soldado comum, mas mais tarde chefe da guarda da cidade, e um partidário de Otão, mesmo quando Galba estava vivo. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLVI)¹⁴⁷

Conforme Martin (2004) isso acontecia porque, muito embora o segundo imperador do ano de 69 d.C. tivesse comprado seus soldados, não desfrutava de grande autoridade perante eles, o que, entretanto, não sugeria que não fossem fiéis a Otão. Quando, por exemplo, os conflitos contra Vitélio foram travados, os soldados estavam dispostos a darem a vida para manter o imperador no poder.

A narração taciteana segue atribuindo a falta de *auctoritas* ao imperador, enquanto os militares aparecem como não tendo limites. Otão toma ciência de rumores de que ele havia sido assassinado quando seus soldados invadem um de seus banquetes exigindo que ele aparecesse. O local estava repleto de senadores e magistrados importantes e os invasores significavam uma ameaça à vida daqueles. O imperador, por seu turno, é descrito como frustrado com a situação, uma vez que estava consciente de não poder resolver a situação satisfatoriamente.

Ele percebeu, no entanto, que o trono conquistado pelo crime não poderia ser mantido pela súbita moderação e a antiga dignidade; mas estando angustiado com a crise que tinha acontecido com a cidade e o perigo do senado [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXXXIII)¹⁴⁸

Isso significa que Otão não era completamente indiferente à política do principado e aos seus concidadãos, pois Tácito descreve a preocupação por parte do imperador frente ao problema, visto que, apesar de ter conquistado o poder de forma violenta, ele desejava manter a paz no principado, principalmente para os magistrados e senadores. Isso, no entanto, só seria possível por meio da compra da lealdade dos soldados e não pela conquista dela. De acordo com Brandão (2009), a opinião negativa sobre Otão vai sendo

¹⁴⁷ The soldiers' will was henceforth supreme. The praetorians chose their own prefects – Plotius Firmus, formerly a common soldier, but later chief of the city police, and a partisan of Otho even while Galba lived; (TACITUS, *Histories*, book I: XLVI)

¹⁴⁸ [...] He realized, however, that the throne gained by crime cannot be maintained by sudden moderation and old-fashioned dignity; but being distressed by the crisis that had befallen the city and the danger of the senate [...] (TACITUS, *Histories*, book I: LXXXIII)

cada vez mais abrandada conforme sua morte se aproximava. Esse aspecto pode ser percebido em Tácito pois, à medida que a batalha do Bedríaco ia se aproximando na narrativa, o fim do governante também se acercava. Dessa forma, a avaliação sobre segundo imperador de 69 d.C. adquire contornos mais positivos. Brandão (2009) ainda atribui esse fato às fontes disponíveis na época posto que, quando Vitélio começa a se tornar uma ameaça real, Otão se coloca em marcha com seus soldados ao encontro dele. A partir de então, os relatos acerca dos acontecimentos passam a ser primordialmente desses militares.

Quando Otão teve que tomar a condução de Roma, por exemplo, Tácito cita pela primeira vez um possível ato positivo por parte do imperador, tendo em vista que ele não condenou os partidários de Galba sem julgamento prévio, isto é, por mais que sua chegada ao trono imperial só tivesse sido possível por meio da crueldade, sua severidade não era tão proeminente quanto à do primeiro imperador do ano de 69 d.C.,

Otão, todavia, ao contrário da expectativa de todos, não fez nenhuma rendição estúpida a luxúria ou conforto: ele adiou seus prazeres, escondeu sua luxúria, e ordenou toda sua vida como condiz o poder imperial; como resultado dessas virtudes simuladas e o retorno seguro de seus vícios, só inspiraram mais temor [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXXI)¹⁴⁹

Embora a descrição finde com o aspecto negativo dos escritos de Tácito, percebemos pela primeira vez uma breve menção à mudança da figura imperial, como narrada por Brandão: “Um novo motivo aparece nesta vida: uma ansiedade de pôr fim ao conflito; o desejo da paz e de concórdia entre as facções, numa guerra que já tinha ceifado muitas vidas” (2009, p. 248).

Quando o confronto entre os otonianos e vitelianos estava prestes a acontecer, mais uma vez Otão mostrou-se uma figura menos negativa do que a costumeiramente apresentada, por conta da preocupação com seus soldados. Embora não tivesse muita experiência militar, ele provou-se digno na marcha frente aos militares: “[...] Ele não marchava vagarosamente ou desonrava seu avanço pelo luxo, mas usando um peitoral de

¹⁴⁹ Otho, meanwhile, contrary to everyone’s expectation, made no dull surrender to luxury or ease: he put off his pleasures, concealed his profligacy, and ordered his whole life as befitted the imperial position; with the result that these simulated virtues and the sure return of his vices only inspired still greater dread [...] (TACITUS, *Histories*, book I: LXXI)

ferro, ele precedia os estandartes a pé, áspero, negligente de sua pessoa, e o oposto de sua reputação. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: XI)¹⁵⁰.

Em uma das obras de Brandão (2004, p. 83), este reconhece que é comum encontrar nas fontes contemporâneas do principado certa redenção à Otão quando ele se declara contrário à guerra civil e coloca acima de seus interesses a segurança dos soldados e demais habitantes de Roma, isto é, “[...] Otão ganhou reputação gloriosa [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro II: XXXI)¹⁵¹; isso explica o tom mais brando para com seus vícios ao final de sua vida. Brandão (2004, p. 90) aponta ainda que a preocupação demonstrada por Otão foi recebida como quase um sacrifício em prol do bem-estar de Roma e Tácito a narra de forma agradável

O próprio Otão se opôs ao plano de continuar a guerra. ‘Por expor homens corajosos e valentes como vocês a outros perigos’, disse ele, ‘eu considero um preço muito alto por minha vida. Quanto maior a esperança me oferecer, se fosse meu desejo viver, tão mais gloriosa será minha morte [...]’. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: XLVII)¹⁵²

O imperador demonstrou um caráter digno ao qualificar como mais valiosa a vida de seus concidadãos que a sua e o historiador, por sua vez, não manifesta oposição a esse feito. Apesar da descrição do segundo imperador de 69 d.C. progressivamente buscar atenuar seus traços tirânicos, um dos maiores contrastes à sua conduta na juventude se dá com a reconstrução de sua morte por suicídio. Encontrada nos mais diversos documentos a respeito de Otão, ela é narrada por Tácito com consideração

[...] À medida que a noite se aproximava, ele satisfez sua sede com um gole de água fria. Então, lhe foi trazido dois punhais; ele experimentou as pontas de ambas e colocou uma debaixo de sua cabeceira. Depois de saber que seus amigos tinham ido, ele passou uma noite tranquila, e de fato, como se afirma, ele até dormiu um pouco. Ao amanhecer, ele caiu pelo punhal. Ao som de seus gemidos de morte, entraram seus libertos e escravos, e com eles Plotio Firmo, o prefeito da guarda pretoriana; eles encontraram apenas uma única ferida. Seu funeral foi realizado apressadamente. Ele tinha pedido seriamente que isso fosse feito, para que sua cabeça não fosse cortada e transformada em um objeto de insulto.

¹⁵⁰ [...] He did not march slowly or disgrace his advance by luxury, but wearing an iron breastplate he preceded the standards on foot, rough, negligent of his person, and the opposite of his reputation. (TACITUS, *Histories*, book II: XI)

¹⁵¹ [...] Otho won a glorious reputation [...]. (TACITUS, *Histories*, book II: XXXI)

¹⁵² Otho himself was opposed to the plan of continuing the war. ‘To expose such courageous and brave men as you to further dangers,’ he said, ‘I reckon too great a price for my life. The greater the hope offer me, if it were my wish to live, so much the more glorious will be my death [...]’. (TACITUS, *Histories*, book II: XLVII)

Os pretorianos levavam seu corpo à pira, louvando-o entre as lágrimas, beijando sua ferida e suas mãos. Alguns soldados se mataram perto de sua pira, não por culpa ou medo, mas motivados pelo desejo de imitar seu glorioso exemplo e movidos pelo afeto ao seu imperador. Posteriormente, muitos de cada categoria escolheram esta forma de morte em Bedríaco, Placentia e em outros acampamentos. O túmulo erguido para Otão era modesto e, portanto, suscetível a persistir. Assim, terminou sua vida no trigésimo sétimo ano de sua vida. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: XLIX)¹⁵³

Em oposição à vida devassa e desonrada de Otão, o historiador latino aborda sua morte como tranquila e virtuosa, uma vez que aquele se sacrificou em prol da paz do império, o que sugere que ele estava preocupado em zelar pela *libertas* de Roma. O seu suicídio, nesse sentido, pode ser interpretado como uma mudança no próprio comportamento do imperador.

A imagem de Otão construída por Tácito permaneceu com a sombra de Nero, na medida de em que seus atos iniciais e a descrição de seu caráter são comparados aos do último imperador julio-claudiano. Portanto, os aspectos que são enfatizados foram, essencialmente, a prodigalidade, a crueldade e a falta de *auctoritas*, os quais o fizeram não ser um homem indicado à condução de Roma. Mas, à medida que a narrativa prossegue, atenua-se a visão negativa acerca dele. Logo, a imagem que nos chega de Otão é ambígua sob muitos aspectos.

4.3.2 A biografia plutarqueana

A imagem construída por Plutarco de Otão é similar à do historiador latino quando retrata esse imperador como o menos indicado a governar Roma. A mudança de seu caráter, contudo, só foi admitida no dia de seu suicídio e não progressivamente como em *Histórias*. Muitas informações a respeito desse governante podem ser encontradas na biografia de Galba; a biografia de Otão se inicia em seu governo. Ela, no entanto, prioriza

¹⁵³ [...] As evening approached he slaked his thirst with a draught of cold water. Then two daggers were brought him; he tried the points of both and placed one beneath his head. After learning that his friends had gone, he passed a quiet night, and indeed, as is affirmed, he even slept somewhat. At dawn he fell on the steel. At the sound of his dying groans his freedmen and slaves entered, and with them Plotius Firmus, the prefect of praetorian guard; they found but a single wound. His funeral was hurriedly accomplished. He had earnestly begged that this be done, that his head might not be cut off to be an object of insult. Praetorians bore his body to the pyre, praising him amid their tears and kissing his wound and his hands. Some soldiers slew themselves near his pyre, not because of any fault or from fear, but prompted by a desire to imitate his glorious example and moved by affection for their emperor. Afterwards many of every rank chose this form of death at Bedriacum, Placentia, and in other camps as well. The tomb erected for Otho was modest, and therefore likely to endure. So he ended his life in the thirty-seventh year of his age. (TACITUS, *Histories*, book II: XLIX)

a narração do confronto travado com Vitélio do que a personalidade de Otão. E embora seja curta, a biografia de Otão nos rende informações significativas. A opinião de Plutarco acerca desse imperador diverge do que ele pensava com relação à Galba, pois em todos os momentos da vida do segundo imperador de 69 d.C. o biógrafo o descreve com desconfiança, de modo que só apresenta suas virtudes pessoais e públicas ao final.

A respeito da visão de Otão construída por Plutarco, Morgan (2006, p. 84) assevera que ele enfatiza muito mais os defeitos do governante do que Tácito e isso se deve à conduta mais libertina e, por vezes, promíscua do governante. Por outro lado, Brandão (2010) afirma que o biógrafo queronense não centrou a biografia de Otão em sua figura mas sim nos acontecimentos militares. Embora tenha expressado o caráter negativo do governante, o foco nem sempre foi a vida do biografado.

Plutarco concorda com a origem nobre de Otão porém não entra em detalhes sobre sua família e formação, diferentemente de Tácito. No entanto, de maneira semelhante ao historiador, Plutarco rememora a juventude corrompida em companhia de Nero: “Marco Otão, agora, era um homem de boa linhagem, mas desde sua infância foi corrompido pelo luxo e a busca do prazer, como poucos romanos foram [...]” (PLUTARCO, *Vida de Galba: XIX*)¹⁵⁴. Tendo como parâmetro o que Aalders (1982) identificou como o modelo de governante indicado para Plutarco, como sendo um rei bem preparado, seguidor de alguma corrente filosófica, Otão não possuía nenhuma dessas inclinações; pelo contrário, mostrava-se demasiadamente perdulário e indigno. O autor beócio ainda proporciona mais detalhes sobre a relação entre Nero, Otão e Popeia, bem como a conduta reprovável dos imperadores

[...] Otão celebrou seu casamento com Popeia em Roma. Nero se apaixonou por Popeia quando ela era esposa de Crispino, mas desde que ele ainda respeitava sua própria esposa e temia sua mãe, colocou Otão para pedir favores por ele. Pois, devido a liberalidade e prodigalidade de Otão, Nero fez dele um amigo íntimo, e ficou muito satisfeito por ter reunido nele, muitas vezes, sua parcimônia e mesquinhez. Assim, nos é dito que Nero uma vez ungiu-se com um unguento caro e ter aspergido um pouco sobre Otão: com que Otão entreteve o imperador em seu turno no dia seguinte; repentinamente trouxe um jogo de tubos de ouro e prata em todos os lados do cômodo, do qual jorrava o unguento livremente, como se fosse água [...] (PLUTARCO, *Vida de Galba: XIX*)¹⁵⁵

¹⁵⁴ [...] Marcus Otho, now, was a man of good lineage, but from his very childhood corrupted by luxury and the pursuit of pleasure as few Romans were [...]. (PLUTARCH, *Life of Galba: XIX*)

¹⁵⁵ [...] Otho was celebrated at Rome his marriage with Poppeia. With Poppeia Nero was enamoured while she was the wife of Crispinus, but since he respected his own wife still and feared his mother, he put Otho up to soliciting her favours to him. For because of Otho lavish prodigality Nero made an intimate friend of him,

O trecho anterior demonstra com clareza a relação entre o sucessor de Cláudio e o sucessor de Galba. Narrada de forma desfavorável, visto que os vícios da prodigalidade e do adultério são bastante destacados e as falhas de caráter são apontadas como sendo mais presentes no segundo imperador de 69 d.C. do que no último julio-claudiano, cujo limite imposto por familiares o cerceava. Ainda, a passagem relata como Nero e Otão passaram a adular Popeia para que esta abandonasse seu marido e se casasse com o segundo a fim de se tornar amante do primeiro, ou seja, para além do escândalo descrito, o biógrafo queronense aponta mais um vício nessa relação: a luxúria. Leme (2015, p. 193), a respeito do comportamento reprovável do segundo imperador das guerras civis de 69 d.C., declara que o pai de Otão desaprovava sua conduta juvenil e, não raras vezes, o castigava fisicamente.

O biógrafo beócio ainda nos apresenta informação semelhante àquela trazida pelo historiador latino; a de que Otão, ao assumir o comando da república, foi aclamado como o novo Nero por sua juventude e pela amizade com o antigo imperador, comparação esta que ele não rechaçou

E agora o imperador tinha dado ao povo essa gratificação mais justa, ele não se lembrava de suas próprias queixas particulares contra qualquer homem, e em seu desejo de agradar à multidão não se recusou a ser primeiramente aclamado no teatro pelo nome de Nero, e quando as estátuas de Nero foram produzidas em público, ele não o impediu. Além disso, Clúvio Rufo nos diz que nos “diplomas”, como os emissários são fornecidos, foram enviados para a Espanha em que o cognome de Nero foi adicionado ao nome de Otão [...] (PLUTARCO, *Vida de Otão*: III)¹⁵⁶

Plutarco não chega a afirmar no excerto que o sucessor de Galba rememorou suas antigas paixões como fez Tácito, mas deixa claro que o governante era favorável ao último julio-claudiano e até gostava de ser comparado a ele. Nesse trecho podemos também interpretar que Plutarco quis chamar a atenção para a figura tirânica que Otão formava - comparando-o com um modelo negativo de governante, Nero – e para o risco que ele

and was well pleased to be rallied by him often your parsimony and meanness. Thus, we are told that Nero once anointed himself with a costly ointment and sprinkled a little of it upon Otho: whereupon Otho, entertaining the emperor in his turn on the following day, suddenly brought into play gold and silver pipes on all sides of the room, out of which the ointment gushed freely, like so much water [...] (PLUTARCH, *Life of Galba*: XIX)

¹⁵⁶ And now that the emperor had given the people this most righteous gratification, he did not remember his own private grievances against any man soever, and his desire to please the multitude did not refuse at first to be hailed in the theatres by the name of Nero, and when statues of Nero were produced in public, he did not prevent it. Moreover, Cluvius Rufus tell us that ‘diplomas’, such as couriers are provided with, were sent to Spain, in which the cognomen of Nero was added to the name of Otho [...] (PLUTARCH, *Life of Otho*: III)

representaria à paz e à boa condução da república. A esse respeito, segundo Brandão (2010), o autor de Queroneia não aprovou o segundo imperador de 69 d.C. por considerar seu governo pródigo e cruel. Isso significa que ele não aprovava o comportamento libertino do imperador e o modo pelo qual este chegou ao poder. É uma visão diferente da construída acerca de Galba, cujas origens nobres são exaltadas pelo biógrafo de forma a amenizar seus vícios e a passividade do ancião.

O biógrafo da Beócia enfatiza a crueldade de Otão quando da narração dos assassinatos do primeiro imperador de 69 d.C. e de Pisão. Plutarco afirma que o governante viu Galba ser decapitado pelos pretorianos, mas, para ele, isso não foi suficiente, uma vez que desejava ver mortos todos os partidários do imperador ancião, isto é, Otão exigiu que seu rival Pisão também fosse assassinado: “[...] Mas Otão, como dizem, quando a cabeça foi trazida para ele, clamou: ‘Isso não é nada, companheiros militares; mostre-me a cabeça de Pisão’ [...]” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXVII)¹⁵⁷. De certa forma, podemos perceber a falta de moderação otôniana expressa pela ausência de clemência, o que fez dele um *princeps* injusto.

A *Vida de Otão* ainda revela muitos outros aspectos negativos presentes no segundo governante do ano de 69 d.C. Um desses é apresentado em uma comparação com o requerente do trono imperial, Vitélio

E como nenhum dos homens que então tinham o título de imperador gozava de grande reputação, não é improvável que os verdadeiros soldados, aqueles que sabiam e tinham sentido o que era dificuldade, deveriam ser levados a refletir que seria uma coisa horrível e odiosa se os males que os cidadãos tiveram uma vez; a sua aflição infligia uns aos outros, devido ao sofrimento causado por causa de Sula e Mário, e novamente por César e Pompeu, e agora suportar novamente apenas para fazer o poder imperial um meio para prover a gula e embriaguez de Vitélio ou para o luxo e licenciosidade de Otão. (PLUTARCO, *Vida de Otão*: IX)¹⁵⁸

A passagem demonstra que Plutarco não conseguia perceber Otão preparado para conduzir Roma, em decorrência dos prejuízos que seus vícios trariam ao principado.

¹⁵⁷ [...] But Otho, as they say, when the head was brought to him, cried out: ‘This is nothing, fellow-soldiers; show me the head of Piso’ [...] (PLUTARCH, *Life of Galba*: XXVII)

¹⁵⁸ [...] And since neither of the men who then had the title of emperor enjoyed high repute, it is not unlikely that the real soldiers, those who knew what hardship was and had sense, should be led to reflect that it would be a dreadful and most hateful thing if the evils which the citizens had once to their sorrow inflicted upon one another and suffered because of Sulla and Marius, and again because of Caesar and Pompey, should now be endured again only to make the imperial power a means for providing for the gluttony and drunkenness of Vitellius or for the luxury and licentiousness of Otho. (PLUTARCH, *Life of Otho*: IX)

Adepto ao luxo e à permissividade, Otão levava, tal qual Vitélio, uma vida desregrada. Sendo assim, nenhum dos dois demonstrava ser uma boa opção ao governo de Roma. Como Martin (2004) coloca, em sua fase juvenil, Otão agiu e incentivou a prodigalidade e, por meio das palavras do biógrafo, percebemos que, em sua fase adulta, ele ainda não havia se redimido de comportamentos tão reprováveis.

O biógrafo queronense chega a mencionar uma mudança positiva no comportamento de Otão ao retratar a sua inquietude quanto ao bem-estar do senado romano, dos magistrados e dos soldados leais a ele. O autor, entretanto, deixa uma sombra da dúvida se realmente aquela era uma mudança de comportamento definitiva

Aqueles que já haviam encontrado Otão depositaram confiança nele e admiraram essa mudança em seu comportamento, mas outros achavam que era uma política que lhe era imposta pela situação, onde ele cortejava o favor popular por causa da guerra. (PLUTARCO, *Vida de Otão*: IV)¹⁵⁹

Plutarco sugere que Otão estava apenas recorrendo a uma medida adulatória a fim de aumentar seu prestígio, já que Vitélio o rivalizava no posto de imperador. Desse modo, a mudança no comportamento de Otão não era, portanto, fruto de sua preocupação com o bem-estar do império e sim com a sua permanência no poder e com a realização de seus desejos pessoais. Isto é, considerando o que Béranger (1953) escreveu sobre o *tyrannus*, o imperador agia em conformidade com este ao usar o governo para satisfazer tão somente seus desejos.

O que vale ser assinalado na biografia de Otão é que, ao contrário das narrativas históricas que mostram o segundo governante das guerras civis como despido de autoridade, Martin (2004) observa que a interpretação de Plutarco evidencia uma forte lealdade dos pretorianos para com o imperador. No entanto, a eficácia dessa lealdade era prejudicada pelo despreparo do corpo militar pretoriano, o qual se acostumara com os prazeres da cidade proporcionados desde o governo de Nero de modo a torná-lo pouco disposto e capaz.

Como foi escrito no início dessa construção do modelo de Otão, o comportamento deste governante vai se alterando a uma versão mais aceitável. Apesar de Plutarco não ser favorável ao governante, ele não deixou de relatar em sua biografia a preocupação que Otão tinha com seus soldados, como no trecho a seguir:

¹⁵⁹ Those who already found of Otho and put confidence in him admired this change in his behavior, but others thought it a policy forced upon him by the situation, wherein he courted popular favour because of the war. (PLUTARCH, *Life of Otho*: IV)

[...] em vista de uma calamidade tão grande, disse ele, e a matança de tantos cidadãos, nem mesmo Otão, se fosse um homem bom, desejaria fazer mais provas de sua fortuna, já que até Catão e Cipião, pela recusa de ceder a um César vitorioso depois de Farsalo, tinha incorrido o encargo de desperdiçar desnecessariamente a vida de muitos homens corajosos na África, embora sua luta fosse em prol da liberdade romana. (PLUTARCO, *Vida de Otão*: XIII)¹⁶⁰

A passagem é uma afirmação de Mário Celso (séc. I d.C.), general partidário de Galba que acabou posteriormente apoiando Otão, a respeito da derrota que havia ocorrido no Bedríaco, culminando na morte de muitos pretorianos. A partir das palavras do militar, Plutarco aceita a ideia de que Otão demonstrava preocupação com os romanos, embora continuasse o autor desacreditando nos motivos do confronto.

Como sustenta Martin (2004), a morte de Otão foi seu ato de maior glória e o anúncio de seu suicídio foi o primeiro momento em que Plutarco parece não duvidar das palavras e das intenções daquele, de maneira que, sem apresentar oposição, transcreve o que Otão disse: “Eu devo dar minha vida livremente para meu país” (PLUTARCO, *Vida de Otão*: XV)¹⁶¹. Portanto, a narração mais branda acerca dessa figura imperial se dá com o episódio de sua morte

Agora já era noite, e com sede, bebeu um pouco de água. Ele tinha duas espadas, e depois de examinar a lâmina de cada uma por um longo tempo, colocou uma de lado e a outra sob seu braço e, em seguida, chamou seus servos. Este lhes dirigiu com benevolência, e distribuiu dinheiro para eles, mais para um e menos para outro, não com um pensamento pródigo, que já não lhe pertencia, mas com rigoroso respeito à moderação e às reivindicações de mérito. Depois de mandar embora seus servos, ele lançou-se para descansar o resto da noite e dormiu tão pesadamente que seus funcionários ouviram sua pesada respiração [...] (PLUTARCO, *Vida de Otão*: XVII)¹⁶²

¹⁶⁰ [...] In view of so great a calamity, he said, and the slaughter of so many citizens, not even Otho himself, if he were a good man, would wish to make further trial of his fortune, since even Cato and Scipio, by the refuse to yield to a victorious Caesar after Pharsalus, had incurred the charge of needlessly squandering the lives of many brave men in Africa, although their struggle was in behalf of Roman freedom [...] (PLUTARCH, *Life os Otho*: XIII)

¹⁶¹ I ought to give my life freely for my country. (PLUTARCH, *Life of Otho*: XV)

¹⁶² It was now evening, and being thirsty, he drank a little water. He had two swords, and after examining the blade of each for a long time, he laid one of them aside, but put the other under his arm, and then called his servants. These his addressed kindly, and distributed money to them, more to one and less to another, not as thought lavish with what was no longer to be his, but with strict regard to moderation and the claims of merit. After sending the servants away, he betook himself to rest for remainder of the night, and slept so soundly that his chamberlains heard his heavy breathing. [...] (PLUTARCH, *Life of Otho*: XVII)

A continuação da narrativa é muito semelhante ao que Tácito descreve, ou seja, pela manhã, quando acordou, Otão pegou somente uma das lâminas e se feriu mortalmente, fazendo com seus servos e partidários escutassem seu urro de dor. Os pretorianos e seus partidários, ao saberem disso, lamentaram sua morte e fizeram um modesto funeral. Mas o que podemos destacar é que a mudança definitiva de Otão somente se verifica no último momento de sua vida. Foi somente no preparo de sua morte que ele demonstrou virtudes reais, de acordo com Plutarco.

A construção da imagem imperial do segundo imperador de 69 d.C., elaborada pelo biógrafo de Queroneia, é mais incisiva nos aspectos negativos e a progressão às características positivas daquele, como em Tácito, é menos perceptível. Aliás, por toda a biografia a comparação com Nero com Otão mantém-se com grande relevância e é, inclusive, bem desenvolvida. As atitudes efeminadas, os adultérios, a prodigalidade, a ausência de *auctoritas* e o despreparo para o governo são enfatizados com mais rigor do que na *Histórias*, o que faz da obra de Plutarco menos ambígua do que os escritos taciteanos. Nesse sentido, o sucessor de Galba só consegue uma pequena redenção ao se decidir pelo suicídio.

4.4 O governo de Vitélio

4.4.1 A narrativa histórica taciteana

O terceiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. é um dos personagens descritos de forma mais negativa nas narrativas históricas de Tácito. Com relação ao seu modelo, não há menção a atitudes consideradas adequadas e muitos dos episódios de sua vida são relatados de forma negativa; e quanto ao seu caráter, três falhas são bastante assinaladas: indolência, prodigalidade e crueldade. Sendo que as duas primeiras são abordadas de forma interligadas, uma vez que são expressas pela concessão de banquetes luxuosos e pela indiferença frente aos acontecimentos críticos de Roma. Já a crueldade é atribuída à preguiça do imperador e à falta de julgamentos sérios sobre homens e os eventos. Os primeiros comentários na *Histórias* se dão ainda no governo de Galba, quando o imperador enviou Vitélio como governador da Germânia para tentar conter os ânimos dos legionários que mostravam-se descontentes, porém as maiores menções a sua

personalidade podem ser encontradas na sua maneira de governar, marcada pela indiferença.

Sobre a vida de Vitélio, segundo Martin (2004, p. 306), ele viveu um longo período na corte em uma desordem total. Brandão (2009, p. 238) também escreve sobre a conduta de Vitélio e assevera que Galba o envia para o governo da Germânia justamente por seu comportamento e seu caráter preguiçoso, o que não simbolizava de fato uma ameaça. Vitélio, portanto, não demonstrou em sua vida pessoal e tampouco na política as virtudes necessárias para ser considerado apto a governar, constatação essa que resultou na construção de um modelo tirânico.

Acerca de sua família, as fontes demonstram que essa também compunha a corte imperial, com uma carreira política distinta, principalmente a de seu pai, que foi muito próximo dos césares. Tácito escreve sobre o progenitor de Vitélio em dois momentos e o faz de forma digna: a primeira vez pode ser encontrada na primeira menção ao imperador em sua obra: “[...] até que Galba enviou Aulo Vitélio, o filho de Vitélio que havia sido censor e três vezes cônsul: as honras de seu pai lhe deram prestígio suficiente” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: IX)¹⁶³; e a segunda já foi exposta no capítulo anterior: “[...] mas para Vitélio, seu pai exerceu três consulados e a censura, na qual ele teve César Cláudio como um colega por muito tempo, uma vez que lhe deu a dignidade imperial [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LII)¹⁶⁴. Isso significa que Vitélio, por seus feitos próprios, não havia conquistado nenhuma honraria e sim devido ao seu pai, que possuía a reputação respeitada entre os imperadores.

A aclamação de Vitélio como imperador se deu aproximadamente no início do governo de Otão. Essa conquista de poder, porém, não é vangloriada pelas fontes, o que fez com que Brandão (2009) a nomeasse “ascensão inglória”, fruto da indiferença e ganância de Vitélio; e Martin (2004, p. 306) observasse que o imperador chegou ao poder de modo crítico, instável visto que não há documentos que o considerassem apto a conduzir Roma.

Vitélio não havia demonstrado nenhuma preparação para se tornar imperador e Tácito observa que muitos de seus vícios, como indolência, prodigalidade e crueldade, foram erroneamente interpretados por seus partidários, os quais, sem maiores reflexões,

¹⁶³ [...] until Galba sent out Aullus Vitellius, the son of that Vitellius who had been censor and three times consul: his father's honours seemed to give him enough prestige. (TACITUS, *Histories*, book I: IX)

¹⁶⁴ [...] but to Vitellius, his father's three consulships and the censorship in which he had Caesar Claudius as a colleague had long since given him imperial dignity [...] (TACITUS, *Histories*, book I: LII).

julgaram serem essas virtudes. Contudo, desde o princípio de sua aparição na *Histórias*, Tácito o descreve como preguiçoso e pouco preocupado com o que ocorria em Roma. Ainda, antes mesmo de derrotar Otão, ele já gozava dos prazeres do poder imperial

[...] Vitélio, no entanto, estava afundado em preguiça e já desfrutava antecipadamente de sua fortuna imperial por um luxo indolente e com jantares extravagantes; ao meio-dia, ele estava embriagado e empanturrado de comida. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXII)¹⁶⁵

Tácito, em toda sua obra, relata que encontrar o imperador nessa situação era comum; o governante ainda, segundo o biógrafo, gostava de assistir a teatros e jogos de gladiadores, de modo a levar uma vida indiferente ao governo. Brandão (2004) coloca que, com frequência, Vitélio tem seu aspecto físico associado ao de um gordo e bêbado; e essas características, por sua vez, seriam expressão de sua conduta moral. Além do que, não somente nas províncias seu esbanjamento e sua falta de moderação foram percebidos mas seu avanço sobre Roma teve um caminho pomposo. Tácito narra esse acontecimento demonstrando o exagero em homenagens a sua família, em um momento em que ele aporta de uma navegação que o trazia ao Lácio com seus partidários

Então ordenou que o exército se desfizesse diante de seu filho pequeno, que ele trouxe para fora, envolvendo-o em um manto de general, prendido em seus braços; chamou-lhe Germânico, e cercou-o com todos os atributos da posição imperial. Estas honras excessivas na prosperidade se tornaram em breve um consolo aos infortúnios. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LIX)¹⁶⁶

O historiador latino retrata o esbanjamento da fortuna imperial ao mesmo tempo em que Roma precisava de uma condução firme para que os conflitos e as instabilidades políticas terminassem, uma vez que o imperador se mostrava alheio aos problemas: “Vitélio nunca era seriamente absorvido em negócios ao ponto de esquecer seus prazeres”

¹⁶⁵ Vitellius, however, was sunk in sloth and was already enjoying a foretaste of his imperial fortune by indolent luxury and extravagant dinners; at midday he was tipsy and gorged with food. (TACITUS, *Histories*, book I: LXII)

¹⁶⁶ Then he ordered the entire army to parade before his infant son, whom he brought out and, wrapping him in a general's cloak, held in his arms; he called him Germanicus, and surrounded him with all the attributes of imperial rank. These excessive honours in prosperity presently became a solace in misfortune. (TACITUS, *Histories*, book II: LIX)

(TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXVII)¹⁶⁷. Nas províncias orientais, as tensões cresciam e a figura de Vespasiano ia tornando-se, a cada dia, mais ameaçadora ao governo de Vitélio.

Somado a isso, o imperador era demasiadamente pródigo, pois “[...] sua paixão por elaborar banquetes era vergonhosa e insaciável [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXII)¹⁶⁸, sugerindo que a imagem de Vitélio possa ser interpretada como uma das faces tiranas apresentadas na obra de Béranger (1953). Embora o autor não escreva especialmente a respeito do terceiro imperador de 69 d.C., podemos encontrar na sua descrição sobre Vitélio que este usava o poder para satisfazer seus próprios desejos, o que o faz propenso a ser considerado escravo de suas paixões. Ainda, o sucessor de Otão foi aclamado nas províncias inicialmente pelos legionários, por não corresponder à figura do *optimus* na medida em que não havia conquistado o apoio do senado e nem colocava o bem da república acima de seus interesses.

Martin (2004, p. 312) observa que Vitélio vivia sob um luxo que a fortuna imperial não poderia suportar e a sua entrada na cidade de Roma teve uma pompa desnecessária, não condizente com seu prestígio real

Vitélio, montado em um belo cavalo, usando um manto e um brasão de general, partiu da ponte Múlvia, conduzindo o senado e o povo atrás dele; mas ele foi dissuadido por seus cortesãos a entrar em Roma como se fosse uma cidade capturada, e assim ele vestiu sua toga de senador, ordenou suas tropas em boas ordens e fez sua entrada caminhando. As águias das quatro legiões estavam à frente da linha, enquanto as cores de quatro outras legiões eram vistas de cada lado; depois vieram os estandartes de doze tropas da cavalaria [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXXXIX)¹⁶⁹

A passagem descreve como Vitélio entrou em Roma gozando de uma glória que não possuía no governo, já que não havia realizado grandes feitos que justificasse receber um triunfo grandioso, fazendo de sua ação exagerada, ao se colocar à frente do senado e dos exércitos. A característica tirânica de Vitélio é descrita ainda em uma menção feita pelo historiador latino quando este descreve a admiração do governante por Nero

¹⁶⁷ Vitellius was never so absorbed in serious business that he forgot his pleasures. (TACITUS, *Histories*, book II: LXVII)

¹⁶⁸[...] his passion for elaborate banquets was shameful and insatiate [...]. (TACITUS, *Histories*, book II: LXII)

¹⁶⁹Vitellius, mounted on a handsome horse and wearing a general's cloak and arms, had set out from the Mulvian bridge, driving the senate and people before him; but he was dissuaded by his courtiers from entering Rome as if it were a captured city, and so he changed to a senator's toga, ranged his troops in good order, and made his entry on foot. The eagles of four legions were at the head of the line, while the colours of four other legions were to be seen on either side; then came the standards of twelve troops of cavalry [...] (TACITUS, *Histories*, book II: LXXXIX)

Pois Vitélio nutria grande admiração pelo próprio Nero, a quem tivera o hábito de acompanhá-lo em seus passeios e cantos, não sob coação, como muitos homens de honra eram obrigados a fazer, mas porque era escravo e mercadoria do luxo e da gula. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXXI)¹⁷⁰

A indolência e prodigalidade de Vitélio caminham juntas pois seus esbanjamentos, na maior parte do tempo, são descritos juntamente com sua indiferença e preguiça em reagir aos problemas. Sendo assim, semelhante a Otão, seu comportamento se aproximava ao do muito mencionado Nero. Tácito, por seu turno, vai revelando um crescente descontentamento com a figura do terceiro imperador de 69 d.C.: “Vitélio se tornava cada dia mais desprezado à medida que sua indolência crescia” (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXXXVII)¹⁷¹.

A historiografia atual, que analisa o governo de Vitélio, como Brandão (2009), Leme (2015), Martin (2004) e Moore (2014), concorda que a característica mais destacada do governo deste imperador é a que foi apontada por Tácito: a indolência, simbolizando a falta de *gravitas*, a qual pode ser exemplificada pelas palavras de Brandão: “A gula é o seu principal defeito. Contra todas as expectativas, Galba envia-o para a Germânia Inferior, porque acha que os homens menos perigosos são os que só pensam em comer; e com a abundância da província podia satisfazer a sua gula insaciável” (2009, p. 131). Tal defeito o tornou um governante menos desejável que Otão. Somadas à gula, a indiferença e a falta de *gravitas* fizeram com que os seus partidários aos poucos fossem frustrando-se e esquecendo-se da lealdade prestada ao terceiro imperador de 69 d.C.

Outro aspecto negativo muito enfatizado em Vitélio foi a sua crueldade. Ao contrário, porém, de Galba que agia assim por sua formação antiquada, aquele se comportava por sua propensão à falta de clemência. Leme (2015, p. 201) afirma que o comportamento cruel do imperador se justifica por sua predisposição a ele e podemos identificá-lo desde as primeiras narrações acerca do imperador na *Histórias*: “[...] Ele frequentemente dava sua aprovação a selvageria dos soldados que exigiam que muitos

¹⁷⁰ For Vitellius cherished great admiration for Nero himself, whom he had been in the habit of accompanying on his singing tours, not under compulsion, as so many honourable men were forced to do, but because he was the slave and chattel of luxury and gluttony. (TACITUS, *Histories*, book II: LXXI)

¹⁷¹ Vitellius became from day to day the more despised as he grew the more indolent. (TACITUS, *Histories*, book II: LXXXVII)

fossem castigados; em alguns raros casos ele evadia para atirar os acusados em cadeias” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: LXVIII)¹⁷².

O historiador latino coloca o desenvolvimento no caráter cruel do terceiro imperador de 69 d.C., que “[...] foi movido a uma maior arrogância e crueldade pela chegada de seu irmão e por astuciosas abordagens de seus professores da arte imperial; [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXII)¹⁷³. A narrativa continua com a descrição de mandatos de morte ordenados por Vitélio a homens que haviam sido exilados por Otão, fato esse que confirma a concretização de penas maiores sem a análise dos tribunais romanos.

A respeito da crueldade desse governante, Leme (2015, p. 201) ainda assevera que essa fama foi se espalhando de modo a tornar-se uma das faltas que mais motivou as tropas do oriente a apoiarem Vespasiano. Segundo Tácito

O grau em que o orgulho insolente de Vitélio aumentou depois que os mensageiros chegaram da Síria e da Judeia relatando que o leste havia jurado lealdade a ele, é quase uma crença passada. Pois, ainda que os murmúrios fossem vagos e incertos, os rumores tinham muito a dizer sobre Vespasiano, e o seu nome frequentemente exaltava Vitélio. Mas agora, tanto o imperador como o exército, estavam acreditando que não possuíam rivais, romperam em crueldade, luxúria e rapina, igualando a todos os excessos dos bárbaros. (TÁCITO, *Histórias*, livro II: LXXIII)¹⁷⁴

O trecho demonstra como a petulância do sucessor de Otão aumentou à medida que seu poderio foi se consolidando em Roma; e, mais uma vez, ele se precipita em agir como se não tivesse rivais ou outros pretendentes ao trono. Essa atitude o impeliu e a seus partidários a agirem com violência e se comportarem de forma que não correspondia aos moldes ideais romanos.

Moore (2014) observa que os rumores descritos por Tácito acerca de Vespasiano no oriente eram, na verdade, uma grande e real ameaça a Vitélio e aos vitelianos, visto que o general mostrava-se mais íntegro e, portanto, uma melhor opção ao governo de Roma quando comparado ao indiferente e pródigo Vitélio. Pouco tempo depois, o autor (2014)

¹⁷² [...] He frequently gave his approval to the savagery of the soldiers who demanded that many be given up to punishment; in some rare instances he evaded it by throwing the accused into chains. (TACITUS, *Histories*, book I: LXVIII)

¹⁷³ [...] was moved to greater arrogance and cruelty by the arrival of his brother and by cunning approaches of his teachers in the imperial art; [...] (TACITUS, *Histories*, book II: LXII)

¹⁷⁴ The degree to which the insolent pride of Vitellius increased after couriers arrived from Syria and Judea and reported that the East had sworn allegiance to him is almost past belief. For although the grounds for the gossip were as yet vague and uncertain, rumour had much to say of Vespasian, and his name frequently excited Vitellius. But now both emperor and army, believing that they had no rival, broke out into cruelty, lust, and rapine, equalling all the excesses of barbarians. (TACITUS, *Histories*, book II: LXXIII)

afirma que o general flaviano foi aclamado imperador no Egito e na Síria e que os pretorianos e os sobreviventes partidários de Galba e Otão também o preferiam a Vitélio. Esses posicionamentos e divisões acabaram por demonstrar mais uma falha no comportamento do imperador, a covardia, isto é, ele não era detentor da *virtus* enquanto coragem e dignidade romanas.

O general, que futuramente viria a ser o primeiro imperador flaviano, continuou a avançar em direção a Roma. Vitélio, ao perceber que havia perdido o prestígio de seus partidários, desiste do poder imperial a fim de sair com vida do conflito; Tácito narra o acontecido:

Não havia ninguém tão indiferente às fortunas humanas para não ser movido por essa visão. Aqui estava um imperador romano que, agora, o seu lugar da fortuna, estava passando pelo meio do povo e pelo coração da cidade para desistir do seu poder imperial. Os homens nunca tinham visto ou ouvido coisas semelhantes antes. Um repentino ato violento havia esmagado o ditador César; uma trama secreta para o imperador Gaio; noite e obscuridade ocultaram a luta de Nero; Pisão e Galba haviam caído, por assim dizer, no campo de batalha. Mas agora Vitélio em uma assembleia chamada por ele mesmo, cercado por seus próprios soldados, quando mesmo as mulheres olharam, falou brevemente de uma maneira apropriada de seu estado triste atual, dizendo que se retirou pela paz e pela pátria [...] (TÁCITO, *Histórias*, livro III: LXVIII)¹⁷⁵

Vitélio, sob o pretexto do bem-estar do império, abdicou do poder máximo dentre as magistraturas. No entanto, na continuação da narrativa, o historiador latino relata que ele fugiu das forças inimigas e se refugiou vergonhosamente no capitólio com medo de ser executado.

A narrativa acerca de Vitélio termina com sua morte, apontada por Brandão (2009) e Martin (2004) como uma humilhação pública, uma vez que o imperador tentou fugir de sua condenação eminente e foi violentamente morto. O evento é descrito por Tácito da seguinte forma:

¹⁷⁵ There was no one so indifferent to human fortunes as not to be moved by this sight. Here was a Roman emperor who, now, abandoning the seat of his high fortune, was going through the midst of the people and the heart of the city to give up his imperial power. Men had never seen or heard the like before. A sudden violent act had crushed the dictator Caesar, a secret plot the emperor Gaius; night and obscurity of the country had concealed the fight of Nero; Piso and Galba had fallen, so to say, on the field of battle. But now, Vitellius, in an assembly called by himself, surrounded by his own soldiers, while even women looked on, spoke briefly and in a manner befitting his present sad estate, saying that he withdrew for the sake of peace and his country; [...] (TACITUS, *Histories*, book III: LXVIII)

[...] Vitélio estava parado nos degraus do palácio e estava prestes a apelar para eles, quando o forçaram a se retirar. Então correram na direção de Sabino, mutilaram-no e cortaram-lhe a cabeça; depois arrastaram seu corpo degolado para as escadas de Gemônia. (TÁCITO, *Histórias*, livro III: LXXIV)¹⁷⁶

Vitélio foi morto com trinta e cinco anos de idade e sua morte foi descrita como merecida pela forma com que viveu sua vida, isto é, teve um fim violento e humilhante. A humilhação – para além dele ter se escondido e ter praticamente pedido súplica - de acordo com Moore (2014), se deu também pelo fato de Vitélio ter seu corpo exposto nos degraus do Capitólio, onde eram colocados os corpos dos criminosos.

A construção da imagem imperial do terceiro imperador de 69 d.C. não possui fatos ou descrições positivas. Desde a sua vida como político, antes de ser elevado ao posto imperial, Vitélio reuniu diversas falhas de caráter. Sua prodigalidade, indolência e gula são assinaladas em razão de suas atitudes indiferentes para com a política e por seu desinteresse com bem-estar de Roma; e a concessão de luxo e banquetes suntuosos, que não poderiam fazer parte do governo, também pode ser encontrada com frequência em escritos sobre aquele. Assim, Tácito conduz a sua narrativa com intuito de elucidar o fato de que o sucessor de Otão não estava completamente assegurado, mediante um comportamento que o fazia perder aos poucos a lealdade de seus partidários. Isso se concretiza com um fim vexatório, percebido como uma forma de cobrança por sua conduta pouco adequada aos costumes tradicionais romanos, principalmente no que se refere ao modelo ideal de um imperador.

4.4.2 A biografia plutarqueana

Como já exposto no Capítulo II desse trabalho¹⁷⁷, há indícios de que Plutarco tenha composto uma biografia para o imperador Vitélio, mas que ela não tenha sobrevivido até os dias de hoje. O que conhecemos acerca da opinião do biógrafo com relação ao terceiro imperador de 69 d.C. está disperso entre a *Vida de Galba* e *Vida de Otão*. Em razão disso, a historiografia atual é praticamente silenciosa quanto ao modelo do terceiro imperador de

¹⁷⁶ Vitellius stood on the steps of the palace and was about to appeal to them, when they forced him to withdraw. Then they ran Sabinus through, mutilated him, and cut off his head, after which they dragged his headless body to Gemonian stairs. (TACITUS, *Histories*, book III: LXXIV)

¹⁷⁷ Vide Tabela 3

69 d.C. sob a ótica de Plutarco; muito embora tenhamos indícios de que sua descrição esteja influenciada pelos ideais senatoriais romanos.

Morgan (2006, p. 289) e Aalders (1982, p. 57) defendem justamente essa opinião, a de que Plutarco trabalhou as figuras imperiais com base em suas relações pessoais, ou seja, na medida em que ele se relacionava com magistrados e senadores romanos, sua perspectiva se assemelha à destes homens. Isso significa que o biógrafo queronense possuía uma opinião negativa em relação a Vitélio, descrevendo os pontos negativos do governante, que podem ser encontrados na maioria dos escritos a respeito dele, como a gula, a preguiça, a covardia e a indiferença com o governo. Sua primeira menção sobre o terceiro imperador de 69 d.C. pode ser encontrada na *Vida de Galba* quando faz justamente alusão ao seu caráter negativo por meio da descrição dos exércitos da Germânia que estavam sob seu governo: “As legiões que também estavam sob o comando de Vitélio frequentemente se comportavam com semelhante insolência, e as cartas sobre o assunto foram enviados a Galba por seus agentes. [...]” (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XIX)¹⁷⁸.

Sobre essa visão negativa que Vitélio ostentava, Brandão (2009) concorda com a ideia anterior uma vez que reconhece o comportamento negativo e pouco preparado para um governante que o imperador possuía. Acrescenta ainda o autor que as magistraturas exercidas por Vitélio partilham essa visão negativa: ora indiferente ora ruim ou ainda corrupta. Martin (2004) adiciona que Vitélio não demonstrava um comportamento de *princeps*, visto que não seguia os padrões das boas *mores*: “[...] mas é certo que a principal falha de Vitélio foi a sua desordem total na vida cotidiana que precedeu sua ascensão no império e a qual teve rédeas livres durante os poucos meses que ele dispôs do poder supremo” (2004, p. 86)¹⁷⁹ e até mesmo a sua subida ao poder foi inexpressiva, como se os soldados estivessem prestando juramento a uma estátua. Vitélio não recebeu formação que lhe permitisse exercer adequadamente as funções imperiais, o que o transforma na figura de um imperador incapaz: “Os diferentes autores antigos concordam em atribuir a Vitélio uma imagem inativa e incapaz, ao ponto de não imaginar que um dia se tornaria imperador.” (MARTIN, 2004, p. 229)¹⁸⁰

¹⁷⁸ The legions also that were under the command of Vitellius frequently behaved with similar insolence, and letters on the subject were sent to Galba by his agents. [...] (PLUTARCH, *Life of Galba*: XIX)

¹⁷⁹ [...] mais Il est certain que le défaut essentiel de Vitellius fut un désordre total de la vie quotidienne qui était antérieur à son accession à l’empire et auquel il donna libre cours durant les quelques mois où il disposa du pouvoir suprême. (MARTIN, 2004, p. 86)

¹⁸⁰ Les différents auteurs anciens s’accordent pour donner de Vitellius une image d’inactif et d’incapable n’imaginant nullement devenir empereur un jour. (MARTIN, 2004, p. 229)

O episódio da aclamação de Vitélio é narrado por Plutarco de modo a evidenciar a covardia do imperador, já que temia a complexidade que o cargo poderia conter. A indiferença e a inexpressividade também se fazem presentes na passagem. Nela, o imperador recebe a notícia de sua indicação, durante um banquete, já ébrio e incapaz de refletir, ainda que estivesse em meio a uma guerra civil

Vitélio até então parecia ter declinado e evitado o cargo, temendo a magnitude dele; mas neste dia, como se diz, fortificado com vinho e comida ao meio-dia, saiu aos soldados e aceitou o título de Germânico que eles lhe conferiram, embora tenha rejeitado o de César. [...] (PLUTARCO, *Vida de Galba*: XXII)¹⁸¹

Sabemos que Aalders (1982) sustenta que Plutarco não possuía um modelo ideal de governante. Para ser considerado um líder capaz este deveria possuir moralidade, justiça e humanidade, baseadas em uma boa formação filosófica; particularidades que o terceiro imperador de 69 d.C. não detinha:

E como nenhum dos homens que então tinham o título de imperador gozava de grande reputação, não é improvável que os verdadeiros soldados, aqueles que sabiam e tinham sentido o que era dificuldade, deveriam ser levados a refletir que seria uma coisa horrível e odiosa se os males que os cidadãos tiveram uma vez; a sua aflição infligia uns aos outros, devido ao sofrimento causado por causa de Sula e Mário, e novamente por César e Pompeu, e agora suportar novamente apenas para fazer o poder imperial um meio para prover a gula e embriaguez de Vitélio ou para o luxo e licenciosidade de Otão. (PLUTARCO, *Vida de Otão*: IX)¹⁸²

O biógrafo observa que qualquer um que fosse o vitorioso no confronto entre Otão e Vitélio seria um prejuízo ao destino de Roma, pois eram homens cheios de vícios. No caso do terceiro imperador de 69 d.C., ele enfatiza a gula e a embriaguez, ligadas à prodigalidade e à indiferença do sucessor de Otão; e de modo semelhante a Tácito, a gula e a indolência do governante são mencionadas em breves palavras a respeito de Vitélio.

¹⁸¹ [...] Hitherto Vitellius had seemed to decline and avoid the office, fearing the magnitude of it; but on this day, as they say, being fortified with wine and a midday meal, he came out to the soldiers and accepted the title of Germanicus which they conferred upon him, though he rejected that of Caesar. [...] (PLUTARCH, *Life of Galba*: XXII)

¹⁸² [...] And since neither of the men who then had the title of emperor enjoyed high repute, it is not unlikely that the real soldiers, those who knew what hardship was and had sense, should be led to reflect that it would be a dreadful and most hateful thing if the evils which the citizens had once to their sorrow inflicted upon one another and suffered because of Sulla and Marius, and again because of Caesar and Pompey, should now be endured again only to make the imperial power a means for providing for the gluttony and drunkenness of Vitellius or for the luxury and licentiousness of Otho. (PLUTARCH, *Life of Otho*: IX)

Perspectivas essas que correspondem ao que Brandão (2009) apresenta, isto é, um imperador glutão, o que sugere falta de *gravitas* e de *virtus*.

Martin (2004) observa que essa característica de glutão se torna mais preponderante à medida que os interesses pessoais de Vitélio se misturaram aos interesses públicos, resultando numa conduta de governo lúdica e irresponsável, ou seja, ele não possuía moderação e nem se esforçava para adquirir *auctoritas*. O imperador era dado a banquetes e jogos e as narrativas enfatizam seu caráter alheio, descomprometido.

Plutarco dá continuidade a suas opiniões sobre a imagem de Vitélio na *Vida de Otão* no momento em que ele, ao mesmo tempo em que Otão, havia sido aclamado e os dois começam a trocar cartas com conteúdo pouco aproveitável

[...] Pois já havia notícias certas de que Vitélio havia assumido a dignidade e poder de imperador; e rápidas notícias estavam chegando continuamente com relatos de novos acessos a ele, embora outros esclarecessem que os exércitos de Panônia, Dalmácia e Mysia, com seus líderes aderiram a Otão [...] Vitélio escreveu também para Otão em resposta, primeiramente de maneira dissimulada; mas depois ambos se exaltaram e escreveram um ao outro, cartas abusivas cheias de insultos vergonhosos; [...] (PLUTARCO, *Vida de Otão*: IV)¹⁸³

Novamente o autor beócio deixa em evidência que Vitélio, assim como Otão, não era digno do poder imperial. Segundo o autor, ambos utilizaram o poder imperial para o benefício próprio e não para o bem-estar de Roma. Seus interesses eram manter esse poder para si, independente dos conflitos prejudiciais ao principado e, por isso, insultavam-se e trocavam correspondências ameaçadoras.

Apesar de dispormos de poucas informações acerca de Vitélio nos escritos plutarqueanos, uma vez que não há uma biografia do imperador, podemos ainda perceber que o biógrafo de Queroneia se preocupou em incluir essa figura histórica em meio aos escritos biográficos dos outros imperadores de 69 d.C. Assim, Plutarco compactua com muitas características descritas por Tácito ao elaborar um modelo tendencioso construído com base na tirania. Logo, as características enfatizadas em sua obra foram a indiferença com a política do principado e os problemas que cabia a ele solucionar; a indolência em assegurar a lealdade que já havia conquistado; e o gosto por banquetes luxuosos somado à

¹⁸³ [...] For already there were sure tidings that Vitellius had assumed the dignity and power of emperor; and swift couriers were continually coming with accounts of ever new accessions to him, although others made it clear that the armies in Pannonia, Dalmatia, and Mysia, with their leaders, adhered to Otho [...] Vitellius also wrote to Otho in reply, at first in a somewhat dissembling manner; but afterwards both got excited and wrote one another abusive letters filled with shameful insults; [...] (PLUTARCH, *Life of Otho*: IV)

sua gula. O imperador não ostentava um bom preparo ao governo e, sendo assim, a sua narrativa nos traz um governante indiferente ao império que estava mais em busca de gozar dos prazeres pessoais do que assegurar o bem-estar do império.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho teve como objetivo o estudo da construção da imagem imperial dos governantes Galba, Otão e Vitélio, a partir das obras *Histórias*, de Cornélio Tácito, *Vida de Galba* e *Vida de Otão*, inclusas nas *Vidas Paralelas*, de Plutarco. O período que esses governantes atuaram, entre 68 e 69 d.C., é frequentemente esquecido pela historiografia. Além disso, em trabalhos que pretendem ser mais gerais, sequer se menciona os nomes desses imperadores.

Em virtude disso, foi relevante o estudo do conceito de história e o das considerações sobre biografia a fim de que pudéssemos compreender os escritos do historiador latino e os do biógrafo de Queroneia, visto que aqueles foram os modelos de escrita por eles adotados. Os gêneros histórico e biográfico, desde os seus primórdios, não possuíam suas fronteiras bem definidas e estiveram presentes nas tradições de escrita greco-romana. Os autores aqui estudados podem ser considerados herdeiros desse estilo. Tal tradição previa que os temas passíveis de serem abordados na história eram a política, o militarismo e a etnografia. Para a biografia, no entanto, os temas se traduziam na trajetória de uma vida e assuntos como moral e comportamento deveriam ocupar a temática principal desses escritos.

As *Histórias* de Tácito são compostas na forma de narrativas históricas. Escritas no início do século II d.C., apresentam como tema central uma discussão a respeito da sucessão ao poder imperial, referindo-se, em particular, ao ano de 69 d.C., com a ascensão de Galba e estendendo-se até, aproximadamente, o ano de 71 d.C., quando Vespasiano já governava como imperador. As biografias *Vida de Galba* e *Vida de Otão*, de Plutarco, possivelmente também foram compostas no início do século II d.C. Tratam-se de narrativas biográficas que divergem do modelo que o biógrafo queronense utilizava em seus trabalhos, uma vez que se restringem aos conflitos decorrentes dos anos de 68 e 69 d.C.; a biografia de Galba, que tem início com a sua ascensão ao poder imperial no ano de 68 d.C. e vai até a sua morte, é completada, na sequência, com a vida de Otão.

Nos escritos taciteanos e plutarqueanos, as questões políticas e militares estão presentes, o que nos permite considerar que os modelos construídos pelos autores geralmente eram políticos, militares e de indivíduos que dedicaram a vida aos estudos. Isso significa que Tácito, apesar de ter escrito um trabalho histórico, não desconsiderou os fatos ao descrever a vida dos sujeitos participantes, na medida em que as informações que

selecionou evidenciam sua opinião acerca desses. Da mesma maneira, Plutarco, que escreveu biografias, não desvinculou os assuntos políticos e militares do contexto de seus biografados; posto que empregava um método de escrita, selecionava e levantava fontes e relatos, o que também resultou na construção da imagem dos sujeitos de seu trabalho. Ainda, os autores partilhavam algumas opiniões, o que é perceptível na apresentação dos três imperadores das guerras civis de 68 e 69 d.C.

Os escritos do historiador latino e do biógrafo de Queroneia são tributários do principado romano. Tratava-se de um modelo político fundamentado em valores morais que, em sua maioria, provinham das ordens dirigentes da sociedade, isto é, dos senadores e equestres. A política do principado foi complexa. Passou por períodos conflituosos e constantes mudanças e a figura com maior poder nesse cenário foi a do imperador. Quando um indivíduo alcançava esse poder, ele passava a deter o *imperium*, que lhe atribuía autoridade sobre as províncias imperiais e senatoriais; o governante também recebia autoridades políticas, militares e religiosas. Além disso, passava a ter predomínio legislativo, que fazia dele detentor das decisões sobre os tribunais romanos. Embora a posse do *imperium* reunisse esse conjunto de direitos, não deveria significar, em sua essência, uma monarquia declarada. O imperador era o *pater patriae*: deveria ser o detentor da mais alta *dignitas*, receberia o título de *princeps* – primeiro cidadão – e deveria assumir as virtudes da *clementia*, *iustitia*, *uirtus* e da *pietas*. Acima de todos esses poderes, as ações do *princeps* deveriam ser em prol do bem-estar de Roma e de seus concidadãos.

A instituição senatorial, apesar de ter perdido a primazia na condução de Roma ao ter que coexistir com o poder do imperador, permaneceu muito influente no início do principado. Em virtude disso, a maioria dos *princeps* considerados adequados eram os que governavam em comunhão com o senado, pois parte da aprovação daqueles dependia da aceitação deste. Nesse sentido, podemos concluir que os imperadores que chegaram ao poder no ano de 69 d.C. não asseguraram o consentimento de senadores e magistrados e, muitas vezes, o senado e os indivíduos que desempenhavam as funções políticas nem são mencionados com expressividade nos acontecimentos que sucederam a morte do último imperador julio-claudiano.

As guerras civis dos anos de 68 e 69 d.C. constituíram eventos importantes para a política romana do principado, na medida em que problemas presentes nesses anos partiram de questões que não foram bem definidas no estabelecimento do modelo político como, por exemplo, o problema da sucessão do trono imperial. Os governantes desses

anos, Galba, Otão e Vitélio tiveram suas imagens construídas no governo dos primeiros antoninos, isto é, entre os anos de 96 a 117 d.C. sob o comando de Nerva e Trajano. O ano de 96 d.C. também passou por uma irresolução de quem subiria ao poder, similar ao acontecido depois da morte de Nero. No entanto, o desfecho se deu de forma diferente as guerras civis de 68 e 69 d.C., visto que os primeiros imperadores antoninos agiram de forma propícia para manter a estabilidade de Roma no momento, bem como conduziram o império em conformidade com as ordens dirigentes, ou seja, com as dos senadores e equestres que compunham a maioria das magistraturas.

As narrativas históricas e biográficas de Cornélio Tácito e Plutarco não favoreceram os modelos dos imperadores das guerras civis, pois enfatizaram suas características reprováveis. Isso se deve ao fato de que, dependendo da forma de governo dos imperadores, dois aspectos poderiam ganhar notoriedade, o que significa que ou o *princeps* poderia ser visto como *tyrannus* ou como *rex iustus*. O *tyrannus* era o governante que se demonstrava egoísta, injusto, carente de moral, cruel, violento, perseguidor, ou seja, era o governante que usava as atribuições que recebia para satisfazer os próprios caprichos, que via os cidadãos como submissos a sua vontade e nem sempre se mostrava disposto ao diálogo com o senado. Na face oposta dos *tyrannus* está a concepção de *rex iustus*: o governante justo, que agia virtuosamente e colocava os interesses dos cidadãos acima dos seus.

Nesse sentido, considerando que Tácito passou boa parte de sua vida exercendo magistraturas e envolvido na política do principado e que Plutarco, apesar de ser de origem grega, se beneficiou da política de governo dos antoninos, foi possível a construção da imagem imperial dos três imperadores das guerras civis de 68 e 69 d.C., pois os autores estudados não negligenciaram as questões políticas, nem mesmo os assuntos referentes a cada imperador desse período. Portanto, para entender a formação desses retratos de Galba, Otão e Vitélio, por Tácito e Plutarco, foi necessário ainda compreender os modelos de Nerva e Trajano – *optimus princeps* – que serviram de modelos positivos de governantes, isto é, constituíram-se como base às obras.

Os escritos taciteanos e plutarqueanos se assemelham quanto à construção dos modelos dos imperadores Galba, Otão e Vitélio; os autores se ocuparam em dar um maior destaque às ações negativas e aos vícios de cada governante desse período. As divergências desses escritos, pouco perceptíveis, aparecem na forma de narrarem um aspecto, com mais detalhes, em detrimento de outro.

Assim, as principais características apresentadas por Tácito sobre Galba são: linhagem de antiga nobreza; sem *auctoritas*; parcimonioso, o que pode simbolizar a falta de *moderatio*; cruel, que sinaliza a falta de *clementia*. Em Plutarco prevalecem os seguintes aspectos: linhagem de antiga nobreza; sem *auctoritas*; parcimonioso; severo. Os escritos concordam ao demonstrarem que este imperador foi um indivíduo com virtudes pessoais, isto é, originário de uma família tipicamente romana e foi um bom general. No entanto, Plutarco desenvolve mais as características positivas do governante do que Tácito, de modo a introduzir os vícios do imperador ancião somente depois de se dedicar as virtudes. Os vícios, porém, estão inclusos nas descrições e estas destacam um gênio menos capaz para governar, com decisões que colocaram sua segurança em risco, o que significa que os autores construíram uma imagem tirânica; isto é, ele negou o pagamento de donativos aos soldados, atestando sua avareza; e os homens que compuseram seu círculo de relações pessoais não eram dignos de suas posições, mas, apesar disso, detinham grandes poderes para tomar decisões.

O historiador latino e o biógrafo queronense concordam que o imperador ancião não possuía *auctoritas*; no entanto, Plutarco explica essa carência pela passividade de Galba diante dos homens por ele nomeados, enquanto Tácito a percebe como parte de sua essência, inata. Já a severidade é retratada de forma parecida em ambos os autores, visto que eles narraram a violência do imperador contra os romanos de forma similar.

Em relação a Otão, Tácito enfatizou os seguintes aspectos: similaridade com Nero, demonstrando a falta de *pudicitia*; pródigo, evidenciando a carência de *gravitas*; sem *auctoritas*; e Plutarco destaca: a semelhança com Nero e a prodigalidade.

Quanto a esse imperador, portanto, a diferença mais marcante entre as narrativas é que o historiador vai progressivamente amenizando seu caráter tirânico, isto é, conforme o fim da vida de Otão se aproxima, seus vícios são menos mencionados e uma possível preocupação com os concidadãos romanos ganha espaço na narrativa. Plutarco, por outro lado, não apresenta aspectos positivos na vida desse governante e, sendo assim, enfatiza seus vícios. O abrandamento do caráter tirânico de Otão só é percebido na descrição de seu suicídio. Mas, vale ressaltar que os autores concordam quanto às suas falhas como governante.

É inegável que tanto o historiador quanto o biógrafo percebiam a semelhança de Otão com Nero, seja por suas atitudes na vida pessoal, seja por sua convivência com este na juventude. Logo, as analogias com último imperador julio-claudiano se fazem presentes

nas descrições da figura do segundo imperador de 69 d.C., principalmente quando este se mostrava pródigo.

Já no que se refere a Vitélio, *Histórias* destaca o caráter pródigo, indolente - evidenciando sua carência de *gravitas* – cruel e desprovido de *auctoritas*. As *Vida de Galba* e *Vida de Otão* dão maior ênfase à indolência e à gula.

Ainda sobre as características do terceiro imperador de 69 d.C., há quase um consenso entre o historiador latino e o biógrafo de Queroneia, visto que as descrições tendem a construir uma imagem tirânica e pouco disposta ao governo. Sua ostentação e preguiça são apontadas por ambos. Isso significa que o modelo viteliano é semelhantemente descrito como desprovido de virtudes privadas e públicas, uma vez que agia de forma imoral e indiferente.

Apesar do historiador e do biógrafo levarem vidas diferentes e até mesmo terem sido motivados a escrever por propósitos distintos, eles construíram imagens desfavoráveis de Galba, Otão e Vitélio, o que reflete suas bases de construção desses modelos; isto é, Tácito e Plutarco escreveram sobre imperadores considerados tirânicos pois vivenciavam um período considerado pacífico e próspero pelas ordens, senatorial e equestre, as quais pertenciam: Trajano fora considerado um *optimus princeps*, virtuoso, mantenedor das tradições romanas e preocupado com o bem-estar de Roma. Qualidades estas que, possivelmente, motivaram tanto o historiador como o biógrafo a escreverem suas obras por oferecerem um significativo contraste aos vícios dos imperadores de 68 e 69 d.C.

REFERÊNCIAS

Fontes

CÍCERO, Marcus Tullius. **The Letters to his friends**, vol. I. Introduction, notes and translate by W. Glynn Williams. London/Cambridge/Massachusetts: Loeb classical library/Harvard university press, 1958.

HERÓDOTO. **Histórias** (livros I-II). Introdução por Maria Helena da Rocha Pereira, tradução e notas por José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2003.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução, introdução e notas por Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012. Disponível em: <http://www.segestaeditora.com.br/download/ostrabalhoseosdias.pdf>. Acessado em: 21/03/2016.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio por Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.

LÍVIO, Tito. **Ab Urb Condita (Historia de Roma desde su fundación)**: Libros I-III. Traducción, estudios e notas de José Antonio Villar Vidal, Introducción general de Ángel Sierra. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

PLÍNIO, EL JOVEN. **Cartas**. Introducción, traducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Gredos, 2005.

PLUTARCH. **Parallel lives** (Demosthenes and Cicero, Alexander and Caesar) vol. VII. Translate, notes and introduction by Bernadotte Perrin. London/Cambridge/Massachusetts: Loeb classical library/Harvard university press, 1967. Disponível em: <https://ryanfb.github.io/loebolus-data/L099.pdf>. Acessado em: 21/06/2016.

PLUTARCH. **Parallel lives** (Árato, Artaxerxes, Galba, Otho) vol. XI. Introduction, translate and notes by Bernadotte Perrin. London/Cambridge/Massachusetts: Loeb classical library/Harvard university press, 2014.

PLUTARCH. **Parallel lives** (Dion and Brutus, Timoleon and Aemilius Paulus) vol. VI. Introduction, translate and notes by Bernadotte Perrin. London/Cambridge/Massachusetts: Loeb classical library/Harvard university press, 1918. Disponível em: <https://ryanfb.github.io/loebolus-data/L098.pdf>. Acessado em: 02/08/2016

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**: Vida de Teseu e Rômulo. Introdução, tradução e notas por Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**: Vidas de Galba e Otão. Introdução, tradução e notas por José Luís Lopes Brandão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. Disponível em: https://classicadigitalia.uc.pt/files/previews/56512_preview.pdf. Acessado em: 10/11/2013.

PLUTARCO. **Da Malícia de Heródoto**. Estudo, Tradução e notas por Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDUSP, 2013.

POLÍBIO. **Historias**: Libros I-IV. Traducción, estudios e notas de Manuel Belasch Recort. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

SALÚSTIO. **A Guerra de Jugurta**. Introdução e tradução por Antônio Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

SALUSTIO, Caio Crispo. **Catilina y Jugurta**. Texto y traducción por José Manuel Pabón. Barcelona: Ediciones Alma Mater S.A, 1956.

Scriptores Historiae Augustae (vol. III). Introduction, Translate and notes by David Magie. Cambridge/Massachusetts/London: Loeb classical library/Harvard university press, 1998.

SÊNECA, Lucio Aneu. **Sobre la clemencia**. Estudio preliminar, traducción y notas de Carmen Codoñer Merino. Madrid: Editorial Tecnos, 1988.

TACITUS, P. Cornelius. **Histories**, vol. II. Introduction, Translate and notes by Clifford H. Moore. Cambridge/ Massachusetts/ London: Loeb classical library/Harvard University press, 2014.

TACITUS, P. Cornelius. **Histories**, vol. III. Introduction, translate and notes by Clifford H. Moore. Cambridge/ Massachusetts/ London: Loeb classical library/ Harvard University press, 2014.

THUCYDIDES. **Histories of the Peloponnesians**, vol. I. Introduction, translate and notes by Charles Foster Smith. London/Cambridge/Massachusetts: Loeb classical library/Harvard university press, 1956. Disponível em: <https://ryanfb.github.io/loebolus-data/L108.pdf>. Acessado em: 20/09/2016.

Bibliografia

AALDERS, G. J. D. **Plutarch's political thought**. Amsterdam/Oxford/New York: North-Holland publishing company, 1982. Disponível em: <http://www.dwc.knaw.nl/DL/publications/PU00010245.pdf>. Acessado em: 30/05/2016.

ALFÖLDY, Gèza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.

AUERBACH, Erich. Fortunata. In:_____. **Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 21-42.

BAKHTIN, Mikail. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BARNABÉ, Luís Ernesto. **Lívio e os reis romanos: a defesa de uma identidade romana**, 150f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2006.

BÉRANGER, Jean. **Recherches sur l'aspect idéologique du principat**. Verlag Friederich Reinhardt Ag Basel, 1953.

BÉRANGER, Jean. Tyrannus. **Revue des études latines**. Paris : Belles Lettres, v. 13, n. 13, p. 85- 94, 1935.

BÉRANGER, Jean. Diagnostic du Principat : l'empereur romain, chef de parti. **Revue des études latines**. Paris : Les Belles Lettres, v. 37, n. 37, p. 151-170, 1959.

BÉRANGER, Jean. *Imperium*, expression et conception du pouvoir impérial.. **Revue des études latines**. Paris : Les Belles Lettres, v. 55, n. 55, p. 325-344, 1978.

BINGHAM, Sandra J. **The Praetorian Guard in the Political and Social Life Julio-Claudian Rome**. 289 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Vancouver, University of British Columbia, 1997.

BOISSIER, Gaston. **L'opposition sous les Césars**. Paris: Librairie Hachette, 1909.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (or.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1976, p. 183-191.

BRANDÃO, José Luís Lopes. Introdução. In: PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Vidas de Galba e Otão**. Introdução, tradução e notas por José Luís Lopes Brandão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. Disponível em: https://classicadigitalia.uc.pt/files/previews/56512_preview.pdf. Acessado em: 10/11/2013.

BRANDÃO, José Luís Lopes. **Máscara dos Césares: teatro e moralidade nas vidas suetonianas**. 1 ed. Coimbra: Coimbra University Press, 2009. Disponível em: <https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/handle/123456789/25>. Acessado em: 04/05/2015.

BRANDÃO, José Luís Lopes. Retratos dos césares em Suetônio: do *Eidos* ao *Ethos*. In: JIMÉNEZ, Aurélio Pérez; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu (org.). **O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política**. Málaga: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004, p. 83-113. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/32565>. Acessado em: 18/12/2016.

BRAVO, Gian Majuo. Anarquismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Vol. I. Tradução de Carmen Varriale et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 23-29. Disponível em: http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Dicionario_De_Politica.pdf. Acessado em: 06/12/2016.

BRUNT, P. A. *Nobilitas* and *Novitas*. **The Journal of Roman studies**, v. LXXII, p. 01-17, 1982

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 83-97, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2038>. Acessado em: 13/10/2015.

CHASTAGNOL, André. **Le sénat Roman à L'époque impériale**. Paris : Les Belles Lettres, 1992.

CIZEK, Eugène. **L'époque de Trajan : Circonstances politiques et problèmes idéologiques**. Paris: Belles Lettres, 1983.

COSTA, Alex Aparecido da. **As virtudes do príncipe ideal no Panegírico de Trajano de Plínio, o jovem**. 208 f. Dissertação (mestrado em história), Universidade Estadual de Maringá, 2014

CRINITI, Nicola. Plutarco, Le vite romane e la loro fortuna. **Ager veleia**, v. 01, n. 01, 2013. Disponível em: <http://www.veleia.it/download/allegati/fn000320.pdf>. Acessado em: 08 de janeiro de 2015.

DIREITO, Carlos Gustavo Vianna. Roma e o *Imperium*. **Revista SJRJ**, v. 21, n. 40, Rio de Janeiro, p. 183-192, 2014

FINLEY, Moses. Mito, Memória e História. In: _____. **Uso e Abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 03-27.

- FILEY, Moses. **Os gregos antigos**. Lisboa: Edições 70, 1963.
- FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFONI, Renata Senna. Salústio e a Historiografia Romana. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e Retórica**: ensaios sobre a historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 65-76.
- GARNSEY, Peter; SALLER, Richard. **The early Principate**: Augustus to Trajan. London: Oxford university press, 1982.
- GENTILI, Bruno; CERRI, Giovanna. **Storia e Biografia nel pensiero antico**. Roma: Laterza, 1983.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os Severos e a Anarquia Militar. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (org.). **Repensando o império romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Vitória: EDUFES, 2006, p.175-191.
- GRIFFIN Miriam. Nerva to Trajan. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. **The Cambridge Ancient History**: the High Empire, A.D 70-192, vol. XI. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 84-131
- GRIFFIN, Miriam. Tacitus as a historian. In: WOODMAN, A. J. (org.). **The Cambridge companion to Tacitus**. New York: Cambridge university press, 2009, p. 168-183.
- GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- GRIMAL, Pierre. **Os erros da liberdade**. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUILLEMIN, A.. La critique littéraire au I^o siècle de l'empire. **Revue des études latines**. Paris : Les Belles Lettres, v. 6, n. 6, p. 136-180, 1928.
- HARTOG, François. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- HARTOG, François. Primeiras figuras do historiador na Grécia: historicidade e história. In:_____. **Os antigos**: o passado e o presente. Brasília: Editora UnB, 2003, p. 13-33.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- HELLEGOUARCH, J. H. Démocratie et Principat dans les lettres de Saluste a César. **Revue de Philologie**, Paris, année et tome XLIV, 1970.
- HENDERSON, Bernard W. **Civil War and Rebellion in the Roman Empire, A.D 69-70**: A Companion to the “Histories” of Tacitus. London: Macmillan and CO., limited St. Martin’s street, 1908. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-hellenic-studies/article/civil-war-and-rebellion-in-the-roman-empire-ad-6970-by-hendersonbernard-w-pp-xv-350-macmillan-and-co-1908-8s-6d-net/D6383F2515DCC0C94FBB12A56A89C1A6>. Acessado em: 17/11/2016.
- JOLY, Fábio Duarte. **Tácito e a Metáfora da escravidão**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- JOLY, Fábio Duarte. História e Retórica em Tácito. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 158-164.
- JOLY, Fábio Duarte. Ética, Retórica e Política no Diálogo dos Oradores e a concepção de História em Tácito. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 19-43, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/4830953/Etica_Retorica_e_Poetica_no_Dialogo_dos_Oradores_e_a_concepcao_de_Historia_em_Tacito._Anos_90_UFRGS_v._16_p._19-43_2009. Acessado em: 13/01/2014.

- JOLY, Fábio Duarte. A recepção da obra de Tácito na cultura europeia (séc. XV-XIX): algumas observações. **Boletim do CPA**, Campinas, n. 16, 2003, p. 39-46
- KLEIN, Ygor Belchior. A biografia de Públio Cornélio Tácito. **Phília: Jornal informativo de História Antiga**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 37, p. 5-6, jan. fev. mar., 2011. Disponível em: http://www.philia.uerj.br/EdicoesAnteriores/40_PHILIA_EdicaoCompleta.pdf. Acessado em: 23/01/2014.
- KLEIN, Igor Belchior. “Aquele ano de Galba, Otho e Vitélio” (TÁC. Diál., 17): as guerras civis de 69. **Romanitas**, v. 01, n. 01, p. 170-187, 2013.
- LEME, André Luiz. **O pensamento político em Suetônio em a “Vida dos doze Césares” (séc. II d.C.): a crítica do poder absoluto do príncipe romano, 272f.** Tese (doutorado em história), Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2015.
- LEVENE, D. S.. Speechs in the Histories. In: WOODMAN, A. J. (org.). **The Cambridge companion to Tacitus**. New York: Cambridge university press, 2009, p. 212-224.
- LEVICK, Barbara. Moral, politics, and the fall of the Roman Republic. **Greece and Rome**, Oxford, v. XXIX, n. 01, p. 53-62, 1982.
- LIMA, Danielle Chagas. **Gênero biográfico e historiográfico na Roma antiga: testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito.** 198 f. Dissertação (Mestrado em linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000880840>. Acessado em: 08/01/2015.
- LUZ, Camila Santiago. **As vestes de Catão, o jovem: Plutarco e o ideal de homem político,** 2013, 76 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
- MAGALHÃES, Luiz Otávio. Tucídides: a inquirição da verdade e a latência do heróico. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e Retórica: ensaios sobre a historiografia antiga.** São Paulo: Alameda, 2007, p. 13-43.
- MAGIE, David. Introduction. In: **Scriptores Historiae Augustae** (vol. III). Introduction, Translate and notes by David Magie. Cambridge/Massachusetts/London: Loeb classical library/Harvard university press, 1998.
- MALATIAN, Teresa. Biografia e História. **Caderno CEDEM**, v. 01, n. 01, Franca, p. 16-31, 2008. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/view/518>. Acessado em: 13/10/2015.
- MANNING, C. E. *Liberalitas* – the decline and rehabilitation of a virtue. **Greece and Rome**, Oxford, v. XXIX, n. 01, p. 53-62, 1982.
- MARASSO, Arturo. Estudio Preliminar. In: TÁCITO, P. Cornélio. **Los Annales.** Traducción, estudios e notas por Arturo Marasso. Barcelona: Oceano, 2008, p. XI-XXVII
- MARQUES, Juliana Bastos. Políbio. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e Retórica: ensaios sobre a historiografia antiga.** São Paulo: Alameda, 2007, p. 45-63.
- MARTIN, Régis F. **Les Douze Césars : du mythe à la réalité.** Paris : Les Belles Lettres, 2004.

MENDES, Norma Musco. O sistema político do Principado. In: SILVA, Gilvan Ventura. **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: EDUFES, 2006, p. 21-49.

MESTRE, Francesca. Plutarco y la biografía em época imperial. **Revista de Estudios clásicos**, n. 04, Barcelona, p. 11-28, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3427159>. Acessado em: 28/01/2016

MOMIGLIANO, Arnaldo. História e Biografia. In: FINLEY, Moses (org.). **O legado da Grécia: uma nova avaliação**. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 181-210.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração (EDUSC), 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. El primer comentario político sobre Tácito. In:____. **Ensayos de historiografía Antigua y Moderna**. México: Fondo de cultura económica, 2008, p. 176-196.

MOORE, Clifford. Introduction. In: TACITUS. **Histories**, vol. I. Translate, introduction and notes by Clifford Moore. Cambridge: Loeb classical library/Harvard University press, 2014, p. vii-xviii.

MORGAN, Gwyn. **69 A.D: The year of four emperors**. Oxford/New York: Oxford university press, 2006. Disponível em: http://www.preteristarchive.com/Books/2006_morgan_ad69_four-emperors.html. Acessado em: 17/11/2016.

NASCIMENTO, Samuel Martins. **A concepção de história em Flávio Josefo: “o judeu de Roma”**, 167 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

NICOLET, Claude. O cidadão e o político. In: GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992, p. 19-48.

OAKLEY, S. P. Style and language. In: WOODMAN, A. J. (org.). **The Cambridge companion to Tacitus**. New York: Cambridge university press, 2009, p. 195-211.

OLIVEIRA, Andrea Lucia Dorini de. **Poder e Mito: O Principado na perspectiva da literatura latina (Tácito, Suetônio e Plínio, o jovem)**. Assis, 1996. 147 f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de ciências humanas e letras de Assis, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”.

OTTLEY, Sandra B. A. **The role played by the praetorian guard in the events of A.D 69, as described by Tacitus in his *Historiae***, 285 f. Tese (doutorado em filosofia), University of Western Autralia, 2009. Disponível em: research-repository.uwa.edu.au/files/3244101/Ottley_Sandra_2009.pdf. Acessado em: 17/11/2016.

PARATORE, Ettore. Tácito. In:____. **História da Literatura Latina**. Lisboa: Fundação Caloute Gulberkian, 1983.

PASQUINO, Gianfranco. Revolução. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Vol. I. Tradução de Carmen Varriale et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 23-29. Disponível em: http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Dicionario_De_Politica.pdf. Acessado em: 06/12/2016.

PEACHIN, Michael. Rome the Superpower: 96-235 C.E. In: In: POTTER, David S. **A companion to the Roman Empire**. Malden: Blackwell, 2006, p. 410-438. Disponível em:

http://ghswhite.weebly.com/uploads/1/3/4/7/13471366/the_blackwell_companion_to_the_roman_empire.pdf. Acessado em: 20/01/2014.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica: a cultura romana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

PERRIN, Bernadotte. The traditional order of Parallel lives. In: PLUTARCH. **Parallel lives**, vol. XI (Árato, Artaxerxes, Galba, Otho). Introduction, translate and notes by Bernadotte Perrin. London/Cambridge/Massachussetts: Loeb classical library/Harvard university press, 2014.

PINHEIRO, Joaquim J. S. **Tempo e espaço da Paideia nas vidas de Plutarco**. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: <https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/handle/123456789/158>. Acessado em: 04/05/2015.

POLETTI, Ronaldo Rebelo de Britto. **Elementos para um conceito jurídico de imperium**, 315 f. Tese (doutorado em direito), Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2186/1/Tese_RonaldoRebeloBPoletti.pdf. Acessado em: 06/12/2016.

POLLARD, Nigel. The Roman Army. In: POTTER, David S. **A Companion to the Roman Empire**. Malden: Blackwell, 2006, p. 206-227. Disponível em: http://ghswhite.weebly.com/uploads/1/3/4/7/13471366/the_blackwell_companion_to_the_roman_empire.pdf. Acessado em: 20/01/2014.

REQUIEJO-PRieto, José Maria. Introducción. In: TÁCITO. **Historias**. Traducción, introducción y notas por José Maria Requeijo-Prieto. Madrid: Ediciones clásicas, 1997, p. 1-21.

RICHARDSON, J.S. *Imperium Romanum: Empire and the language of Power*. **The Journal of Roman studies**, v. LXXXI, p. 01-09, 1991.

RIVAS, Eduardo Andrades. La ciudadanía romana bajo los Julio-Claudios. **Revista de Estudios Históricos-Jurídicos**, n. 29, Valparaíso, 2007, p.165-208.

ROUGÉ, Jean. **Les institutions romaines**. Paris: Armand Colin, 1969.

ROWE, The emergence of Monarchy: 44 BCE-96 CE. In: POTTER, David S. **A Companion to the Roman Empire**. Malden: Blackwell, 2006. P. 114-126. Disponível em: http://ghswhite.weebly.com/uploads/1/3/4/7/13471366/the_blackwell_companion_to_the_roman_empire.pdf. Acessado em: 20/01/2014.

SALCEDO, José María Sáinz y Gómez. El Estado Romano: sistema político y jurídico. **Multidisciplina**, n. 06, 2010, p. 72-86. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjY8PXMw7DQAhWHjZAKHezAD48QFgghMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.acatlan.unam.mx%2Fmultidisciplina%2Ffile_download%2F76%2Fmulti-2010-05-06.pdf&usq=AFQjCNGEZNY6s8wYn0Kle9LhvKGDxqVNqA&sig2=YYfTD7V3mohEbE-445bqlw&bvm=bv.139250283,d.Y2I. Acessado em: 25/11/2016.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências, impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**, n. 06, p. 165-192, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31755/000097057.pdf?sequence=1>. Acessado em: 24/11/2015

- SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis**, v. 02, n. 03, p. 57-72, 2003. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewArticle/1041>. Acessado em: 13/10/2015.
- SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 186-205.
- SEBASTIANI, Breno Battistin. A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a. C.. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e Retórica: ensaios sobre a historiografia antiga**. São Paulo: Alameda, 2007, p. 77-96.
- SHOTTER, David. O fim de Nero: Guerra civil. In:_____. **Nero**. Lisboa: edições 70, 2008, p. 123-139.
- SIERRA, César. Plutarco contra Herodoto: Raziones de uma censura. **Talia Dixit**, n. 09, p. 23-46, 2014. Disponível em: <http://www.eweb.unex.es/eweb/arengas/td9.Sierra.pdf>. Acessado em: 08 de janeiro de 2015.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Biografia como fonte histórica. **Cadernos de pesquisa do CDHIS**, v. 20, n. 36/37, p. 9-15, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/viewFile/1146/1355>. Acessado em: 20/08/2015.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco y La política imperial. In: FUNARI, Pedro Paulo; PÉREZ-SANCHES; SILVA, Glaydson José da. **Arqueologia y Historia del Mundo Antiguo: contribuciones brasileñas y españolas**. São Paulo: FAPESP, 2008, p. 73-78.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco. In: PLUTARCO. **Da Malícia de Heródoto**. Estudos, Tradução e notas por Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDUSP, 2013, p. 25-31.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco e Roma: o mundo grego no Império**. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SMITH, Rowland. The construction of the Past in the Roman Empire. In: POTTER, David S. **A companion to the Roman Empire**. Malden: Blackwell, 2006, p. 410-438. Disponível em: http://ghswhite.weebly.com/uploads/1/3/4/7/13471366/the_blackwell_companion_to_the_roman_empire.pdf. Acessado em: 20/01/2014.
- SOBRAL, Aldo Eustáquio Assir. **Suetônio Revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em “As Vidas dos doze Césares”**. 115 f. Tese (Doutorado em letras clássicas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/Aldo.pdf>. Acessado em: 22/03/2016.
- SOUZA, Alice Maria de. **Entre vícios e virtudes: as caracterizações de Lúcio Cornélio Sula na República e no Principado (séc. I a.C./II d.C.)**, 214 f. Tese (doutorado em história) Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2016.
- SYME, Ronald. **Tacitus**, vol. I. Oxford: Oxford University press, 1958.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. **Relações de poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana**. Tese (Doutorado). FFLCH, Universidade de São Paulo, 2000.

WALLACE-HADRILL, Andrew. *Civili Princeps*: between citizen and king. **The Journal of Roman studies**, v. LXXII, p. 32-48, 1982.

WALLACE-HADRILL, Andrew. The emperor and his virtues. **Historia, Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 30, n. 03, p. 298-323, 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4435768>. Acessado em: 24/11/2010.

WERNER, Eck. Emperor, senate and magistrates. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A.D 70-192**, vol. XI. New York: Cambridge university press, 2008, p. 214-238.